

Resource: Dicionário Bíblico (Tyndale)

Aquifer Open Bible Dictionary

This work is an adaptation of Tyndale Open Bible Dictionary © 2023 Tyndale House Publishers, licensed under the CC BY-SA 4.0 license. The adaptation, Aquifer Open Bible Dictionary, was created by Mission Mutual and is also licensed under CC BY-SA 4.0.

This resource has been adapted into multiple languages, including English, Tok Pisin, Arabic (عربي), French (Français), Hindi (हिंदी), Indonesian (Bahasa Indonesia), Portuguese (Português), Russian (Русский), Spanish (Español), Swahili (Kiswahili), and Simplified Chinese (简体中文).

Dicionário Bíblico (Tyndale)

J

Jaacã, Jaacobá, Jaala, Jaar, Jaaré-Oregim, Jaaresias, Jaasau, Jaasau, Jaate, Jaazias, Jaaziel, Jaaziel, Jaaziel, Jabal, Jabes (Pessoa), Jabes, Jabes-Gileade (Lugar), Jabez (Lugar), Jabez (Pessoa), Jabim, Jabné, Jabneel, Jaboque, Jacã, Jacinto, Jacinto, Jacó, Jada, Jadá, Jadai, Jadai, Jadiel, Jado, Jadam, Jada, Jael, Jaerá, Jafé, Jafia (Lugar), Jafia (Pessoa), Jaflete, Jafletitas, Jafo, Jagur, Jah, Jair, Jairita, Jairo, Jalã, Jalã, Jaleel, Jaleelita, Jalom, Jamai, Jambres, Jambri, Jamim, Jaminita, Jâmnia, Janai, Janes e Jambres, Janim, Janleque, Janoa, Jaque, Jaquim, Jaquim, Jaquim e Boaz, Jaquinita, Jara, Jardim do Éden, Jardim do rei, Jarebe, Jarede, Jaribe, Jarmute, Jaroa, Jarro, Jasa, Jasão, Jasém, Jasobeão, Jaspe, Jasube, Jasubi-Leém, Jasubita, Jatã, Jatir, Jatniel, Javã (Lugar), Javã (Pessoa), Javali, Jaza, Jazánias, Jazánias, Jazeel, jazeelita, Jazeías, Jazer, Jazera, Jaziel, Jaziz, Jealelel, Jearim, Monte, Jeaterai, Jeberequias, Jebus, Jebuseus, Jecabzeel, Jecameão, Jecamias, Jecolias, Jeconias, Jeconias, Jeconias, Jecutiel, Jedaías, Jediael, Jedis, Jedida, Jedidias, Jedutum, Jeezquel, Jefoné, Jefté, Jegar-Saaduta, Jeías, Jeiel, Jeieli, Jeielita, Jeizquias, Jemima, Jemuel, Jeoadã, Jeoadã, Jeoadã, Jeoaquim, Jeodás, Jeoiaribe, Jeorão, Jeosabeate, Jeoseba, Jeová, Jeová-Tsidkenu, Jeozadaque, Jerá, Jerameel, Jerameelita, Jerede, Jeremai, Jeremias (Pessoa), Jeremote, Jerias, Jerias, Jeribai, Jericó, Jeriel, Jerijá, Jerimote, Jeriote, Jeroão, Jeroboão, Jerubaal, Jerubeseite, Jeruel, Jerusa, Jerusalém, Jerusalém, Nova, Jesaías, Jesana, Jesarela, Jesebeabe, Jeser, Jesimiel, Jesimom, Jesisai, Jesoaiás, Jessé (Pessoa), Jessé, Raiz de, Jesua (Lugar), Jesua (Pessoa), Jesurum, Jesus, Jesus Cristo, Jesus Cristo, Ensinaamentos De, Jesus, o Justo, Jéter, Jetete, Jetro, Jetur, Jeturitas, Jeú, Jeuba, Jeubá, Jeúde, Jeudi, Jeuel, Jeús, Jeús, Jezabel, Jezer, Jezer, Jezeritas, Jezias, Jeziel, Jezraías, Jezreel (Lugar), Jezreel (Pessoa), Jezreelita, Jidlafé, Jigdalias, Jó, Jó (pessoa), Joá, Joá, Joabe, Joacaz, Joana, Joanã, Joanã ben Zacai, João (pessoa), João Batista, João de Giscala, João Hircano, João Marcos, João Marcos, João, Cartas de, João, Evangelho de, João, O Apóstolo, Joaquim, Joaquim, Joás, Jobabe, Jodeão, Jodeão, Jodeão, Jocsã, Joctã, Jocteel, Jodá, Joede, Joerador, Joel (pessoa), Joela, Joezer, Jogbeá, Jogli, Joiada, Joiarib, Joiaribe, Joias, Adornos, Joio, Jonã, Jonadabe, Jonas (Pessoa), Jônatas, Jonate-Elém-Recoquim, Jope, Joquebede, Joquim, Jora, Jorai, Jorão, Jorim, Jornada do dia, Jornada Sabática, Jorqueão, Josa, Josafá, Josafá (Pessoa), Josafá, Vale de, Josavias, Josbecasa, José, José Barsabás, José de Arimateia, Josebe-Bassebete, Josefo, Flávio, Joseque, Joses*, Josias, Josibias, Josifias, Josué (Pessoa), Josué, Livro de, Jota ou til, Jotão, Jotbá, Jotbatá, Jovens, Canção dos Três, Jozabade, Jozabade, Jozacar, Jozadaque, Jubal, Jucal, Judá (Pessoa), Judá, Tribo de, Juda* (Pessoa), Judaísmo, Judaizantes, Judas, Judas (Pessoa), Judas Barsabás, Judas da Galileia, Judas Iscariotes, Judas Macabeu, Judas Macabeu, Judas, Carta De, Judeia, Judeus, Judeu, Judite (Pessoa), Judite, Livro de, Jugo, Juiz, Juízes, Livro de, Juízes, Período dos, Juízo final, Julgamento, Julgamento, Palácio de, Júlia, Júlio, Júlio César, Jumento, Jumento, Junco, Juncos, Juncos, Mar de, Júnias, Júpiter, Juramento, Jurar, Juros, Jusabe-Hesede, Justificação, Justificado, Justo, Justo, Jutá*

Jaacã

Descendente de Esaú e filho de Ezer, o horita ([1Cr 1.42](#)); alternativamente chamado de Acã em [Gênesis 36.27](#). Veja Beerote-Benê-Jaacã.

Jaacobá

Líder na tribo de Simeão ([1Cr 4.36](#)).

Jaala

Servo do Rei Salomão e chefe de uma família que retornou a Jerusalém com Zorobabel após o exílio babilônico ([Ed 2.56](#); [Ne 7.58](#)).

Jaar

Jaar é a palavra hebraica mais comum para "floresta". Refere-se a florestas em geral ([Is 10.18](#)). Também se refere a florestas específicas, como a "floresta de Efraim" ([2Sm 18.6](#)) e a "floresta de Herete" ([1Sm 22.5](#)). Ambas essas florestas estão ligadas à história do Rei Davi.

A palavra *Jaar* também aparece no nome de um dos edifícios do Rei Salomão chamado "Salão da Floresta do Líbano" ([1Rs 7.2](#)). Este edifício parece ter recebido esse nome porque utilizou uma abundante madeira de cedro em sua construção.

Apenas uma menção de "Jaar" parece ser um nome próprio. Em [Salmo 132.6](#), há uma referência à mudança da Arca da Aliança de Quiriate-Jearim para Jerusalém. Neste versículo, o lugar é chamado de "campos de Jearim". Isso pode ser uma forma poética abreviada de se referir a Quiriate-Jearim.

Jaaré-Oregim

Um nome que aparece em algumas traduções da Bíblia de [2 Samuel 21.19](#). Este nome resultou de um erro de escriba no texto hebraico. O texto original provavelmente se referia a *Jair*, como refletido na NTLH e em muitas outras traduções modernas. O erro ocorreu porque a palavra *oregim* (que significa "tecelões") foi acidentalmente copiada duas vezes de um ponto posterior no versículo. Muitos estudiosos e tradutores corrigem esse erro seguindo a passagem paralela em [1 Crônicas 20.5](#), que menciona *Jair* (ou *Jaor* em alguns manuscritos).

Veja Jair nº 3.

Jaaresias

Filho de Jeroão, um líder benjamita que viveu em Jerusalém ([1Cr 8.27](#)).

Jaasau

Ortografia NTLH de Jaasai (ARC), filho de Bani, em [Esdras 10.37](#).

Veja Jaasai.

Jaasau

O filho de Bani, que atendeu à exortação de Esdras para se divorciar de sua esposa pagã após o exílio ([Ed 10.37](#)).

Jaate

1. O filho de Reafas e pai de Aumai e Laade, zoratitas da tribo de Judá ([1Cr 4.2](#)).
2. Levita gersonita ([1Cr 6.20](#)), cujo descendente Asafe foi nomeado pelo Rei Davi para servir como músico no templo (v. [43](#)).
3. Um descendente de Simeí, que era da linhagem de Gérson, da tribo de Levi ([1Cr 23.10-11](#)).
4. Filho de Selomite da tribo de Levi ([1Cr 24.22](#)).
5. Levita merarita, que foi um dos supervisores das reformas do templo sob Josias ([2Cr 34.12](#)).

Jaazias

Descendente de Merari em uma lista de líderes de família entre os levitas designados para o serviço do Templo no reinado de Davi ([1Cr 24.26-27](#)).

Jaaziel

1. Guerreiro entre os valentes de Davi. Ele é chamado de "o mezobaíta" ([1Cr 11.47](#)).
2. Filho de Abner e líder da tribo de Benjamim durante o reinado de Davi ([1Cr 27.21](#)).

Jaaziel

Jaaziel foi um dos oito homens escolhidos para tocar harpas ou liras quando o Rei Davi trouxe a Arca da Aliança para Jerusalém ([1Cr 15.18-20](#), NTLH). Ele provavelmente é também a pessoa chamada Jeiel em [1 Crônicas 16.5](#). Esse nome pode ser um erro de copista. Em [1 Crônicas 15.20](#) (ARC), ele é chamado de Aziel.

Jaaziel

1. Guerreiro da tribo de Benjamim que se juntou a Davi em Ziclague em sua luta contra o Rei Saul. Jaaziel foi um dos arqueiros e fundistas ambidestros de Davi ([1Cr 12.4](#)).
2. Um dos dois sacerdotes que Davi designou para tocar trombetas diante da arca enquanto era levada para a tenda em Jerusalém, onde permaneceu até a conclusão do Templo por Salomão ([1Cr 16.6](#)).

3. Levita pertencente à divisão dos coatitas, designado por Davi para as funções do Templo ([1Cr 23.19; 24.23](#)).

4. Levita dos filhos de Asafe que encorajou Josafá e o exército de Judá a não se desanimarem com o tamanho dos exércitos moabitas e amonitas que vinham contra eles, mas a ficarem firmes e verem a vitória do Senhor ([2Cr 20.14](#)). A resposta de Josafá exemplificou um rei piedoso encorajando seu povo a ter fé no Senhor seu Deus (vv. [18-21](#)).

5. Pai de Secanias. Secanias retornou a Jerusalém com Esdras após o exílio ([Ed 8.5](#)).

Jabal

Descendente de Caim e primeiro filho de Lameque e Ada. Ele foi o pai de um povo nômade que habitava em tendas ([Gn 4.20](#)).

Jabes (Pessoa)

O pai de Salum. Salum matou Zacarias, que era o rei de Israel ([2Rs 15.10-14](#)).

Jabes, Jabes-Gileade (Lugar)

Cidade mencionada nos capítulos finais do livro de Juízes (caps. [19-21](#)). Este é um triste relato da divisão e degradação da terra, que descreve uma atrocidade vil cometida pelos homens de Gibeá contra a concubina de um levita, uma guerra sangrenta contra Benjamim como consequência, e represálias selvagens contra Jabes-Gileade, cuja comunidade não enviou contingente para a batalha. Esta é a primeira menção da cidade. A cidade foi repovoada por gileaditas vizinhos e aparece novamente em [1 Samuel 11](#). A leste do rio Jordão, Jabes estava exposta ao ataque amonita, e Naás de Amom forçou Jabes-Gileade a buscar termos de rendição. A condição imposta pelo bárbaro Naás era a perda do olho direito de todos os habitantes, uma mutilação destinada a humilhar Israel e destruir o potencial militar de uma fortaleza de fronteira. A sequência foi a marcha forçada de Saul, uma excelente demonstração de proeza militar, e um tremendo impulso para o prestígio do novo rei. Saul ganhou, em um golpe rápido, o apoio das tribos transjordânicas e reduziu a ameaça fronteiriça que um Amom militarmente poderoso indubitavelmente ofereceria. Os homens

de Jabes-Gileade retribuíram sua profunda dívida a Saul quando o rei, agora desequilibrado e rejeitado, morreu no Monte Gilboa com seu filho Jônatas em uma última tentativa de conter o avanço filisteu para o norte. Os corpos de Saul e Jônatas, pendurados sem cabeça sobre os muros de Bete-Seã, foram cortados e resgatados por uma força de comando de Jabes-Gileade, que fez uma marcha forçada de 14 quilômetros de ida e volta para honrar seu antigo benfeitor ([1Sm 31.8-13](#); [1Cr 10.8-12](#)). Quando Davi se tornou rei, ele retribuiu aos homens de Jabes-Gileade com gratidão.

O nome Jabes é preservado no Wadi el-Yabis, que deságua no Jordão diretamente ao sul da extremidade sul do Mar da Galileia. A própria cidade, de acordo com a topografia geralmente confiável de Eusébio, estava a cerca de 9,7 quilômetros ao sul de Pella na estrada para Gerasa. Os montes gêmeos de Tell el-Maqereh e Tell Abu Kharaz no Wadi el-Yabis correspondem à localização de Eusébio muito melhor do que o outro local sugerido: Tell el-Maqlub. Tell el-Meqereh e Tell Abu Kharaz estão na borda oriental do Vale do Jordão e se encaixam nos detalhes do registro histórico — a marcha forçada de Saul de Bezeque e a rota do grupo de ataque de Jabes-Gileade para Bete-Seã.

Jabez (Lugar)

Cidade que provavelmente estava localizada em Judá e era habitada por escribas ([1Cr 2.55](#)).

Jabez (Pessoa)

Membro da tribo de Judá que se destacou por sua piedade. Ele orou pela proteção de Deus, e sua oração foi atendida ([1Cr 4.9-10](#)).

Jabim

1. Rei de Hazor que liderou uma coalizão contra Josué em Merom. Jabim e seus aliados foram destruídos na batalha, e Hazor foi incendiada até o chão ([Js 11.1-14](#)).

2. Rei de Hazor durante o período dos juízes ([Jz 4](#)). Deus permitiu que ele oprimisse Israel por 20 anos devido à sua maldade. Seu exército incluía 900 carros de ferro. Eventualmente, Deus libertou Israel através da profetisa Débora e seu capitão,

Baraque, que derrotaram Sísera, o capitão do exército de Jabim. Enquanto descansava após sua fuga da batalha, o próprio Sísera foi morto por uma mulher. Jabim não era mais uma ameaça após a morte de Sísera e, após um breve período, foi morto ([Jz 4.24](#); [Sl 83.9](#)).

Jabné

Uma cidade bíblica na planície costeira entre Jope (moderna Jaffa) e Asdode, mencionada pela primeira vez como Jabneel, na fronteira norte da tribo de Judá ([Js 15.11](#)). É mencionada junto com as cidades filisteias Gate e Asdode, cujas muralhas foram rompidas por Uzias, rei de Judá ([2Cr 26.6](#)). Na Idade do Bronze Médio, um porto foi estabelecido em Jabne-yam, que provavelmente é mencionado por Tutmés III em sua lista de cidades conquistadas e nas cartas de Tell el-Amarna (Jabni-ilu). Os restos do porto mostram evidências de todos os períodos — desde a Idade do Bronze Antigo até o período Bizantino. Nos tempos helenísticos, Jabné era chamada de Jâmnia e foi usada como base por exércitos estrangeiros para ataques subsequentes contra o território judeu dos Macabeus. Após a destruição de Jerusalém em 70 d.C., uma pequena comunidade de refugiados eruditos se estabeleceu em Jabné. Seu líder era Joanã Ben Zakkai, um ex-membro do Sinédrio, o supremo tribunal dos judeus em Jerusalém. Ele fundou uma escola lá. Seu sucessor foi Gamaliel II. Aqui, o cânon do AT foi definido. Durante a Segunda guerra judaica (Revolta de Bar-Kochba, 132–135 d.C.), Jabné foi abandonada. O centro espiritual da vida judaica foi transferido para a Galileia. Os refugiados se estabeleceram primeiro em Zippori e depois em Tiberíades, onde o Talmude de Jerusalém foi codificado e o Texto Massorético do AT foi produzido.

Jabneel

1. Nome alternativo para a cidade de Jabné (traduzida como "Jâmnia" na NTLH) na tribo de Judá ([Js 15.11](#)).

Veja Jabné.

2. Cidade da Galileia perto de Tiberíades, na fronteira sul de Naftali ([Js 19.33](#)). Estava localizada ao sul da moderna Jabneel.

Jaboque

É um afluente oriental do Jordão, o moderno Nahr ez-Zerqa ou Rio Azul. Sua nascente é uma fonte perto de Amã, capital da moderna Jordânia (a cidade da Decápolis de Filadélfia nos tempos helenísticos). Desde sua nascente, o Jaboque faz uma curva ao nordeste antes de virar para o oeste e cortar um vale que, característico dos afluentes orientais do Jordão, aprofunda-se em um desfiladeiro. Ele emerge desse ravino perto de Tell Deir Alla, que pode ser a antiga Sucote, acalma seu fluxo e junta-se ao Jordão em ed-Damiyeh, o antigo Adam, a cerca de 24 quilômetros ao norte do Mar Morto. O Jaboque está em posição imediatamente inferior ao Yarmuk, seu afluente companheiro mais ao norte, quanto à extensão de sua bacia hidrográfica uma região de território bem irrigado, abençoado com uma precipitação média de cerca de 76 centímetros por ano. O Jaboque possui um fluxo rápido, forte e perene; em uma grande parte de seu curso de 96 quilômetros, o rio tem uma queda média de 15 metros por quilômetro. A curva do rio ao norte de Amã (a bíblica Rabá) era uma fronteira amonita ([Nm 21.24](#)). O rio separava os reinos de Seom e Ogue ([Jz 11.19–22](#); cf. [Dt 3.1–2.8–10](#)), terras em Gileade que mais tarde foram divididas entre as tribos de Gade, Rúben e a meia tribo de Manassés ([Dt 3.12.16](#); [Js 12.2–6](#)).

Veja também Rio Jordão.

Jacã

Membro da tribo de Gade que viveu em Basã durante o reinado de Jotão, rei de Judá ([1Cr 5.13](#)).

Jacinto

O jacinto (*Hyacinthus orientalis*) é uma planta nativa de Israel e das áreas circundantes. Produz flores azuis e perfumadas. Muitos estudiosos acreditam que o lírio mencionado em vários versículos de Cântico dos Cânticos ([2.1–2.16](#); [4.5](#); e [6.2–4](#)) pode, na verdade, ser o jacinto de jardim.

Esta planta cresce naturalmente em campos e áreas rochosas em todo Israel e áreas circundantes, como o Líbano e regiões ao norte. Em estado natural, o jacinto sempre tem flores de um azul profundo que exalam um cheiro muito agradável.

Veja também Lírio.

Jacinto

Pedra preciosa mencionada em [Apocalipse 21.20](#) como uma pedra fundamental na nova Jerusalém.

Veja Pedras Preciosas.

Jacó

1. O mais jovem dos filhos gêmeos nascidos de Isaque e Rebeca ([Gn 25.24-26](#)). Isaque havia orado por sua esposa estéril, Rebeca, e ela concebeu os gêmeos, que se empurravam no ventre. Quando ela perguntou ao Senhor sobre isso, ele lhe disse que ela estava carregando duas nações e que o filho mais velho serviria ao mais jovem (v. [23](#)). Esaú era peludo e vermelho (mais tarde ele foi chamado de Edom, “vermelho”, [25.30](#); [36.1](#)), mas Jacó nasceu segurando o calcanhar de seu irmão, por isso foi chamado de Jacó, “ele agarra pelo calcanhar” (cf. [Os 12.3](#)), com o significado derivado de “suplantar, enganar, atacar por trás”.

História Pessoal

Esaú e Jacó eram muito diferentes um do outro. Esaú era um homem do campo, o favorito de seu pai, enquanto Jacó permanecia perto das tendas e era amado por sua mãe.

Um dia, quando Jacó estava preparando um guisado vermelho, Esaú entrou faminto e pediu a Jacó um pouco de comida. Jacó ofereceu vender a Esaú um pouco do guisado em troca de seu direito de primogenitura, e Esaú concordou, assim repudiando seu direito de primogenitura (cf. [Hb 12.16](#)). O significado deste episódio do guisado vermelho é demonstrado por sua associação com o segundo nome de Esaú, Edom (“vermelho”) ([Gn 25.30](#)).

Isaque estava velho e cego. Um dia, ele pediu a Esaú para pegar suas armas e caçar algum animal selvagem, do qual Isaque gostava muito ([Gn 27.6-7](#); cf. [25.28](#)), para que ele pudesse comer e então conferir sua bênção a Esaú. Rebeca ouviu isso e chamou Jacó, dizendo-lhe para ir ao rebanho e escolher dois bons cabritos. Ela prepararia um prato que passaria por caça enquanto Esaú estivesse caçando. Jacó temia que Isaque percebesse a enganação, pois Esaú era muito peludo, mas Rebeca tinha tudo planejado. Ela colocou as peles dos cabritos nas mãos e no pescoço de Jacó para dar a impressão de pelagem ([27.16](#)) e vestiu-o com as melhores roupas de Esaú, que tinham o cheiro do campo. Embora Isaque

reconhecesse a voz de Jacó, seus outros sentidos falharam, e ele foi enganado pela sensação das peles e pelo cheiro das roupas. Ele prosseguiu dando a bênção a Jacó (vv. [27-29](#)).

Assim que Jacó saiu, Esaú chegou com a caça que havia preparado. A artimanha de Jacó foi descoberta, mas o feito não podia ser desfeito ([Gn 27.33](#)), pois, como mostram as tábuas de Nuzi, uma bênção oral tinha validade legal e não podia ser revogada. Esaú ficou desolado (cf. [Hb 12.17](#)). Isaque deu-lhe uma bênção inferior à que foi dada a Jacó ([Gn 27.39-40](#)).

A animosidade entre os irmãos se aprofundou, e Esaú planejou matar Jacó após a morte de seu pai. Rebeca soube disso, então instruiu Jacó a fugir para a casa de seu irmão Labão em Harã ([Gn 27.42-45](#)). Enquanto isso, as esposas hititas de Esaú estavam tornando a vida de Rebeca miserável; ela reclamou com Isaque, que chamou Jacó e o enviou a Labão para se casar com uma das filhas de seu tio ([27.46-28.4](#)).

Jacó partiu para Harã. Usando uma pedra como travesseiro, ele sonhou certa noite com uma escada que chegava até o céu, com os anjos de Deus subindo e descendo por ela. Deus falou com Jacó e lhe deu a promessa que havia feito a Abraão e Isaque sobre a terra e os descendentes. Na manhã seguinte, Jacó pegou sua pedra travesseiro e a ergueu como uma coluna, ungindo-a com óleo. Ele nomeou o lugar Betel (“casa de Deus”) e fez um voto de que, se o Senhor estivesse com ele e o sustentasse, ele daria um dízimo ao Senhor ([Gn 28.10-22](#)).

Quando Jacó chegou à região de Harã, encontrou pastores que conheciam Labão. Raquel, a filha mais nova de Labão, chegou com o rebanho de seu pai, e Jacó rolou a grande pedra da boca do poço e deu água às ovelhas para ela ([Gn 29.1-10](#)). Quando Raquel soube que Jacó era da mesma família, ela correu para contar ao pai, que recebeu Jacó calorosamente. Depois de ficar com eles por um mês, Jacó foi contratado para cuidar dos rebanhos de Labão. Quando os salários foram discutidos, Jacó propôs trabalhar sete anos para ganhar Raquel como sua esposa (vv. [15-20](#)).

No final de sete anos, Jacó estava pronto para reivindicar seu pagamento, mas na noite da festa de casamento, Labão deu sua filha mais velha, Lia, a Jacó; Jacó não descobriu a substituição até a manhã seguinte. Ele se sentiu enganado e protestou a Labão, mas Labão insistiu que, de acordo com o costume, a filha mais velha deve se casar primeiro

e propôs que Jacó trabalhasse mais sete anos por Raquel. Jacó concordou com isso e cumpriu seu tempo ([Gn 29.21-30](#)).

[Gênesis 29](#) e [30](#) relatam os nascimentos da maioria dos filhos de Jacó. Lia deu a Jacó quatro filhos: Rúben, Simeão, Levi e Judá ([Gn 29.31-35](#)). Ela nomeou seu primeiro filho Rúben ("veja, um filho") porque sentiu que seu marido a amaria por ter dado à luz um filho. Simeão é derivado da raiz "ouvir", já que Lia pensou que Deus lhe havia dado este filho porque Ele ouviu que ela era odiada. Levi está relacionado ao verbo "unir", pois Lia pensou que seu marido se uniria a ela por causa deste terceiro filho. Judá significa "louvor", pois ela louvou o Senhor no nascimento de seu quarto filho.

Raquel não tinha concebido filhos, então ela deu sua serva Bila a Jacó. Ela lhe deu Dã e Naftali ([Gn 30.1-8](#)). Raquel nomeou o primeiro filho Dã ("ele julgou") porque Deus a havia julgado, ou seja, vindicado. Naftali significa "minha luta, meu combate", pois Raquel disse que havia lutado e vencido sua irmã.

Então Lia deu sua serva Zilpa a Jacó como esposa; ela deu à luz Gade e Aser ([Gn 30.11](#)). Gade significa "fortuna"; Lia disse, "Boa sorte", quando ele nasceu. Aser ("feliz") foi assim nomeado porque Lia disse, "Agora as mulheres me chamarão de feliz".

Rúben encontrou algumas mandrágoras no campo, e Lia as trocou com Raquel pelos serviços de Jacó. Lia então deu à luz os filhos cinco e seis, Issacar e Zebulom, seguidos por uma filha, a quem chamou de Diná ([Gn 30.14-21](#)). Issacar talvez signifique "recompensa", pois Lia disse que Deus a recompensou por dar sua serva ao seu marido. Zebulom provavelmente significa "honra"; Lia pensou que agora seu marido a honraria.

Finalmente, Raquel concebeu e deu à luz seu primeiro filho, a quem ela chamou de José. "José" significa "ele acrescentará" ou "que ele crescente", pois Raquel desejava que Deus lhe concedesse outro filho.

Jacó queria partir e voltar para Canaã, mas Labão desejava que ele permanecesse, pois por meio de adivinhação havia descoberto que o Senhor o abençoara por causa de Jacó ([Gn 30.27](#)). Eles discutiram a questão dos salários, e Jacó propôs que todas as ovelhas e cabras malhadas e salpicadas, além de todos os cordeiros pretos, se tornassem dele (vv. [32-33](#)). Labão concordou com isso, mas rapidamente removeu todos os animais marcados dessa forma e os colocou sob os cuidados

de seus filhos, a uma distância de três dias do restante dos rebanhos (vv. [35-36](#)).

Jacó também planejou obter uma vantagem; ele tentou influenciar a genética dos animais colocando varas listradas e manchadas perto dos bebedouros quando os melhores animais estavam se reproduzindo. O Senhor abençoou Jacó, e ele se tornou rico em rebanhos e manadas ([Gn 30.37-43](#)).

Os filhos de Labão ficaram muito amargurados com Jacó, e a atitude de Labão em relação a ele também mudou. Jacó percebeu isso, e então o Senhor falou com Jacó, dizendo-lhe para retornar a Canaã ([Gn 31.3-16](#)). Jacó realizou uma reunião familiar com suas duas esposas e lhes contou como Deus o havia abençoado, mesmo que o pai delas o tivesse enganado e mudado seu salário dez vezes. Jacó organizou sua caravana enquanto Labão estava fora tosquiando ovelhas. Raquel roubou os deuses domésticos de seu pai, pois a posse deles tornaria o portador herdeiro da herança de Labão (veja Tábuas de Nuzi). O grupo partiu, cruzou o Eufrates e seguiu em direção a Gileade. Labão e seus parentes os perseguiram, mas Deus falou com Labão em um sonho, avisando-o para não dizer nada a Jacó.

Quando Labão alcançou Jacó, ele o repreendeu por ter fugido sorrateiramente e perguntou sobre os deuses domésticos. Jacó não sabia o que Raquel havia feito, então disse que aquele que fosse encontrado com os deuses deveria ser morto ([Gn 31.32](#)). Raquel os havia escondido em uma sela de camelo e estava sentada na sela quando seu pai revistou a tenda. Labão não encontrou os ídolos. Depois disso, Jacó ficou irritado e reclamou que havia servido a Labão por 20 anos e que Labão havia reduzido seu salário dez vezes.

Labão propôs uma aliança de paz, então os dois homens juntaram pedras para fazer um monumento e o chamaram de "monte de testemunho". Na manhã seguinte, Labão se despediu e voltou para casa.

Enquanto Jacó e sua casa continuavam a jornada, ele foi encontrado pelos anjos de Deus ("acampamento de Deus", [Gn 32.2](#)), então ele nomeou aquele lugar Maanaim, "os dois acampamentos". Jacó enviou mensageiros à frente para informar Esaú de seu retorno. Eles voltaram com a notícia de que Esaú estava se aproximando com 400 homens. Jacó ficou com medo e buscou a proteção do Senhor. Para ganhar o favor de Esaú, Jacó enviou à frente presentes de animais, e naquela noite ele enviou sua família e posses

através do vau do Rio Jaboque. Jacó ficou sozinho, e “um homem” lutou com ele durante toda a noite. Perto do amanhecer, o homem tocou a coxa de Jacó, e seu quadril foi deslocado, mas Jacó não desistiria até que o “homem” o abençoasse. Aqui o Senhor mudou o nome de Jacó para Israel (“ele luta com Deus”), e Jacó nomeou o lugar Peniel (“face de Deus”) porque ele tinha visto Deus face a face e sobreviveu ([Gn 32.30](#)).

Esaú estava se aproximando, então Jacó organizou sua família e foi adiante, curvando-se profundamente diante de seu irmão. Mas Esaú foi gracioso e perdoou, e o encontro foi feliz ([Gn 33.4](#)). Esaú ficou surpreso com a grande família e propriedade de Jacó e fez todos os gestos de amizade. Esaú voltou para Seir, e Jacó seguiu para Siquém, onde comprou um pedaço de terra de Hamor, o pai de Siquém. Jacó construiu um altar lá e o nomeou El-Elohe-Israel, “Deus, o Deus de Israel” (v. [20](#)).

Seguindo as instruções do Senhor, Jacó mudou-se para Betel e expulsou os deuses estrangeiros de sua casa. Em Luz (Betel), o Senhor novamente o encontrou e reafirmou seu novo nome, renovando sua promessa de terra e descendentes ([Gn 35.9-15](#)). Enquanto viajavam para o sul, Raquel morreu ao dar à luz seu segundo filho ([vv. 16-20](#)). Ela o chamou de Benoni (“filho da minha dor”), mas Jacó mudou seu nome para Benjamim (“filho da mão direita”). Jacó seguiu para Hebrom e descobriu que Isaque ainda estava vivo. Isaque morreu aos 180 anos e foi sepultado por Esaú e Jacó.

Embora a história de Jacó continue no livro de Gênesis, a figura central dos capítulos [37-50](#) é José, o filho favorito de Jacó, o primogênito de Raquel. Jacó demonstrou esse favoritismo de forma tão evidente que os outros filhos ficaram com ciúmes de José. Eles planejaram matar José, mas em vez disso o venderam para uma caravana de comerciantes a caminho do Egito ([Gn 37.9-28](#)). Eles pegaram o manto de José, mergulharam-no no sangue de um bode e o levaram ao pai, dizendo que tinham encontrado a túnica. Jacó reconheceu o manto que havia dado ao filho e concluiu que ele estava morto. Jacó ficou desolado e não quis ser consolado.

Quando uma fome atingiu Canaã, Jacó enviou seus filhos ao Egito para comprar grãos ([Gn 42.1-5](#)), mantendo Benjamim em casa. Quando os irmãos retornaram a Canaã, relataram a Jacó que o governador (que na verdade era José) havia mantido Simeão como refém e exigido que levassem Benjamim com eles quando voltassem

para buscar mais grãos. A fome continuou, e Jacó novamente enviou seus filhos ao Egito para buscar grãos. Muito a contragosto, ele permitiu que Benjamim fosse com eles, enviando também um presente para o governador egípcio ([Gn 43.11-14](#)).

A próxima notícia que Jacó recebeu foi que José estava vivo no Egito e queria que seu pai e toda a sua família se juntassem a ele ([Gn 45.21-28](#)). Jacó foi primeiro a Berseba e fez ofertas ao Senhor. O Senhor falou com Jacó, dizendo-lhe para descer ao Egito e confirmando mais uma vez as promessas que havia feito anteriormente. Jacó e seus descendentes que estavam no Egito somavam 70, incluindo os dois filhos de José.

Quando Jacó chegou a Gósen, José veio encontrá-lo, e houve uma reunião alegre ([Gn 46.28-30](#)). José relatou a chegada de seu pai e irmãos ao Faraó ([47.1](#)) e levou cinco dos irmãos e seu pai para conhecer o governante. Israel se estabeleceu na área de Gósen e prosperou lá. Jacó passou 17 anos no Egito e alcançou a idade de 147 anos.

Quando Jacó sentiu que sua morte estava próxima, ele chamou José e fez com que ele jurasse que o enterraria com seus antepassados em Canaã. José levou seus dois filhos, Manassés e Efraim, a seu pai para a bênção patriarcal. Ele apresentou os meninos de modo que Manassés, o primogênito, ficasse à direita de Jacó e Efraim à sua esquerda. Jacó, no entanto, cruzou as mãos e deu ao filho mais novo a maior bênção ([48.13-20](#)). Jacó profetizou que seu povo retornaria a Canaã e deu a José uma porção dupla da terra. Então Jacó chamou todos os seus filhos e deu a cada um deles uma bênção ([49.1-28](#)). Judá recebeu o lugar de preeminência, e é ele quem aparece nas genealogias de Jesus (vv. [8-12](#)). A bênção de José mostra os marcos de favor especial (vv. [22-26](#)). Jacó também encarregou seus filhos de enterrá-lo na caverna de Macpela, perto de Hebrom, então ele puxou os pés para cima na cama e morreu.

José convocou os médicos para embalsamar seu pai de acordo com a prática egípcia; foram 40 dias para o embalsamamento e 70 dias para o período de luto ([Gn 50.1-3](#)). Foram feitos arranjos para ir a Canaã para enterrar Jacó como José havia prometido, e uma grande procissão fúnebre, incluindo muitos oficiais egípcios, bem como a família de Jacó, subiu do Egito. O grupo lamentou por sete dias na eira de Atade; então os filhos de Jacó o enterraram na caverna de Macpela, conforme ele havia solicitado. Todo o grupo retornou ao Egito, e José assegurou a seus irmãos que não tinha intenção de se vingar do

mal que lhe haviam feito. Deus havia planejado todo o episódio para o bem (vv. [15-21](#)).

Jacó como a Nação de Israel

Deus fez as mesmas promessas sobre a terra e a nação a Abraão, Isaque e Jacó, mas é pelo nome dado por Deus a Jacó, Israel, que a nação é conhecida.

O nome Jacó é usado para a nação cerca de 100 vezes (e.g., [Nm 24.5,19](#); [Dt 32.9](#); [Sl 59.13](#)). Muitas vezes é encontrado como um paralelo a Israel (e.g., [Nm 23.7](#); [Dt 33.10](#); [Is 14.1](#)). “Jacó” também é usado especificamente para o reino do norte de Israel ([Am 7.2,5](#)). Em [Isaías 41.21](#), “o Rei de Jacó” refere-se ao próprio Deus.

Veja também Gênesis, Livro de; Israel, História de; Patriarcas, Período dos.

2. Pai de José, o marido de Maria e pai terreno de Jesus segundo a genealogia de Mateus ([Mt 1.16](#)). Lucas, no entanto, nomeia Eli como pai de José ([Lc 3.24](#)). *Veja* Genealogia de Jesus Cristo (A Relação entre os Dois Registros).

Jada

Filho de Onã da tribo de Judá ([1Cr 2.28,32](#)).

Jadá

Variante de Jeoda ([1Cr 8.36](#)) e Jaerá ([1Cr 9.42](#)).

Veja Jeoda, Jeodá.

Jadai

Descendente de Nebo, que foi encorajado por Esdras a se divorciar de sua esposa estrangeira durante a era pós-exílica ([Ed 10.43](#)).

Jadai

Descendente de Calebe da tribo de Judá ([1Cr 2.47](#)).

Jadiel

Um dos chefes de família da tribo de Manassés que habitava a leste do Jordão após a distribuição da

terra ([1Cr 5.24](#)). Ele foi destacado como um dos guerreiros poderosos de sua tribo.

Jado

Gadita, filho de Buz e antepassado de vários homens valentes que foram registrados durante os reinados do Rei Jeroboão de Israel (793–753 a.C.) e do Rei Jotão de Judá (750–735 a.C.; [1Cr 5.14](#)).

Jadom

Trabalhador no muro de Jerusalém após o retorno do exílio. Jadom trabalhou na seção perto do Portão Velho da cidade com homens de Gibeão e Mispa. Ele era um meronotita ([Ne 3.7](#)).

Jadua

1. Líder que colocou seu selo na aliança de Esdras durante a era pós-exílica ([Ne 10.21](#)).

2. Descendente de Eliasibe e contemporâneo de Neemias ([Ne 12.11,22](#)). O pai de Jadua, Jônatas (v. [11](#)), é mencionado nos papiros de Elefantina como Joana (veja também v. [22](#)).

Jael

Esposa de Héber. Embora seu marido fosse da tribo dos queneus, um aliado de longa data de Israel, ele havia escolhido se aliar a Jabim, o rei cananeu. Jael demonstrou sua lealdade a Israel, inimigo de Jabim, ao convidar Sísera, o general de Jabim, para sua tenda, dando-lhe leite em vez de água, oferecendo-lhe um lugar para dormir e, em seguida, cravando uma estaca de tenda em sua têmpora ([Jz 4.17-18,21-22](#)). Débora, a poetisa inspirada, refletindo sobre a vitória dada por Deus sobre os cananeus, elogia Jael por este feito ([5.24-31](#)).

Jaerá

Descendente do Rei Saul ([1Cr 9.42](#)).

Jafé

Um dos três filhos de Noé ([Gn 5.32](#); [7.13](#); [9.18,23,27](#); [10.1-5](#); [1Cr 1.4-5](#)) que, junto com sua esposa, estava entre os oito sobreviventes humanos do grande Dilúvio. Como Jafé e seu irmão Sem agiram com respeito e modéstia ao cobrir a nudez de seu pai enquanto ele estava embriagado ([Gn 9.20-23](#)), ambos foram abençoados na declaração profética de Noé em [Gênesis 9.26-27](#). Sobre Jafé, Noé disse: “Deus amplie Jafé, e que ele habite nas tendas de Sem; e que Canaã seja seu escravo”. Existem duas interpretações sobre o significado desta profecia. Alguns entendem que a ampliação de Jafé se refere a um grande aumento no número de descendentes. “Habitar nas tendas de Sem” é entendido como a participação de Jafé na bênção de Sem. De acordo com essa visão, haverá um tempo em que Deus trabalhará principalmente com Sem (o povo de Israel), mas depois, em um momento posterior, Jafé será trazido para a conexão com a fé de Israel e compartilhará de suas promessas. Nesta visão, o cumprimento é encontrado na abertura do evangelho aos gentios no início da igreja do NT. Outros entendem que a “ampliação de Jafé” se refere à ampliação territorial, e o “habitar nas tendas de Sem” como a conquista do território semita pelos jafetitas. Nesta visão, o cumprimento é encontrado nas conquistas gregas e romanas da Palestina.

No “tabela das nações” em [Gênesis 10.2](#), Jafé é listado como o pai de Gomer, Magogue, Madai, Javã, Tubal, Mesaque e Tiras. Estes são os ancestrais de povos que viviam ao norte e oeste de Israel e que falavam o que hoje são classificadas como línguas indo-europeias.

Veja também Nações; Noé #1.

Jafia (Lugar)

Cidade descrita como parte da fronteira sul do território de Zebulom ([Js 19.12](#)). Foi identificada com a moderna Yafa, cerca de 3 quilômetros a sudoeste de Nazaré.

Jafia (Pessoa)

1. Um rei da cidade de Laquis se juntou a outros quatro reis amorreus para atacar Gibeão, pois Gibeão havia feito um tratado de paz com os israelitas. Josué liderou os israelitas para derrotar completamente esses cinco reis na batalha de Bete-Horom. Durante essa batalha, Deus ajudou os israelitas enviando grandes pedras de granizo e fazendo o sol parar. Jafia e os quatro reis se esconderam em uma caverna em Maqedá, mas Josué os descobriu. Ele então os matou e os pendurou em árvores ([Js 10.3-27](#)).
2. Um filho nascido de Davi enquanto ele era rei em Jerusalém ([2Sm 5.15](#); [1Cr 3.7](#); [14.6](#)).

Jaflete

Filho de Héber e líder na tribo de Aser ([1Cr 7.32-33](#)).

Jafletitas

Pessoas ocupando uma área que fazia parte da fronteira sul do território de Efraim, nas proximidades de Bete-Horom ([Js 16.3](#)).

Jafo

Forma ARC de Jope em [Josué 19.46](#).

Veja Jope.

Jagur

Localizado na parte sul extrema de Israel, perto de Edom, foi herdado pela tribo de Judá logo após a Conquista ([Js 15.21](#)).

Jah

Abreviação do nome da aliança de Deus, YHWH ou Yahweh (“Jeová,” ARC; “Senhor,” na maioria das

traduções modernas). O fragmento é frequentemente usado em palavras e nomes (e.g., *Hallelujah, JahAziel*).

Veja Deus, Nomes de.

Jair

1. Um descendente de Manassés ([NM 32.41](#)). Na época da Conquista, ele tomou várias aldeias na região de Argobe, em Basã e Gileade, e as chamou com seu próprio nome, Havote-Jair, que significa "Cidades de Jair" ([Dt 3.14](#); compare [Js 13.30](#); [1Rs 4.13](#); [1Cr 2.23](#)). *Veja também* Havote-Jair.
2. Um dos juízes de Israel. Ele julgou Israel por 22 anos. Ser um gileadita significa que ele pode ser descendente do #1 acima ([Jz 10.3-5](#)).
3. Pai de Elanã, que matou Lami, irmão de Golias ([1Cr 20.5](#)). Em [2 Samuel 21.19](#), ele é chamado Jaaré-Oregim.
4. Pai de Mordecai ([Et 2.5](#)). Há um salto no tempo de 597 a.C., quando capturaram Jeconias, rei de Judá, para 486 a.C., quando Xerxes, rei da Pérsia, começou seu reinado. Isso ocorre no início de Ester. Isso sugere que Jair pode ter sido exilado juntamente com Jeconias ou, alternativamente, que foi seu pai, Simei, quem foi levado. Nesse caso, Jair teria nascido durante o cativo.

Jairita

Qualquer descendente de Jair da tribo de Manassés ([2Sm 20.26](#)).

Veja Jair nº 1.

Jairo

Líder da sinagoga, talvez em Cafarnaum. Jairo buscou Jesus entre a multidão e implorou para que viesse curar sua filha gravemente doente.

Enquanto se atrasava por outra cura, Jesus soube que a filha de Jairo havia morrido. Encorajando Jairo a não temer, mas acreditar, Jesus foi para a casa do líder, dispensou os lamentadores e trouxe a criança de volta à vida ([Mc 5.22,35-42](#); [Lc 8.41,49-55](#)).

Jalã

Forma da NTLH para Jalão, filho de Esaú, em [Gênesis 36.5,14,18](#) e [1 Crônicas 1.35](#). *Veja* Jalão.

Jalã

Filho de Esaú e chefe de um clã edomita ([Gn 36.5,14,18](#); [1Cr 1.35](#)).

Jaleel, Jaleelita

Filho de Zebulom ([Gn 46.14](#)) e fundador da família Jaleelita ([Nm 26.26](#)).

Jalom

Filho de Esdras da tribo de Judá ([1Cr 4.17](#)).

Jamai

Filho de Tola da tribo de Issacar ([1Cr 7.2](#)).

Jambres

Um inimigo de Moisés. Paulo o usa, junto com Janes, como exemplo daqueles que "são contra a verdade" e são "fracassados na fé" ([2Tm 3.8-9](#)).

Veja Janes e Jambres.

Jambri

Antepassado de uma tribo árabe. Durante as guerras Hasmoneias (Macabeias), quando Jônatas era governante, os jambritas capturaram um trem de bagagens dos judeus que estava sendo enviado aos nabateus para segurança ([1Mc 9.36](#)).

Jamim

1. Filho de Simeão ([Gn 46.10](#); [Êx 6.15](#); [1Cr 4.24](#)) e fundador da família jaminita ([Nm 26.12](#)).
2. Filho de Rão da tribo de Judá ([1Cr 2.27](#)).
3. Um dos homens (talvez um levita) que ensinou e explicou a lei ao povo após a leitura pública de Esdras ([Ne 8.7](#)).

Jaminita

Qualquer descendente de Jamim da tribo de Simeão ([Nm 26.12](#)).

Veja Jamim #1.

Jâmnia

Nome alternativo para Jabné em [Judite 2.28](#).

Veja Jabné.

Janai

1. Chefe gadita que se estabeleceu, junto com seus parentes, na terra de Basã ([1Cr 5.12](#)).
2. Um ancestral de Jesus mencionado em [Lucas 3.24](#).
Veja Ancestralidade de Jesus Cristo.

Janes e Jambres

Dois magos egípcios que trabalhavam para o Faraó tentaram imitar os milagres que Moisés realizou no Egito ([Êxodo 7-9](#)). Embora esses capítulos em Êxodo não mencionem seus nomes, histórias judaicas posteriores nos contam mais sobre eles.

De acordo com a lenda judaica, Janes e Jambres eram filhos de Balaão, que era um profeta de Midiã ([Números 22-24](#)). A única vez que a Bíblia menciona seus nomes é no Novo Testamento, onde o apóstolo Paulo escreve sobre eles. Paulo comparou Janes e Jambres a falsos mestres de seu tempo que se opunham à verdade ([2Tm 3.6-8](#)).

Estudiosos analisaram esses nomes com atenção. Os nomes parecem vir de línguas semíticas (línguas relacionadas ao hebraico), mas seu significado exato não é claro. Vários documentos antigos mencionam esses magos, embora às vezes com grafias diferentes de seus nomes:

- Os Rolos do Mar Morto (encontrados em Qumran) os chamam de "Yohanneh e seu irmão".
- O Talmude Babilônico (uma coleção de ensinamentos judaicos) refere-se a eles como "Yohane e Mamre".
- Algumas cópias antigas em grego e latim de [2 Timóteo 3.8](#) escrevem o segundo nome como "Mambres".

Outros escritores antigos também escreveram sobre eles. Plínio (que viveu no primeiro século d.C.) os mencionou. Dois escritores do segundo século d.C., Apuleio e Numênio, também escreveram sobre eles, embora nem sempre mencionassem ambos os nomes.

Orígenes, um importante professor cristão primitivo de Alexandria, escreveu sobre um livro chamado "O Livro de Janes e Jambres". Ele sugeriu que Paulo pode ter obtido esses nomes desse livro ao escrever 2 Timóteo. Outro documento antigo da igreja (escrito em latim) de cerca do quinto ou sexto século d.C., chamado Decreto Gelasiano, menciona um livro intitulado "Penitência de Janes e Jambres". Este pode ser o mesmo livro sobre o qual Orígenes escreveu.

Janim

Cidade na região montanhosa do território atribuído à tribo de Judá como herança ([Js 15.53](#)). Sua localização é presumivelmente a sudoeste de Hebrom.

Janleque

Líder na tribo de Simeão ([1Cr 4.34](#)).

Janoa

1. Cidade que define a fronteira oriental do território de Efraim, localizada a sudeste de Siquém

e a nordeste de Siló ([Js 16.6-7](#)). Foi identificada com a moderna Khirbet Yanun.

2. Cidade (moderna Yanuh) da tribo de Naftali capturada por Tiglate-Pileser, rei da Assíria, durante o reinado do Rei Peca de Israel em 732 a.C. ([2Rs 15.29](#)).

Jaque

Pai de Agur. Agur escreveu uma série de Provérbios dirigidos a Itiel e Ucal ([Pv 30.1](#)).

Jaquim

1. O filho de Simeão, e líder dos jaquinitas, que se mudou para o Egito com seu avô Jacó ([Gn 46.10](#); [Êx 6.15](#); [Nm 26.12](#)). Ele é chamado de Jaribe em [1Cr 4.24](#).
2. Um sacerdote que viveu em Jerusalém após o exílio para Babilônia ([1Cr 9.10](#); [Ne 11.10](#)). O nome Jaquim pode possivelmente referir-se a uma família de sacerdotes que Jaquim liderou.
3. Um descendente de Arão que liderou a vigésima primeira divisão de sacerdotes que serviram no templo durante o reinado do Rei Davi ([1Cr 24.17](#)).

Jaquim

1. Descendente de Simei da tribo de Benjamim ([1Cr 8.19](#)).
2. Líder da família do 12º grupo dos descendentes de Arão designado para o serviço do Templo no tempo de Davi ([1Cr 24.12](#)).

Jaquim e Boaz

Os nomes dos dois pilares que Salomão colocou diante do vestíbulo do Templo eram Jaquim para o pilar sul e Boaz para o pilar norte ([1Rs 7.21](#); [2Cr 3.17](#)). Esses pilares ocios foram fundidos em bronze, mediam cerca de 8 metros de altura e

tinham aproximadamente 5,5 metros de circunferência (quase 1,8 metros de diâmetro). Eles eram encimados por um capitel (tampa ou topo ornamentado) de cerca de 2,3 metros de altura, que consistia em trabalho de lírio fundido, correntes e 200 romãs cada um ([1Rs 7.15-20](#); [2Cr 3.15-16](#); [4.13](#)).

Jaquinita

Qualquer descendente de Jaquim, o filho do patriarca Simeão ([Nm 26.12](#)).

Veja também Jaquim #1.

Jara

Servo egípcio de Sesã, descendente de Jerameel, que se casou com a filha de seu mestre. Sesã fez isso porque não tinha filhos ([1Cr 2.34-35](#)).

Jardim do Éden

Localização no Leste do Éden ([Gn 2.8](#)) na área do Tigre-Eufrates da Mesopotâmia, referida 14 vezes no AT. A informação em [Gênesis 2.8-10](#) indica que estava na área da Planície de Sinar, e que quatro “cabeças” ou ramificações foram formadas a partir de um rio que fluía através do Éden para irrigar o Jardim. As cabeças eram o Tigre e o Eufrates (ambos rios modernos conhecidos) e dois rios que desapareceram — o Pisom e o Giom. Estes últimos eram muito provavelmente canais de água naturais, mais tarde usados como canais de irrigação, já que em cuneiforme não há uma palavra separada para “rio” e “canal de irrigação”. Se Pisom e Giom eram de fato Canais de irrigação, então Gênesis coloca o homem adâmico em um cenário geográfico real e, portanto, elimina a noção de que Éden era um mito. Se a identificação acima estiver correta, Cuxe referia-se à terra dos antigos cassitas, enquanto Havilá pode ter indicado a Arábia.

O Éden foi o campo de prova da fidelidade do homem aos mandamentos de Deus, e através da desobediência, o Jardim foi perdido. Ele será recuperado na forma do novo paraíso ([Ap 22.14](#)).

Veja também Adão (Pessoa); Eva; Queda do homem; Árvore do conhecimento do bem e do mal; Árvore da Vida.

Jardim do rei

Provavelmente uma área das propriedades reais, situada fora das muralhas de Jerusalém, perto do tanque de Siloé ([2Rs 25.4](#); [Jr 39.4](#); [52.7](#)) no Vale do Cedrom, perto de onde o Cedrom encontra o vale de Hinom. Após o retorno do exílio, Neemias designou as famílias para trabalhar, cada uma construindo uma parte do muro. O Portão da Fonte é registrado como estando perto do tanque de Siloé, junto ao jardim do rei ([Ne 3.15](#)). Não é certo se o local agora chamado de jardim do rei fora das muralhas da Jerusalém moderna é o local original.

Jarebe

Nome usado por Oseias para designar um rei assírio ([Os 5.13](#)). Como tal nome não é encontrado nas listas de reis assírios, alguns conjecturaram que se referia a Sargão, mas isso é mera especulação. Muito provavelmente, Oseias escolheu este nome (que em hebraico significa "contencioso") para descrever a oposição que Efraim e Judá enfrentariam de um rei contencioso na Assíria por causa do pecado de Israel ([10.6](#)). Algumas Bíblias interpretam o nome como uma expressão próxima de "grande [rei]".

Jarede

Filho de Maalalel e descendente de Sete. Ele foi o pai de Enoque ([Gn 5.15-20](#); [1Cr 1.2](#); [Lc 3.37](#)).

Veja Ancestralidade de Jesus Cristo.

Jaribe

1. Nome alternativo para Jaquim, filho de Simeão, em [1 Crônicas 4.24](#).

Veja Jaquim #1.

2. Homem que ajudou Esdras a garantir servos do Templo antes do retorno à Palestina do exílio ([Ed 8.16](#)).

3. Da família de Jesua, um sacerdote que atendeu à exortação de Esdras para se divorciar de sua esposa pagã após o exílio ([Ed 10.18](#)).

Jarmute

1. Cidade fortificada na parte norte de Sefelá, dada à tribo de Judá como herança ([Js 15.35](#)). Foi uma das cinco cidades amoritas que se uniram para atacar Gibeão após terem feito paz com Josué e Israel ([10.3-5](#)). Jarmute foi reabitada após o exílio por pessoas de Judá ([Ne 11.29](#)) e possivelmente manteve uma população durante toda a Dispersão. É identificada com Khirbet Yarmuk, a 29 quilômetros a sudoeste de Jerusalém. Evidências arqueológicas sugerem que a área da cidade na Idade do Bronze era de 2,4 a 3,2 hectares e tinha uma população de cerca de 1.500 a 2.000 pessoas. É mencionada nas cartas de Amarna como recebendo ajuda de Laquis.

2. Uma das quatro cidades de Issacar dadas aos levitas como herança ([Js 21.28-29](#)). É aparentemente identificável com Ramote em [1 Crônicas 6.73](#) e Remete em [Josué 19.21](#). Uma estela do Faraó Seti I foi encontrada em Bete-Seã, referindo-se a toda a área como Monte Jarmute.

Veja também Cidades Levíticas.

Jaroa

Filho de Gileade da tribo de Gade ([1Cr 5.14](#)).

Jarro

Um recipiente feito de argila, utilizado para armazenar líquidos ou produtos secos.

Veja Olaria.

Jasa

Forma alternativa de Jaza, uma cidade a leste do Mar Morto, em [1 Crônicas 6.78](#) (NTLH) e [Jeremias 48.21](#) (NTLH).

Veja Jaza.

Jasão

1. Sumo sacerdote judeu (174–171 a.C.) que provocou o declínio do sacerdócio ao helenizar Jerusalém, tornando seus habitantes "cidadãos de Antioquia" ([2Mc 4.9ss.](#)). Ele foi deposto por seu primo Onias Menelau, mas quando um falso

relatório anunciou a morte de Antíoco Epifânio, Jasão atacou Jerusalém sem piedade contra seu próprio povo. Antíoco, retornando de um ataque abortado ao Egito, retomou Jerusalém e Jasão foi forçado a fugir para a Transjordânia e, de lá, de cidade em cidade. Segundo Macabeus relata que em sua morte, "[Jasão] que havia lançado muitos para ficarem insepultos não teve ninguém para lamentá-lo; ele não teve funeral de qualquer tipo e nenhum lugar no túmulo de seus pais" ([5.10](#)).

2. Judeu cristão em Tessalônica que hospedou Paulo e Silas ([At 17.15-9](#)). Ele e outros foram chamados perante as autoridades da cidade sob a acusação de abrigar sediciosos. Ele foi liberado quando pagou fiança.

3. Cristão em Corinto que, junto com Paulo, enviou saudações à igreja em Roma ([Rm 16.21](#)).

Jasém

Um dos 30 homens valentes do Rei Davi ([2Sm 23.32](#)). O texto hebraico é traduzido como "os filhos de Jasém". Em [1 Crônicas 11.34](#), o texto é traduzido como "os filhos de Hasém, o gizonita".

Os estudiosos concordam, em geral, que a frase "os filhos de" é um erro de escrita dupla (ou ditografia). Ela repete as três últimas letras da palavra anterior. O texto original provavelmente era "Jasém, o gizonita" ou "Hasém, o gizonita". Isso significa que Jasém, ele próprio, e não seu filho, era o poderoso guerreiro no exército de Davi.

Jasobeão

1. O filho de Zabdiel era o líder dos "Três" guerreiros mais fortes de Davi ([1Cr 11.11](#)). Ele também foi nomeado chefe de uma divisão de 24.000 soldados que serviram durante o primeiro mês do ano ([1Cr 27.2](#)). Ele é a mesma pessoa que Josebe-Bassebete, o taquemomita ([2Sm 23.8](#)). Jasobeão tornou-se famoso por matar 300 homens ([1Cr 11.11](#)). [2 Samuel 23.8](#) Numera em 800.
2. Um guerreiro que podia lutar com ambas as mãos, direita e esquerda, que se juntou ao exército de Davi em Ziclague ([1Cr 12.6](#)).

Jaspe

Variedade de quartzo verde.

Veja Preciosas, Pedras.

Jasube

1. Terceiro filho de Issacar ([1Cr 7.1](#); também chamado de Jó em [Gn 46.13](#)), e fundador da família dos jasubitas ([Nm 26.24](#)).

2. Descendente de Bani, que atendeu à exortação de Esdras para se divorciar de sua esposa pagã após o exílio ([Ed 10.29](#)).

Jasubi-Leém

Mencionado junto com Moabe em [1 Crônicas 4.22](#).

Jasubita

Qualquer descendente de Jasube, o terceiro filho de Issacar ([Nm 26.24](#)).

Veja Jasube #1.

Jatã

Um dos filhos de Semaías, que havia acompanhado Tobite a Jerusalém para adorar ([Tb 5.14](#)).

Jatir

Cidade na região montanhosa de Judá dada aos levitas ([Js 15.48](#); [21.14](#); [1Cr 6.57](#)). Davi enviou despojos de sua vitória sobre os amalequitas para Jatir ([1Sm 30.27](#)). É identificada com a moderna Khirbet 'Attir, a 21 quilômetros a sudeste de Hebrom.

Jatniel

Quarto filho de Meselemias, o coraita, e porteiro do Templo na época de Davi ([1Cr 26.2](#)).

Javã (Lugar)

Um local comumente identificado com a Grécia. O nome Javã está linguisticamente associado à Jônia, uma região no extremo oeste da Ásia Menor que foi colonizada por gregos. Com o tempo, as pessoas começaram a usar o nome Javã para se referir a toda a Grécia. Em muitos lugares na tradução grega da Bíblia, Javã aparece como "Hellas", que é outro nome para a Grécia.

Algumas pistas sobre sua localização são dadas já na "tabela das nações", onde Javã aparece como o quarto filho de Jafé ([Gn 10.2](#); compare [1Cr 1.5](#)). Movendo-se para oeste a partir de Gomer, isso tende a colocá-lo na Europa. Diz-se também que Jafé é o pai de:

- Eliseu
- Társis
- Quetim
- Dodanim ou Rodanim ([Gn 10.4](#); [1Cr 1.7](#))

As conexões dessas áreas ou povos são amplamente conhecidas.

A maioria das referências a Ionia (Grécia) está nos livros proféticos. [Isaías 66.19](#) lista Javã com Társis, Pute, Lude e Tubal. A glória do Senhor será declarada nesses lugares. Estes são considerados representantes das nações distantes.

Em uma longa profecia contra Tiro, Ezequiel menciona Javã, Tubal e Mesaque. Eles trocavam escravos e vasos de bronze pelos bens de Tiro ([Ez 27.13](#)). [Joel 3.6](#) condena Tiro por vender o povo de Judá e Jerusalém aos gregos.

[Ezequiel 27.19](#) no texto hebraico lê-se "Também Dã e Javã, de Uzal". Certas traduções tratam isso de forma diferente:

- "De Uzal traziam para você vinho, ferro trabalhado e especiarias" (NTLH)
- "Também Dã e Javã, o caminhante, traficavam nas tuas feiras" (ARC)

As referências a Javã em Daniel claramente significam Grécia. O bode que representa o rei da Grécia ([Dn 8.21](#)) é Alexandre, o Grande. Seu império foi dividido entre seus quatro generais após sua morte. O príncipe da Grécia em [Daniel 10.20](#) é comparado ao príncipe da Pérsia em [Daniel](#)

[10.13,20](#). Foi sugerido que "príncipe" significa anjo guardião. No entanto, a oposição do príncipe da Pérsia ao arcanjo Miguel mostra que "príncipe" é um espírito demoníaco de alta patente (compare [Ef 6.12](#)). [Daniel 11.2](#) prediz um conflito entre Pérsia e Grécia. O próximo versículo fala sobre o sucesso de Alexandre, o Grande, e a divisão de seu império.

Veja também Grécia, Grego.

Javã (Pessoa)

Filho de Jafé, cujos descendentes marítimos migraram para o norte e oeste de Canaã ([Gn 10.2-4](#); [1Cr 1.5-7](#)).

Javali

Um animal selvagem ou domesticado da família dos suínos. Javalis são conhecidos por serem fortes e destrutivos.

No [Salmo 80.13](#), um javali selvagem é retratado arruinando uma vinha. Esta imagem ilustra como os inimigos estavam destruindo Israel, que muitas vezes era comparado a uma vinha na Bíblia.

Porcos e javalis eram considerados animais impuros na lei israelita. As pessoas não os comiam nem os ofereciam em sacrifícios.

Veja Porco.

Jaza

Cidade a leste do Mar Morto (na Jordânia moderna) onde os israelitas derrotaram Seom, rei dos amorreus, quando ele se recusou a permitir que passassem por sua terra ([Nm 21.23](#); [Dt 2.32](#); [Jz 11.20](#)). De acordo com [Josué 13.18](#), Moisés deu a cidade à tribo de Rúben como parte de sua herança. A cidade com suas pastagens circundantes foi dada aos levitas meraritas ([Js 21.36](#); [1Cr 6.78](#)).

Em tempos posteriores, em oráculos proféticos tanto por Isaías ([Is 15.4](#)) quanto por Jeremias ([Jr 48.21](#)), ela é mencionada como uma cidade na terra de Moabe. Isso pode indicar que foi tomada de Israel por Moabe (a quem aparentemente pertencia antes que Seom a conquistasse). A cidade é mencionada na Pedra Moabita (conhecida como Estela de Dibom e datada de c. 845 a.C.) como o lugar onde Messa, rei de Moabe, havia vivido

enquanto estava em guerra com Israel. Segundo Messa, ele tomou Jaza de Israel e a adicionou ao seu próprio território.

Jazánias

1. Filho de Hosafás, que era um maacatita e líder nos exércitos de Judá no início do exílio. Essas tropas receberam garantia de segurança em troca de lealdade aos babilônios ([2Rs 25.23](#)). Jazánias é alternadamente chamado de Jezánias em [Jeremias 40.8](#) e Azarias em [Jeremias 42.1](#) (NTLH) e [43.2](#).
2. Filho de Jeremias (não o profeta), que foi levado por Jeremias, o profeta, para a casa do Senhor, onde se recusou a beber vinho por causa do mandamento de seu antepassado Jonadabe, o recabita ([Jr 35.3-11](#)).
3. O filho de Safã, que liderou um grupo de anciãos na adoração de ídolos no templo ([Ez 8.11](#)).
4. O filho de Azur é um dos 25 homens vistos por Ezequiel em uma visão, que deram maus conselhos e tramaram o mal em Jerusalém perto da época do exílio ([Ez 11.1](#)).

Jazánias

Forma alternativa de Jezánias, um dos capitães judeus em Jerusalém durante o exílio ([Jr 40.8](#); [42.1](#))
Veja Jezánias #1.

Jazeel, jazeelita

Filho de Naftali ([Gn 46.24](#); [1Cr 7.13](#)) e fundador da família jazeelita ([Nm 26.48](#)).

Jazeías

O filho de Ticva é uma das pessoas mencionadas em conexão com os processos de divórcio entre os israelitas e suas esposas estrangeiras ([Ed 10.15](#)). As opiniões divergem quanto a se ele era a favor ou contra os processos. Embora o texto hebraico possa ser lido justificadamente de qualquer maneira, a gramática favorece a interpretação de que Jazeías se opôs aos processos (veja NTLH).

Jazer

Cidade a leste do Rio Jordão, no sul de Gileade, tomada com suas aldeias circundantes pelos israelitas sob Moisés ([Nm 21.32](#)). As tribos de Gade e Rúben pediram as terras de Jazer e Gileade. Eles tinham grandes rebanhos e manadas e viram que o lado leste do Jordão era fértil e mais adequado para pastagem de gado ([32.1-5](#)). Eles prometeram construir proteção para suas mulheres e crianças, depois ir com as outras tribos lutar em Canaã (vv. [6-27](#)). Jazer tornou-se uma cidade de fronteira, marcando os limites da herança da tribo de Gade ([Js 13.25](#)) e foi dada aos levitas ([Js 21.39](#); [1Cr 6.81](#)). Quando Joabe foi encarregado de realizar o censo do povo, ele chegou até a cidade de Jazer, no território de Gade ([2Sm 24.5](#)). Esta cidade foi posteriormente reconhecida durante uma busca por “homens capazes” sob o rei Davi ([1Cr 26.31](#)). Pouco mais de 200 anos depois, no entanto, foi ocupada por Moabe ([Is 16.6-9](#); [Jr 48.32](#)).

Jazera

Antepassado de um sacerdote que retornou a Judá após o exílio babilônico ([1Cr 9.12](#)). Ele é chamado de Azai em [Neemias 11.13](#). Pouco mais se sabe sobre ele, exceto que era bisneto de um sacerdote chamado Imer que viveu em Jerusalém antes do exílio.

Veja também Azai.

Jaziel

Ortografia alternativa de Jazeel, filho de Naftali, em [1 Crônicas 7.13](#) (NVT).

Veja Jazeel, Jazeelita.

Jaziz

Um dos mordomos reais de Davi era responsável pelos rebanhos ([1Cr 27.30-31](#)).

Jealelel

1. Descendente de Judá que teve quatro filhos ([1Cr 4.16](#)).

2. Levita da família de Merari, cujo filho Azarias participou da purificação do Templo na época de Ezequias ([2Cr 29.12](#)).

Jearim, Monte

Montanha na fronteira noroeste do território de Judá, entre Bete-Semes e Quiriate-Jearim. Quesalom estava localizada em sua encosta norte ([Js 15.10](#)). Está associada ao Monte Seir e ao Monte Efrom.

Veja também Quesalom.

Jeaterai

O filho de Zerá, um levita gersonita ([1Cr 6.21](#)), chamado Etni em [1 Crônicas 6.41](#).

Jeberequias

Pai de Zacarias, o escriba. Zacarias, junto com Urias, o sacerdote, testemunhou a profecia de Isaías sobre a conquista assíria de Israel ([Is 8.2](#)).

Jebus, Jebuseus

Cidade murada, situada na fronteira entre Judá e Benjamim, conquistada por Davi; posteriormente, foi conhecida como a "cidade de Davi", ou antiga Jerusalém. Seus ocupantes eram os jebuseus ([Js 18.16](#)). Eles eram um dos vários clãs ou tribos coletivamente conhecidos como cananeus ([Gn 10.15-16](#)). Sua terra, junto com a de seus vizinhos, foi repetidamente prometida aos israelitas ([Êx 3.8](#); [13.5](#); [23.23](#); [33.2](#); [34.11](#); [Nm 13.29](#); [Dt 7.1](#); [20.17](#)). Essa promessa foi parcialmente cumprida no início da campanha sob Josué ([Js 3.10](#); [12.8](#); [18.16](#); cf. [24.11](#)). Diz-se que os homens de Judá lutaram contra Jerusalém e a tomaram ([18.28](#)). "Mas o povo da tribo de Benjamim não expulsou os jebuseus que moravam na cidade de Jerusalém. E os jebuseus dali vivem com o povo de Benjamim até hoje" ([Jz 1.21](#), NTLH). Aparentemente, a cidade foi capturada pelos homens de Judá, mas seus habitantes não foram destruídos e mais tarde reocuparam o local.

Jebus (ou Jerusalém) estava na fronteira entre duas tribos, o que pode explicar sua sobrevivência até o tempo de Davi. As fronteiras de Judá e Benjamim

são definidas assim: "ADaí atravessava o vale de Ben-Hinom, no sul da montanha dos jebuseus, onde fica a cidade de Jerusalém. Depois a divisa seguia até o alto da montanha que fica em frente do vale de Hinom, no lado oeste, no fim do vale dos Gigantes, ao norte" ([Js 15.8](#), NTLH); "A divisa seguia para o sul pelo vale de Hinom, no sul da subida dos jebuseus, até a fonte de Rogel" ([Js 18.16](#), NTLH). Os dois relatos concordam: o levantamento de Judá segue em direção oeste; o levantamento de Benjamim move-se para leste; ambos indicam que Jebus estava na encosta sul da "montanha" ao norte do vale de Hinom, o local do Leste de Jerusalém hoje.

A sobrevivência da cidade foi assegurada por um fornecimento constante de água, a fonte de Gion, e por fortes defesas naturais. Era facilmente defendida por vales íngremes em três lados: o Cedrom no leste, o Hinnom no sul e oeste. Os jebuseus, portanto, consideravam sua cidade inexpugnável. Isso lhes dava uma certa arrogância e complacência. Após a morte de Saul, quando Davi estava buscando consolidar o reino, os jebuseus desafiaram Davi a capturar sua fortaleza ([2Sm 5.6](#); cf. [1Cr 11.5](#)). Como a última fortaleza cananeia remanescente na área, apresentava um desafio único. Joabe aparentemente liderou o ataque pelo canal de água e teve sucesso onde tentativas anteriores falharam ([2Sm 5.8](#)).

Por razões políticas e estratégicas, Davi decidiu mover sua capital de Hebrom para Jebus. Politicamente, estava em território neutro entre Judá e Benjamim e, portanto, não despertava ciúmes. Estrategicamente, era facilmente defendida e mais centralmente localizada. A escolha provou ser sábia. Apesar de Jebus-Jerusalém não estar em nenhuma via navegável ou rodovia principal, tornou-se ao longo dos séculos a capital espiritual do mundo. Sob Davi e Salomão, tornou-se o centro religioso de Israel, e hoje é de importância primordial para as três principais religiões monoteístas da humanidade.

Veja também Jerusalém.

Jecabzeel

Outro nome para "Cabzeel", uma cidade no sul de Judá ([Ne 11.25](#)).

Veja Cabzeel.

Jecameão

Filho de Hebrom da divisão coatita da tribo de Levi ([1Cr 23.19](#); [24.23](#)).

Jecamias

1. Filho de Salum da tribo de Judá ([1Cr 2.41](#)).
2. Um dos filhos do Rei Jeoaquim ([1Cr 3.18](#)).

Jecolias

A mãe do rei Azarias, que também era conhecido como Uzias ([2Rs 15.2](#); [2Cr 26.3](#)).

Jeconias

Nome alternativo para Jeoaquim, rei de Judá, em [Jeremias 22.24,28](#); [37.1](#).

Veja Jeoaquim.

Jeconias

Uma forma alternativa de Jeoaquim, um rei de Judá, em [Mateus 1.11-12](#).

Veja Jeoaquim.

Jeconias

Nome alternativo para o Rei Jeoaquim de Judá, que foi levado para o exílio babilônico ([1Cr 3.16-17](#); [Jr 24.1](#)).

Veja Jeoaquim.

Jecutiel

Pai de Zanoa da tribo de Judá ([1Cr 4.18](#)).

Jedaías

1. Filho de Sinri e pai de Alom. Ele está listado nas tabelas genealógicas dos simeonitas que se estabeleceram no vale de Gedor na época de Ezequias ([1Cr 4.37](#)).

2. O filho de Harumafe, que ajudou a reparar o muro de Jerusalém após o exílio ([Ne 3.10](#)).

3. Descendente de Arão e chefe da segunda das 24 divisões sacerdotais para o serviço do Templo na época de Davi ([1Cr 24.7](#)). Seus descendentes estão listados entre os exilados que retornaram ([1Cr 9.10](#); [Ed 2.36](#); [Ne 7.39](#)). Os indivíduos e famílias listados abaixo provavelmente fazem parte desta linhagem sacerdotal, mas seus relacionamentos exatos são difíceis de determinar.

4. Sacerdote provincial que concordou em se reinstalar na Jerusalém pós-exílica ([Ne 11.10](#); cf. v. [2](#)).

5. Sacerdote que retornou com Zorobabel após o exílio ([Ne 12.6-7](#)). Na geração seguinte, este foi o nome de uma família (v. [21](#)).

6. Um dos exilados levado por Zacarias como testemunha da coroação simbólica de Josué. Ele pode ser o mesmo que o número 4 ou 5 acima. Ele voltou do cativeiro trazendo presentes para o Templo nos dias do sumo sacerdote Josué ([Zc 6.10-14](#)).

Jediael

1. Filho de Benjamim ([1Cr 7.6,10-11](#)), cujos descendentes eram guerreiros, totalizando 17.200 na época de Davi. Alguns sugerem que ele pode ser identificado com Asbel, também filho de Benjamim ([Gn 46.21](#)).

Veja também Asbel, asbelita.

2. Filho de Sinri, listado entre os valentes de Davi ([1Cr 11.45](#)).

3. Um que desertou Saul para se juntar a Davi em Ziclague ([1Cr 12.20](#)). Ele pode ser o mesmo citado no número 2 acima.

4. Membro da família levítica de Corá, nomeado porteiro do templo durante o reinado de Davi ([1Cr 26.2](#)).

Jedias

1. Filho de Sebucl, um levita no tempo de Davi ([1Cr 24.20](#)).

2. Mordomo real de Meronote que estava encarregado dos jumentos de Davi ([1Cr 27.30](#)).

Jedida

A filha de Adaías, esposa do Rei Amom de Judá e mãe do Rei Josias ([2Rs 22.1](#)).

Jedidias

Um nome que significa "amado do Senhor [Yahweh]". Deus instruiu o profeta Natã a dar a Salomão este nome logo após seu nascimento. Salomão foi o segundo filho do Rei Davi com Bate-Seba ([2Sm 12.24-25](#)).

Jedutum

Membro da família levítica de Merari que, com Asafe e Hemã, liderou a música no santuário durante o reinado de Davi ([1Cr 25.1](#); [2Cr 5.12](#); chamado de "Etã" em [1Cr 6.44](#); [15.17](#)). Jedutum é mencionado nos títulos dos [Salmos 39](#), [62](#) e [77](#). Alguns de seus filhos foram designados para profetizar com liras, harpas e címbalos ([1Cr 25.1-3](#)), seguindo aparentemente o exemplo de seu pai, que foi chamado de "vidente do rei" ([2Cr 35.15](#)). Em [1 Crônicas 16.38](#) e [42](#), ele é listado como pai de Obede-Edom.

Jeezquel

Levita designado para o serviço do Templo no tempo de Davi; líder da 20ª divisão ([1Cr 24.16](#)).

Jefoné

1. O pai de Calebe. Calebe foi um dos 12 espiões enviados por Moisés para explorar a terra de Canaã ([Nm 13.6](#); [14.6](#); [26.65](#); [1Cr 4.15](#); [6.56](#)). A Bíblia se refere a Jefoné como um judaíta e um quenezeu ([Js 14.6](#)).
2. Um filho de Jéter da tribo de Aser ([1Cr 7.38](#)).

Jefté

Filho ilegítimo de Gileade ([Jz 11.1](#)) e um líder no período dos juízes. Filho de uma prostituta, Jefté foi despojado pelos outros filhos de seu pai e recusado

a uma parte na casa de seu pai. Ele se mudou para a terra de Tobe, um pequeno estado arameu a leste do Rio Jordão ([Jz 11.3-5](#)), e tornou-se líder de um grupo de descontentes e aventureiros que saíam em incursões com ele.

Quando a guerra estourou entre os israelitas e os amonitas, os líderes de Gileade imploraram a Jefté para retornar e liderar seu exército. A princípio, ele recusou devido ao tratamento anterior que recebeu deles. Quando prometeram torná-lo governante de Gileade, ele aceitou e se tornou comandante chefe e governante ([Jz 11.4-10](#)). O acordo foi ratificado perante o Senhor em uma assembleia geral do povo em Mispa ([v. 11](#)) em Gileade, provavelmente ao sul do rio Jaboque.

Após negociações diplomáticas com o rei de Amom falharem, Jefté declarou guerra contra os amonitas. Antes de a luta começar, ele fez um voto ao Senhor de que, se fosse vitorioso, ao retornar para casa sacrificaria a Deus quem o encontrasse na porta de sua casa. Então, ele liderou com sucesso seu exército contra os amonitas, destruindo-os com uma terrível matança ([Jz 11.29-33](#)).

Quando Jefté voltou para casa, ficou chocado ao descobrir que a primeira pessoa a encontrá-lo foi sua única filha, tocando um tamborim e dançando de alegria. Ao vê-la, rasgou suas roupas e disse: "Ah! Minha filha! Você está partindo o meu coração! Por que tem de ser você quem me vai fazer sofrer? Eu fiz uma promessa a Deus, o SENHOR, e não posso voltar atrás" ([Jz 11.35](#), NTLH). Ela aceitou seu destino, mas pediu que fosse adiado por dois meses para que ela e suas companheiras pudessem se retirar para as montanhas e lamentar que ela morreria virgem (vv. [34-38](#)). Uma mulher no antigo Israel não poderia sofrer maior desgraça do que morrer solteira e sem filhos. Quando ela voltou, seu pai cumpriu seu voto (vv. [38-39](#)).

Jefté também liderou Gileade contra os efraimitas, que estavam ressentidos por não terem sido incluídos na luta contra Amom. Eles haviam recebido uma chance anterior de se aliarem a Gileade, mas recusaram. Jefté capturou os vaus do Jordão atrás dos efraimitas e impediu sua fuga com uma estratégia engenhosa. Guardas gileaditas colocaram os fugitivos à prova, exigindo que dissessem "Chibolete". Se não conseguiam pronunciar o "ch", eram revelados como efraimitas e mortos. O relato diz que 42.000 efraimitas morreram naquela época ([Jz 12.1-6](#)).

Jefté foi juiz sobre Gileade por seis anos ([Jz 12.7](#)), e quando morreu, foi sepultado em uma das cidades

de Gileade. Na Carta aos Hebreus, Jefté é mencionado junto com Gideão, Baraque e outros como um herói da fé ([Hb 11.32](#)).

Veja também Juízes, Livro de.

Jegar-Saaduta

Nome aramaico dado por Labão ao monte de pedras que ele e Jacó empilharam como memorial de sua aliança; Jacó o chamou de “Galeede” ([Gn 31.47](#)). O nome significa “monte de testemunho”.

Veja também Galeede.

Jeías

Levita que, junto com Obede-Edom, foi designado como porteiro da arca quando Davi a trouxe para Jerusalém ([1Cr 15.24](#)).

Jeiel

1. Chefe na tribo de Rúben ([1Cr 5.7](#)).
2. Benjamita que viveu em Gibeão e foi um ancestral do primeiro rei de Israel, Saul ([1Cr 8.29](#); [9.35](#)).
3. Um dos valentes de Davi ([1Cr 11.44](#)). Ele talvez seja idêntico ao #1 acima.
4. Levita porteiro no santuário. Ele parece ter servido também como músico ([1Cr 15.18,21](#); [16.5b](#)). Depois, ele foi nomeado para um ministério permanente de música no santuário ([1Cr 16.5](#)), ou o Jeiel de [1 Crônicas 16.5a](#) pode ser um músico diferente.
5. Levita da família de Gérson; um chefe da casa de Ladã ([1Cr 23.8](#), AVM). Ele estava encarregado do Tesouro do Templo durante o reinado de Davi — um cargo que parece ter continuado na família ([29.8](#)) — e fundador de uma família sacerdotal chamada Jeieli ou jeielitas ([26.21–22](#)).

6. O filho de Hacmoni, junto com o tio de Davi, Jônatas (um conselheiro e escriba), foi nomeado para cuidar dos filhos do rei como tutor e conselheiro ([1Cr 27.32](#)).
7. Filho do rei Josafá de Judá, colocado por seu pai em uma das cidades fortificadas de Judá ([2Cr 21.2](#)). Ele e cinco irmãos foram mortos por Jeorão quando este se tornou rei.
8. Levita descendente de Asafe e ancestral de um profeta chamado Jaaziel ([2Cr 20.14](#)).
9. Secretário do exército do Rei Uzias, que mantinha ou fazia “listas” ou “reuniões” militares das tropas do rei ([2Cr 26.11](#)).
10. Ortografia de Jeuel, descendente de Elizafã, na NTLH e NVT em [2 Crônicas 29.13](#).
Veja Jeuel #2.
11. Um dos levitas coatitas da família de Hemã que ajudou nas reformas do rei Ezequias ([2Cr 29.14](#), NTLH “Jeuel”). Ele pode ser o mesmo levita designado para supervisionar o recebimento e a distribuição das ofertas sagradas ([2Cr 31.13](#)).
12. Um dos principais oficiais do Templo na época da reforma religiosa de Josias ([2Cr 35.8](#)); ele contribuiu com muitos sacrifícios para o Grande Serviço da Páscoa.
13. Pai de Obadias da casa de Joabe; ele retornou com Esdras da Babilônia ([Ed 8.9](#)).
14. Líder levita que contribuiu com ofertas para a Páscoa durante o reinado do Rei Josias ([2Cr 35.8–9](#)).
15. Um dos filhos de Elão e pai de Secanias. Ele estava associado às reformas matrimoniais de Esdras ([Ed 10.2](#)) e talvez fosse o mesmo Jeiel que estava entre aqueles que se divorciaram de suas esposas estrangeiras (v. [26](#)).

16. Sacerdote que estava entre aqueles que Esdras persuadiu a se divorciarem de suas esposas estrangeiras ([Ed 10.21](#)).
17. Descendente de Nebo que foi encorajado a se divorciar de sua esposa estrangeira durante a era pós-exílica ([Ed 10.43](#)).

Jeieli, Jeielita

Ortografia alternativa de Jeiel, um levita e fundador da família jeielita, em [1 Crônicas 26.21-22](#).

Veja Jeiel #4.

Jeizquias

Filho de Salum e um chefe de Efraim durante o reinado de Acáz em Judá. Ele se opôs à escravidão dos homens de Judá pela vitoriosa Israel ([2Cr 28.12](#)).

Jemima

Primeira das três filhas nascidas para Jó quando ele foi restaurado após sua aflição ([Jó 42.14](#)).

Jemuel

O primeiro filho de Simeão ([Gn 46.10](#); [Êx 6.15](#)). Ele é chamado de Nemuel em [1 Crônicas 4.24](#) e é o fundador da família nemuelita ([Nm 26.12](#)).

Jeadã

A mãe de Amazias, rei de Judá ([2Rs 14.2](#); [2Cr 25.1](#)).

Jeoada, Jeoadã

Filho de Acáz e descendente do Rei Saul através da linhagem de Jônatas ([1Cr 8.36](#)); alternativamente chamado de Jaerá em [1Cr 9.42](#).

Jeoaquim

Segundo filho de Josias com Zebida ([2Rs 23.36](#); [1Cr 3.15](#); [2Cr 36.4](#)), tornou-se rei de Judá em 609 a.C. Ele substituiu seu irmão mais novo, Jeoás, como rei quando este foi deposto e exilado pelo Faraó Neco após um reinado de três meses ([2Rs 23.31-35](#)). Jeoaquim foi instalado como rei aos 25 anos e governou por 11 anos em Jerusalém. Seu nome de batismo, Eliaquim, significa “Deus estabelecerá”. Ao entronizá-lo, Neco mudou seu nome para Jeoaquim, que significa “Yahweh estabelecerá” ([2Rs 23.34](#)), talvez buscando reivindicar o apoio de Yahweh para sua ação.

Neco impôs um pesado tributo a Judá, que Jeoaquim arrecadou por meio de um imposto sobre toda a terra ([2Rs 23.35](#); cf. [Jr 22.13-17](#), onde o oráculo de desgraça contra Jeoaquim sugere que ele se apropriou de parte desses fundos para uso pessoal). Jeoaquim permaneceu submisso aos egípcios até a batalha de Carquemis em 605 a.C., quando Nabucodonosor e os neobabilônios derrotaram Neco. Judá então tornou-se um estado vassalo da Babilônia por três anos ([2Rs 24.1-2](#)). Após o fracasso de Nabucodonosor em subjugar completamente Neco em uma segunda batalha feroz em 601 a.C., Jeoaquim aproveitou a oportunidade para se livrar do jugo babilônico quando o rei babilônico voltou para casa para reorganizar seu exército. Esta decisão imprudente provou ser custosa, pois Nabucodonosor invadiu Judá em 598 a.C. para punir o rei vassalo rebelde ([2Rs 24.3-7](#)). A ajuda esperada do Egito nunca veio, e os babilônios destruíram as importantes cidades judaicas de Debir e Laquis, tomaram o controle do Neguebe e deportaram vários milhares dos cidadãos mais capazes de Judá. Isso sem dúvida paralisou a economia e deixou Judá virtualmente sem liderança. Jeoaquim morreu durante o cerco babilônico (provavelmente no final de 598 a.C.). Seu filho Joaquim foi colocado no trono.

Embora os detalhes da morte de Jeoaquim não sejam relatados, o historiador bíblico considera este reinado como um que perpetuou os males de seus pais (veja [2Rs 23.37](#); [2Cr 36.5.8](#); cf. [Jr 22.18-19](#) e [36.27-32](#), que previam que o corpo morto de Jeoaquim seria lançado no chão fora de Jerusalém sem sepultamento adequado e ele não teria descendentes no trono). Presumivelmente, a referência a “pais” é aos seus predecessores Manassés, Amom e Jeoás. Jeremias especifica os males que caracterizaram o governo de Jeoaquim, incluindo idolatria, injustiça social, roubo do trabalhador, ganância, assassinato, opressão,

extorsão e abandono da aliança do Senhor ([Jr 22.1-17](#)). Apesar da extensa atividade de Jeremias durante seu reinado (caps. [25-26,36](#)), Jeoaquim permaneceu desobediente, não arrependido, presunçoso e autossuficiente em sua prosperidade mal adquirida ([22.18-23](#)).

Veja também Cronologia da Bíblia (Antigo Testamento); Diáspora dos Judeus; Israel, História de.

Jeoás

1. Décimo segundo rei de Israel, sucedeu seu pai, Jeú, e governou de 814 a 798 a.C. Por ser um rei mau, Deus puniu Israel submetendo-os aos reis arameus Hazael e seu filho Ben-Hadade. A força militar em Israel foi reduzida a 50 cavaleiros, 10 carros de guerra e 10.000 soldados de infantaria. A opressão tornou-se tão severa que Jeoás orou a Deus, que o ouviu e livrou Israel dos arameus, mas isso só ocorreu no reinado de Joás (Jeoacaz) ([2Rs 13.2-7,25](#)). Durante o reinado de Jeoás, as relações entre Judá e Israel parecem ter sido bastante boas, já que Jeoás ([14.1](#)) nomeou seu filho Joás em homenagem ao seu contemporâneo, Joás rei de Judá ([2Rs 13.1.9](#); [14.1](#)).

2. Décimo sétimo rei de Judá, governou por três meses em 609 a.C. O povo o escolheu para suceder seu pai, Josias, que foi morto na batalha de Megido. O nome de sua mãe era Hamutal. Jeoás tinha 23 anos na sua coroação. Ele também é chamado de Salum ([1Cr 3.15](#)), e Jeoás pode muito bem ser um nome de trono. Ele é caracterizado como um rei mau diante de Deus. Seu reinado terminou quando o Faraó Neco o prendeu em Ribla, em Hamate. Mais tarde, ele foi levado para o Egito, onde morreu ([2Rs 23.30-34](#)). Jeremias profetizou que Jeoás nunca retornaria a Israel, mas morreria na terra de seu cativo ([Jr 22.11-12](#)).

3. Outra forma do nome de Acazias, o sexto rei de Judá, que governou em 841 a.C. ([2Cr 21.17](#); cf. [22.1](#)). Ambas as formas do nome têm o mesmo significado. A diferença está na colocação do nome divino. Em Jeoás, ele vem primeiro, "Jeho-", e em Acazias, ele vem por último, "-ias" (-yah).

Veja Acazias #2.

4. Nome completo de Acaz, o 12º rei de Judá, de acordo com uma inscrição do rei assírio Tiglate-Pileser III.

Veja Acaz #1.

Veja também Israel, História de.

Jeoiaribe

1. Forma alternativa de Joiaribe, uma família sacerdotal em Jerusalém, em [1 Crônicas 9.10](#). *Veja* Joiaribe #1.

2. Sacerdote na época do Rei Davi, designado para liderar a primeira das 24 divisões de sacerdotes para o serviço anual no Templo ([1Cr 24.7](#)).

Jeorão

1. O filho de Josafá e o quinto rei de Judá. Ele reinou de 853 a 841 a.C. e também era chamado de Jorão. O governo da dinastia de Onri no reino do norte de Israel foi de 885 a 841 a.C. Antes desse período, a relação entre Judá e Israel não era boa. O poder político e a força econômica do reino unido haviam desaparecido há muito tempo. O poder e a riqueza haviam diminuído devido ao controle egípcio sob Sisaque e por causa da guerra civil ([2Cr 12](#)). Essas guerras incluíram:
 - a reunião malsucedida em Siquém (cap. [10](#))
 - Rei Roboão de Judá lutando contra o Rei Jeroboão de Israel ([12.15](#))
 - Rei Abias de Judá lutando contra o Rei Jeroboão de Israel ([13.1-22](#))
 - Rei Asa de Judá lutando contra o Rei Baasa de Israel ([16.1-4](#)).

No entanto, a dinastia de Onri, em meados do século IX a.C., enfrentou rivalidades familiares. Eles tentaram estabelecer uma nova aliança entre as duas nações.

Os dois reinos de Judá e Israel estavam enfrentando ameaças crescentes de povos vizinhos, incluindo os amonitas, moabitas, edomitas, sírios, filisteus, árabes e assírios. O rei Acabe, o segundo rei da dinastia de Onri, estabeleceu laços diplomáticos com a Fenícia e Judá ([1Rs 16.31](#); [22.4](#)). Durante

esse período, Israel e Judá frequentemente se uniam para campanhas militares ([1Rs 22](#); [2Rs 3](#); [8.28](#)). No entanto, essas alianças políticas também causaram problemas. A adoração a Baal e Aserá (falsos deuses) se espalhou em Judá e Israel, afastando muitas pessoas da adoração ao verdadeiro Deus ([1Rs 16.31-33](#); [2Rs 3.2](#); [2Cr 21.11](#)). Esta era a situação política e religiosa quando Jeorão governava sobre Judá.

Jeorão pode ter servido ao lado de seu pai como co-governante já em 853 a.C. No entanto, Jeorão foi o único governante por oito anos (de 848 a 841 a.C.). Seu reinado foi marcado por conflitos desnecessários com sua própria família e por um afastamento de Deus. Seu pai havia dado presentes generosos aos seis irmãos de Jeorão, mas Jeorão rapidamente mudou isso após se tornar rei ([2Cr 21.2-3](#)). Ele não apenas ordenou a morte de seus irmãos, mas também de vários príncipes israelitas, eliminando assim qualquer um que pudesse desafiar seu poder (v. [4](#)). Ele também reintroduziu a adoração de ídolos que seu pai havia tentado interromper, reconstruindo os locais de adoração proibidos chamados "os altos" (v. [11](#)).

Jeorão provavelmente foi influenciado por sua esposa, Atalia, que era filha de Jezabel ([2Rs 8.18](#)). Assim como sua mãe havia feito em Israel, Atalia trouxe a adoração a Baal para Judá. Como resultado, o profeta Elias anunciou o julgamento de Deus sobre Jeorão e o povo de Judá. Esta maldição trouxe uma grande praga sobre o povo de Jeorão, seus filhos, esposas e posses. O próprio Jeorão sofreu de uma terrível doença intestinal. Mesmo com a maldade se espalhando por Judá, o Senhor não destruiu o reino do sul. Isso foi por causa de sua promessa a Davi ([2Rs 8.19](#); cp. [2Sm 7.12-16](#)).

Politicamente, Judá tornou-se fraco durante o governo de Jeorão. O reino perdeu o controle de Edom ([2Cr 21.9](#)). O reino foi atacado pelos filisteus e pelos árabes. Esses ataques deixaram Jeorão com quase nada. Ele perdeu seus bens, suas esposas e todos os seus filhos, exceto Jeoás (também chamado de Acazias), seu filho mais novo (vv. [16-17](#)). Quando Jeorão morreu, o povo não o honrou. Ele não foi sepultado no túmulo real na cidade de Davi, onde os outros reis foram enterrados (vv. [19-20](#)).

Veja também Cronologia da Bíblia (Antigo Testamento); Israel, História de.

1. O filho de Acabe e Jezabel. Ele foi o décimo rei do reino do norte de Israel, reinando de 852 a 841 a.C. Ele também era chamado de Jorão. Ele se tornou rei após seu irmão Acazias, que morreu inesperadamente, o que levou Jeorão a assumir o trono em Samaria ([2Rs 1.2,17](#)). Ele governou ao mesmo tempo que esses reis de Judá: Josafá, Jeorão e Acazias. Jeorão passou grande parte de seu tempo lidando com o crescente poder de dois reinos vizinhos: Moabe e Síria. Quando Moabe parou de pagar seu tributo anual a Israel, Jeorão pediu ajuda a Josafá e a Edom, que era controlada por Judá naquela época. Jeorão e Josafá uniram seus exércitos ao exército do rei de Edom. No entanto, tiveram que interromper seu ataque a Moabe quando ficaram sem água. Eles estavam incertos se deveriam avançar com suas tropas. Então, convocaram Eliseu, o profeta, e pediram-lhe para descobrir o que Deus queria que fizessem sobre sua campanha militar. Como Eliseu respeitava muito Josafá, o profeta pediu orientação a Deus. Deus os abençoou e providenciou bastante água. A Bíblia nos conta que o exército de Israel derrotou os moabitas na batalha. Também descreve um incidente terrível em que o rei moabita sacrificou um ser humano. Após vencer a batalha, o exército de Israel voltou para casa ([2Rs 3.4-27](#)). A luta contra a Síria foi menos bem-sucedida. Jeorão foi ferido em batalha. Ele teve que deixar Ramote-Gileade na Transjordânia (Leste do Rio Jordão) e voltar para seu palácio em Jezreel para se recuperar ([2Rs 8.29](#)). Enquanto estava lá, um de seus generais chamado Jeú se rebelou contra ele. Deus havia escolhido Jeú e o declarado como o novo rei de Israel. Jeú confrontou Jeorão e seu sobrinho, Acazias, que era rei de Judá. Este

encontro terminou com ambos os reis de Israel e Judá sendo mortos ([2Rs 9.14-24.27](#)).

Acazias foi sepultado no túmulo dos reis em Jerusalém (v. [28](#)). Mas o corpo de Jeorão foi jogado no campo de Nabote fora da cidade de Jezreel. Este foi o julgamento apropriado contra o último rei da perversa dinastia de Onri (vv. [25-26](#)).

2. Um levita membro de um grupo itinerante de estudiosos. Este grupo de estudiosos ensinou o povo de Judá a partir do Livro da Lei durante o reinado do Rei Josafá ([2Cr 17.7-9](#)).

Veja também Linha do tempo da Bíblia (Antigo Testamento); Israel, História de.

Jeosabeate

Nome alternativo para Jeoseba, filha do rei Jeorão de Judá, em [2 Crônicas 22.11](#).

Veja Jeoseba.

Jeoseba

Filha do Rei Jeorão de Judá (853–841 a.C.) e da Rainha Atalia, irmã do Rei Acazias (841 a.C.) e esposa de Joiada, o sumo sacerdote. Após a morte de Acazias, Atalia tentou matar todos os herdeiros reais restantes ao trono; Jeoseba, no entanto, escondeu o jovem Joás, filho de Acazias, em um quarto do Templo durante o reinado de Atalia (841–835 a.C.; [2Rs 11.2](#)). Jeoseba é alternativamente escrita como Jeosabeate em [2 Crônicas 22.11](#).

Jeová

Nome para Deus formado ao adicionar as vogais da palavra hebraica 'Adonai' às consoantes do nome divino hebraico, YHWH. Por respeito a Deus e por medo de profanar seu nome, os judeus pós-exílicos se recusaram a pronunciar o nome divino ao ler as Escrituras. Em vez disso, eles o substituíram por 'Adonai, uma palavra que significa "meu Senhor". Antes do século VI d.C., o texto hebraico não tinha vogais. Estas eram fornecidas durante a leitura das

Escrituras por alguém que conhecia a língua. Quando os pontos vocálicos foram adicionados ao texto (660–700 d.C.), as vogais de 'Adonai' foram colocadas abaixo das consoantes de YHWH para indicar que 'Adonai' deveria ser lido.

Acredita-se que por volta de 1520 d.C., Petrus Galatinus teve a ideia de combinar os dois nomes, criando assim a nova forma *YeHoWaH*, da qual deriva o termo em português Jeová. Embora essa forma fosse estranha à língua hebraica, ela ganhou ampla aceitação e foi incluída como a tradução para o nome de Deus em vários versículos. Os estudiosos bíblicos agora concordam que a pronúncia original do nome divino era Yahweh ou Jahveh.

Veja também Deus, Nomes de.

Jeová-Tsidkenu

Um nome especial que significa "O Senhor (Yahweh ou Jeová) é a nossa justiça". Este nome foi dado a um futuro rei justo que Deus prometeu que viria da família do Rei Davi ([Jr 23.5-6](#)). Este mesmo nome também foi usado para descrever o povo que viveria sob o governo deste rei ([33.16](#)). Os cristãos acreditam que esta promessa se cumpriu quando Jesus Cristo veio. Eles acreditam que Jesus é o Senhor que governa sobre tudo e ajuda seus seguidores a viverem em um relacionamento correto com Deus.

Jeozadaque

Outro nome para "Josadaque", um filho de Seraías.

Veja Josadaque.

Jerá

Filho de Joctã e sobrinho de Pelegue, durante cuja vida a terra foi dividida, provavelmente uma referência à dispersão após Babel. Jerá é provavelmente também o nome de uma tribo ou distrito árabe ([Gn 10.25-26](#); [1Cr 1.20](#)).

Jerameel

1. Primogênito dos três filhos de Hezrom, pai de seis filhos e descendente de Judá pela linhagem de Perez ([1Cr 2.9-42](#)). Ele foi o fundador da família

dos jerameelitas, que no tempo de Davi vivia na região do Neguebe e ocupava várias cidades ([1Sm 27.10](#); [30.29](#)).

2. Filho de Quis e líder de uma família levita que serviu no santuário durante o reinado de Davi ([1Cr 24.29](#)).

3. Filho do rei Jeoaquim de Judá, foi ele quem, junto com Selemias e Seraías, recebeu a ordem do rei para capturar Baruque e Jeremias ([Jr 36.26](#)).

Jerameelita

Descendente de Jerameel da tribo de Judá ([1Sm 27.10](#); [30.29](#)).

Veja Jerameel #1.

Jerede

Filho de Esdras da tribo de Judá ([1Cr 4.18](#)).

Jeremai

O filho de Hasum que obedeceu à exortação de Esdras para se divorciar de sua esposa estrangeira após o exílio ([Ed 10.33](#)).

Jeremias (Pessoa)

1. Profeta para Judá antes de sua queda em 586 a.C.

Jeremias nasceu na aldeia de Anatote, cerca de 4 quilômetros a nordeste de Jerusalém. O nome de seu pai era Hilquias, e ele pertencia à tribo de Benjamim. Seu chamado veio no 13º ano do rei Josias (640–609 a.C.). Ele se refere a si mesmo como “uma criança” quando chamado ([Jr 1.6](#)), mas a palavra hebraica não é a mesma usada em [Jeremias 30.6](#) e [31.8](#) e não pode ser limitada à pré-adolescência. Ele provavelmente estava se referindo à sua inexperiência em vez de à sua idade. Jeremias nasceu por volta de 657 a.C. durante o reinado do perverso rei Manassés, enquanto o Grande Assurbanípal, que abalou o mundo ao saquear a antiga cidade egípcia de Tebas em 663 a.C., governava um império mundial a partir da Assíria.

Deus informou a Jeremias que o havia consagrado e designado antes do nascimento ([Jr 1.4–5](#)).

Jeremias inicialmente recuou com um sentimento de inadequação e medo: “Ó SENHOR, meu Deus, eu não sei como falar, pois sou muito jovem!” (v. [6](#), NTLH). Deus não permitiu que Jeremias se desculpasse. Ele foi assegurado de que palavras lhe seriam dadas para falar e que teria orientação para o caminho (v. [7](#)). Ele recebeu a promessa de proteção (v. [18](#)) e livramento (v. [8](#)) apesar da oposição (v. [19](#)). Deus tocou sua boca, significando a inspiração divina de suas palavras, e deu o sinal de um ramo de amendoeira, explicando que o Senhor está vigiando. O terceiro sinal foi a panela fervente (v. [13](#)) voltada para o norte, representando a origem e a fúria do desastre iminente.

Assim foi definido o tom do ministério de vida de Jeremias: julgamento, desastre, perigo, derrota e morte iminente para a nação.

Início do ministério

As mensagens dadas por Jeremias durante seus primeiros cinco anos de ministério podem ter sido fundamentais para o grande avivamento de 622 a.C. Aqueles que cooperaram com o Rei Josias na reforma e eram amigos de Jeremias incluíam Aicã e seu pai, Safã ([Jr 26.24](#)); Gedalias, filho de Aicã ([39.14](#)), que mais tarde se tornou governador; Achbor, filho de Micaías, também chamado Abdom, cujo filho Elnatã juntou-se à oposição ([26.22](#)), mas depois se arrependeu ([36.25](#)); e Asaías ([2Cr 34.20](#)). Os profetas Naum e Sofonias também influenciaram o movimento de reforma, que deve ter atingido seu clímax sob a pregação de Habacuque e Jeremias, o ministério sacerdotal de Hilquias e as profecias da profetisa Hulda. Durante o reinado do Rei Josias, Jeremias falou sem o medo de perseguição que atormentou seu ministério posterior. Embora o conteúdo do livro de Jeremias às vezes pareça fragmentado, a maioria dos capítulos [1–19](#) data da época de Josias.

A descoberta do Livro perdido da aliança nos escombros do Templo pode ser a razão para as palavras em [Jeremias 15.16](#): “Tu falaste comigo, e eu prestei atenção em cada palavra. Ó SENHOR, Deus Todo-Poderoso, eu sou teu, e por isso as suas palavras encheram o meu coração de alegria e de felicidade” (NTLH). As palavras “É verdade, ó Senhor” ([Jr 11.5](#)) em um contexto que relembra as palavras de Moisés na Torá podem ser a resposta de Jeremias após ouvir o rei Josias ler o livro recém-encontrado.

Pequenas cidades e áreas rurais, incluindo sua cidade natal, ouviram a denúncia de Jeremias sobre

os altos lugares e a idolatria. Eles procuraram matar o jovem profeta, ou pelo menos intimidá-lo ([11.21](#)). Em vez de se calar, Jeremias afirmou que sua motivação era para o bem deles e condenou sua resistência à verdade como seu maior perigo.

Pouco depois de Jeremias iniciar seu ministério, uma série de eventos que mudaram o mundo ocorreu. Assurbanípal morreu e o Império Assírio rapidamente entrou em declínio. Nabopolassar iniciou um reinado de 21 anos na Babilônia, liderando uma expansão que culminou com a subjugação do mundo conhecido por seu filho Nabucodonosor. À medida que as notícias mundiais chegavam, Jeremias voltou-se mais para Jerusalém. Seus primeiros discursos no Templo (caps [7-10](#)) podem ter sido proferidos nessa época.

Nabopolassar sentiu que sua força era suficiente para lançar um ataque contra o território assírio em 616 a.C., mas avançou com cautela porque Psamtik I (Psamético) do Egito parecia pronto para ajudar a Assíria. Ciáxares da Média atacou a Assíria quando a Babilônia hesitou e tomou sua cidade mais sagrada, Assur, em 614 a.C. A Babilônia juntou-se à Média, juntamente com a Cítia, e lançou um ataque contra Nínive, que caiu no final do verão de 612 a.C. O Império Assírio havia encolhido para duas pequenas possessões, Harã e Carquemis.

Nabopolassar tomou Harã em 610, e Assurubalite, tendo escapado, apelou ao Egito por ajuda em Carquemis. Neco, que havia se tornado Faraó dentro do ano, respondeu imediatamente. Ele marchou através de Judá sem dar aviso prévio a Josias e pediu que os judeus não o incomodassem devido à sua pressa para ir ao norte ([2Cr 35.21](#)). Ignorando o pedido, Josias os perseguiu até Megido e foi ferido na batalha que se seguiu; ele morreu em Jerusalém.

Ministério durante o reinado de Jeoaquim

No lugar de Jeoás, o quarto filho de Josias, que reinou apenas três meses, Faraó Neco entronizou Jeoaquim (Eliaquim). Neco exigiu pesadas indenizações de Judá e levou Jeoás como prisioneiro como garantia para assegurar o pagamento ([2Rs 23.31-33](#)).

No início do reinado de Jeoaquim, Jeremias, movido pelo Espírito de Deus, proferiu seu terceiro discurso no Templo ([Jr 26](#)) durante uma das festas anuais judaicas. Ele convocou o povo a se arrepender e a agir com base na revelação que tinham ouvido repetidamente do Livro da Lei. A crítica do sermão veio com o aviso: “Eu, o SENHOR, disse que vocês devem me obedecer e seguir o

ensino que lhes dei. Escutem o que os meus servos, os profetas, dizem. Eu sempre os tenho enviado, mas vocês não têm obedecido às suas palavras. Se vocês não escutarem, eu farei com este Templo o mesmo que fiz com Siló; e todas as nações do mundo usarão o nome dessa cidade para rogar pragas” ([26.4-6](#), NTLH). Siló foi o coração da adoração judaica de Josué a Samuel, mas após ser destruída pelos filisteus, nunca se recuperou. Serviu como exemplo de desolação completa após o julgamento de Deus nos dias de Eli.

Multidões se reuniram rapidamente e reagiram com raiva contra Jeremias. Sacerdotes e príncipes apressaram-se para o Novo Portão, onde um tribunal foi estabelecido para trazer ordem e controlar a violência. Jeoaquim não ajudaria Jeremias, pois ele havia se recusado a ouvir as mensagens de Deus ([Jr 22.21](#)). Os sacerdotes e falsos profetas falaram contra Jeremias, chamando-o de traidor. Então, alguns dos anciãos falaram ao povo sobre Urias, que havia profetizado a mesma mensagem. Em vez de arriscar um desastre, Aicão persuadiu o tribunal a poupar Jeremias.

O Egito controlou a Palestina e a Síria após a decadência do Império Assírio. Em 606 a.C., o Egito conseguiu aniquilar uma cidade-guarnição de soldados babilônicos ao sul de Carquemis e então reocupou Carquemis para aguardar o contra-ataque da Babilônia. Essa vitória egípcia resultou em perseguição para Jeremias, que frequentemente era acusado de falsa profecia (cf. [Jr 20](#)).

Jeremias nunca confiou no Egito. Sempre que um líder judeu buscava uma nova aliança com o Egito, Jeremias repetia a mensagem de Deus contra isso. Quando um grupo judeu fugia para o Egito em busca de segurança, Jeremias alertava sobre coisas piores naquela terra de falso refúgio (veja [Jr 44.26-27](#)). A ode e profecia de Jeremias no capítulo [46](#) descrevem poeticamente a derrota do Egito em Carquemis, quando Nabopolassar enviou seu filho Nabucodonosor para destruí-los (605 a.C.). Após esmagar o exército egípcio em Carquemis, Nabucodonosor perseguiu o inimigo através de Judá. “Nem um único homem escapou para seu próprio país”, diz o registro babilônico exagerado. A morte de seu pai, no entanto, o impediu de invadir o Egito, e ele retornou à Babilônia para assumir o trono. No ano seguinte, Nabucodonosor, agora rei da Babilônia, voltou para aceitar a homenagem dos governantes de Judá, Síria e Fenícia. Nesta ocasião, Deus deu a Jeremias sua

grande profecia de 70 anos ([Jr 25.11-12](#)), que se tornou a base de [Daniel 9.2.24-27](#).

Um ano após a batalha decisiva em Carquemis, Baroque, o escriba de Jeremias, terminou de registrar todas as palavras ditadas por Jeremias e estava lendo este rolo no Templo. Um relatório chegou ao rei, que enviou Jeudi, um servo, para buscar o rolo e lê-lo para ele. Quando isso foi feito, Jeoaquim queimou o rolo, apesar de seus conselheiros terem implorado que o rei não o fizesse ([Jr 36.23-25](#)). A mensagem de Deus, logo reescrita, acrescentou uma promessa de julgamento terrível sobre Jeoaquim (vv. [27-31](#)).

O ambicioso jovem Nabucodonosor estava determinado a adicionar o Egito ao seu domínio. Em 601 a.C., ele liderou suas forças através de Judá novamente, mas Neco teve aviso prévio e estava preparado para o ataque. No deserto de Sur, Nabucodonosor sofreu uma derrota. Encorajados por essa demonstração de força defensiva egípcia, os partidos pró-Egito em Judá se afirmaram, persuadindo Jeoaquim a liderá-los para a liberdade da Babilônia, fazendo uma aliança com o Egito ([2Rs 24.1](#)). Mas a ajuda do Egito não veio (v. [7](#)).

Em 599 a.C., Nabucodonosor armou aqueles que cercavam o reino judeu rebelde para assediar os judeus, o que eles fizeram de bom grado ([2Rs 24.2](#)). Evidentemente, Jeoaquim perdeu a vida em uma dessas incursões. Como o povo o desprezava, seu corpo foi jogado fora sem sepultamento honroso, como Jeremias havia predito ([Jr 22.19](#)).

Ministério durante o reinado de Zedequias

O cerco de Nabucodonosor a Jerusalém em 598 a.C. durou pouco tempo porque o novo rei, Jeoaquim, coroado aos 18 anos, sabia que a resistência era inútil. Ele se entregou, com toda a sua família e corte, em março de 597 a.C., após servir como rei por cerca de três meses. A Crônica Babilônica afirma: "Ele [Nabucodonosor] tomou a cidade e capturou o rei".

Jeoquim foi levado para Babilônia junto com 8.000 ([2Rs 24.16](#); cf. v. [14](#)) oficiais, artesãos e executivos (Ezequiel entre eles) e muitos despojos. No lugar dele, Nabucodonosor nomeou Zedequias, tio de Jeoaquim, para governar. Zedequias passou a organizar seu governo com a ajuda menos capaz e inexperiente deixada após a deportação.

Jeremias assumiu seu difícil ministério, chamando os judeus a acreditarem em Deus, obedecerem às leis da Babilônia e rejeitarem falsas esperanças no Egito. Zedequias ignorou esses apelos, ouvindo em

vez disso o conselho imprudente de seus conselheiros ([Jr 37.1-2](#)). Durante o primeiro ano do reinado de Zedequias, Jeremias recebeu a visão dos dois cestos de figos. Os judeus levados para Babilônia eram como figos bons, enquanto Zedequias e aqueles que confiavam no Egito eram como figos podres ([24.1-8](#)). A razão para essa descrição repreensiva era que os judeus começaram a tramar uma rebelião contra Babilônia junto com Edom, Moabe, Amom, Tiro e Sidom desde o início do reinado de Zedequias ([27.1-3](#)), quebrando assim seu juramento de lealdade a Nabucodonosor e repudiando a mensagem de Deus através de Jeremias.

No Egito, o Faraó começou a renovar planos para organizar dissidentes dentro do Império Babilônico para se revoltarem. Ele contratou soldados judeus para ajudá-lo a proteger sua fronteira sul. Os soldados judeus se estabeleceram em uma ilha do Nilo chamada Elefantina, ou Yeb (593-410 a.C.). Jeremias dirigiu um oráculo a esses judeus (cap. [44](#)). O tratado para que os judeus ajudassem no Egito evidentemente também pressupunha que os egípcios ajudariam Israel. Quando os babilônios sitiaram Jerusalém em 589, o Faraó Hofra veio em auxílio de Zedequias. Nabucodonosor, governando de Ribla, ordenou que o cerco contra Jerusalém fosse levantado para fazer um ataque surpresa a Hofra ([37.5](#)). A liberação deu a Jeremias a oportunidade de viajar para Anatote para garantir alguma propriedade da família (v. [12](#)). No entanto, Jerias, capitão da guarda, prendeu Jeremias no Portão de Benjamim por supostamente desertar para o inimigo, e ele foi espancado e jogado em uma masmorra. O rei Zedequias o trouxe após muitos dias para obter uma previsão. Com ousadia característica, Jeremias disse ao rei que ele em breve se tornaria um cativo. Ao mesmo tempo, Jeremias pediu alívio da injustiça para si mesmo. Ele conseguiu parte de seu pedido, mas continuou como prisioneiro no pátio da guarda.

O exército babilônico perseguiu o Faraó Hofra de volta ao Egito e retornou para destruir Jerusalém sem misericórdia. O cerco, que começou em 589 a.C., foi retomado com rigor em janeiro de 588, no nono ano de Zedequias ([39.1](#)). Durante esse tempo, o Senhor deu a Jeremias o conhecimento prévio de uma visita de um primo que desejava vender um campo perto de Anatote ([32.7-9](#); cf. [37.12](#)). Jeremias comprou o campo como uma lição objetiva para confirmar a mensagem de restauração após um cativeiro de 70 anos ([29.10](#)).

Os exércitos da Babilônia cortaram todos os suprimentos de Jerusalém e conseguiram destruir as duas últimas fortalezas judaicas remanescentes de Laquis e Azeca (34.7). A comida tornou-se escassa. A doença se espalhou. Esgoto não tratado e água de cisterna impura causaram pestilência. Com o aumento da aflição, veio o apelo crescente de Jeremias para que a cidade se rendesse.

Jeremias permaneceu no pátio da prisão até que os babilônios romperam a muralha da cidade em julho de 586 a.C. O rei escapou à noite e conseguiu chegar às planícies de Jericó, mas foi capturado lá e levado para Ribla. A família e os conselheiros de Zedequias foram mortos; ele próprio foi cegado e levado acorrentado para a Babilônia, onde morreu pouco depois (39.6-7).

De volta a Jerusalém, Nebuzaradã, o general babilônico, enviou a maioria dos judeus para o cativeiro. Jeremias, no entanto, recebeu tratamento especial; após ser libertado da prisão, ele foi colocado sob os cuidados de Gedalias, filho de Aicão.

Depois da queda de Jerusalém

Um mês após a queda de Jerusalém, a cidade foi incendiada e as muralhas foram derrubadas. Gedalias foi nomeado governador da comunidade agrícola restante, com sede em Mispa. Jeremias voltou para Jerusalém, onde, segundo a tradição, estabeleceu-se em uma gruta perto do que hoje é conhecido como Calvário de Gordon. Lá, ele escreveu o livro das Lamentações.

O rei dos amonitas Baalis, planejando uma rebelião contra Babilônia, instigou o assassinato de Gedalias (40.13). Na reação que se seguiu, o povo restante seguiu o líder Joanã Ben Careá até um acampamento perto de Belém, com a intenção de ir para o Egito. Eles pediram a Jeremias, em Jerusalém, orientação do Senhor, prometendo obediência. A mensagem de Jeremias exigia que eles permanecessem em Israel e não fossem para o Egito. A desobediência foi completa e imediata. Temendo Babilônia, eles partiram de Judá, levando Jeremias com eles, e entraram no Egito (41.16-43.7).

Jeremias não interrompeu seu ministério no Egito. Sua mensagem em Tafnes (43.8-12) assegurou uma conquista vitoriosa da terra por Nabucodonosor, que ocorreu em 568-567 a.C.

Judeus de todas as partes do Egito se reuniram para discutir seu futuro como exilados. Jeremias aproveitou a oportunidade para denunciar sua

idolatria. Mulheres judias, assim como os homens, argumentaram que haviam desfrutado de prosperidade enquanto serviam ídolos, mas sofreram desde que pararam. Jeremias condenou sua cegueira obstinada à realidade e apresentou a acusação de Deus. Como um sinal de verificação, Jeremias previu que o Faraó Hofra do Egito seria assassinado (44.30), o que aconteceu em 466 a.C.. Nenhum registro posterior dos atos de Jeremias existe na Bíblia. A tradição diz que Jeremias foi apedrejado até a morte pelo povo do assentamento de exilados judeus em Tafnes.

Embora Jeremias tenha sofrido rejeição contínua durante sua vida, ele foi honrado por numerosos apócrifos e embelezamentos tradicionais em sua história. Jesus pode muito bem ter tido Jeremias em mente quando disse: "Pois vocês fazem túmulos bonitos para os profetas e enfeitam os monumentos das pessoas que viveram de modo correto. E dizem: 'se tivéssemos vivido no tempo dos nossos antepassados, não teríamos feito o que eles fizeram, não teríamos matado os profetas'. Assim vocês confirmam que são descendentes daqueles que mataram os profetas" (Mt 23.29-31, NTLH).

Veja Israel, História de; Jeremias, Livro de; Profeta, Profetisa.

2. Chefe de família na porção de Manassés em Transjordânia que Tiglate-Pileser levou cativo (1Cr 5.23-26; cf. 2Rs 15.29).

3. Pai de Hamutal, uma esposa do Rei Josias (2Rs 23.31; 24.18).

4. Arqueiro e atirador de funda benjamita ambidestro que se juntou a Davi em Ziclague (1Cr 12.4).

5, 6. Dois soldados gaditas que se juntaram ao exército de Davi (1Cr 12.10,13).

7. Sacerdote pós-exílico que, junto com Neemias, selou o pacto, renovando a promessa do povo de obedecer às leis de Deus (Ne 10.2). Ele é mencionado novamente (12.34) como parte da procissão para a dedicação do novo muro de Jerusalém.

8. Sacerdote que voltou do exílio com Zorobabel (Ne 12.1) e tornou-se chefe de uma família de sacerdotes (v. 12).

9. Pai de Jazania, um recabita que se recusou a beber vinho (Jr 35.3).

Jeremote

1. Um dos nove filhos de Bequer e um líder na tribo de Benjamim ([1Cr 7.8](#)). Seu nome é traduzido como Jerimote em algumas versões.
2. Benjamita, filho de Berias e chefe de sua família que vivia em Jerusalém ([1Cr 8.14](#)).
3. Levita da família de Merari e um dos três filhos de Musi registrados durante o reinado de Davi ([1Cr 23.23](#)). Seu nome é alternadamente escrito Jerimote em [1 Crônicas 24.30](#).
4. O filho de Hemã e o líder da 15ª das 24 divisões de músicos treinados para o serviço na casa do Senhor ([1Cr 25.22](#)). Aqui e também em [1 Crônicas 25.4](#) seu nome é escrito Jerimote.
5. Filho de Azriel e oficial-chefe da tribo de Naftali durante o reinado de Davi ([1Cr 27.19](#)). Seu nome é escrito como Jerimote em alguns textos.
6. Um dos descendentes de Elão que foi incentivado por Esdras a se divorciar de sua esposa estrangeira durante o período pós-exílico ([Ed 10.26](#)).
7. Um dos descendentes de Zatu que foi incentivado por Esdras a se divorciar de sua esposa estrangeira ([Ed 10.27](#)).
8. Um dos descendentes de Bani que foi encorajado por Esdras a se divorciar de sua esposa estrangeira ([Ed 10.29](#)).

Jerias

Um guarda da tribo de Benjamim que prendeu o profeta Jeremias quando ele estava saindo de Jerusalém para inspecionar uma propriedade que tinha o direito de comprar ([Jr 32.6-7](#)). Jerias acusou Jeremias de tentar se juntar ao exército babilônico. Por causa dessa acusação falsa, os oficiais mandaram espancar Jeremias e colocá-lo na prisão ([37.13-14](#)).

Jerias

Levita da família de Coate e chefe da casa de Hebrom ([1Cr 23.19](#); [24.23](#)). Davi colocou Jerias e outros levitas para gerenciar os assuntos religiosos e civis do reino ([26.31](#)).

Jeribai

Filho de Elnão e um dos valentes de Davi ([1Cr 11.46](#)).

Jericó

Cidade antiga no lado oeste do rio Jordão. O nome Jericó pode ser conectado ao antigo nome do deus da lua cananeu. As palavras hebraicas para lua, mês, lua nova e Jericó são muito semelhantes. Outros a associam com a palavra para espírito ou cheiro, assumindo que as fragrâncias agradáveis das frutas e especiarias que cresciam neste oásis ocasionaram o nome do lugar. O AT ocasionalmente a chama de “a cidade das palmeiras” (p. ex., [Dt 34.3](#); [2Cr 28.15](#)).

Jericó estava localizada no lado oeste do rio Jordão, a cerca de 8 quilômetros das travessias mais ao sul e a cerca de 16 quilômetros a noroeste do Mar Morto. Estando na parte ampla da planície do Jordão, fica quase 305 metros abaixo do nível do mar e cerca de 1.067 metros abaixo de Jerusalém, que estava a apenas 27 quilômetros de distância. Este fato topográfico simples explica as palavras adicionais na parábola de Jesus do bom samaritano, “de Jerusalém até Jericó” ([Lc 10.30](#)).

História

Registro pré-bíblico

Jericó foi uma cidade grande e próspera por séculos, até milênios, antes que a Bíblia a mencionasse primeiro em conexão com o êxodo do Egito. Na verdade, Jericó é uma das cidades mais antigas do mundo, com vestígios que datam do período Neolítico, há 10.000 anos ou mais.

Por três razões, os povos primitivos teriam escolhido este local, primeiro como um assentamento e, eventualmente, como uma cidade chave: (1) Possui uma fonte abundante, agora chamada de Fonte de Eliseu (cf. [2Rs 2.18-22](#)). (2) Tem um clima ameno no inverno, embora “quente” descreva-a melhor no verão. (3) Está estrategicamente localizada em uma travessia do Jordão e na base de várias rotas que levam para o oeste, até as colinas.

As idas e vindas de várias populações podem ser reconstruídas apenas a partir de dados arqueológicos não inscricionais. As civilizações cresceram mais complexas ao longo dos anos, indo de uma simples economia de coleta de alimentos

no início para a sociedade urbana relativamente complexa, preenchida com rei, soldados e casas de hóspedes, que Josué encontrou. A primeira identificação certa de seus habitantes ocorre em [Números 13.29](#): “Os heteus, os jebuseus e os amorreus moram nas montanhas. Os cananeus vivem perto do mar Mediterrâneo e na beira do rio Jordão” (NTLH).

No Antigo Testamento

A Jericó do AT é mais conhecida como a primeira cidade tomada pelos israelitas invasores através do milagre dos muros que caíram. Tendo passado algum tempo na margem leste do Jordão nas planícies de Moabe ([Nm 22.1](#); [26.3.63](#)), os israelitas a escolheram como o primeiro objetivo militar na Conquista. Josué enviou espiões para reconhecer a terra e a cidade. Raabe, a meretriz, os levou e mais tarde projetou a fuga deles. Por sua cooperação, ela e sua família foram poupados quando Israel destruiu a cidade ([Js 2, 6](#)). A queda da própria cidade ocorreu depois que os israelitas haviam marchado ao redor dela em silêncio, exceto pelo toque contínuo de trombetas, uma vez por dia durante seis dias e depois sete vezes no sétimo dia. Então, enquanto os sacerdotes tocavam as trombetas, as pessoas gritavam e os muros caíram.

Josué colocou uma maldição sobre qualquer um que pudesse reconstruir Jericó ([Js 6.26](#)). A maldição foi cumprida cerca de 500 anos depois, quando Hiel reconstruiu a cidade ao preço de dois de seus filhos ([1Rs 16.34](#)).

Jericó ficava no território de Benjamim, mas bem na fronteira com o território de Efraim ao norte ([Js 16.1.7](#); [18.12.21](#)) e aparece em incidentes espalhados no resto do AT. Em [2 Samuel 10.5](#) (veja também [1Cr 19.5](#)) Davi fez com que seus representantes humilhados esperassem lá até que suas barbas voltassem a crescer. Serviu como uma espécie de sede para Eliseu e aparentemente era onde uma “companhia dos profetas” vivia ([2Rs 2.5](#); cf. [1Sm 10.5](#)). Durante o tempo de Acáz, um retorno de prisioneiros ocorreu lá ([2Cr 28.15](#)). Quando Jerusalém caiu em 586 a.C., o rei em exercício, Zedequias, fugiu para perto de Jericó, mas foi pego pelos babilônios, que mais tarde furaram seus olhos em Ribla, na Síria ([2Rs 25.5](#); [Jr 39.5](#); [52.8](#)). As últimas referências do AT a Jericó estão nas listas do censo de Esdras ([Ed 2.34](#)) e Neemias ([Ne 7.36](#)). Os homens de Jericó também ajudaram a reconstruir o muro de Jerusalém ([3.2](#)).

No Novo Testamento

Primeiro, deve ser entendido que a Jericó dos tempos do NT foi construída por Herodes a mais de um quilômetro ao sul do local do AT, na foz do Wadi Qilt. É possível esclarecer os episódios de cura dos homens cegos nos Evangelhos sinóticos entendendo que Jesus estava passando pelo local da antiga Jericó ([Mt 20.29](#); [Mc 10.46](#)) e se aproximando da Jericó herodiana ([Lc 18.35](#)). A cidade moderna de Jericó inclui ambos esses locais. Passando por Jericó ([19.1](#)), Jesus encontrou e comeu com Zaqueu, o rico chefe dos cobradores de impostos da nova Jericó romana. A cidade também figura na parábola do bom samaritano ([10.30-37](#)).

Registro pós-bíblico

Enquanto a antiga Jericó teve pouca relevância após sua destruição sob Josué, a Jericó de Herodes era uma cidade de beleza e importância. Mas até esta cidade caiu em decadência com o declínio da influência romana no Oriente Médio. Muito do que sabemos da cidade até os tempos modernos vem dos escritos de peregrinos à Terra Santa. Eles geralmente relatam ver certas coisas de significado bíblico, como a árvore que Zaqueu escalou, mas também relatam que Jericó era uma aldeia muçulmana degradante e miserável. E foi assim até tempos relativamente recentes, quando cresceu em tamanho e importância como uma grande cidade da Cisjordânia.

Jeriel

Filho de Tola da tribo de Issacar ([1Cr 7.2](#)).

Jerijá

Ortografia alternativa de Jerias, um levita coatita, em [1 Crônicas 26.31](#). A Bíblia TB2010 usa essa grafia. Veja Jerias.

Jerimote

1. Um dos cinco filhos de Bela e um líder na tribo de Benjamim ([1Cr 7.7](#)).
2. Ortografia alternativa de Jeremote, filho de Bequer, em [1 Crônicas 7.8](#). Veja Jeremote #1.
3. Benjamita é um dos guerreiros ambidestros que vieram apoiar Davi em Ziclague ([1Cr 12.5](#)).

4. Ortografia alternativa de Jeremote, filho de Musi, em [1 Crônicas 23.23](#) e [24.30](#). Veja Jeremote #3.
5. Ortografia alternativa de Jeremote, filho de Hemã, em [1 Crônicas 25.4](#) e [25.22](#). Veja Jeremote #4.
6. Ortografia alternativa de Jeremote, filho de Azriel, em [1 Crônicas 27.19](#). Veja Jeremote #5.
7. Filho de Davi e pai de Maalate. Maalate era casada com o rei Roboão de Judá ([2Cr 11.18](#)).
8. Um dos levitas que ajudou na administração das contribuições do templo durante o reinado do rei Ezequias ([2Cr 31.13](#)).

Jerote

Uma das esposas de Calebe, de acordo com [1 Crônicas 2.18](#).

Jeroão

1. Levita da família de Coate, pai de Elcana e antepassado do profeta Samuel e de Hemã, o cantor. Hemã era músico no santuário durante o reinado de Davi ([1Sm 1.1](#); [1Cr 6.27,34](#)).
2. Benjamita cujos filhos viviam em Jerusalém e eram líderes entre seu povo ([1Cr 8.27](#)). Ele talvez seja idêntico ao #3 abaixo.
3. Benjamita e pai de Ibnéias. Ibnéias, chefe de sua família, retornou a Jerusalém do exílio na Babilônia ([1Cr 9.8](#)).
4. Descendente de Pasur e pai de Adaías, o sacerdote. Adaías retornou a Jerusalém após o exílio ([1Cr 9.12](#); [Ne 11.12](#)).
5. Benjamita de Gedor, cujos dois filhos, Joela e Zabadias, apoiaram Davi em Ziclague ([1Cr 12.7](#)).
6. Pai de Azarel, o principal oficial dos danitas durante o reinado de Davi ([1Cr 27.22](#)).
7. Pai de Azarias, um dos comandantes que foi fundamental na remoção da rainha Atalia do trono de Judá para abrir caminho para Joás, o legítimo candidato ([2Cr 23.1](#)).

Jeroboão

Nome de dois reis que reinaram no reino do norte de Israel: Jeroboão I (930–909 a.C.), o fundador e

primeiro monarca das 10 tribos de Israel, e Jeroboão II (793–753 a.C.), o 14º rei do reino do norte.

1. Jeroboão I era filho de Nebate da tribo de Efraim. Ele também serviu ao Rei Salomão ([1Rs 11.26](#)) e seus esforços foram recompensados com sua nomeação como supervisor de uma força de trabalho efraimita. Jeroboão, portanto, ajudou a reconstruir uma seção importante das defesas de Jerusalém (vv. [27–28](#)). Este jovem eficiente e energético não permaneceu por muito tempo ao serviço de Salomão, no entanto. A origem de Jeroboão, o orgulho de sua tribo e a opressão de Salomão resultaram em um jovem rebelde. O silonita, o profeta de Siló, encontrou Jeroboão fora de Jerusalém um dia e fez algo surpreendente — ele rasgou uma nova vestimenta que estava usando em 12 pedaços e deu 10 deles a Jeroboão ([1Rs 11.29–30](#)). O silonita simbolicamente mostrou a Jeroboão que Deus lhe daria 10 tribos e deixaria a linha davídica intacta (vv. [31–39](#)). A idolatria de Salomão trouxe este julgamento sobre a linha davídica (v. [33](#)). Embora detalhes precisos de uma revolta não sejam dados (v. [7](#)), Jeroboão fugiu para o Egito para salvar sua vida (v. [40](#)).

Após a morte de Salomão, Jeroboão retornou à Palestina e se aproximou de Roboão, filho de Salomão, com um pedido para que seu programa de opressão cessasse ([1Rs 12.1–4](#)). Roboão pediu três dias para consultar seus conselheiros antes de responder (vv. [5–11](#)). O conselho dos conselheiros mais velhos foi em direção à clemência, mas os jovens impetuosos prevaleceram com seu conselho de aumento de impostos e trabalho forçado (vv. [12–14](#)).

Os israelitas responderam rejeitando Roboão. Jeroboão foi rapidamente eleito rei das tribos do norte ([1Rs 12.20](#)), e um cessar-fogo inquieto estabilizou temporariamente as relações entre os dois reinos após a sua divisão (930 a.C.).

Sendo ambicioso e habilidoso, Jeroboão construiu duas cidades capitais, uma em Siquém (cf. [Gn 12.6–8](#); [Js 8.30–35](#)), no território a oeste do Jordão, e outra em Peniel (cf. [Gn 32.30](#); [Jz 8.17](#)), a leste do Jordão ([1Rs 12.25](#)). Ele reinstituiu o culto aos bezerros de ouro, substituindo a adoração a Jeová por uma religião antiga. Ele mudou os centros de adoração, o objeto de adoração, o sacerdócio e o tempo de adoração. Os novos centros tornaram-se Betel e Dã (v. [29](#)); Betel era um lugar de adoração patriarcal ([Gn 28.10–22](#); [31.13](#); [35.1–7](#)), e Dã era o local de uma adoração levítica renegada

estabelecida para a tribo de Dã nos dias dos juízes ([Jz 18](#)).

O objeto de adoração tornou-se o bezerro ídolo ([1Rs 12.28](#)). A adoração baseava-se na participação de Arão no primeiro caso dessa idolatria em Israel. Arão havia apresentado o bezerro de ouro no Sinai como uma representação visível do invisível Yahweh, que havia tirado Israel do Egito ([Êx 32.4-5](#)). Esta religião negativa ainda teria um apelo para os adoradores de Yahweh. O estabelecimento prévio dessa adoração por Arão aumentou o apelo para aqueles que estavam relutantes em se separar da metodologia levítica. Os levitas em Dã também contribuiriam para a autenticação da adoração ao bezerro.

Sem dúvida, a estadia de Jeroboão no Egito contribuiu para essa mudança de eventos. A adoração dos egípcios a Amon-Re, o deus do sol, incluía sua representação como um touro. O touro na adoração egípcia era destinado a representar visivelmente uma divindade invisível. Esse conceito poderia ter sido facilmente transferido pelos israelitas para sua adoração ao invisível Yahweh.

A idolatria de Jeroboão resultaria na destruição final de sua linhagem ([1Rs 13.33-34](#)). Um resultado imediato foi a morte de seu filho Abias ([14.1-18](#)). O plano de Jeroboão para enganar o profeta silonita falhou e se tornou o meio de pronunciar julgamento sobre a casa de Jeroboão e o reino do norte (vv. [7-16](#)). Uma manifestação do declínio gradual de Israel foi a derrota que Jeroboão sofreu nas mãos de Abias de Judá ([2Cr 13.1-20](#)).

Jeroboão I morreu após reinar 22 anos sobre Israel ([1Rs 14.19-20](#)). Seu único filho restante, Nadabe, governou por apenas dois anos antes de ser assassinado por Baasa da tribo de Issacar ([1Rs 14.20; 15.25-31](#)). Toda a casa de Jeroboão foi então exterminada por Baasa, cumprindo a profecia do silonita sobre o fim da dinastia de Jeroboão. No entanto, até mesmo Baasa seguiu os passos da apostasia de Jeroboão ([1Rs 15.34](#)).

2. Jeroboão II, filho de Joás (798-782 a.C.), reinou sobre Israel por mais tempo do que qualquer outro rei do norte, mesmo tendo seguido o mau exemplo de seu homônimo ancestral, Jeroboão I ([2Rs 14.23-24](#)). Seu reinado de 41 anos incluiu uma corregência de 11 anos com seu pai. Evidentemente, Joás tomou medidas para garantir a estabilidade de seu reino antes de enfrentar

Amazias de Judá em batalha ([2Rs 14.8-14; 2Cr 25.5-24](#)).

Jeroboão II governou na cidade de Samaria ([2Rs 14.23](#)). As evidências arqueológicas em Samaria indicam um programa de reconstrução no palácio real durante os prósperos reinados de Joás e Jeroboão II. Em 1910, os escavadores encontraram mais de 60 cacos de cerâmica inscritos que eram faturas ou rótulos para óleo e vinho enviados aos armazéns reais para uso no serviço do rei. O número limitado de nomes de lugares (27) nos cacos indica que os envios dessas mercadorias não eram uma cobrança de impostos em todo o país, mas provavelmente provinham de propriedades pertencentes à casa real. Estes ilustram as extensas posses e a opulência da casa real em Israel durante o reinado de Jeroboão II.

Grandes quantidades de placas e painéis decorativos esculpidos em marfim também foram encontradas nas ruínas de Samaria, um lembrete da riqueza do reino do norte em seus últimos dias. A influência das sociedades pagãs da Síria, Assíria e Egito pode ser vista nas várias figuras de divindades nos marfins.

O profeta Jonas, filho de Amitai, havia profetizado a aquisição de poder por Jeroboão II ([2Rs 14.25](#)). Embora o reinado de Jeroboão tenha ocorrido tardiamente na história do reino do norte, Deus ainda desejava demonstrar sua paciência e amor fiel em manter a aliança, oferecendo arrependimento a Israel (vv. [26-28](#)).

O reino do norte alcançou sua maior extensão desde os tempos de Salomão, resultado do cuidado de Deus por Israel durante o reinado de Jeroboão. As fronteiras se estendiam de Hamate, no rio Orontes ao norte, até o Golfo de Ácaba, com suas cidades de Elate e Ezion-Geber ao sul. No entanto, a prosperidade não foi suficiente para livrar Israel dos problemas internos e externos. A corrupção generalizada no governo e o estado espiritual degenerado do povo levaram Israel a dias tumultuados que culminariam na destruição total do reino do norte. A própria vida de Jeroboão deve ter estado em perigo devido a conspiradores. Amazias, um sacerdote em Betel, chegou a acusar o profeta Amós de conspirar para assassinar Jeroboão ([Am 7.8-17](#)). Na verdade, Amós havia profetizado o cativo de Israel e a queda da dinastia de Jeroboão. A palavra de Deus tornou-se uma ameaça para Jeroboão devido à dureza dos corações de todos em Israel, incluindo o rei.

A depressão econômica, a deterioração moral, a fraqueza política e a corrupção governamental contribuíram para acelerar a queda de Israel. Os grandes proprietários de terras, incluindo Jeroboão II, oprimiram os cidadãos menos abastados e forçaram pequenos proprietários a migrar de suas fazendas para as cidades.

Dentro de seis meses após a morte de Jeroboão II, a profecia sobre o fim da dinastia de Jeú (Jeroboão foi o quarto rei dessa linhagem) foi cumprida ([2Rs 14.29](#); [15.8-12](#); cf. [10.12-31](#)). Assim como o filho de Jeroboão I, Nadabe, foi assassinado, o filho de Jeroboão II, Zacarias, também foi assassinado. Trinta e um anos após a morte de Jeroboão II, as profecias sobre o cativo de Israel foram cumpridas (722 a.C.; [2Rs 17.5-41](#)).

Veja também Cronologia da Bíblia (Antigo Testamento); História de Israel.

Jerubaal

Nome dado a Gideão depois que ele destruiu um altar de Baal ([Jz 6.32](#)). O nome significa "que Baal contenda contra ele". Veja Gideão.

Jerubesete

Outro nome para o juiz israelita Gideão ([2Sm 11.21](#))

Veja Gideão.

Jeruel

Deserto localizado a sudeste de Tecoá, perto de En-Gedi, logo acima e a oeste do penhasco de Ziz ([2Cr 20.16](#)). Alguns a identificam com el-Hasasah.

Jerusa

Filha de Zadoque, esposa do rei Uzias de Judá e mãe do rei Jotão ([2Rs 15.33](#); [2Cr 27.1](#)).

Jerusalém

Uma cidade histórica sagrada para cristãos, judeus e muçulmanos. Foi a principal cidade da antiga

Palestina e agora é uma cidade importante no moderno Israel.

Resumo

- Qual é o significado do nome "Jerusalém"?
- Onde está localizada Jerusalém?
- História de Jerusalém

Qual é o significado do nome "Jerusalém"?

Significado no Egito

A menção mais antiga do nome aparece nos Textos de Execração Egípcios dos séculos 19 e 18 a.C. Provavelmente se escreve em português como *Urusalimum*.

Significado semita

No século XIV a.C., o nome aparece na correspondência de Abdi-Hepa de Tell el-Amarna, escrito como *Urusalim*. Mais tarde, é encontrado na inscrição do governante assírio Senaqueribe, escrito como *Ursalimmu*. Os dois elementos semíticos claros, *uru* (cidade) e *Salim* (um nome divino), criam o significado "a cidade do [deus] Salim". Hifenizar nomes geográficos para incluir elementos divinos era comum no antigo Oriente Próximo. A divindade Salim, ou Shalem (acádio, *Shulmanu*; compare Salomão), fazia parte do panteão amorita (compare [Ez 16.3](#)).

Como os textos mais antigos — egípcios, semíticos ocidentais e acadianos — apenas mencionam *urusalim*, e como o Antigo Testamento mostra que Jerusalém não era originalmente uma cidade hebraica, é provável que a origem semítica deste nome signifique "a cidade do [deus] Salim".

Significado em hebraico/aramaico

No hebraico do Antigo Testamento, Jerusalém é escrita como *yerushalayim*, e nas seções aramaicas, é *yerushalem*. O nome combina *yarah* (significando "fundar", veja [Jó 38.6](#)) e *shalem* (um nome divino). Isso dá o significado de "a fundação do [deus] Shalem." O *sh* em hebraico e aramaico é semelhante ao *s* acádio.

Significado em Grego

No Novo Testamento, Jerusalém traduz as duas palavras gregas *Ierousalem* e *Hierosoloma*. *Ierousalem* é a versão grega da forma aramaica do

Antigo Testamento. *Hierosoluma* utiliza a palavra grega *hieros* (santo) e é um trocadilho helenizado. Não corresponde à raiz semítica do nome nem à realidade histórica da cidade.

Onde Jerusalém está localizada?

Jerusalém está localizada a 31° 46' 45" de latitude norte e 35° 13' 25" de longitude leste. A cidade está a mais de 762 metros (2.500 pés) acima do nível do mar. Fica a cerca de 22,5 quilômetros (14 milhas) a oeste do extremo norte do Mar Morto e cerca de 53 quilômetros (33 milhas) a leste da costa do Mediterrâneo.

Jerusalém possui um clima mediterrâneo. De outubro a maio, chove, com cerca de 63,5 centímetros (25 polegadas) de chuva por ano. Em janeiro e fevereiro, ventos fortes frequentemente acompanham a chuva, e as temperaturas caem para perto de zero (veja [Ed 10.9](#)). O clima mais frio ocorre durante as chuvas mais intensas. Neve cai em dois de cada três anos. De maio a setembro, não chove, e a alta radiação solar provoca calor intenso.

Assim como Roma, Jerusalém é uma cidade sobre colinas. Cinco colinas formam a massa de terra nua, com cerca de 1,6 quilômetros (uma milha) de comprimento e 0,8 quilômetro (meia milha) de largura. Ravinas profundas a cercam de todos os lados, exceto ao norte. Ela está situada no cume do planalto central da Palestina. Está na encruzilhada da rota que conecta Hebrom, Belém, Siquém (Nablus) e pontos ao norte com a rota do Vale do Jordão e estradas para o Mediterrâneo. Isso torna Jerusalém central para o comércio do país.

A rodovia que atravessa as montanhas da Judeia em direção ao leste não podia passar ao sul de Jerusalém devido ao Mar Morto e seus penhascos íngremes. A cidade provavelmente foi ocupada por causa de sua localização comercial estratégica, apesar de não ter um suprimento significativo de água.

A água, essencial para a civilização, sempre foi escassa em Jerusalém. A única fonte permanente de água natural era a nascente em Giom, atualmente às vezes chamada de Fonte da Virgem, localizada no Vale de Cedrom, a leste da antiga fortaleza que Davi conquistou. Túneis foram cavados para acessar Giom quando Jerusalém estava sob cerco. Mais tarde, o Túnel de Siloé foi escavado através de quase 548,6 metros (1.800 pés) de calcário, permitindo que as águas de Giom fluíssem pela colina de Sião até o tanque de Siloé.

Mais ao sul, onde os vales de Cedrom e Hinnom se encontram, havia outra nascente chamada En-Rogel na Bíblia (agora Bir Eyyub). Como o nível do lençol freático diminuiu, essa fonte de água parou de fluir e mais tarde foi transformada em um poço.

Essas duas fontes não podiam sustentar uma grande população e estavam muito profundas no Vale de Cedrom para irrigação. Portanto, as pessoas criaram uma extensa rede de cisternas, reservatórios e conduítes de água para fornecer água extra desde os tempos antigos.

História de Jerusalém

O período pré-israelita

Ferramentas de sílex paleolíticas e mesolíticas do tipo aqueuliano encontradas na planície de Refaim são as evidências mais antigas de presença humana em Jerusalém. No início do quarto milênio a.C., um grupo estabelecido ocupou pela primeira vez a colina sudeste. Isso é demonstrado por artefatos encontrados em três sepulturas e cerâmica descoberta na rocha. Por volta de 1800 a.C., um muro básico cercava o topo da colina sudeste.

Na Bíblia, Abraão dá dízimos a Melquisedeque, o rei de Salém ([Gn 14.17-20](#)). Mais tarde ([Gn 22](#)), o grande patriarca visita uma área que se torna parte de Jerusalém, o Monte Moriá, onde Isaque quase foi sacrificado. [Segundo Crônicas 3.1](#) identifica o Monte Moriá como o monte do templo.

No século XV a.C., os hurritas, possivelmente os bíblicos horeus, entraram na Palestina. Por volta da mesma época em Jerusalém, começaram atividades significativas de construção, e métodos defensivos melhorados foram adicionados. A maioria dos escritores atribui esses projetos em Jerusalém ao movimento hurrita na região.

Período da conquista e colonização

Quando Gibeão fez paz com o exército de Josué ([Js 9](#)), Adoni-Zedeque, o rei de Jerusalém, aliou-se com os reis de Hebrom, Jarmute, Laquis e Eglom para atacar Gibeão. Josué então reuniu suas forças e derrotou a coalizão, matando todos os cinco reis em Maquedá ([Js 10.16-27](#)).

A tribo de Judá temporariamente assumiu o controle de Jerusalém e a incendiou após essa vitória ([Jz 1.8](#)). No entanto, os jebuseus retornaram à cidade ([Js 15.63](#); [1Cr 11.4-5](#)). Os jebuseus controlaram Jerusalém principalmente até a época de Davi.

A cidade serve como uma fronteira entre as terras tribais de Judá e Benjamim, marcando a fronteira sul do território de Benjamim. O termo "encosta sul dos jebuseus" provavelmente se refere à colina sudoeste ([Js 15.8](#); [18.16](#)). Os jebuseus provavelmente a controlavam naquela época.

Jerusalém de Davi

Os filisteus venceram no Monte de Gilboa, onde Saul e Jônatas morreram em batalha ([1Sm 31](#)). Então, Davi governou a tribo de Judá a partir de Hebrom. Enquanto isso, o filho sobrevivente de Saul, Isbosete, liderou as tribos do norte a partir de Maanaim.

Durante o conflito de dois anos que se seguiu, a casa de Davi se fortaleceu enquanto as forças de Isbosete enfraqueceram significativamente ([2Sm 3.1](#)). Este conflito terminou com a morte e decapitação de Isbosete, levando à dispersão de suas forças. Davi então se tornou o governante incontestável de todas as tribos de Israel.

No entanto, o novo monarca percebeu a necessidade de criar uma capital nacional que fosse aceita tanto pelo norte quanto pelo sul. Jerusalém permaneceu neutra durante o conflito porque estava cercada pelo território dos jebuseus. Além disso, era um local estrategicamente importante e comercialmente central para a jovem nação, tornando-se uma escolha ideal.

Durante os 33 anos do reinado de Davi em Jerusalém, ele transformou a cidade no centro de um império que se estendia do Egito até o Rio Eufrates. Ele realizou projetos de construção significativos e expandiu a cidade. Fortaleceu as muralhas dos cananeus e planejou expandir a cidade, possivelmente ao longo da encosta oriental de Sião.

Davi construiu uma residência real com tecnologia e materiais de Hirão, rei de Tiro ([2Sm 5.11](#)). [Neemias 12.37](#) sugere que este palácio pode ter sido próximo ao lado leste da colina sudeste. De uma janela desta casa, Mical viu Davi dançando de uma maneira que ela considerou vergonhosa ([2Sm 6.16-23](#)). Do telhado deste palácio, Davi viu Bate-Seba tomando banho ([2Sm 11.2-5](#)), e desta residência, ele planejou o assassinato do marido dela, Urias ([2Sm 11.14-25](#)).

Ao trazer a arca de Deus para Jerusalém, Davi demonstrou grande liderança ([2Sm 6.1-15](#)). Este ato sugeriu que Yahweh residiria lá. Pela primeira vez na história de Israel, ele uniu seus centros políticos e religiosos. Jerusalém tornou-se tanto

uma cidade santa quanto real. Como resultado, as pessoas a chamaram de "Cidade de Davi" ([2Sm 5.7](#)) e "Cidade de Deus" ([Sl 46.4](#)). Judeus adultos do sexo masculino viajavam para Jerusalém para festas e ofertas. Davi precisava tornar esse arranjo permanente construindo um templo para Yahweh. Davi desejava fazer isso ([2Sm 7](#)), mas Deus disse que essa tarefa era para o filho do rei.

O período do Primeiro Templo

Salomão aproveitou a crescente conscientização nacional sobre o tamanho e a influência do império davídico a seu favor. Como um líder inovador e dinâmico, ele transformou Jerusalém em um centro cosmopolita. Caravanas do Egito para a Babilônia e o comércio fenício com Elate, o Mar Vermelho e Ofir passavam por sua capital. A frota naval de Salomão viajava até Társis, provavelmente em uma ilha na costa oeste da Espanha. Essas viagens retornavam a cada três anos com mercadorias exóticas como:

- Macacos
- Pavões
- Prata
- Ferro
- Estanho
- Marfim
- Ouro

Muitas pessoas se mudaram para a capital ou vieram visitar. A fama de Salomão tornou-se lendária ([1Rs 10](#)).

Salomão foi um grande construtor na Jerusalém do Antigo Testamento. Seu projeto mais importante foi o primeiro templo. Construído no cume da colina do templo, levou sete anos para ser concluído, de abril ou maio de 966 a.C. a outubro ou novembro de 959 a.C. ([1Rs 6.1](#); [38](#)). Hirão forneceu tanto a tecnologia quanto as vigas de cedro.

Em [1 Reis 10.27](#), vemos uma imagem clara da riqueza que Salomão trouxe para Jerusalém: a prata era tão comum quanto pedras, e o cedro era tão abundante quanto o sicômoro. Estima-se que Jerusalém recebia até 17 milhões de dólares por ano (uma quantia muito grande de dinheiro).

Ironicamente, essa riqueza se tornou um fardo para o governo de Salomão. Ele gastou demais, e seus planos econômicos e políticos exigiam pesados impostos e trabalho forçado dos israelitas

([1Rs 4.7-19](#); [5.13-18](#); veja também [1Rs 9.20-23](#)). Esses problemas levaram a uma divisão no governo de Israel após a morte de Salomão, resultando em um reino dividido por volta de 930 a.C.

Quando o exército babilônico cercou Jerusalém em 588 a.C., eles a capturaram após muitos meses. A cidade foi destruída. Eles queimaram o templo e o palácio de Salomão e demoliram as muralhas da cidade. Saquearam os tesouros do templo e deportaram muitos cidadãos.

O período do Segundo Templo

Jeremias previu a destruição de Jerusalém e o cativeiro de 70 anos ([Jr 25.11](#); [29.10](#); veja também [2Cr 36.21](#); [Dn 9.2](#)). Em 538 a.C., após a queda da Babilônia, Ciro, rei da Pérsia, fez um famoso decreto ([2Cr 36.22-23](#); [Ed 1.1-4](#); veja também [Is 44.28](#); [45.1](#)).

Um pequeno grupo de judeus então retornou a Jerusalém com Sesbazar, um príncipe de Judá, e Zorobabel ([Ed 1.8-11](#); [2.2](#)). Em 515 a.C., o Segundo Templo foi oficialmente inaugurado, e a festa da Páscoa foi celebrada novamente em Jerusalém ([Ed 6.15-18](#)).

Esdras chegou a Jerusalém no sétimo ano de Artaxerxes ([Ed 7.7](#)). Supondo que isso se refira a Artaxerxes I, Esdras retornou em 458 a.C. Apenas um pequeno grupo sentiu a forte necessidade de fazer essa difícil jornada (veja *Antiguidades de Josefo* 11.1.3).

Comovido por relatos de condições difíceis ([Ne 1.3-4](#)), Neemias, no 20º ano de Artaxerxes (445 a.C.), deixou seu cargo como copeiro do rei para ir a Jerusalém. Enquanto os que retornaram anteriormente se concentraram no templo, Neemias focou nas muralhas da cidade. Ele fornece a descrição mais detalhada das muralhas e do layout da cidade de Jerusalém após o exílio ([Ne 2.11-16](#)). Impulsionado por seu entusiasmo e energia, o povo reconstruiu as muralhas em 52 dias ([Ne 6.15](#)).

O período romano

Em 40 a.C., com a ajuda dos partas, Antígono atacou e tomou Jerusalém, forçando Herodes a escapar à noite. Ele viajou para Roma, onde o Senado o nomeou "rei dos judeus" (veja [Mt 2.1](#)).

Com esse novo poder, Herodes reuniu duas legiões romanas e, em 37 a.C., expulsou permanentemente os partas. Isso marcou o início do longo e infame

governo de Herodes em Jerusalém, que durou 33 anos, de 37 a 4 a.C.

Jerusalém viveu anos prósperos e pacíficos durante o reinado de Herodes. Ele transformou a aparência da cidade, transferindo o centro do governo para a colina sudoeste. Lá, construiu um grande palácio, uma arena para esportes, um teatro e um extenso sistema de aquedutos.

Outros projetos de construção se concentraram na colina do templo. Herodes expandiu a antiga fortaleza macabeia em uma estrutura muito maior e a nomeou Antonia, em homenagem a Marco Antônio. Na área do templo, ele ampliou significativamente o caminho de caminhada nos lados norte e sul, dando-lhe uma forma retangular. Herodes começou a reconstruir o templo em 20 a.C., e ele não foi concluído até por volta de 64 d.C., apenas seis anos antes de Tito destruí-lo (veja [Jo 2.20](#)).

Veja também Israel, História de; Nova Jerusalém; Judaísmo; Sião; Filha de Sião.

Jerusalém, Nova

Frase que aparece apenas duas vezes na Bíblia, uma vez perto do início e outra perto do final do livro de Apocalipse ([Ap 3.12](#); [21.2](#)). Na primeira das grandes visões desse livro, o Cristo ressuscitado fala ao seu povo em meio ao seu conflito neste mundo. Entre suas promessas àqueles que conquistam está a de que um dia serão cidadãos da nova Jerusalém. A última das visões do livro mostra o cumprimento dessa promessa. Lá vemos não apenas o povo vitorioso de Deus, mas também a cidade que será seu lar em um novo mundo.

Isso, é claro, não responde à pergunta "O que é a nova Jerusalém?" Uma descrição de como ela é seria relativamente simples. Uma explicação do que *ela é* seria mais complicada.

Descrição da cidade

Um anjo leva João ao topo de uma montanha para mostrar-lhe a nova Jerusalém. No relato que se segue ([Ap 21.10-22.5](#)), a primeira coisa que João nota é a luz, como uma grande lâmpada semelhante a uma joia, que ilumina a cidade ("a glória de Deus", [21.11](#)). Em seguida, ele descreve suas muralhas e portões ([21.12-14](#)). Os 12 portões têm os nomes das tribos de Israel, e a muralha entre cada portão e o próximo forma um único "fundamento" ou bloco, que leva o nome de um dos 12 apóstolos de

Cristo. Em seguida, são dadas as medidas da cidade (vv. [15-17](#)). Ela tem 2.220 quilômetros de cada lado — não apenas em largura e comprimento, mas também em altura — e sua muralha tem 65,8 metros de espessura (ou altura?). Ao calcular esses equivalentes em metros e quilômetros, no entanto, perdemos o que João provavelmente teria considerado muito mais importante. De acordo com as unidades de medida bíblicas, a cidade tem 12.000 estádios de largura e sua muralha tem 144 côvados de espessura. Esses números são simbólicos; como múltiplos de 12, eles significam perfeição, assim como outras ocorrências de 12 em Apocalipse (e.g., [7.4-8](#)).

Depois disso, João descreve os materiais dos quais a nova Jerusalém é construída ([21.18-21](#)). O muro é de jaspe; suas camadas de fundação são incrustadas com outras pedras preciosas; seus portões são pérolas; e as ruas e edifícios dentro são feitos de “ouro transparente”. Quanto à cidade em si, João observa uma série de coisas que ela *não* tem (vv. [22-27](#)) — nenhum templo, nenhum sol ou lua, nenhuma noite, nenhum fechamento de seus portões e nenhum mal. Finalmente, há as três coisas maravilhosas que ela *tem* ([22.1-5](#)) — o rio da água da vida, a árvore da vida e o trono e a presença do próprio Deus.

Assim é a nova Jerusalém como João a descreve. Mas ele quer que não apenas imaginemos como a cidade se parece, mas que compreendamos o que ela significa.

História da cidade

A história do AT apresenta a cidade de Davi, a antiga Jerusalém, como o local onde o governo de Deus sobre seu povo e sua presença entre eles estavam centralizados. Nessa Jerusalém estavam tanto o templo, onde os sacerdotes serviam, quanto o trono dos reis que governavam como representantes de Deus. Era a metrópole, ou “cidade-mãe”, de Israel, o povo de Deus. Mas toda a Bíblia trata de Deus redimindo um povo para si, de todas as nações, em todas as épocas — um Israel maior do qual o Israel do AT é apenas a vanguarda. Portanto, é natural que a última revelação que a Bíblia oferece seja uma visão desse povo maior — finalmente em casa na verdadeira cidade-mãe, uma nova e maior Jerusalém.

Os profetas do Antigo Testamento testemunharam o declínio da antiga Jerusalém. Eles assistiram com tristeza e raiva enquanto ela desapontava a esperança de que estaria à altura de seu grande destino. À medida que se tornava infectada pelo

pecado e pela insensatez, e à medida que seus reis e sacerdotes traíam cada vez mais sua vocação, dois desses profetas, em particular, começaram a esperar por uma Jerusalém que um dia seria o que deveria ser. Ezequiel (caps. [40-48](#)) previu a cidade e seu templo reconstruídos em detalhes; Isaías (caps. [52, 60-66](#)) descreveu essa Jerusalém dos últimos dias em termos ainda mais brilhantes. A visão de ambos os profetas está intimamente ligada à visão que João registra em [Apocalipse 21-22](#).

No período entre o AT e o NT, os escritores judeus ficaram ainda mais desiludidos com o rumo das coisas e encorajaram seus leitores não tanto com esperanças de renovação da Jerusalém terrena, mas com descrições imaginativas da Jerusalém celestial. Eles acreditavam que esta já existia; no fim dos tempos, ela desceria de Deus do céu, a metrópole do seu povo, populosa e bela, o lugar do seu templo e trono. Na verdade, o que foi imaginado por esses escritores apocalípticos é, em muitos aspectos, muito parecido com o que, em devido tempo, seria realmente visto por João.

Jesus desenvolve todas essas linhas de pensamento de uma maneira bastante notável. Ele não apenas prediz a destruição final de Jerusalém e de seu templo ([Mc 13](#); [Lc 19.41-44](#)). Se fosse apenas isso, deixaria uma grande questão sem resposta, pois a antiga Jerusalém existia por um propósito, como vimos; e se ela for destruída, como esse propósito poderá então ser cumprido? Onde o povo de Deus encontrará então seu trono e seu templo?

A resposta de Jesus é que, desde a Encarnação, o governo e a presença de Deus são encontrados *nele* ([Mt 28.18](#); [Jo 14.9](#)). Ele mesmo é a “nova Jerusalém” — um tipo completamente novo de Jerusalém. Isso é comprovado pela palavra para “novo” que João usa em Apocalipse. Existem duas palavras gregas distintas traduzidas nas Bíblias em português como “novo”. Algum tempo após a destruição de Jerusalém em 70 d.C., o Imperador Adriano construiu uma “nova” Jerusalém; esse era o tipo de “novo” que simplesmente significava o mais recente em uma série de cidades no mesmo local. Mas a visão de João é de uma Jerusalém que é “nova” no sentido de ser fresca, limpa e diferente. O NT fala da mesma forma da nova aliança e do novo mandamento ([Jo 13.34](#); [Hb 8.8](#)), da nova criação e do novo homem ([2Co 5.17](#); [Ef 2.15](#)). A visão de João destaca a mesma verdade ao falar de sete coisas que não existirão “mais” no novo céu e terra: não mais mar, morte, tristeza, choro, dor, maldição ou noite ([Ap 21.1.4](#); [22.3-5](#)). Nesses aspectos, tudo será novo e diferente.

Existem cinco passagens em outras partes do NT que ajudam a contextualizar [Apocalipse 21](#). Em [Gálatas 4.26](#), Paulo fala da “Jerusalém de cima”, a cidade-mãe de todos que recebem a salvação pela fé, em oposição à velha Jerusalém, onde pertencem aqueles que buscam agradar a Deus tentando obedecer à lei (v. [25](#)). Em [Efésios 5.25–32](#), ele fala da noiva de Cristo, referindo-se à igreja; na visão de João, a “noiva” é a “cidade” ([Ap 21.9–10](#)). Em [Filipenses 3.20](#), somos informados de que a cidade celestial não é apenas o futuro lar dos crentes, mas também o lugar de sua “cidadania” presente. [Hebreus 12.22](#) faz o mesmo ponto: aqueles que acreditam já chegaram à “Jerusalém celestial”. Em outras palavras, *esta* Jerusalém é o lar de todo o povo crente de Deus, judeus e gentios, dos tempos do AT e NT, e parece não ser apenas futura, mas também já existir, de certa forma, no presente. O que, então, devemos entender da visão de João?

O significado da cidade

Alguns daqueles que esperam um futuro Milênio (reinado terrestre de 1.000 anos de Cristo, entre sua segunda vinda e a derrota final de Satanás) acreditam que a nova Jerusalém pertence ao Milênio, devido a certas indicações que eles consideram se adequar melhor a esse período do que ao estado eterno que o seguirá ([Ap 21.24–26; 22.2](#)). Eles a visualizam como uma cidade literal e material. Presumivelmente, então, será na forma de um cubo, ou talvez uma pirâmide, e alguns até a imaginam pairando como uma imensa nave espacial acima da superfície da terra.

A maioria dos milenistas, no entanto, e também muitos que não acreditam em um milênio no sentido mencionado, acredita que João está descrevendo a cidade como será na eternidade. Eles também podem interpretá-la literalmente, ou pensam que fornecer os detalhes literais nestes capítulos — medidas da cidade, materiais, e assim por diante — é a única maneira que João poderia descrever algo que é, de fato, indescritível (embora, ainda assim, real).

Alinhado com a mensagem de todo o livro do Apocalipse, muitos consideram a nova Jerusalém como a cidade ideal de Deus, que pertence não apenas ao futuro, mas também ao presente. Ela existe aqui e agora porque é uma verdade espiritual, não material. Está sempre “descendo... do céu” precisamente porque vem aos homens “de Deus” ([21.2](#)). O fato permanece, é claro, que tudo o que João registra nos últimos dois capítulos do Apocalipse pertence a um mundo que só aparecerá

depois que o primeiro céu e a primeira terra tiverem passado — um mundo que é (para nós, de qualquer forma) ainda futuro.

Levando em consideração todas essas passagens, podemos nos aproximar mais de entender a nova Jerusalém se a virmos como a comunidade de Cristo e seu povo, que aparecerá em sua perfeição apenas quando esta era chegar ao fim. No entanto, em outro sentido, os cristãos já pertencem a ela, o que lhes proporciona tanto um ideal a ser buscado neste mundo quanto uma esperança a ser antecipada no próximo.

Veja também Noiva de Cristo; Igreja; Jerusalém.

Jesaías

1. Filho de Hananias; pai de Refaías e descendente de Davi através da linhagem de Zorobabel, que viveu na Palestina pós-exílica ([1Cr 3.21](#)).
2. O filho de Jedutum e o líder da oitava de 24 divisões de músicos treinados para o serviço no santuário durante o reinado de Davi ([1Cr 25.3.15](#)).
3. O filho de Reabias era um dos levitas responsáveis pelo Tesouro do templo durante o reinado de Davi ([1Cr 26.25](#)).
4. Filho de Atalia, da casa de Elão, que voltou com Esdras para Judá após o cativeiro babilônico ([Ed 8.7](#)).
5. Levita da família de Merari, que retornou com Esdras a Jerusalém após o exílio ([Ed 8.19](#)).
6. Benjamita, pai de Itiel e ancestral de Salu. Salu se restabeleceu em Jerusalém durante a era pós-exílica ([Ne 11.7](#)).

Jesana

Cidade fronteiriça na região montanhosa de Efraim que o rei Abias de Judá (913–910 a.C.) tomou do rei Jeroboão I (930–909 a.C.) e do reino do norte durante uma guerra civil ([2Cr 13.19](#)). A leitura grega e siríaca de “Jesana” como uma das cidades entre as quais Samuel ergueu a pedra Ebenézer pode ser preferida ao hebraico “Sem” em [1 Samuel 7.12](#). Sua localização é possivelmente perto de Burj el-Isaneh, 6,4 quilômetros ao norte de Betel.

Jesarela

Uma variante de Asarela, o nome de um músico levita, em [1 Crônicas 25.14](#). *Veja Asarela.*

Jesebeabe

Líder da família levita designado para o serviço do templo durante o reinado de Davi ([1Cr 24.13](#)).

Jeser

Filho de Calebe da tribo de Judá ([1Cr 2.18](#)).

Jesimiel

Um dos 13 príncipes simeonitas que participaram da invasão do vale de Gedor nos dias do rei Ezequias, matando os habitantes e tomando a terra para o pasto de suas ovelhas ([1Cr 4.36](#)).

Jesimom

1. Um deserto extremamente seco e vazio no final do Mar Morto, não muito longe de Písga e Peor ([Nm 21.20](#); [23.28](#)). Nessas passagens bíblicas, algumas versões (e.g. ARC, ARA), traduzem a palavra como "deserto". Isso permite que os leitores entendam como uma descrição geral ou como uma área nomeada específica.
2. Um deserto ao norte da colina de Hakilah e de Maon ([1Sm 23.19.24](#); [26.1-3](#)). Este local estava provavelmente a apenas alguns quilômetros ao sul da cidade de Hebrom.

Jesisai

Descendente de Gade nos dias de Jotão, rei de Judá ([1Cr 5.14](#)).

Jesoaiás

Um dos 13 príncipes simeonitas nos dias de Ezequias participou da invasão do vale de Gedor; eles mataram os habitantes do território e tomaram a terra para pastagem de suas ovelhas ([1Cr 4.36](#)).

Jessé (Pessoa)

Filho de Obede e neto de Rute e Boaz ([Rt 4.17.22](#)). Jessé era um pastor de Belém. Ele tinha oito filhos, sendo Davi o mais novo. Ele tinha pelo menos duas filhas, Zerua e Abigail, que se tornaram mães de guerreiros famosos.

Quando Samuel foi à casa de Jessé para procurar e ungir um rei, Jessé inicialmente não achou que valia a pena chamar Davi para a avaliação ([1Sm 16.11](#)). Mais tarde, ele enviou Davi para tocar lira para Saul (vv. [19-21](#)). Depois que Davi se tornou um fugitivo de Saul, Jessé e outros membros da família foram até Davi na caverna de Adulão. Davi então levou seu pai e sua mãe para Mispa em Moabe ([22.3](#)). Nada mais se ouve sobre Jessé.

Depois que Saul rompeu com Davi, ele costumava se referir a Davi de forma depreciativa como "filho de Jessé" para destacar suas origens humildes ([1Sm 20.31](#); [22.7](#)). Essa mesma ênfase na posição modesta de Jessé na vida é encontrada em referências messiânicas como [Isaías 11.1](#) e [11.10](#), que falam do "rebento do tronco de Jessé" e da "raiz de Jessé".

Veja também Davi; Jessé, Raiz de.

Jessé, Raiz de

Uma figura de linguagem usada por Isaías ([Is 11.10](#)) para expressar a esperança de um rei messiânico da linhagem de Davi. A "raiz" de uma família é seu primeiro membro. Jessé, pai de Davi, é um ancestral do Messias ([Is 11.1,10](#); [Mt 1.5-6](#); [Lc 3.32](#); [At 13.22-23](#)). Isaías descreve o julgamento de Deus sobre a Assíria como o corte de uma floresta ([Is 10.33-34](#)). Judá também será cortada e a orgulhosa "árvore" da realeza de Davi cairá. Mas, um pequeno pedaço permanecerá, que Isaías descreve como um broto de um toco ([Is 6.13](#)). O broto messiânico crescerá do toco de Jessé como um ramo de suas raízes. O Espírito do Senhor habitará neste que será um sinal para o povo, para que todos busquem a glória do Senhor ([Is 11.1-10](#);

veja [Is 53.2](#); [Ir 23.5](#); [33.15](#); [Ez 17.22-23](#); [Zc 3.8](#); [6.12](#)).

O apóstolo Paulo citou a profecia de Isaías e afirmou que Jesus era “a raiz de Jessé” em quem os gentios têm esperança ([Rm 15.12](#)). Cristo não é apenas “um rebento do tronco de Jessé” ([Is 11.1](#)), mas é ele mesmo a “raiz de Jessé” ([Is 11.10](#); [Rm 15.12](#); veja [Ap 5.5](#); [22.16](#), “raiz de Davi”). Isso significa que Jesus não apenas veio da linhagem de Jessé, mas que Jessé (e Davi) vieram de Jesus. Em outras palavras, a imagem de uma raiz de Jessé aponta para a divindade de Jesus. Enquanto Jesus era filho de Davi, Jesus também era o “Senhor” de Davi. Este é o ponto que Jesus destacou em seu debate com os líderes religiosos de sua época, que pensavam que o Messias era apenas um descendente humano de Davi. [Mateus 22.42-45](#) diz: “O que vocês pensam sobre o Cristo? De quem Ele é filho?”. “De Davi”, responderam eles. Jesus lhes disse: “Então, como Davi no Espírito o chama de ‘Senhor’? Pois ele diz: ‘O Senhor disse ao meu Senhor: ‘Senta-te à minha direita até que eu ponha teus inimigos debaixo dos teus pés’”. Então, se Davi o chama de ‘Senhor’, como ele pode ser filho de Davi?”.

Veja também Cristologia; Davi; Genealogia de Jesus Cristo; Jessé (Pessoa); Jesus Cristo, Ensinaamentos de.

Jesua (Lugar)

Cidade no Neguebe listada antes de Molada entre as cidades para onde os judeus retornaram após o exílio ([Ne 11.26](#); cf. v. [20](#)). Pode ser idêntica à Sema mencionada ao lado de Molada em [Josué 15.26](#). O nome talvez seja preservado em Tell es-Sa’weh, nordeste de Berseba.

Jesua (Pessoa)

1. Levita e chefe da nona das 24 divisões de sacerdotes formadas durante o reinado de Davi ([1Cr 24.11](#)). Ele foi possivelmente o antepassado de 973 descendentes que retornaram com Zorobabel a Judá após o exílio ([Ed 2.36](#); [Ne 7.39](#)).

2. Um dos levitas que ajudava Coré na distribuição das ofertas entre seus companheiros sacerdotes que viviam nas cidades sacerdotais de Judá durante os dias do rei Ezequias ([2Cr 31.15](#)).

3. Filho de Josadaque (também conhecido como “Jezadaque”), o sumo sacerdote. Josadaque foi deportado por Nabucodonosor para Babilônia ([1Cr 6.14-15](#)). Jesua, sucessor de Josadaque como sumo sacerdote, retornou com Zorobabel para Jerusalém após o exílio ([Ed 2.2](#); [Ne 7.7](#); [12.1](#)). Ao chegar, ele liderou seus companheiros sacerdotes na construção do altar de Deus ([Ed 3.2](#); [5.2](#)) e eventualmente liderou um programa de construção para reconstruir o templo ([3.8](#)). Confirmado como líder de Deus por Ageu e Zacarias ([Ag 1.1-14](#); [2.2.4](#); [Zc 3.1-9](#); [6.11](#)), Jesua (também chamado de “Josué” nestas passagens) resistiu firmemente às tentativas dos adversários de infiltrar seu povo e impedir o trabalho no templo ([Ed 4.3](#)). Joaquim foi filho de Jesua e seu sucessor como sumo sacerdote, servindo nos dias de Neemias e Esdras ([Ne 12.12.26](#)).

4. Descendente de Paate-Moabe e antepassado de uma família de judeus que retornou com Zorobabel para Judá após o cativeiro babilônico ([Ed 2.6](#); [Ne 7.11](#)).

5. Pai de uma família de levitas que retornou a Jerusalém com Zorobabel ([Ed 2.40](#); [Ne 7.43](#); [12.8](#)). Ele e seus filhos eram responsáveis por supervisionar os trabalhadores que construíam o templo ([Ed 3.9](#); este Jesua pode ser idêntico ao #3 acima).

6. Levita e pai de Jozabade. Jozabade ajudou Meremote, Eleazar e Noadia a fazer o inventário dos metais preciosos e vasos do templo durante os dias de Esdras ([Ed 8.33](#)).

7. Pai de Ezer. Ezer era governante de Mispa, que reparou uma seção do muro de Jerusalém durante os dias de Neemias ([Ne 3.19](#)).

8. O filho de Azanias e um líder dos levitas nos dias de Esdras e Neemias. Jesua ajudou Esdras a ensinar a lei ao povo ([Ne 8.7](#)) e mais tarde colocou seu selo no pacto de Esdras ([10.9](#)).

9. Ortografia alternativa de Josué, filho de Num, em [Neemias 8.17](#). *Veja* Josué (Pessoa) #1.

Jesurum*

Nome poético para Israel, possivelmente derivado da raiz hebraica que significa “reto”, mas de acordo com muitos estudiosos, um diminutivo de Israel. O nome Jesurum é mencionado em [Deuteronômio 32.15](#) e [33.5.26](#) (veja NVT mg). Na Septuaginta, a palavra não é traduzida como um nome próprio,

mas como um adjetivo, “amado”. Em [Isaías 44.2](#) Jacó é descrito como “Israel, meu escolhido” (com nota de margem dizendo “Jesurum”, veja NVT), ligando assim o nome com a ideia de eleição. Em [Deuteronômio 33.5](#) Israel é lembrado de que “o Senhor se tornou rei em Jesurum” (ARC), e no verso [26](#) é dito que não há ninguém como Deus. Se seguirmos a Septuaginta, há uma ligação com o termo “amado” usado para Cristo ([Mt 3.17](#); [Mc 1.11](#); [Ef 1.6](#)) e para a igreja ([Cl 3.12](#); [1Ts 1.4](#); [2Ts 2.13](#); [Judas 1.1](#)).

Jesus

1. Um nome que significa "salvador" ou "Jeová [Yahweh] é salvação", dado ao Messias.
Veja Jesus Cristo.
2. Um cristão judeu, também chamado de "Justo". Ele enviou suas saudações aos cristãos em Colossos na carta do apóstolo Paulo ([Cl 4.11](#)).

Jesus Cristo

Messias, Salvador e fundador da igreja cristã.

Devemos nos lembrar de que cada um dos evangelhos tem seu próprio propósito distinto. Mateus apresenta Jesus como o Rei messiânico, enquanto Marcos revela Jesus como o servo de todos. Lucas mostra especialmente a incrível compaixão de Jesus pelos pobres, os rejeitados e os quebrantados, enquanto João leva o leitor a uma compreensão mais profunda e espiritual de Jesus. Esses diferentes objetivos fizeram com que os quatro evangelistas selecionassem e organizassem os eventos da vida de Jesus de forma diferente. É por isso que a igreja cristã preservou quatro evangelhos em vez de apenas um.

As seções a seguir apresentam os principais eventos da vida de Jesus. Há uma progressão clara da encarnação de Cristo para sua cruz. A quantidade de espaço dedicado a cada estágio em cada um dos evangelhos é ditada por interesse teológico em vez de biográfico. Toda a apresentação da vida de Cristo se concentra na cruz e na ressurreição triunfante que se seguiu. É mais um relato da mensagem de Deus para a humanidade do que um relato histórico claro da vida de Jesus.

Resumo

- A encarnação
- O nascimento de Jesus
- Vida em Nazaré
- Eventos preparatórios
- O ministério inicial de Jesus na Judeia e Samaria
- O período do ministério galileu
- A caminho de Jerusalém
- Os últimos dias em Jerusalém
- A traição e prisão
- O julgamento
- A crucificação
- O sepultamento, ressurreição e ascensão

A encarnação

O principal evento desta etapa inicial foi a encarnação. Apenas Mateus e Lucas dão relatos do nascimento de Jesus. João volta e reflete sobre o que precedeu o nascimento.

Pode parecer estranho que João começou seu Evangelho com uma referência à Palavra ([João 1.1](#)), mas fornece ao leitor uma visão exaltada de Jesus. João viu Jesus como existente mesmo antes da criação do mundo (versículo [2](#)). Na verdade, ele o viu como tendo uma parte no ato da criação (versículo [3](#)). Portanto, quando Jesus nasceu, foi tanto um ato de humilhação quanto um ato de iluminação. A luz brilhou, mas o mundo preferiu permanecer nas trevas (versículos [4-5](#), [10](#)). Nos registros de João, sabemos imediatamente que Jesus não é um homem comum, mesmo antes de ser introduzido em seu nome. Este contexto da preexistência de Jesus é essencial para entender adequadamente o relato de João sobre sua vida e ensinamentos.

O nascimento de Jesus

João simplesmente escreveu que a Palavra se tornou carne e viveu entre nós. Mateus e Lucas preenchem alguns dos detalhes de como isso aconteceu. Há pouco em comum entre os dois relatos. Cada um aborda o assunto de um ponto de vista diferente, mas o sobrenatural é evidente em

ambos. A vinda de Jesus é anunciada de antemão, através de sonhos a José no relato de Mateus ([Mateus 1.20-21](#)) e através de um anjo a Maria no relato de Lucas ([Lucas 1.26-33](#)). Mateus não deixa seus leitores em dúvida de que aquele que nasceria tinha uma missão a realizar — salvar as pessoas de seus pecados ([Mateus 1.21](#)). Lucas posiciona sua história da vinda de Jesus em uma atmosfera de grande alegria. ([Lucas 1.46-55,68-79](#)). A adoração dos homens sábios em [Mateus 2.1-12](#) é significativa porque liga o início do Evangelho ao seu final, mostrando que a salvação é para todas as nações (compare [Mateus 28.19-20](#)). Uma ênfase semelhante é introduzida no anúncio do anjo aos pastores em [Lucas 2.14](#) e no cântico de Simeão ([Lucas 2.32](#)), onde ele prevê que Jesus seria uma luz para os gentios, bem como uma glória para Israel. A fuga para o Egito por segurança ([Mateus 2.13-15](#)) mostra como uma nação gentia forneceu proteção para uma criança judia.

As histórias de nascimento em Mateus e Lucas incluem genealogias. É difícil harmonizar essas genealogias, uma vez que elas parecem ter vindo de diferentes fontes, mas o propósito em ambos os casos é mostrar que Jesus descendia de Abraão e Davi. Isso deu origem ao título de Filho de Davi a Jesus.

Lucas foi o único escritor do Evangelho que tentou ligar a vinda de Jesus com eventos da história secular. Embora os problemas surjam sobre a datação do censo de Quirino ([Lucas 2.1-2](#)), o cenário firme da cena com as pessoas do tempo de Jesus é extremamente significativo. Isso porque a fé cristã é uma fé histórica centrada em uma pessoa histórica.

Vida em Nazaré

A infância e o início da vida de Jesus recebem apenas algumas linhas nos evangelhos. Apenas temos detalhes da conversa que ele teve aos 12 anos de idade com os mestres judeus no templo ([Lucas 2.41-50](#)). Isso aponta para um dos traços mais característicos do ministério posterior de Jesus: seus contemporâneos judeus não podiam refutar sua sabedoria. Também revela que em uma idade precoce, Jesus sabia de uma missão divina. Lucas observa que Jesus foi obediente a seus pais enquanto crescia (versículo [51](#)). É assumido que durante 30 anos em Nazaré, Jesus aprendeu o ofício de carpinteiro com José e se tornou o carpinteiro da aldeia após a morte de seu pai. No entanto, não há relato deste período nos evangelhos. Isso levou a muitas histórias criativas sobre a infância de Jesus

nos evangelhos apócrifos, mas o relato de Lucas é sem embelezamento, o que é uma forte indicação de sua confiabilidade histórica.

Eventos preparatórios

Todos os quatro evangelhos se referem a um breve período de preparação que ocorreu bem antes do ministério público de Cristo. Este período se concentrou em três eventos importantes.

A pregação de João Batista

João Batista apareceu no deserto e causou um alvoroço imediato na Judeia, especialmente como resultado de seu chamado para o arrependimento e batismo ([Mateus 3.1-6](#)). João era como um dos profetas do Antigo Testamento, mas ele não reivindicou qualquer importância em seu ofício, exceto como o arauto de uma pessoa maior que estava por vir. Sua aparência firme e sua mensagem inflexível efetivamente prepararam o caminho para a aparição pública de Jesus ([Lucas 3.4-6](#)). É importante notar que Jesus começou seu ministério com a mesma mensagem do reino que João Batista anunciou ([Mateus 3.2; 4.17](#)). Isso mostra que o trabalho de João Batista era uma parte integral da preparação para o ministério público de Jesus. O mesmo pode ser dito do rito do batismo, embora João tenha reconhecido que Jesus adicionaria uma nova dimensão na medida em que ele batizaria com o Espírito Santo e com fogo ([3.11](#)). Como o precursor de Jesus Cristo, João proclamou que aquele a seguir não apenas seria maior do que ele, mas também viria com altos padrões de julgamento (versículo [12](#)). O cenário foi, portanto, definido em termos severos para o ato público inicial de Jesus — sua disposição de ser batizado ([Mateus 3.13-15; Lucas 3.21](#)).

O batismo de Jesus

O batismo de João era um batismo de arrependimento. Mas uma vez que Jesus nunca havia pecado, ele não tinha necessidade de se arrepender. O NT apoia esta alegação. Então, por que ele foi batizado? Jesus havia vindo em uma missão para outros, e é possível que ele deliberadamente se tenha submetido ao batismo de João para mostrar que ele estava preparado para tomar o lugar dos outros. Esta explicação está em concordância com o entendimento posterior de Paulo da obra de Jesus Cristo ([2 Coríntios 5.21](#)). Mateus é o único Evangelista que registra a hesitação de João em batizar Jesus ([Mateus 3.14-15](#)).

A parte mais importante do batismo de Jesus foi a voz que veio do céu, que declarou prazer no Filho amado ([Mateus 3.17](#)). Este anúncio dado por Deus era o verdadeiro ponto de partida do ministério público de Jesus. Revelou que o ministério não foi um acidente ou inspiração repentina da parte de Jesus. Ele começou seu trabalho com a aprovação completa do Pai. Uma característica mais importante é a parte desempenhada pelo Espírito Santo nesta cena, aparecendo como uma pomba (versículo [16](#)), que não foi apenas uma experiência interior para Jesus. O batismo de Jesus mostra a importância do Espírito em seu ministério. A falta geral de ênfase no Espírito nos evangelhos não muda isso.

A tentação de Jesus

O batismo de Jesus mostrou a natureza de sua missão. A tentação mostrou a natureza do ambiente em que ele deveria ministrar ([Mateus 4.1](#); [Lucas 4.1-2](#)). Jesus confrontou forças espirituais adversas ao longo de seu ministério. Apenas Mateus e Lucas registram os detalhes de como o diabo tentou Jesus. Todas essas tentações apresentam atalhos que, se utilizados, teriam desviado Jesus de sua missão. Ambos os evangelhos mostram que Jesus claramente obteve a vitória, e que ele o fez usando as Escrituras. Neste evento, Jesus também é visto como um humano genuíno que, como todos os outros humanos, estava sujeito à tentação. O escritor da Carta aos Hebreus observa isso como o fato de que Jesus qualificou para agir como Sumo Sacerdote e interceder em nome de seu povo ([Hebreus 2.18; 4.15](#)).

O ministério inicial de Jesus na Judeia e Samaria

Apenas o Evangelho de João fala da obra de Jesus na Judeia após seu batismo. Descreve primeiro como ele chamou seus discípulos de João e André ([João 1.35-39](#)). O contexto para isso era o anúncio de João Batista de Jesus como o Cordeiro de Deus que tiraria o pecado do mundo (versículo [29](#)). Esses dois primeiros discípulos logo foram unidos a três outros: Pedro, Filipe e Natanael (versículos [41-51](#)). Esses cinco faziam parte do núcleo dos seguidores de Jesus que vieram a ser conhecidos como os Doze. Uma característica do relato de João é o reconhecimento inicial pelos discípulos de Jesus como Messias ([João 1.41](#)) e Filho de Deus (versículo [49](#)).

Logo após Jesus começar seu ministério em Jerusalém, João relata um incidente em Caná, na Galileia, no qual a água foi transformada em vinho ([João 2.1-10](#)). Este evento é importante no relato de João, porque é o primeiro dos sinais que ele registra (versículo [11](#)). Ele viu os milagres de Jesus como “sinais” da verdade do evangelho, em vez de meras maravilhas.

João apresenta dois incidentes em Jerusalém neste período inicial. O primeiro é a purificação do templo ([João 2.13-16](#)). Mateus, Marcos e Lucas colocam este evento pouco antes do julgamento de Jesus, mas João o coloca neste estágio inicial. Jesus confronta e expulsa os cambistas que estavam lucrando sobre os adoradores mais do que era apropriado. Isso parecia aceitável para o judaísmo, mas não para Jesus. Os outros evangelistas implicam que este ato autoritário foi o evento que provocou a hostilidade final de seus oponentes. Mas João conta a história por uma razão teológica: para ele, a purificação do templo era uma parábola contando o que Jesus havia vindo fazer.

O outro incidente em Jerusalém é o encontro entre Jesus e Nicodemos ([João 3](#)). Nicodemos estava intimamente associado com o judaísmo, mas ele também estava buscando a verdade. Ele era incapaz de entender, no entanto, a verdade espiritual sobre nascer de novo através do Espírito.

A história de João então se move da Judeia para Samaria e a história da mulher samaritana no poço ([João 4.1-42](#)). Jesus usou sua sede física para apontar para sua sede espiritual mais profunda. Ela percebeu que Jesus tinha algo para oferecer-lhe que ela não havia conhecido anteriormente. Como resultado da experiência e testemunho desta mulher, muitos do povo samaritano vieram a acreditar em Jesus como o Salvador do mundo (versículo [42](#)). Neste caso, João quer que seus leitores apreciem o significado mais completo das palavras de Jesus à luz da ressurreição.

O período do ministério galileu

Quase todas as informações sobre este período são encontradas nos Evangelhos Sinóticos (Mateus, Marcos e Lucas). Este pode ser convenientemente dividido em três seções. O primeiro descreve brevemente os eventos que levaram à escolha dos Doze; o segundo lida com a retirada de Jesus do norte da Galileia; e o terceiro lida com sua partida para Jerusalém. Enquanto os Evangelhos Sinóticos se concentram exclusivamente nos eventos na Galileia, o relato de João indica que Jesus visitou Jerusalém de tempos em tempos durante este

período. Além disso, João registra outro incidente em Caná, onde o filho de um oficial de Cafarnaum foi curado. Este é notado como o segundo dos sinais de Jesus ([João 4.54](#)). Ele é principalmente importante por causa da fé extraordinária do pai, que estava preparado para aceitar Jesus em sua palavra.

O chamado dos discípulos

Os Evangelhos Sinóticos nos falam do chamado inicial a quatro dos discípulos para deixar seus barcos de pesca e se tornarem pescadores de homens ([Mateus 4.18-22](#); [Marcos 1.16-20](#); [Lucas 5.1-11](#)). Eles já haviam encontrado Jesus e deveriam ter alguma ideia do que estava envolvido em segui-lo. Jesus não os nomeou neste momento para serem apóstolos, mas este chamado era um passo necessário para estabelecer os Doze como um grupo. Separar um número específico de discípulos formou uma parte importante do ministério de Jesus. A pesca milagrosa, que precedeu o chamado dos discípulos no relato de Lucas, destacou a superioridade da tarefa espiritual de pescar pessoas em vez de peixes.

Outro chamado significativo veio a Levi, também conhecido como Mateus ([Mateus 9.9](#); [Marcos 2.13-14](#); [Lucas 5.27-28](#)). Como um cobrador de impostos, ele era diferente da maioria dos outros discípulos. Ele certamente teria sido desprezado por seus contemporâneos judeus por causa de sua profissão. Mas sua inclusão entre os discípulos mostra a ampla base sobre a qual esses homens foram escolhidos. Um dos outros, Simão, o zelote, pode ter pertencido a um grupo de revolucionários religiosos e políticos. Até um homem como Judas Iscariotes foi contado entre os Doze, e ele mais tarde trairia Jesus aos seus inimigos por uma pequena quantia em dinheiro. Jesus os aceitou como eles eram e os moldou em homens que mais tarde se tornaram totalmente dependentes de Deus e do poder de seu Espírito.

Sermão do Monte

O Evangelho de Mateus apresenta uma grande amostra dos ensinamentos de Jesus, comumente chamado de Sermão do Monte ([Mateus 5.1-7.29](#)). Parte do mesmo material é encontrado em Lucas em um contexto diferente e uma organização diferente. É possível que Jesus muitas vezes repetiu seus ensinamentos em diferentes ocasiões e com diferentes combinações. O registro de Mateus do Sermão do Monte apresenta um corpo impressionante de ensino, cobrindo

principalmente perguntas éticas. Nesses ensinamentos, Jesus sustenta a lei de Moisés e, ao mesmo tempo, vai além dela. O início deste sermão foi chamado de Bem-aventuranças ([5.3-12](#)). Ele exalta valores morais e espirituais. Os ensinamentos registrados nesta seção eram radicais, mas não em um sentido político. O Sermão do Monte nos dá uma boa ideia do tipo de discursos que devem ter abundado no ministério de Jesus.

Jesus como curador

Ao longo dos evangelhos, há registros de milagres envolvendo Jesus curando as pessoas. Há mais desses milagres do que qualquer outro tipo. Uma seção em Mateus é dedicada a uma sequência de curas ([Mateus 8.1-9.34](#)): um leproso, o servo de um centurião, a sogra de Pedro, um homem possuído por demônios, um paralítico, uma mulher com perda de sangue, homens cegos e um homem que era mudo. Além disso, a filha de Jairo foi ressuscitada dos mortos. Este grande número de curas se concentra em Jesus como um fazedor de milagres, mas em todos os evangelhos não há sugestão de que Jesus curou por meios mágicos. Em alguns casos, a fé de um indivíduo era reconhecida ([8.10](#); [9.22](#)). Em pelo menos um incidente, a cura foi acompanhada por um anúncio do perdão dos pecados do curado ([Mateus 9.2](#); [Marcos 2.5](#)). Isso mostra que Jesus considerava as necessidades espirituais de maior importância do que os problemas físicos.

Uma vez que havia uma crença generalizada na poderosa influência dos espíritos malignos sobre vidas humanas, é muito significativo que Jesus seja visto exercendo seu poder de exorcismo sobre demônios. O ministério de Jesus foi definido em uma atmosfera de conflito espiritual, então os confrontos entre as forças das trevas e a Luz do Mundo eram esperados. Aqueles que explicam esses casos de possessão demoníaca em termos psiquiátricos perdem esta característica chave do ministério de Jesus. Cada vez que ele exorcizava um demônio, ele estava demonstrando vitória, que atingiu sua expressão mais dramática em sua vitória sobre a morte em sua ressurreição.

Além disso, um milagre da natureza é registrado quando ele acalmou a tempestade ([Mateus 8.23-27](#); [Marcos 4.35-41](#); [Lucas 8.22-25](#)). Este milagre teve o foco tanto na falta de fé nos discípulos quanto no poder misterioso da presença de Jesus.

A reação a Jesus por seus contemporâneos

Nos estágios iniciais de seu ministério, Jesus era muito popular entre as pessoas comuns ([Mateus 4.23-25](#); [Marcos 3.7-8](#)). No entanto, essas pessoas não compreenderam o propósito espiritual da missão de Jesus ([Lucas 13.17](#)). Porém, está em forte contraste com a oposição dos líderes religiosos, que até conspiraram para matar Jesus no período inicial de seu ministério ([Marcos 3.6](#)).

Jesus e os líderes religiosos muitas vezes entraram em conflito sobre a observância do sábado ([Mateus 12.1-14](#); [Lucas 13.10-17](#); [João 5.9-18](#)). Jesus adotou uma visão mais liberal do que a interpretação rígida e muitas vezes ilógica de alguns de seus contemporâneos religiosos — por exemplo, quando ele foi criticado por curar no sábado mesmo que a lei judaica permitisse o resgatar de animais presos no sábado ([Mateus 12.11](#); [Lucas 13.15](#)). Para a mente farisaica, Jesus era um infrator. Os fariseus temiam que isso prejudicasse sua autoridade se o ensino de Jesus fosse permitido encher a opinião popular.

Preparando os Doze

Os Evangelhos Sinóticos fornecem listas dos nomes dos 12 apóstolos ([Mateus 10.2-4](#); [Marcos 3.16-19](#); [Lucas 6.14-16](#)). Tanto Mateus quanto Marcos os nomearam no contexto de seu exercício de autoridade sobre espíritos malignos, mostrando assim que esses homens estavam sendo chamados para entrar no mesmo conflito espiritual que Jesus.

Os Evangelhos Sinóticos também dão detalhes das instruções que Jesus deu a esses discípulos antes de enviá-los para ministrar em Israel ([Mateus 10.5-42](#); [Marcos 6.7-13](#); [Lucas 9.1-6](#)). Mateus incluiu material em seu discurso que aparece em um contexto diferente em Marcos e Lucas, mas o discurso ainda mostra o interesse de Jesus em preparar seus discípulos para sua obra futura. Eles deveriam proclamar o reino como ele havia feito, mas não deveriam pensar que todos responderiam a esta proclamação. Eles foram advertidos sobre hostilidade e até mesmo perseguição. É importante notar que Jesus advertiu seus discípulos a não se sobrecarregarem com bens materiais. Embora as instruções tenham sido dadas no contexto de uma viagem ministerial iminente, ele estava lançando as bases para o futuro trabalho da igreja.

O relacionamento entre Jesus e João Batista

Por um tempo, João Batista e Jesus pregaram e batizaram em paralelo com seus respectivos

discípulos ([João 4.1-2](#)). João Batista foi preso por Herodes por causa de sua condenação rigorosa do casamento de Herodes com Herodias, a esposa de seu irmão ([Mateus 14.3-4](#)). Na prisão, João começou a ter dúvidas sobre Jesus ([Mateus 11.1-19](#); [Lucas 7.18-35](#)). Ele pode ter esperado que Jesus, se realmente fosse o Messias, viria em seu resgate. Quando João enviou seus discípulos a Jesus para expressar suas dúvidas, Jesus aproveitou a oportunidade para dizer às multidões sobre a grandeza de João Batista. Ele disse que não havia ninguém nascido de mulher que fosse maior do que João.

Várias controvérsias

Jesus estava disposto a confrontar aqueles ao seu redor sobre perguntas morais ou religiosas. Por exemplo, no Evangelho de João, uma controvérsia surgiu quando Jesus curou um homem coxo no sábado ([João 5.1-18](#)). Isso mostra que os rituais do sábado eram vistos como mais importantes do que ter compaixão por um homem coxo. Muitos odiaram Jesus por isso, especialmente porque ele alegava estar fazendo a obra de Deus.

Um conflito semelhante surgiu depois que os discípulos de Jesus haviam colhido grãos nos campos no dia de sábado ([Mateus 12.1-8](#)). Os fariseus assumiram que este ato constituía em trabalho e o viam como uma razão suficiente para tramar como destruir Jesus. Após este evento, ele curou um parálítico no mesmo dia de sábado (versículos [9-14](#)). Os líderes judeus claramente o consideravam como uma ameaça direta à sua posição entre o povo.

A crescente oposição não impediu Jesus de curar mais pessoas ([Mateus 12.15-32](#)), que Mateus descreve como o cumprimento das Escrituras. Mas quando Jesus curou um homem que era cego e mudo por causa de um demônio, os fariseus o acusaram de expulsar demônios por Belzebu, o príncipe dos demônios. Jesus lhes disse que blasfemar contra o Espírito Santo era um pecado imperdoável. Este incidente não apenas mostra a perversidade dos líderes religiosos, mas também mostra que o ministério de Jesus estava sob o controle direto do Espírito. Outros milagres notáveis foram a cura do servo do centurião, como registrado por Lucas ([Lucas 7.1-10](#)), e a ressurreição do filho da viúva em Naim (versículos [11-17](#)). O primeiro é notável por causa da fé marcante de um gentio.

Outro exemplo da crítica dos fariseus foi quando Jesus participou de uma refeição na casa de Simão,

o fariseu ([Lucas 7.36-50](#)). Simão não havia lavado os pés de Jesus como era o costume naqueles dias, e ainda criticou Jesus por permitir que uma mulher pecadora lavasse seus pés com lágrimas, secasse com seus cabelos e os ungesse com perfume. Não há dúvida de que a maioria dos colegas de Simão teria compartilhado sua reação, mas Jesus não parou a mulher porque ele conhecia seu coração e como ela era amorosa. Ele contou a Simão uma parábola para enfatizar seu ponto.

João registra que Jesus participou da Festa dos Tabernáculos ([João 7.2](#)) e da Festa da Dedicção ([10.22](#)) em Jerusalém, provavelmente durante o período inicial do ministério. Nesses momentos, Jesus ensinava na área do templo e falou com os líderes religiosos. Os chefes dos sacerdotes estavam perturbados e enviaram oficiais para prendê-lo ([7.32](#)), mas os oficiais não o prenderam. Eles ficaram maravilhados com seus ensinamentos. Mais debates se seguiram, e os líderes judeus alegaram que Jesus estava possuído por demônios ([8.48](#)). Tanto neste caso quanto quando Jesus curou o homem cego, sua hostilidade cresceu (capítulo 9). Quando Jesus falou de si mesmo como sendo o Pastor, eles ficaram muito enraivecidos, e pegaram pedras para matá-lo ([10.31](#)).

Ensinando em parábolas

O Evangelho de Mateus dá uma amostra de um sermão contínuo de Jesus ([Mateus 5.1-7.29](#)), mas Jesus falava mais frequentemente em parábolas. Mateus agrupou algumas das parábolas que dizem respeito ao tema do reino (capítulo 13). Lucas manteve parábolas de um tipo diferente que não estão especialmente ligadas ao reino. Marcos tem o menor número de parábolas entre os Evangelhos Sinóticos, mas sua escrita mostra pouco interesse em Jesus como mestre. João não relaciona nenhuma parábola, embora ele preserve duas alegorias — o aprisco das ovelhas e a videira — que poderiam ser consideradas parábolas estendidas. Jesus tipicamente ensinava em parábolas. Além disso, ele muitas vezes usava metáforas em seus sermões, que se assemelhavam a parábolas. As parábolas eram valiosas porque poderiam estimular o pensamento e desafiar o ouvinte. Isso ocorre porque as parábolas são mais fáceis de manter em mente. Jesus não falava em parábolas para esconder seu significado. Isso seria contrário a tudo o que ele pretendia fazer através de seu trabalho e ensino.

Eventos significativos na Galileia

Em Nazaré, sua cidade natal, as pessoas eram tão hostis e relutantes em responder ao seu ministério que Jesus realizou poucos milagres ali ([Mateus 13.53-58](#); [Marcos 6.1-6](#)). Isso é importante porque mostra que a fé era necessária para as pessoas receberem seus milagres de cura.

Há um milagre realizado por Jesus que todos os quatro evangelistas descrevem: a alimentação dos 5.000 ([Mateus 14.13-21](#); [Marcos 6.30-44](#); [Lucas 9.10-17](#); [João 6.1-15](#)). Jesus era muito popular nesta fase de seu ministério e se importava com as necessidades físicas das pessoas. Após este milagre, alguns queriam fazer de Jesus rei. Eles estavam mais interessados com coisas materiais e políticas do que com a verdade espiritual. É por isso que Jesus imediatamente se retirou do meio deles. Quando as pessoas o encontraram no dia seguinte, ele continuou a instruí-las sobre o pão espiritual que vem do céu ([João 6.25-40](#)).

Neste ponto no Evangelho de João, Jesus é muitas vezes visto tendo conversas com seus oponentes. Este estilo de ensino é diferente das parábolas sinóticas, mas familiar no debate ao estilo judaico. Muitas pessoas acharam os temas espirituais no ensino de Jesus muito difíceis de aceitar e, conseqüentemente, pararam de ser seus discípulos ([João 6.51-52,60,66](#)). Jesus e seu ensino eram exclusivamente desafiadores. Outro milagre intimamente ligado a isso é quando Jesus andou sobre a água, demonstrando seu poder sobre o mundo natural. Muitos tentaram explicar o evento supondo que Jesus estava, na verdade, andando na praia, e que os discípulos não perceberam isso. Mas tal milagre não é diferente da multiplicação massiva de pães e peixes, e é perfeitamente possível se Jesus for quem ele alegou ser.

Deixando o norte da Galileia

Jesus passou um breve tempo na região de Tiro e Sidom, onde ele curou mais pessoas e deixou claro que sua principal missão era a casa de Israel ([Mateus 15.21-28](#)). Ele então mudou-se para Cesareia de Filipe; este foi o ponto de virada de seu ministério ([Mateus 16.13-20](#); [Marcos 8.27-38](#); [Lucas 9.18-27](#)). Foi lá que Jesus perguntou aos seus discípulos: “Quem as pessoas dizem que o Filho do Homem é?” Isso fez Pedro confessar: “Você é o Cristo, o Filho do Deus vivo”. Esta confissão impressionante levou Jesus a prometer que ele construiria sua igreja sobre “esta rocha”. Tem havido muito debate sobre o significado desta fala, e se Jesus pretendia construir sua igreja sobre

Pedro, em sua confissão, ou em Pedro confessar. Historicamente, Pedro foi usado por Deus para trazer judeus e gentios para a igreja ([Atos 2, 10](#)). Não há dúvida sobre a intenção de Jesus de fundar uma igreja, uma vez que a palavra ocorre novamente em [Mateus 18.17](#). Apesar da revelação gloriosa de Jesus nesta ocasião, ele aproveitou como uma oportunidade para começar a informar seus discípulos de sua morte e ressurreição ([Mateus 16.21–23](#)).

Esta revelação de Jesus foi consideravelmente reforçada pelo evento conhecido como Transfiguração, quando Jesus foi transformado na presença de três de seus discípulos ([Mateus 17.1–8](#)). Seu propósito era mostrar aos três principais discípulos algo da natureza de Jesus. Além disso, Moisés e Elias apareceram com Jesus, como representantes da Lei e dos Profetas.

Após a Transfiguração, Jesus fez duas previsões sobre sua morte que se aproximava. Esses anúncios eram um mistério total para os discípulos. Em [Mateus 16](#), quando Jesus mencionou sua morte, Pedro tentou repreendê-lo e foi repreendido por Jesus. Quando Jesus mencionou sua morte novamente no capítulo [17](#), Mateus observou que os discípulos estavam muito angustiados ([Mateus 17.23](#)), enquanto Marcos e Lucas mencionaram a falta de entendimento dos discípulos ([Marcos 9.32](#); [Lucas 9.45](#)). Jesus estava se aproximando da cruz sem o apoio daqueles que lhe eram mais próximos. Não é surpreendente que quando a hora chegou, todos o abandonaram.

A Transfiguração revelou que Jesus era maior do que Moisés e Elias e de fato era o Filho amado de Deus. Depois disso, ele foi convidado a pagar o imposto do templo ([Mateus 17.24–27](#)). Isso ilustra a atitude de Jesus em relação às autoridades e responsabilidades práticas. Ele pagou o imposto, embora ele não admitisse qualquer obrigação de fazê-lo. O método de pagamento foi extraordinário, pois envolvia o milagre da moeda no peixe. Mais importante, isso mostra a independência de Jesus da lei judaica.

Mais da metade do Evangelho de Lucas diz respeito ao período que começa com Jesus saindo da Galileia, e termina com sua morte e ressurreição em Jerusalém. Nesta seção, Lucas introduz muitas informações que não são encontradas nos outros evangelhos. Resumiremos alguns dos itens mais marcantes que lançam luz sobre a vida de Jesus:

Além da missão dos Doze, Lucas registra a missão dos Setenta (ou Setenta e dois — veja [Lucas 10.17–](#)

[20](#)). Parábolas especiais são registradas por Lucas nesta seção — o bom samaritano (versículos [29–37](#)), a ovelha perdida ([15.3–7](#)), a moeda perdida (versículos [8–10](#)) e o filho pródigo (versículos [11–32](#)). Enquanto Jesus se movia em direção a Jerusalém, ele estava interessado em desenvolver a vida espiritual de seus discípulos. Ele estava ciente do fato de que ele não estaria com eles por muito tempo e desejava prepará-los para o futuro. Ele os ensinou sobre oração ([11.1–13](#)), o cuidado do Pai por eles ([12.13–34](#)) e a preparação para a vinda do Filho do Homem (versículos [35–56](#)).

A caminho de Jerusalém

No caminho para Jerusalém, Jesus visitou Jericó e Betânia. Em Jericó, ele curou Bartimeu ([Lucas 18.35–43](#)) e conheceu Zaqueu, que corrigiu seus caminhos como cobrador de impostos ([19.1–10](#)). Betânia era a casa de Maria, Marta e seu irmão, Lázaro, a quem Jesus havia ressuscitado dos mortos ([João 11](#)). Jesus passou seus últimos dias em Jerusalém, mas ficou todas as noites na casa de Simão, o leproso, em Betânia, com aqueles que o amavam ([Mateus 26.6](#)). Lá, uma mulher o ungiu com um perfume caro. Isso foi controverso e profético, preparando Jesus para seu sepultamento e aprimorando o evangelho com dedicação amorosa (versículos [6–13](#)).

Os últimos dias em Jerusalém

Todos os quatro evangelhos descrevem Jesus entrando em Jerusalém ([Mateus 21.1–11](#); [Marcos 11.1–10](#); [Lucas 19.29–38](#); [João 12.12–15](#)). Multidões saudaram Jesus, celebrando-o como seu rei. Isso se contrasta fortemente com o clamor posterior da multidão por sua crucificação.

Nos Evangelhos Sinóticos, a purificação do templo é o primeiro evento principal após a entrada de Jesus na cidade ([Mateus 21.12–13](#); [Marcos 11.15–17](#); [Lucas 19.45–46](#)). A audácia de Jesus ao remover os cambistas da área do templo foi demais para as autoridades ([Marcos 11.18](#); [Lucas 19.47](#)). Eles decidiram matá-lo. O tempo de sua crucificação estava se aproximando.

Durante este período, outras controvérsias se desenvolveram entre Jesus e os fariseus e saduceus ([Mateus 21.23–22.45](#)). Eles tentaram enganar Jesus com várias perguntas, mas ele muito habilmente virou suas perguntas contra eles. No final, ninguém se atreveu a fazer mais perguntas a ele ([22.46](#)).

A hora final de Jesus estava se aproximando. Jesus instruiu seus discípulos sobre eventos futuros, em especial o fim do mundo. Ele reafirmou firmemente seu retorno, e mencionou vários sinais que o precederiam ([Mateus 24-25](#); [Marcos 13](#); [Lucas 21](#)). Seu objetivo era desafiar os discípulos a serem vigilantes ([Mateus 25.13](#)) e diligentes (versículos [14-30](#)). Esta seção prepara o caminho para os eventos da prisão, do julgamento, da flagelação e do carregar da cruz e crucificação que se seguiriam. Mas devemos primeiro notar a importância da Última Ceia.

Na noite anterior à sua morte, Jesus sentou-se a uma mesa com seus discípulos. Ele lhes deu uma maneira fácil de entender o significado de sua morte no pão e no vinho, dois elementos básicos da vida cotidiana ([Mateus 26.26-30](#); [Marcos 14.22-25](#); [Lucas 22.19-20](#); [1 Coríntios 11.23-26](#)). Isso era para lembrá-los de que seu corpo seria destruído e que seu sangue seria derramado pelos outros. Jesus tinha que fornecer este lembrete de que sua morte sacrificial selaria uma aliança completamente nova. Era para ser um verdadeiro lembrete para ajudar a igreja a lembrar da importância central da cruz.

O Evangelho de João não registra a instituição da Última Ceia. No entanto, registra quando Jesus lavou os pés dos discípulos como um exemplo de humildade ([João 13.1-20](#)). Ele enfatizou aos discípulos o princípio de serviço aos outros. João continua com uma série de ensinamentos que Jesus deu na véspera da Paixão (capítulos [14-16](#)). A característica mais importante deste ensino era a promessa da vinda do Espírito Santo aos discípulos depois que Jesus havia ido. Apesar de sua morte se aproximando, Jesus mostrou-se mais preocupado com seus discípulos do que com ele mesmo. Podemos ver isso em sua oração em [João 17](#). Todos os Evangelistas se referem com antecedência à traição de Judas ([Mateus 26.21-25](#); [Marcos 14.18-21](#); [Lucas 22.21-23](#); [João 13.21-30](#)), preparando assim os leitores para o que está prestes a se desenrolar.

A traição e prisão

De certo modo, toda a história do evangelho vai se formando até um clímax de rejeição. Jesus logo perderia seu apoio popular e seus oponentes pareciam no controle. No Evangelho de João, o clímax é expresso com as palavras “sua hora” ([João 13.1](#)). A traição e prisão fazem parte de um plano maior. Após a Última Ceia, Jesus foi direto da sala superior para o Jardim do Getsêmani ([Mateus](#)

[26.36-46](#); [Marcos 14.32-42](#); [Lucas 22.40-46](#)). Ele orou a seu Pai com intensidade e agonia profundas. Isso nos dá um vislumbre do que foi necessário para Jesus se identificar com as necessidades da humanidade. Ele orou para que o cálice do sofrimento fosse passado dele, mas, ao mesmo tempo, se submeteu à vontade do Pai. Todos os três discípulos que ele levou com ele dormiram. O discípulo que o traiu apareceu nos portões liderando o grupo que o prenderia. Jesus confronta Judas com uma dignidade incrível, chamando-o de “amigo” ([Mateus 26.50](#)). Jesus não resistiu à sua prisão, e repreendeu a multidão por causa de suas espadas e porretes (versículo [55](#)).

O julgamento

Jesus foi primeiro levado para a casa de Anás, um dos sumos sacerdotes, para um primeiro exame ([João 18.13](#)). Durante seu julgamento, ele foi zombado por seus inimigos. Seu discípulo Pedro o negou três vezes ([Mateus 26.69-75](#); [Marcos 14.66-72](#); [Lucas 22.54-62](#); [João 18.15-27](#)), como Jesus previu que ele faria ([Mateus 26.34](#); [Marcos 14.30](#); [João 13.38](#)). Caifás presidiu o julgamento oficial com o Sinédrio. Ele ficou intrigado no início quando Jesus se negou a falar. Jesus previu que o Filho do Homem viria nas nuvens do céu, o que foi suficiente para fazer o sumo sacerdote o condenar de blasfêmia ([Marcos 14.62-64](#)). Jesus permaneceu calmo e respeitável, apesar de ter sido espancado e golpeado no rosto. Ele mostrou o quanto ele era maior do que aqueles que estavam o tratando com desrespeito.

Os exames posteriores diante de Pilatos ([Mateus 27.1-2](#); [Marcos 15.1](#); [Lucas 23.1](#); [João 18.28](#)) e Herodes ([Lucas 23.7-12](#)) também foram exemplos de justiça desleal. Jesus não respondeu quando perguntado sobre as acusações perante Pilatos ([Mateus 27.14](#)) ou Herodes ([Lucas 23.9](#)). Ele permaneceu majestosamente em silêncio, exceto para fazer um comentário a Pilatos sobre a verdadeira natureza de seu reinado ([João 18.33-38](#)). O governador patético declarou Jesus inocente, ofereceu às multidões a libertação de Jesus ou Barrabás, e então publicamente renunciou à responsabilidade lavando suas mãos. Pilatos então cruelmente açoitou Jesus e o entregou para ser crucificado.

A crucificação

A morte de Jesus na cruz demonstra o tratamento desumano da humanidade uns aos outros. Até Jesus Cristo — o verdadeiro exemplo do que

significa ser humano — foi tratado com crueldade. Os soldados zombaram de Jesus ([Mateus 27.27-30](#)), e trouxeram um manto real com uma coroa de espinhos dolorosa ([Marcos 15.17](#)). Eles forçaram um homem que passava a carregar a cruz ([Lucas 23.26](#)) e então cruelmente pregaram Jesus na cruz. Os soldados lançaram sortes por suas roupas ([João 19.23-24](#)), e arrogantemente desafiaram Jesus a usar seu poder para escapar ([Mateus 27.40-44](#)). Todas essas ações expõem a crueldade dos oponentes de Jesus. No entanto, Jesus está interessado no criminoso arrependido que foi crucificado com ele ([Lucas 23.39-43](#)), em sua mãe ([João 19.25-27](#)), nos responsáveis pela crucificação enquanto ele ora por seu perdão ([Lucas 23.34](#)) e clama seu clamor final triunfante ([Marcos 15.37](#)). Tudo isso mostra uma nobreza que contrastava fortemente com a maldade daqueles ao seu redor. Algumas testemunhas da morte de Jesus na cruz demonstraram uma compreensão mais clara, como o centurião que estava convencido da inocência de Jesus ([Marcos 15.39](#)), ou como as mulheres que o seguiram e ficaram de pé à distância ([Mateus 27.55-56](#)). Houve um momento sombrio para Jesus quando ele clamou sobre como ele se sentiu abandonado ([Marcos 15.34](#)). E houve trevas e um terremoto, como se a própria natureza reconhecesse o significado do evento. Até o véu do templo foi rasgado em dois, como se não tivesse mais nenhum direito de bloquear o caminho para o santo dos santos ([Mateus 27.51](#)).

O sepultamento, ressurreição e ascensão

O corpo de Jesus foi colocado em um túmulo que pertencia a José de Arimateia. José preparou o corpo para o sepultamento com a ajuda de Nicodemos ([Mateus 27.57-60](#); [João 19.39](#)). Mas o túmulo desempenhou apenas um papel secundário na ressurreição. Os evangelistas se concentram nas aparições de Jesus não apenas no dia da ressurreição, mas também depois. Os discípulos estavam convencidos de que Jesus estava vivo. Alguns, como Tomé, tinham dúvidas para superar ([João 20.24-29](#)). Outros, como João, estavam mais prontos para acreditar quando viram o túmulo vazio (versículos [2-10](#)). O fato de que a primeira a ver o Senhor ressuscitado foi uma mulher, Maria Madalena, é significativo ([Mateus 27.61](#); [28:1,5-9](#)). Sua presença na cruz trouxe vergonha para aqueles discípulos que haviam fugido ([Mateus 26.56](#); [João 19.25](#)).

Jesus estava em uma forma humana, apesar de estar em um estado glorificado e ressuscitado. No entanto, os discípulos não o reconheceram

imediatamente ([João 20.15-16](#)). Os discípulos eventualmente foram capazes de reconhecer Jesus ressuscitado como o homem que haviam conhecido antes. Suas aparições eram ocasiões de alegria e instrução (compare [Lucas 24.44](#) e [Atos 1.3](#)). A ressurreição, de fato, havia transformado a crucificação de uma tragédia para um triunfo. Quarenta dias após sua ressurreição, Jesus subiu ao céu para se juntar a seu Pai em glória ([Lucas 24.51](#); [João 20.17](#); [Atos 1.9-11](#)).

Jesus Cristo, Ensinaamentos De

Por causa da grande variedade de formas nas quais os ensinamentos de Jesus foram preservados, é difícil trazer a essência desse ensino de uma maneira sistemática. Jesus não nos apresentou um sistema teológico. Suas palavras eram essencialmente de intenção prática. No entanto, de toda a variedade de declarações, é possível extrair uma ideia clara do que Jesus pensava sobre várias questões importantes. Qual era seu ensino sobre Deus? O que ele pensava sobre si mesmo? O que ele quis dizer quando falou sobre o reino? O que seu ensino explica sobre o significado de sua morte? O que ele disse sobre o Espírito Santo? Como ele descreveu os seres humanos e suas necessidades? Ele antecipou a igreja cristã? Ele ensinou algo sobre o fim do mundo? Quais eram as principais características de seu ensino moral? As seções a seguir buscarão responder a essas perguntas importantes.

Resumo

- Ensinaamentos sobre Deus
- Ensinaamentos sobre si mesmo
- Ensinaamentos sobre o Reino de Deus
- Ensinaamentos sobre sua própria morte
- Ensinaamentos sobre o Espírito Santo
- Ensinaamentos sobre a humanidade
- Ensinaamentos sobre a Igreja
- Ensinaamentos sobre o futuro
- Ensinaamentos sobre questões morais

Ensinaamentos sobre Deus

Qualquer um que encontre os ensinamentos de Jesus após ler o Antigo Testamento reconhecerá imediatamente que grande parte de seu ensino sobre Deus é o mesmo. Uma vez que Jesus, como todos os judeus ortodoxos de seus dias, aceitava o testemunho do Antigo Testamento como inspirado, não é surpreendente que sua abordagem de Deus fosse semelhante. Isso é especialmente verdadeiro em relação a sua convicção de que Deus era Criador. Ele ensinou um cuidado divino especial sobre a ordem criada e afirmou que Deus zelava por criaturas pequenas como o pardal ([Mateus 10.29](#)). Não há apoio nos ensinamentos de Jesus para a visão de que Deus está desinteressado sobre mundo que ele fez.

Um dos títulos mais característicos que Jesus usou para Deus foi Pai. Isso não era novo, porque a ideia ocorre no Antigo Testamento, onde Deus é descrito como Pai de seu povo Israel. Este tipo de paternidade era nacional em vez de pessoal. No período entre o Antigo e o Novo Testamento, os judeus vieram a considerar Deus como tão santo que ele foi removido do contato direto com os assuntos humanos. Tinha que haver mediadores entre Deus e as pessoas. Esta crença elevada sobre Deus não encorajava a ideia de Deus como Pai. É neste contexto que devemos interpretar o ensino único de Jesus da paternidade pessoal de Deus. Há algumas evidências no judaísmo de que a oração a Deus como “Pai Nosso” era conhecida, mas o que distingue os ensinamentos de Jesus dos de seus contemporâneos é que a paternidade de Deus era central para o que ele ensinava.

A relação pai-filho é especialmente enfatizada no Evangelho de João, onde Jesus como Filho é visto em comunhão próxima com Deus como Pai. Isso fica fortemente evidente na oração de Jesus em [João 17](#) e nas frequentes afirmações de que o Pai havia enviado o Filho e que o Filho estava fazendo a vontade do Pai. É este forte relacionamento entre Deus e Jesus em termos de paternidade e filiação que levou Jesus a ensinar as pessoas a se aproximar de Deus da mesma maneira. A Oração do Senhor reconhece isso em suas palavras de abertura. É especialmente importante notar que a intimidade de “Pai Nosso” vem antes de “santificado seja o teu nome” ([Mateus 6.9](#)). Jesus nunca ensinou as pessoas a se aproximar de Deus com terror.

Embora haja uma conexão entre a maneira pela qual Jesus se dirigia a Deus como Pai e a maneira pela qual ele ensinou seus discípulos a se aproximar de Deus, também há uma distinção. Jesus falou de “Meu Pai e seu Pai” quando ele apareceu a Maria Madalena após sua ressurreição ([João 20.17](#)), mas ele não disse “nosso Pai”. Sua filiação era única porque ele alegava que ele e o Pai eram um ([João 10.30](#)).

No Sermão do Monte, Jesus assegurou aos seus seguidores que seu Pai celestial conhece suas necessidades ([Mateus 6.32](#); [Lucas 12.30](#)). Com base nesta fundação sólida, eles são encorajados a não ficarem ansiosos. Isso dá algumas informações sobre como os ensinamentos de Jesus sobre Deus têm uma relação com questões práticas.

Ensinaamentos sobre si mesmo

O que Jesus disse sobre si mesmo é de grande importância porque isso, sem dúvida, formou a base do que a igreja primitiva veio a ensinar sobre ele.

Jesus usou certos títulos para si mesmo ou os aceitou como descrições de si mesmo quando eles eram usados por outros. O mais amplamente usado é Filho do Homem. Este título foi usado por Jesus para se referir a si mesmo, mas não foi usado por ninguém mais. Também foi usado em vários tipos diferentes de declarações. Às vezes, as declarações relacionadas diretamente com o ministério público de Jesus, como a de que o Filho do Homem era Senhor do sábado ([Marcos 2.28](#)), ou que o Filho do Homem tinha autoridade para perdoar pecados (versículo 10). Às vezes, as declarações tinham uma relação direta com seu sofrimento vindouro, como quando Jesus disse que o Filho do Homem deveria sofrer muitas coisas ([Marcos 8.31](#); observe que [Mateus 16.21](#) tem “ele” em vez de “Filho do

Homem”). Em outras ocasiões, a referência é a uma aparição futura, como quando Jesus declarou ao sumo sacerdote que ele veria “o Filho do Homem sentado do lado direito do Deus Todo-Poderoso e descendo com as nuvens do céu!” ([Marcos 14.62](#)). O que Jesus quis dizer com o título, e por que ele o usou?

O título “Filho do Homem” havia sido usado antes. A frase ocorre no [Salmo 8.4](#), onde se refere ao homem ou humanos. Novamente, a expressão é usada muitas vezes em Ezequiel como um modo de se dirigir ao profeta, mas aqui também significa homem. Um uso bastante diferente ocorre em [Daniel 7.13](#), onde alguém como um filho do homem vem com as nuvens diante do Ancião de Dias. Há uma forte semelhança entre esta passagem e as palavras de Jesus em [Marcos 14.62](#). Mas uma diferença importante é que, embora o Filho do Homem se torne um título em Marcos, não é assim em Daniel. Há algumas evidências para o título na literatura apocalíptica judaica [um estilo profético de escrita]. Por exemplo, o Livro de Parábolas de Enoque descreve um ser preexistente que virá para julgar e derrubar os inimigos de Deus. Parece evidente a partir disso que o uso de Jesus de Filho do Homem como um título seja único.

As menções de Filho do Homem são distribuídas ao longo dos quatro evangelhos, e não há diferenças óbvias em seus usos. O que é à primeira vista impressionante é que, embora o título seja frequentemente usado por Jesus nos evangelhos, nunca se tornou um nome pelo qual Jesus era conhecido pelos primeiros cristãos. Na verdade, apenas em [Atos 7.56](#) o título aparece, neste caso usado por Estêvão. Portanto, fica claro que tinha um significado especial para Jesus que não tinha para os outros. Não há dúvida de que ele estava se referindo a si mesmo e não a outra pessoa, como mostra um estudo minucioso de todas as declarações do Filho do Homem. Aqueles que pensam que Jesus estava se referindo a alguém chegam a esta conclusão apenas após primeiro ignorar algumas das menções. A razão mais provável pela qual ele usou o título Filho do Homem foi porque ele queria evitar um termo como Messias, que carregava consigo muitas implicações políticas. Mas o que Filho do Homem queria dizer para Jesus? O termo é rico da ideia de humanidade, possivelmente alusões ao “filho do homem” de Daniel, e talvez a ideia do Servo Sofredor de [Isaías 53](#). É mais provável que Jesus tenha visto isso em termos de sua missão de uma maneira que seus ouvintes não poderiam apreciar completamente. Também é provável que a igreja

primitiva preferisse Messias porque este título carregava o significado de um libertador real. Além disso, após a morte de Jesus, não haveria mais medo de mal-entendidos políticos.

O termo Messias, ou Cristo, não pertence estritamente aos ensinamentos de Jesus, uma vez que ele mesmo nunca o usou. O exemplo mais impressionante em que ele aceitou ser chamado de Messias foi na confissão de Pedro em Cesareia de Filipe. Todos os Evangelhos Sinóticos registram a confissão “Você é o Cristo”, enquanto Mateus acrescenta o comentário significativo de Jesus de que carne e sangue não o haviam revelado, mas “meu Pai, que está no céu” ([Mateus 16.17](#)). Ele certamente aceitou a confissão e a considerou como revelação de Deus. Um outro caso nos Sinóticos em que ele não refuta especificamente ser o Messias, ou Cristo, é sua resposta à pergunta do sumo sacerdote “Você é o Cristo?” ([Marcos 14.61](#)).

No Evangelho de João, André diz a Pedro que ele havia encontrado o Messias ([João 1.41](#)). A mulher em Samaria fala com Jesus, e ele revela que é o Messias ([4.25-26](#)). Havia uma expectativa generalizada entre os judeus de que um libertador viria para derrubar seus inimigos políticos, os romanos. Havia várias ideias sobre sua origem (um líder militar ou um guerreiro celestial) e seus métodos (os zelotes acreditavam que a libertação só poderia vir através de revolução armada). É fácil entender por que Jesus era reservado sobre discorrer abertamente sobre seu papel como o Messias.

Outro título de maior importância é Filho de Deus, embora ocorra principalmente no Evangelho de João. Que tanto Marcos quanto João consideravam Jesus desta maneira fica claro a partir de declarações explícitas em seus evangelhos (compare [Marcos 1.1](#); [João 20.30-31](#)). Certamente há passagens onde o Messias está ligado com o Filho de Deus, e onde Jesus não rejeita nenhum dos títulos (compare [Mateus 16.16](#)). Mas nos ensinamentos de Jesus, uma passagem deixa abundantemente claro o relacionamento especial que Jesus tinha com Deus como Filho — ou seja, [Mateus 11.27](#) (também [Lucas 10.22](#), uma passagem paralela que descreve o mesmo evento), onde Jesus implica que ele é o Filho do Pai.

No entanto, muitas passagens semelhantes no Evangelho de João são mais explícitas. O Filho é inquestionavelmente preexistente porque ele sabe que ele veio do Pai e retorna para o Pai. Não é possível, das muitas referências à filiação no Evangelho de João, chegar a qualquer outra

conclusão que não seja a de que Jesus se considerava divino. É especialmente importante notar que também é no Evangelho de João que Jesus é retratado mais claramente em sua natureza humana com suas fraquezas que acompanham. Em nenhum lugar nos ensinamentos de Jesus, ele explicou como Deus poderia se tornar homem, mas ele assumiu isso como um fato. Ele ensinava com a autoridade de Deus.

Ensinaamentos sobre o Reino de Deus

Ninguém pode ler os Evangelhos Sinóticos sem ficar impressionado com a frequência com que a expressão “reino de Deus” (ou do céu) ocorre. Este era claramente um tema importante em todo o ensino de Jesus. É menos evidente no Evangelho de João, mas ainda está presente. Muitas das parábolas de Jesus são especificamente chamadas de parábolas do reino. O conceito de Jesus do reino forneceu uma ideia fundamental para o evangelho cristão.

A ideia principal é o governo de Deus sobre as pessoas, em vez de um reino que pertence a Deus. Em outras palavras, a ênfase está no reinado ativo do Rei. Isso é importante porque significa que o reino é profundamente afetado pelos relacionamentos entre os membros e o Rei. Também significa que o reino não será manifesto em termos institucionais.

Há um problema com os ensinamentos do reino que devem ser enfrentados: seu tempo. Algumas declarações implicam que ele já está presente, enquanto outras sugerem que o reino não virá até o futuro. Alguns estudiosos rejeitam a ideia de que presente e futuro podem ser considerados juntamente. Portanto, eles rejeitam um e se concentram no outro. Aqueles que mantêm uma compreensão presente do reino desenvolveram a ideia de um evangelho social [que aborda problemas sociais como pobreza e injustiça], uma vez que o cristianismo foi definido como o estabelecimento do reino de Deus na terra. De acordo com [alguns que afirmam] esta visão, não há lugar para uma futura chegada do reino. Por outro lado, alguns negaram completamente o aspecto presente e se concentraram no futuro. Neste caso, é difícil ver em que sentido os ensinamentos do reino são relevantes.

No entanto, outros insistiram que, uma vez que tanto os aspectos presentes quanto os futuros são encontrados nos registros do evangelho, nenhuma explicação é suficiente para negar um em detrimento do outro. Uma possível solução é

considerar os aspectos presentes como se aplicando a esta era, mas como não alcançando seu cumprimento até o futuro estabelecimento do reino. Uma solução semelhante, expressa de forma diferente, é manter que a realidade é um reino futuro, mas que se estendeu até o presente. Jesus incluiu intencionalmente tanto os aspectos presentes quanto os futuros.

Que o reino era um tema de interesse comum fica claro em [Lucas 17.20-21](#), onde os fariseus perguntaram a Jesus quando chegaria. Sua resposta, que o reino estava entre eles, mostra inequivocamente uma ideia presente. Isso é igualmente verdadeiro na declaração de que no exorcismo dos espíritos malignos, o reino havia chegado ([Mateus 12.28](#); [Lucas 11.20](#)). Além disso, Jesus mencionou que o reino tem avançado com força ([Mateus 11.12](#)). Ao avançar à força, ele não quis dizer com métodos revolucionários, embora ele claramente tenha implícito que algo dinâmico já estava acontecendo. Esta ideia de poder dinâmico é uma das características mais características do reino. Jesus falou sobre amarrar o homem forte e bem armado ([Lucas 11.21-22](#)). Isso mostra que em seu ministério, ele esperava dar uma demonstração poderosa contra as forças das trevas [espíritos que fazem coisas malignas].

É evidente que o reino que Jesus proclamou era um reino em que Deus era supremo. Este estava inseparavelmente ligado com sua missão redentora, na qual Deus estava trazendo libertação espiritual para seu povo. Além disso, os ensinamentos de Jesus sobre o reino não podem ser considerados isoladamente. Eles fazem parte da mensagem total. Nenhuma parte dessa mensagem pode ser separada de qualquer outra sem distorcer o todo.

Os ensinamentos mais claros sobre o aspecto futuro do reino podem ser encontrados em algumas das parábolas ([Mateus 13](#)) e no sermão sobre o Monte das Oliveiras ([Mateus 24-25](#); [Marcos 13](#); [Lucas 21](#)). Neste último, Jesus falou do futuro usando imagens da literatura judaica, como as referências a nuvens, à glória e aos anjos em relação à vinda do Filho do Homem ([Marcos 13.26-27](#)). No relato de Mateus, há referência ao soar de uma trombeta, outra característica familiar ([Mateus 24.31](#)).

Várias características das parábolas do reino dão a ideia mais clara da natureza do reino. A participação no reino não é considerada universal, porque na parábola do semeador ([Mateus 13.1-9](#); [Marcos 4.1-9](#); [Lucas 8.4-8](#)) nem todos os solos são

produtivos. A mesma separação é vista na parábola do joio (Mateus 13.24–30) e na parábola da rede (Mateus 13.47–52). As ervas daninhas são destruídas e apenas o trigo é colhido, enquanto os peixes ruins são jogados fora. Os membros do reino são aqueles que ouvem e entendem a palavra do reino ([Mateus 13.23](#)). Portanto, está claro que uma resposta é necessária para desfrutar dos benefícios do reino.

Há uma ênfase no crescimento na parábola do grão de mostarda (Mateus 13.31–32; Marcos 4.30–34; Lucas 13.18–19), onde o rápido desenvolvimento ocorre de pequenos começos. As parábolas do tesouro e da pérola (Mateus 13.44–46) destinam-se a enfatizar o valor do reino. O caráter universal do reino fica nitidamente evidente na parábola dos arrendatários ímpios (Mateus 21.33–44; Marcos 12.1–12; Lucas 20.9–18), onde o reino é dito como sendo tirado dos judeus e dado a outra “nação”, presumivelmente uma alusão aos gentios ([Mateus 21.43](#)). Isso está de acordo com a Grande Comissão que Jesus deu aos seus discípulos para pregar a todas as nações ([28.19](#)). Um reino universal certamente seria inteiramente diferente da ideia do reino messiânico do judaísmo, na qual Israel deveria ser a unidade central. Não é fácil apreciar como revolucionária a ideia de um reino mundial com gentios e judeus em pé de igualdade.

Ensinamentos sobre sua própria morte

O anúncio do reino deve estar ligado com a abordagem de Jesus quanto sua própria morte, que ele viu como uma parte essencial de sua missão. Alguns estudiosos alegaram que Jesus considerava seu ministério como tendo sido um fracasso, mas isso não é apoiado nem mesmo por uma leitura rápida dos evangelhos. Além disso, Jesus deu uma série de indicações que, quando consideradas em conjunto, nos fornecem o significado que Jesus atribuiu à sua morte dentro de toda a extensão de sua missão.

É importante notar que muitas vezes Jesus mostrou sua consciência de que os detalhes de sua vida eram um cumprimento das Escrituras (compare [Mateus 26.24-56](#); [Marcos 9.12](#); [Lucas 18.31](#); [24.25–27.44–45](#)). Em todos os casos citados, o sofrimento de Jesus é referido como o assunto das profecias do Antigo Testamento. Isso deve significar que ele havia refletido sobre as previsões do Antigo Testamento e reconheceu que elas poderiam ser realizadas apenas através de seus próprios sofrimentos. Neste caso, Jesus estava

completamente ciente de que ele sofreria para realizar sua própria missão.

Esta ênfase no cumprimento das Escrituras também é vista no Evangelho de João. Sua declaração de que o Filho do Homem deveria ser levantado, mesmo quando Moisés havia a serpente ([João 3.14](#)) ilustra este ponto. A maioria das passagens onde o cumprimento das Escrituras é mencionado são os comentários do evangelista, João. Mas não pode haver dúvida de que o motivo do cumprimento desempenhou um papel vital tanto na compreensão de Jesus de sua missão quanto na compreensão dos primeiros cristãos de sua morte. Nesta conexão, alguns sustentam que João coloca mais ênfase na encarnação como um meio de salvação na medida em que ele a vê como uma iluminação da mente. Mas isso é apenas parte da verdade porque há mais sobre o significado da morte de Jesus no Evangelho de João do que nos outros.

Os evangelhos enfatizam a necessidade divina da morte de Jesus. Além do motivo de cumprimento, a ideia de necessidade é forte na primeira previsão de Jesus de sua morte que se aproximava. No Evangelho de João, Jesus fala de sua “hora” várias vezes nos estágios iniciais de seu ministério como “ainda não”, mas nos estágios posteriores como tendo chegado. Há um senso de movimento definido em direção a um clímax, a hora, sem dúvida, sendo a hora de seu sofrimento (compare [João 17.1](#)). Não há espaço para qualquer desilusão aqui. Jesus sabia que apenas durante a hora da morte o Pai poderia ser glorificado. O clímax estava de acordo com um plano ordenado.

Jesus evidentemente considerava sua morte como, de algumas maneiras, um sacrifício. A indicação mais clara disso está nas palavras de instituição na Última Ceia. O cálice está conectado com o sangue da nova aliança, que é dito ser para o “perdão dos pecados” ([Mateus 26.26–28](#)). Nenhuma explicação é dada sobre a maneira pela qual a morte que estava por vir, significada pelo pão partido e pelo vinho servido, traria o perdão dos pecados. Mas a compreensão imediata pela igreja primitiva de que Cristo morreu por nossos pecados (compare [1 Coríntios 15.3](#)) mostra que eles claramente entenderam a importância do que Jesus disse. A ideia da nova aliança é paralela à antiga aliança, que de acordo com [Êxodo 24](#) foi selada com sangue sacrificial. Pode haver pouca dúvida de que Jesus tinha isso em mente quando ele falou sobre a nova aliança. Também era semelhante às ideias expressas em [Jeremias 31](#), referindo-se a uma

aliança escrita no coração [o centro emocional do ser] em vez de gravada em pedra [como nos Dez Mandamentos].

Outro aspecto da morte de Cristo visto especialmente no Evangelho de João é o sentido de conclusão juntamente com ela. Na oração de Jesus em [João 17](#), quando ele enfrenta a cruz, ele declara que terminou a obra que o Pai lhe havia dado para fazer ([João 17.4](#)). Isso é reforçado pelo brado na cruz: “Está consumado”, que apenas João registra ([19.30](#)). Este senso de cumprimento dá um senso de triunfo ao que poderia de outra forma ter sido considerado um desastre.

Ensinamentos sobre o Espírito Santo

Em vários dos principais eventos na vida de Jesus, os evangelistas observam a atividade do Espírito (por exemplo, o nascimento virginal, o batismo, a tentação). Portanto, é de se esperar que Jesus tivesse instruído seus discípulos sobre o Espírito Santo. No entanto, há surpreendentemente pouco nos Evangelhos Sinóticos sobre este tema. A maioria dos ensinamentos vem do Evangelho de João.

De acordo com Lucas, quando Jesus começou seu ministério de pregação em Nazaré, ele leu a declaração em [Isaías 61.1-2](#) sobre o Espírito de Deus e a aplicou a si mesmo. Ele viu seu ministério como sendo inaugurado pelo Espírito Santo. Isso se torna claro na maneira como ele respondeu à sentença de que ele expulsou demônios por meio de Belzebu, príncipe dos demônios. Ele identificou a realidade da vinda do reino de Deus pelo fato de que ele estava expulsando espíritos malignos pelo Espírito de Deus ([Mateus 12.28](#)). Além disso, ele era sensível à gravidade de blasfemar contra o Espírito, o que ele implica que seus agressores estavam em perigo de fazer. O que quer que ele fizesse em seu ministério, ele via como uma atividade do Espírito Santo, e isso foi especialmente assim no conflito com espíritos malignos.

Ao advertir seus discípulos de que eles encontrariam oposição, Jesus os assegurou do apoio do Espírito Santo quando eles fossem forçados a comparecer diante de reis ou governadores ([Mateus 10.19-20](#); [Marcos 13.11](#)). De fato, ele lhes disse que o Espírito Santo falaria através deles. Isso enfatiza que ele esperava uma continuação da atividade do Espírito Santo no futuro. Lucas registra um exemplo em que Jesus comenta o que os pais farão por seus filhos e pergunta se Deus não dará o Espírito Santo àqueles

que pedirem ([Lucas 11.13](#)). A conclusão é que Deus considera o Espírito Santo como o melhor presente para dar aos seus filhos. Em ainda outra ocasião, Jesus reconheceu que Davi foi inspirado pelo Espírito Santo quando ele escreveu o [Salmo 110](#) ([Marcos 12.36](#)). Isso reflete a crença de Jesus no papel ativo do Espírito Santo na produção das Escrituras.

O Evangelho de João fornece um desenvolvimento mais detalhado do que Jesus ensinou sobre o Espírito Santo. Os ensinamentos sobre o Espírito Santo estão geralmente ligados aos ensinamentos de Jesus sobre dar vida eterna àqueles que acreditam nele e o recebem. Ao mesmo tempo, ele falou do novo nascimento e vida eterna para Nicodemos, Jesus também falou do Espírito Santo ([João 3.3-8,15-16](#)). Quando ele falou sobre a água da vida à mulher samaritana, ele também falou do Espírito Santo ([4.14,23-24](#)). O mesmo é verdadeiro para os discursos sobre o pão da vida ([6.48-63](#)) e os rios de água viva ([7.37-39](#)). Ao longo do Evangelho de João, Jesus declara a várias pessoas que ele pode dar-lhes a vida eterna se elas acreditarem nele. Ele lhes promete a água viva, o pão da vida e a luz da vida, mas ninguém poderia realmente participar disso até depois que o Senhor fosse ressuscitado. Como amostra, eles poderiam receber uma certa medida de vida através das palavras do Senhor, porque suas palavras eram em si espírito e vida ([6.63](#)). Até que o Espírito Santo se tornasse disponível, os crentes não poderiam realmente se tornar os destinatários da vida divina e eterna.

Após o sermão do Senhor em [João 6](#) (um sermão que foi muito perturbador e ofensivo para a maioria de seus discípulos), Jesus disse: “O Espírito dá vida” ([6.63](#)). Quando o Espírito Santo se tornasse disponível, eles poderiam ter vida. Novamente, Jesus ofereceu a água viva — até mesmo a vida que flui como rios de água viva — aos judeus reunidos na Festa dos Tabernáculos. Ele lhes disse para virem e beberem dele. Mas ninguém poderia, naquele momento, vir e beber dele. Então João acrescentou uma nota: “Jesus estava falando a respeito do Espírito Santo, que aqueles que criam nele iriam receber. Essas pessoas não tinham recebido o Espírito porque Jesus ainda não havia voltado para a presença gloriosa de Deus”. ([7.39](#)). Uma vez que Jesus seria glorificado através da ressurreição, o Espírito de Jesus glorificado estaria disponível para os homens beberem. Em [João 6](#), Jesus se ofereceu como o pão da vida para ser comido pelos homens. E em [João 7](#), ele se ofereceu como a água viva para revigorar os homens. Mas

ninguém poderia comer ou beber dele até que o Espírito do Jesus glorificado fosse disponibilizado, como foi indiretamente dito em [João 6.63](#) e então declarado claramente em [João 7.39](#).

Em [João 14.16-18](#), Jesus foi um passo adiante em se identificar com o Espírito Santo. Ele disse aos discípulos que ele lhes daria outro Consolador. Então ele lhes disse que eles deveriam saber quem era este Consolador porque ele estava, naquele momento, ficando com eles e que, num futuro próximo, estaria neles. Quem mais, senão Jesus estava ficando com eles naquele período? Então depois de dizer aos discípulos que o Consolador viria a eles, ele disse: “Eu virei a vocês”. Primeiro, ele disse que o Consolador viria a eles e estaria neles, e então, no mesmo fôlego, ele disse que viria a eles e estaria neles (ver [14.20](#)). Em suma, a vinda do Consolador aos discípulos foi a mesma que a vinda de Jesus aos discípulos. O Consolador que estava habitando com os discípulos naquela noite era o Espírito em Cristo. O Consolador que estaria nos discípulos (após a ressurreição) seria Cristo no Espírito.

Na noite da ressurreição, o Senhor Jesus apareceu aos discípulos e então soprou neles o Espírito Santo. Este soprar, que lembra o soprar do fôlego da vida de Deus em Adão ([Gênesis 2.7](#)), se tornou o cumprimento de tudo o que havia sido prometido e antecipado no Evangelho de João. Através deste dom, os discípulos renasceram espiritualmente e foram habitados pelo Espírito de Jesus Cristo. Este evento histórico marcou o início da nova criação. Jesus poderia agora ser reconhecido como o pão da vida, a água viva e a luz da vida. Os crentes agora possuíam sua vida divina, eterna e ressuscitada. Daquele momento em diante, Cristo, como Espírito, passou a habitar naqueles que nele criam. Portanto, em sua primeira carta, João pôde dizer: “E, por causa do Espírito que ele nos deu, sabemos que Deus permanece em nós”. ([1 João 3.24](#)).

A habitação do Espírito Santo ajudou os discípulos a se lembrar das palavras e ações de Jesus ([João 14.26](#)) para que pudessem ensinar e escrever sobre eles com uma visão profunda. Isso significa que Jesus não pretendia que a preservação de seus ensinamentos fosse deixada ao acaso. Com muita frequência, teorias que tentam explicar a maneira como as tradições sobre Jesus e seus ensinamentos foram transmitidas no período anterior à existência de quaisquer evangelhos escritos são sugeridas sem qualquer referência ao Espírito Santo. Não é aceitável se concentrar nas leis da tradição oral e ignorar o fator único neste caso — o

Espírito Santo. Faz parte da missão do Espírito Santo preservar e transmitir o ensino de Jesus. O que Jesus diz nesta passagem sobre o Espírito Santo tem um significado de longo alcance para a formação dos evangelhos.

Outra função importante é a atividade do Espírito Santo no mundo. Jesus deixou claro que o Espírito Santo convenceria do pecado, da justiça e do juízo ([João 16.8](#)). Sem a ação do Espírito Santo, não haveria possibilidade dos discípulos causarem qualquer impacto no mundo. No entanto, Jesus advertiu que o mundo não poderia receber o Espírito Santo porque não o conhecia ([14.17](#)). O mistério do Espírito Santo é que ele habita em cada um que crê. Este aspecto habitacional é de grande importância e foi especialmente desenvolvido nos escritos de Paulo.

Ensinamentos sobre a humanidade

Jesus ensinou sobre o cuidado providencial de Deus sobre todos os seres humanos. Os cabelos de uma pessoa estão todos contados ([Mateus 10.30](#)), o que é uma maneira vívida de dizer que Deus está interessado nos detalhes da vida humana. Mas Deus está muito mais interessado na alma eterna. Jesus deixou claro que seria inútil a qualquer um ganhar o mundo e perder sua alma ([Mateus 16.26](#); [Marcos 8.36](#); [Lucas 9.25](#)). O foco recai sobre o que uma pessoa é e não o que ela tem. Jesus até disse que um corpo mutilado era preferível a uma vida perdida ([Marcos 9.43-47](#)). A satisfação total depende mais da condição espiritual de alguém do que do ambiente ou bem-estar físico. Ele não estava, é claro, desinteressado sobre o estado físico das pessoas, como suas muitas curas mostram, mas seu principal interesse era sobre o relacionamento das pessoas com Deus.

Jesus nunca viu os seres humanos como indivíduos isolados. Dentro da comunidade de Deus esperava-se que as pessoas tivessem responsabilidade umas pelas outras. O Sermão do Monte ilustrou esta ênfase social no ensino de Jesus. Aqueles que são misericordiosos com os outros obterão misericórdia ([Mateus 5.7](#)). Há louvor especial para os pacificadores (verso [9](#)). Espera-se que os discípulos de Jesus tragam luz para os outros (versículo [16](#)). Espera-se que eles deem mais do que o esperado (versículo [40](#)). Jesus está claramente dizendo que as pessoas têm responsabilidade além de si mesmas.

A relação das pessoas com Deus é de dependência. Jesus ensinou homens e mulheres a orar a Deus pelo pão diário ([Mateus 6.11](#)) como um lembrete

de que eles não podem ser totalmente autossuficientes. Ele não permitia nenhum lugar em seu ensino para os seres humanos se vangloriarem de suas próprias realizações.

Jesus tinha algumas coisas específicas a dizer sobre a vida doméstica. Ele aceitou a sacralidade do contrato de casamento ([Mateus 5.31-32](#); compare [19.3-9](#)) e, portanto, mostrou uma alta consideração pela honra e pelos direitos da esposa. Foi mais em suas ações e atitudes, do que em seus ensinamentos específicos, que Jesus mostrou sua consideração pelo status das mulheres. Quando ele falava de homens, ele muitas vezes usava o termo no sentido de pessoas, incluindo homens e mulheres. Não há sugestão de que, em questões de fé, as mulheres eram, em geral, inferiores aos homens. Além disso, Lucas aponta quantas mulheres apoiaram Jesus e seus discípulos em suas viagens.

Jesus tinha uma visão elevada do potencial humano, mas também reconheceu sua condição presente. A ênfase sobre o arrependimento ([Mateus 4.17](#)) mostra uma pecaminosidade da qual as pessoas precisam se arrepender. Este senso de necessidade está implícito nos casos em que Jesus pronuncia perdão (por exemplo, para o paralítico, [Mateus 9.1-8](#); e para a mulher que o ungiu, [Lucas 7.47-48](#)). Na Oração Senhor, Jesus instrui seus discípulos a orar por perdão ([Mateus 6.12](#); [Lucas 11.4](#)). Ele toma por certo que eles precisam e desejam obtê-lo.

Jesus não dá apoio a qualquer autojustiça em homens ou mulheres. Este é o motivo de sua crítica aos líderes religiosos em vários ditos, especialmente em [Mateus 23](#). Ele era crítico quanto aos mestres judeus porque eles colocavam tanta importância nas obras de mérito como contribuintes para a salvação. Toda sua abordagem se apoiava nos seres humanos lançarem-se na misericórdia de Deus. Isso é vividamente ilustrado na parábola sobre o fariseu e o cobrador de impostos em oração ([Lucas 18.10-14](#)). Foi este último que se lançou à misericórdia de Deus e que foi elogiado por Jesus.

Sem dúvida, Jesus considerava o pecado como universal. Ele nunca sugeriu que havia alguém que estava isento disso. O principal conceito de pecado em seus ensinamentos era a separação de Deus. Isso fica claramente evidente no Evangelho de João, com sua forte oposição entre luz e trevas, vida e morte (compare [João 5.24](#)). De fato, o “mundo” no Evangelho de João representa o sistema que não leva em conta Deus. Mas o pecado também é visto

como escravidão a Satanás. A vida e os ensinamentos de Jesus são vistos contra o pano de fundo do conflito espiritual. Jesus até mesmo disse aos seus oponentes: “Vocês são filhos do Diabo e querem fazer o que o pai de vocês quer” ([João 8.44](#)). Ele assume que há forças hostis que levam o homem à sujeição.

Na parábola do filho pródigo (Lucas 15.11-32), o pecado contra Deus está ligado com o pecado diante do pai. Em outras palavras, este é considerado em termos de rebelião e revolta ([verso 21](#)). Esta é uma ofensa diferente da ofensa do filho da que a que chegou pelo irmão mais velho, que poderia vê-la apenas em termos de propriedade. A visão de que os seres humanos estão essencialmente em um estado de rebelião contra Deus é um princípio básico da posição teológica de Paulo, e é importante notar que encontra sua raiz nos ensinamentos de Jesus.

Não há dúvida de que Jesus tinha muito a dizer sobre condenação. Aqueles que não acreditavam e estavam, portanto, fora da provisão de salvação que Jesus havia feito são declarados já condenados ([João 3.18](#)). Em várias ocasiões, Jesus mencionou o julgamento que estava por vir, o que mostra que o destino de uma pessoa está relacionado com sua condição espiritual presente. Toda a missão de Jesus deve ser vista neste contexto da necessidade espiritual da humanidade. Uma pessoa, se entregue a si mesma, seria totalmente incapaz de alcançar a salvação, mas Jesus veio para oferecer a vida eterna àqueles que acreditam nele ([João 3.16](#)).

Ensinamentos sobre a Igreja

Alguns supuseram que Jesus não previu que haveria uma igreja. Mas em duas ocasiões, ele usou a palavra “igreja”, que significa um povo chamado por Deus. Em uma das ocasiões (em Cesareia de Filipe), Jesus disse a Pedro que ele construiria sua igreja sobre a rocha ([Mateus 16.16-19](#)). Parece mais provável que “rocha” tivesse a intenção de ligar o fundamento da igreja à confissão específica de Pedro sobre Jesus. É certo que a igreja posterior era uma comunidade que afirmava que Jesus era o Cristo, o Filho do Deus vivo. É importante notar que o próprio Cristo é o construtor da igreja. Ele assegurou aos seus discípulos que seria impossível que os portões do inferno prevalecessem. Além disso, uma das funções da igreja era proclamar o perdão de pecados, e isso está implícito no que Jesus disse a Pedro. Que as palavras não tinham a intenção de se referir exclusivamente a ele fica claro em [Mateus 18.18](#), onde palavras semelhantes

foram dirigidas a todos os discípulos. A igreja, de acordo com [Mateus 18.17](#), deveria ser uma comunidade que poderia resolver conflitos entre os crentes.

Além dessas referências específicas à igreja, Jesus assumiu que seus seguidores se reuniram em seu nome ([Mateus 18.19-20](#)). Em suas palavras finais no relato de Mateus, ele os comissionou para ensinar o que ele havia ensinado a eles e batizar novos discípulos ([Mateus 28.19-20](#)). Ele prometeu que sua presença estaria com eles. O mandamento para batizar foi reforçado pelo próprio exemplo de Jesus ao se submeter ao batismo de João. Um outro rito especial que Jesus esperava que seus discípulos observassem era a Ceia do Senhor. Suas instruções sobre isso assume uma comunidade posterior que poderia observá-la. Uma vez que a forma de palavras usadas na instituição aponta para o significado da morte de Cristo, fica claro que Jesus pretendia que a futura comunidade fosse frequentemente lembrada do centro da fé. A igreja cristã deveria ser um grupo de pessoas que sabiam que através de Cristo, eles haviam entrado em um novo relacionamento com Deus.

Embora não haja referências à igreja no Evangelho de João, certamente há sinais que apoiam a ideia de comunidade. Jesus se apresentou como o Pastor e falou de seus seguidores como formando um rebanho ([João 10.16](#)). As imagens das ovelhas ocorrem novamente neste evangelho quando Pedro é instruído três vezes pelo Senhor ressuscitado para alimentar as ovelhas ([João 21.15-17](#)). Outra figura de linguagem que Jesus usou para trazer a ideia de grupo é a dos muitos ramos que recebem sua vida da videira, e, portanto, pertencem uns aos outros por causa de sua vida comum na videira ([João 15.1-8](#)).

Jesus reconheceu que a futura comunidade precisaria da ajuda do Espírito Santo. Seus ensinamentos sobre este assunto estabeleceram o fundamento para a evidente dependência da igreja primitiva do Espírito Santo, como visto no livro de Atos. Finalmente, deve ser notado que há uma conexão próxima entre a igreja e o reino de Deus, embora eles não sejam idênticos. O reino é mais amplo do que a igreja, que está incluída dentro dele.

Ensinaamentos sobre o futuro

Jesus pensou no reino em termos de cumprimento presente e esperança futura. O aspecto futuro está relacionado com o fim dos tempos. Embora ele não tenha escrito em termos específicos, Jesus não

deixou seus discípulos sem qualquer conhecimento de como a era presente terminaria. Ele deu firme certeza de que ele retornaria em algum momento no futuro.

Ele disse aos discípulos que o Filho do Homem viria com seus anjos na glória de seu Pai ([Mateus 16.27](#)). No sermão em que ele responde à pergunta dos discípulos sobre o fim do mundo, ele fala novamente do Filho do Homem vindo em nuvens com poder e glória ([Marcos 13.26](#)), provavelmente extraído da linguagem familiar de [Daniel 7](#). Jesus descreveu vários sinais que precederiam sua própria vinda. Ele falou de guerras, conflitos, terremotos, fomes e distúrbios nos céus. O evangelho era para ser pregado a todas as nações. Ao mesmo tempo, muitos falsos cristos surgiriam.

Jesus deu tais detalhes sobre seu retorno para encorajar seus discípulos diante da perseguição. A esperança futura tinha um propósito definitivamente prático. Os discípulos foram instigados a vigiar. A vinda aconteceria tão inesperadamente como um ladrão na noite. Jesus disse que até mesmo ele mesmo não sabia quando a vinda ocorreria ([Marcos 13.32](#)).

Outro tema importante que afeta o futuro é enfatizado nos ensinamentos de Jesus sobre a ressurreição. Os saduceus não acreditavam na ressurreição do corpo. Eles tentaram pegar Jesus em uma armadilha com uma pergunta sobre uma mulher que havia sido casada sete vezes. Eles queriam saber de qual marido ela seria na ressurreição ([Marcos 12.18-27](#)). Jesus mostrou que não haveria casamento quando os mortos ressuscitassem. A ideia dos saduceus sobre a ressurreição estava claramente errada. O ensino de Jesus era que aqueles ressuscitados seriam como os anjos. Não há dúvida sobre a ressurreição dos mortos, embora nenhuma informação seja dada sobre o corpo da ressurreição. Jesus contou uma história sobre um homem rico e um homem pobre onde ambos morreram ([Lucas 16.19-31](#)). Na vida após a morte, o homem rico clama em dor extrema, enquanto o homem pobre desfruta de um estado de bem-aventurança. O que é mais claro disso é a certeza da vida após a morte e o fato de uma distinção entre os dois homens, embora não sejamos informados sobre quais bases a distinção é feita. Em outro lugar em seus ensinamentos, Jesus sugeriu que o requisito mais importante é a fé em si mesmo. A conversa entre Jesus e o ladrão que está morrendo na cruz sugere que o paraíso para este último consistia em uma consciência da presença de Jesus ([Lucas 23.42-43](#)).

O tema de recompensas e punição ocorre em muitas passagens. Em [Mateus 16.27](#) Jesus diz que o Filho do Homem recompensará a todos de acordo com o que ele ou ela fez. Aqueles que são inúteis são prometidos de castigo nas trevas ([Mateus 25.30](#)). Além disso, Jesus falou de um dia de julgamento no qual homens e mulheres devem prestar conta, até mesmo de todas as suas palavras negligentes ([12.36-37](#)). Na parábola das ovelhas e dos cabritos, ele falou de uma separação que o Filho do Homem fará quando ele vier. Aqueles que mostraram cuidado pelos crentes são louvados ([25.31-46](#)).

As declarações mais solenes de Jesus são aquelas que falam do inferno. Não há como contornar seus ensinamentos sobre a punição eterna para os injustos (como em [Mateus 25.41,46](#)), que é oposto à vida eterna prometida aos justos. Ele ensinou que seus discípulos teriam um lugar preparado para eles no céu ([João 14.2](#)), e falou de um Livro da Vida no qual os nomes de seus discípulos foram escritos ([Lucas 10.20](#)).

Ensinamentos sobre questões morais

Grande parte do ensino de Jesus está relacionada com questões morais — tanto que alguns estudiosos concluíram que este era o principal motivo de seu ensino. Mas os ensinamentos morais não podem ser considerados separados das muitas facetas de seus ensinamentos descritos acima. Foi dito que há paralelos próximos entre os ensinamentos de Jesus e os ensinamentos morais do judaísmo. O que é distintivo sobre os ensinamentos de Jesus sobre moralidade é que o motivo e poder por trás da conduta moral não são concebidos em termos de leis que devem ser obedecidas. A conduta correta é vista como o resultado de um relacionamento correto com Deus.

Jesus era o próprio modelo para o comportamento moral. Ele deixou claro que seu objetivo era realizar a vontade de Deus. Não há senso de legalismo [que enfatiza a obediência estrita às leis religiosas, em vez de dependência da fé] em sua abordagem às decisões éticas. No Sermão do Monte, Jesus comparou seu próprio ensino com o de Moisés e mostrou a importância de compreender seu significado interior (compare [Mateus 5.21-22,27-28,31-32](#)). À primeira vista, Jesus fez demandas mais rigorosas do que a lei mosaica, porque ele estava interessado em investigar os motivos, bem como as ações. Muitos descartaram o ensino do Sermão do Monte como inteiramente impraticável, mas Jesus nunca teve a intenção de que seu ensino fosse fácil. Ele

estabeleceu como um alvo nada menos do que a perfeição do próprio Deus ([Mateus 5.48](#)). No entanto, ele chamou seu jugo de fácil e seu fardo de leve ([11.29-30](#)), o que sugere que ele não estava estabelecendo um padrão ético impossível. Deve ser lembrado que ele não estava declarando publicamente políticas para a sociedade. Seu interesse era que cada indivíduo deveria ter motivos poderosos para decisões corretas em questões de conduta. Sua reação contra uma aplicação rígida da observância do sábado em detrimento do bem-estar de uma pessoa em necessidade ilustra este ponto. O cuidado para com os outros foi classificado como mais alto do que a exatidão ritual.

Conclusão

Nenhum relato da vida e ensinamentos de Jesus estaria completo sem alguma indicação do lugar que Jesus Cristo ganhou na igreja em desenvolvimento. Tal busca naturalmente nos leva para fora do escopo dos evangelhos para o testemunho do livro de Atos e das cartas de Paulo. Lá, podemos ver se as previsões de Jesus foram cumpridas e se, de fato, os primeiros cristãos levavam seu ensino a sério. Embora não possa haver dúvida de que Jesus Cristo se tornou central para a fé dos primeiros cristãos, ele era considerado de muitos pontos de vista. Ele foi visto como Messias no sentido de um libertador espiritual, como Senhor no sentido de ser soberano sobre seu povo, como Servo no sentido de sua obediência ao sofrimento, e como Filho em sua relação com seu Pai. De muitas maneiras, a compreensão completa do que e quem ele era não poderia ter ocorrido até após a ressurreição. Portanto, descobrimos que muitas facetas de seus ensinamentos sobre si mesmo foram mais plenamente desenvolvidas nas reflexões de seu povo. Isso é verdade em um sentido especial dos escritos do apóstolo Paulo.

Muitos encontraram um problema ao tentar ligar os atos e ensinamentos de Jesus encontrados nos evangelhos com o Cristo, que é tão central nas crenças de Paulo. O problema surge porque o apóstolo não se refere a qualquer incidente específico na vida de Jesus e não reflete em suas cartas qualquer conhecimento da grande quantidade de material de ensino nos Evangelhos. Isso sugere que Paulo não tinha interesse no Jesus histórico? Ou poderia ser sustentado que ele não sabia nada sobre ele? Aqueles que criaram uma divisão entre Paulo e Jesus não deram peso suficiente a esses comentários, indicando que

Paulo conhecia muito mais sobre o Jesus histórico do que ele afirma em suas cartas. Ele escreve, por exemplo, sobre a mansidão e gentileza de Cristo ([2 Coríntios 10.1](#)), sugerindo que ele sabia que Jesus havia dito de si mesmo que ele era manso e humilde de coração ([Mateus 11.29](#)). Além disso, Paulo fala da pobreza de Cristo ([2 Coríntios 8.9](#)) e deve ter sabido que o Filho do Homem não tinha lugar para reclinar a cabeça. Ele certamente conhece os detalhes de como Jesus instituiu a Ceia do Senhor ([1 Coríntios 11.23-26](#)), e ele sabe de sua morte por crucificação. Parece razoável concluir que Paulo assume que seus leitores estarão familiarizados com o material do evangelho.

Talvez seja útil nesta conexão perguntar se a vida e os ensinamentos de Jesus desempenharam um papel significativo na proclamação cristã primitiva. Uma passagem que é valiosa a este respeito é [Atos 10.36-38](#). Quando Pedro se dirigiu a Cornélio, ele falou de como Deus havia ungido Jesus de Nazaré, e como Jesus havia feito o bem e curado todos os que estavam sob o poder do diabo. Fica claro que alguns relatos dos atos de Jesus foram incluídos nas primeiras pregações, e é razoável supor que isso era comum.

Não há dúvida de que o exemplo de Jesus era um motivo poderoso para promover o comportamento correto. Pedro apela para isso quando encorajando os cristãos que estavam sofrendo por sua fé ([1 Pedro 2.21](#)). Paulo também conhece o valor da imitação ([1 Coríntios 11.1](#); [1 Tessalonicenses 1.6](#)). Uma vez que Jesus foi reconhecido como um homem que não pecou (compare [2 Coríntios 5.21](#)), seus padrões de comportamento teriam se provado inestimáveis para aqueles que precisavam de um novo padrão para ação moral.

Há algumas referências aos ensinamentos de Jesus na parte não-evangélica do Novo Testamento. Na Carta de Tiago, que é quase totalmente prática, há mais alusões aos ensinamentos de Jesus do que em qualquer outro lugar no Novo Testamento. Isso é especialmente verdadeiro em ecos do Sermão do Monte, e mostra a forte contribuição que o ensino moral de Jesus teve sobre os valores éticos dos primeiros cristãos. A maioria das explicações detalhadas de doutrina nas cartas do Novo Testamento encontra sua base em algum aspecto dos ensinamentos de Jesus. Esses ensinamentos têm um significado contínuo para o desenvolvimento da igreja.

Até que ponto o conhecimento da vida e ensinamentos de Jesus é relevante para o século 21? Os teólogos existenciais [que exploram

perguntas sobre quem somos e por que existimos] criaram uma tal divisão entre o Cristo da fé e o Jesus da história que este deixou de ter qualquer importância para eles. Os cristãos de hoje, não menos do que seus antecessores do primeiro século, precisam saber que o objeto de sua fé é o mesmo que viveu e ensinou na Galileia e na Judeia.

Veja também Ascensão de Cristo; Cristo; Cristologia; Genealogia de Jesus Cristo; Encarnação; Jesus Cristo; Reino de Deus, Reino do Céu; Messias; Parábola; Salvador; Filho de Deus; Filho do Homem; Nascimento virginal de Jesus.

Jesus, o Justo

Um homem cristão judeu.

Veja Jesus #3.

Jéter

1. O primogênito de Gideão. Por causa de sua juventude, Jéter teve medo de executar os reis midianitas Zeba e Salmuna ([Jz 8.20](#)).
2. Um ismaelita e pai do comandante Amasa ([1Rs 2.5.32](#); [1Cr 2.17](#)). Outro nome para ele é "Itra" ([2Sm 17.25](#)).
3. O primogênito de Jada, irmão de Jônatas. Jéter era um descendente de Judá através da linhagem familiar de Hezrom. Ele não teve filhos ([1Cr 2.32](#)).
4. Um judaíta e o primogênito dos quatro filhos de Esdras ([1Cr 4.17](#)).
5. Um aserita, pai de três filhos ([1Cr 7.38](#)). Ele provavelmente era a mesma pessoa que Itrã, filho de Zofá ([1Cr 7.37](#)).

Jetete

Um líder de clã (chefe) de Edom ([Gn 36.40](#); [1Cr 1.51](#)).

Jetro

Sogro de Moisés. Zípora, filha de Jetro, tornou-se esposa de Moisés enquanto ele era um fugitivo no deserto ([Êx 2.21](#)). Quando Moisés partiu para o Egito, ele levou Zípora e seus filhos com ele ([4.20](#)), mas deve tê-los mandado de volta. Jetro os trouxe para Moisés depois que os israelitas chegaram ao Sinai ([18.1-7](#)). Através dessa relação familiar com Moisés, Jetro se envolveu com Israel.

A relação de Jetro com Israel tem sido interpretado de várias maneiras. Jetro era um sacerdote de Midiã ([Êx 2.16; 3.1](#)). Não se sabe com certeza qual era a religião dos midianitas, mas alguns estudiosos sugeriram que os queneus, uma tribo incluída na nação dos midianitas ([Jz 1.16](#)), tinham um deus tribal chamado Yahweh, a quem Jetro servia como sacerdote. Os estudiosos que sugeriram que o deus tribal de Jetro, Yahweh, foi introduzido a Israel por Moisés não conseguiram estabelecer seu argumento. A evidência bíblica não apoia essa interpretação. Está bastante claro que Jetro era um homem temente a Deus e que o servia. O registro bíblico pode ser entendido como ensinando que Jetro conhecia o Deus de Israel porque era descendente de Abraão ([Gn 25.2](#)). Tendo ouvido sobre a libertação de seu povo do Egito por Yahweh, Jetro o reconheceu como Deus, o maior de todos os deuses. Ele também trouxe uma oferta queimada e sacrifícios, adorando assim Yahweh e se identificando com Israel ([Êx 18.11](#)). Esta ação foi interpretada como a aceitação de uma aliança por Jetro com Israel, mas a interpretação se baseia em uma leitura equivocada do que Jetro realmente fez e do significado de sacrifício e de uma refeição de comunhão. Ao receber o bom conselho de Jetro sobre os procedimentos para julgar disputas entre o povo, Moisés nomeou homens capazes como chefes e juízes sobre o povo (vv. [13-27](#)). Jetro partiu para sua própria terra e parece não ter tido mais interação com Israel, mas seu filho ([Nm 10.29-33](#)) e outros descendentes mais tarde se tornaram parte de Israel ([Jz 1.16; 4.11](#)).

Jetro é mencionado por outros nomes, tanto nas Escrituras quanto posteriormente. O Talmude registra que seu nome era originalmente Jéter, mas após sua conversão tornou-se Jetro; não há evidências definitivas para apoiar isso. Ele é chamado de Reuel, o pai de sete filhas que Moisés encontrou em um poço ([Êx 2.16-18; Nm 10.29](#)). Ele também é referido pelo nome de Hobabe ([Jz 4.11](#)); e é dito ser filho de Reuel ([Nm 10.29](#)). As Escrituras não explicam o uso dos diferentes nomes. As

sugestões incluem o seguinte: (1) cada tribo midianita para a qual ele serviu como sacerdote o conhecia por um nome diferente; (2) Reuel era um nome tribal, não pessoal; (3) Hobabe, o nome do filho, foi usado para se referir ao pai; (4) uma nota explicativa aparece no texto em [Êxodo 2.18](#) e [Juízes 4.11](#). Pode-se estabelecer com bastante clareza, no entanto, que Jetro tinha um filho chamado Hobabe.

Veja também Midiã, Midianita, Moisés.

Jetur, Jeturitas

Filho de Ismael e seus descendentes ([Gn 25.15; 1Cr 1.31](#)).

As tribos israelitas que se estabeleceram a leste do Jordão tiveram que lutar contra eles ([1Cr 5.19](#)). Eles também são chamados de itureus. Os jeturitas continuaram a viver até os tempos do Novo Testamento. A região de Itureia foi nomeada em homenagem a eles. Era uma área a nordeste da Galileia ([Lc 3.1](#)).

Veja Itureia, Itureus.

Jeú

1. Profeta e filho do "vidente" Hanani ([2Cr 16.7](#)), que denunciou Baasa por seguir os caminhos de Jeroboão ([1Rs 16.1-7](#)). Além de continuar a adoração herética dos bezerros de ouro em Betel e Dã, Baasa também assassinou Nadabe, o filho de Jeroboão ([15.25-32](#)).

Jeú mais tarde repreendeu Josafá, rei de Judá, por ajudar Acabe, o rei de Israel, em suas guerras contra os arameus ([2Cr 19.1-2](#)). Os escritos deste profeta foram incluídos em um dos registros do reinado de Josafá, *O Livro dos Reis de Israel* ([2Cr 20.34](#)).

2. Importante oficial do exército durante os reinados de Acabe e Jeorão ([2Rs 9.25](#)), que, em reação aos abusos econômicos e religiosos da casa de Onri, foi ungido como rei do reino do norte de Israel ([1Rs 19.16-17](#)). Na revolução seguinte, exterminou a casa real de Israel, o rei de Judá e um grupo real do sul ([2Rs 9-10](#)). Ele executou os adoradores de Baal para reviver a verdadeira adoração em Israel. Como rei, governou em Samaria por 28 anos (841-814 a.C.) e iniciou uma dinastia que durou cerca de 100 anos.

Na época de Jeú, os profetas estavam envolvidos em um equivalente religioso de guerra com os adeptos do Baal Tírio. Elias encontrou e derrotou os sacerdotes cananeus no Monte Carmelo ([1Rs 18.17-40](#)). Mais tarde, ele e depois Eliseu foram comissionados para ungir Jeú como rei. Os profetas esperaram até que o momento fosse apropriado ([2Rs 9.1-10](#)), momento em que Eliseu enviou um “filho dos profetas” a Ramote-Gileade para designar Jeú como monarca.

Jeú deixou seu cerco a Ramote-Gileade no norte de Transjordânia para encontrar o rei de Israel em Jezreel. Lá, ele matou o Rei Jeorão e Acázias, o rei de Judá ([2Rs 9.17-28](#)). Seus caminhos sangrentos continuaram enquanto ele exterminava a casa real de Acabe ([10.1-17](#)) e 42 embaixadores de boa vontade de Judá (aparentemente sem provocação, vv. [12-14](#)). O banho de sangue em Israel finalmente terminou em Samaria. Lá, Jeú astutamente prometeu servir a Baal com um zelo maior do que o de Acabe. Devotos desavisados de Baal se reuniram em grande número para participar de um sacrifício festivo. Em vez disso, os próprios devotos se tornaram o sacrifício, e a casa de Baal em Samaria foi destruída e profanada ao transformar suas ruínas em uma latrina (vv. [18-27](#)).

Problemas políticos e econômicos também contribuíram para a agitação. Sob o reinado de Acabe e Jezabel, a justiça foi corrompida. Os pobres perderam suas terras na seca e seus direitos de propriedade foram ignorados ([1Rs 18.5-6](#)). Jeú jogou o corpo de Jeorão no campo de Nabote, o jezeelita ([2Rs 9.25-26](#)) como justiça pelo crime de Acabe e Jezabel ([1Rs 21.19](#); cf. v. [13](#)). No entanto, as paixões religiosas dominaram a causa. Jeú chamou seu massacre da casa de Onri de seu “zelo pelo Senhor”. Jonadabe, um recabita, juntou-se a Jeú enquanto ele viajava em direção a Samaria ([2Rs 10.15-17](#)). Os recabitas se opuseram aos desenvolvimentos sociais e econômicos que ocorreram no reino do norte sob Acabe. Eles seguiam um código moral estrito e viviam uma vida simples ([Jr 35](#)). Como os recabitas representavam os elementos mais conservadores do Yahwismo, tornaram-se aliados naturais para a reforma de Jeú.

A revolução de Jeú enfraqueceu seriamente o culto a Baal. Embora nem todos os adeptos tenham sido eliminados, o Baalismo não permaneceu mais como a religião oficial do estado ([2Rs 10.28](#)). Em vez disso, o Baalismo uniu-se ao Yahwismo para formar a sinistra religião sincrética que foi denunciada por Oseias.

Politicamente, a revolta de Jeú foi desastrosa. A aliança tripla entre Tiro, Israel e Judá foi destruída pelas atrocidades. Israel, agora isolado, tornou-se uma presa fácil para a Assíria e a Síria. Jeú tentou obter alguma ajuda da Assíria pagando tributo a Salmaneser III. Esse evento está retratado no Obelisco Negro em um relevo da campanha de 841 a.C. Uma inscrição nomeia “Jeú, filho de Onri”, como aquele que se ajoelha diante de Salmaneser.

Após a ameaça assíria dissipar-se em 838 a.C., Hazael, rei de Aram-Damascos, conquistou toda a Transjordânia israelita até o Arnom ([2Rs 10.32-33](#)). Em uma segunda campanha em 815 a.C., Hazael atravessou o rio Jordão pela planície de Jezreel e desceu pela costa, conquistando a terra até Gate na Sefelá do norte. Lá, o filho de Jeú, Jeoás, pagou tributo a Hazael ([12.18](#)). A revolução enfraqueceu Israel tanto política quanto economicamente.

Gerações posteriores falaram do massacre da casa de Onri com horror ([Os 1.4](#)). Jeú não destruiu os bezerros de ouro de Jeroboão e, assim, o culto sincrético em Betel e Dã continuou. Em última análise, a revolução, que pretendia purgar Israel da opressão e da falsa religião, não conseguiu realizar nem uma coisa nem outra.

3. Membro da tribo de Judá, filho de Obede e pai de Azarias ([1Cr 2.38](#)).

4. Príncipe da tribo de Simeão e filho de Josiabias, que, junto com outros, migrou das proximidades do vale de Gedor para o leste em busca de boas pastagens ([1Cr 4.35](#)).

5. Um dos guerreiros habilidosos que se juntaram a Davi em Ziclague. Curiosamente, ele era da tribo de Saul, Benjamim, e de Anatote, para onde Abiatar, dos sacerdotes de Eli, foi posteriormente banido ([1Cr 12.3](#)).

Vea também Cronologia da Bíblia (Antigo Testamento); Israel, História de.

Jeuba

Filho de Somer da tribo de Aser ([1Cr 7.34](#)).

Jeubá

Grafia alternativa para o filho de Somer, da tribo de Aser ([1Cr 7.34](#)).

Jeúde

Uma das cidades dadas à tribo de Dã após a Conquista ([Js 19.45](#)). Foi identificada de várias formas com a vila de el-Yehudiyeh, cerca de 11 quilômetros a sudeste de Joze, e com Yazur, cerca de 8 quilômetros a sudeste de Joze.

Jeudi

Um filho de Netanias e um mensageiro do Rei Jeoaquim de Judá. Alguns oficiais enviaram Jeudi para convocar o profeta Baruque para ler o rolo de Jeremias em particular para eles. Mais tarde, Jeoaquim ordenou que Jeudi lesse o mesmo rolo em público na presença dele e de toda a corte. Então ele queimou o escrito ([Jr 36.14-23](#)).

Jeuel

1. Descendente de Judá residente na Jerusalém pós-exílica ([1Cr 9.6](#)).
2. Levita que participou das reformas de Ezequias ([2Cr 29.13](#)).
3. Líder de uma família que retornou a Jerusalém com Esdras após o exílio ([Ed 8.13](#)).

Jeús

1. O mais velho de três filhos nascidos de Esaú com Oolibama. Ela era filha de Aná, dos cananeus. Jeús foi um chefe entre os descendentes de Esaú em Edom ([Gn 36.5-18](#); [1Cr 1.35](#)).
2. Um filho de Bilã da família de Jediel. Ele também foi um líder na tribo de Benjamim ([1Cr 7.10](#)).
3. Um benjamita, filho de Ezeque e descendente do rei Saul ([1Cr 8.39](#)).
4. Um levita da família de Gérson e o terceiro dos quatro filhos de Simeí. Ele e seu irmão mais novo, Berias, tiveram poucos filhos. Assim, os registros durante o reinado do rei Davi os consideraram como uma única família ([1Cr 23.10-11](#)).

5. O mais velho de três filhos nascidos do rei Roboão com Maalate. Ela era neta de Eliabe ([2Cr 11.19](#)).

Jeús

Da tribo de Benjamim, filho de Saaraím com sua esposa Hodes ([1Cr 8.10](#)).

Jezabel

Filha de Etbaal, rei de Sidom ([1Rs 16.31](#)). Ela se tornou esposa de Acabe, rei do reino do norte de Israel. O casamento foi provavelmente uma continuação das relações amistosas entre Israel e Fenícia iniciadas por Onri; confirmou uma aliança política entre as duas nações. Jezabel exerceu uma forte influência sobre a vida de Israel, pois insistiu em estabelecer o culto a Baal e exigiu os direitos absolutos da monarquia. Tão forte foi sua influência pagã que as Escrituras atribuem a apostasia de Acabe diretamente a Jezabel (vv. [30-33](#)).

Os esforços de Jezabel para estabelecer o culto a Baal em Israel começaram com a aceitação de Baal por Acabe após o casamento ([1Rs 16.31](#)). Acabe seguiu as práticas de Jezabel, construindo uma casa de adoração e um altar para Baal em Samaria, e erigindo um poste para adoração da Aserá. Uma campanha foi então conduzida para exterminar os profetas de Deus ([18.4](#)), enquanto Jezabel organizava e apoiava grandes grupos de profetas de Baal, abrigando e alimentando um grande número deles no palácio real (v. [19](#)). Para enfrentar esse desafio, Deus enviou Elias para profetizar uma seca que durou três anos ([17.1](#); [18.1](#)).

O confronto de Elias com Jezabel e Acabe culminou no Monte Carmelo, onde Elias exigiu que os profetas de Baal o encontrassem ([1Rs 18.19-40](#)). Quando eles e o povo de Israel se reuniram, Elias lançou o desafio a Israel para seguir o verdadeiro Deus. Para demonstrar quem era o verdadeiro Deus, os profetas de Baal e Elias cada um pegaram um touro para o sacrifício. Os profetas de Baal então prepararam o sacrifício e chamaram seu deus para enviar fogo para consumi-lo. Mas nenhuma resposta veio. Elias preparou seu sacrifício e o encharcou com água. Após sua oração, Deus enviou fogo que consumiu o sacrifício, a madeira, as pedras do altar, o pó e a água na vala. Depois disso, os israelitas se prostraram em

homenagem a Deus. Então Elias orientou o povo a levar os profetas de Baal ao ribeiro Quisom, e ele matou todos eles. Quando Jezabel soube disso, ela ficou furiosa e ameaçou Elias com o mesmo destino. Com medo, Elias fugiu para salvar sua vida no deserto.

A natureza inescrupulosa de Jezabel é revelada no relato do desejo de Acabe pela vinha de Nabote ([1Rs 21.1-16](#)). Embora Acabe desejasse a vinha, ele reconheceu o direito de Nabote de manter a propriedade da família. Jezabel, por outro lado, não reconheceu tal direito em vista dos desejos de um monarca. Ela fez com que Nabote fosse falsamente acusado de blasfemar contra Deus e, consequentemente, executado, permitindo que Acabe tomasse posse da vinha. Por este crime hediondo, Elias profetizou uma morte violenta para Acabe e Jezabel ([21.20-24](#)), uma profecia que foi cumprida em última instância ([1Rs 22.29-40](#); [2Rs 9.1-37](#)).

A influência corrupta de Jezabel se espalhou para o reino do sul de Judá por meio de sua filha Atalia, que se casou com Jeorão, rei de Judá. Dessa forma, a idolatria da Fenícia contaminou ambos os reinos dos hebreus através dessa maligna princesa sidônia.

Em [Apocalipse 2.20](#), o nome de Jezabel é usado (provavelmente simbolicamente) para se referir a uma profetisa que seduziu os cristãos de Tiatira à fornicção e ao consumo de coisas sacrificadas a ídolos.

Veja também Acabe #1; Elias; Sidom (Lugar), sidônio.

Jezer

O terceiro filho de Naftali e o fundador do clã jezerita ([Gn 46.24](#); [Nm 26.49](#); [1Cr 7.13](#)).

Jezer, Jezeritas

Jezer e jezeritas são formas abreviadas dos nomes Abiezer e Abiezrita. Abiezer era um filho de Gileade, e os abiezritas eram descendentes de Abiezer ([Nm 26.30](#)).

Veja Abiezer #1.

Jezias

O filho de Parós, que foi encorajado por Esdras a se divorciar da mulher estrangeira com quem se casou durante o período pós-exílico ([Ed 10.25](#)).

Jeziel

Guerreiro da tribo de Benjamim que se juntou a Davi em Ziclague na sua luta contra o Rei Saul. Jeziel foi um dos arqueiros e fundeiros ambidestros de Davi ([1Cr 12.3](#)).

Jezraías

Líder dos cantores do templo que participaram da dedicação do muro reconstruído de Jerusalém ([Ne 12.42](#)).

Jezreel (Lugar)

1. Era uma cidade construída pela primeira vez pela tribo de Issacar. Estava localizada ao sul de Suném ([Js 19.18](#)). Pessoas já haviam vivido na área anteriormente, mas partiram durante o período de el-Amarna. A cidade tornou-se importante na história de Israel. Muitos eventos-chave na Bíblia ocorreram em ou perto de Jezreel. Jezreel tornou-se mais importante após a cidade de Bete-Seã declinar durante a Idade do Ferro. O rei Saul fez de Jezreel o centro de um de seus distritos ([2Sm 2.9](#)). Uma fonte perto da cidade tornou-se um ponto de encontro para o exército de Saul antes de lutarem contra os filisteus no Monte Gilboa ([1Sm 29.1](#)). Após a morte de Saul, a cidade fez parte do reino de Isbosete por um curto período ([2Sm 2.8-11](#)). Durante o reinado do rei Salomão, Jezreel fazia parte de um distrito na tribo de Issacar, mas não fazia parte do principal Vale de Jizreel. Josafá, filho de Parua, era o líder deste distrito ([1Rs 4.17](#)). Onri foi rei de Israel de 885 a 874 a.C. Durante esse período, Onri escolheu Jezreel como a capital de inverno de Israel. Quatro reis de sua família viveram lá, incluindo o rei Jorão (que governou de 852 a 841 a.C.). Jorão mais tarde foi para Jezreel para se recuperar de ferimentos de batalha ([2Rs 8.29](#)). Jezreel tinha uma muralha, um portão principal e uma torre para observar a terra ao redor ([9.17](#)). Um conselho de anciãos e nobres a administrava ([10.1](#)). O palácio real ficava ao lado de uma vinha pertencente a Nabote, um homem de Jizreel. O rei Acabe tomou essa terra de maneira injusta ([1Rs 21](#)). Por causa disso, Deus julgou severamente a família de Acabe. Jezabel, a esposa fenícia de Acabe, morreu em Jezreel. Ela foi jogada de uma janela e comida por cães quando

Jeú tomou o poder. Jeú também matou o rei Jorão e seus oficiais e jogou o corpo de Jorão no campo de Nabote ([2Rs 9.24-26](#)). Jeú então matou o restante da família de Acabe ([10.1-11](#)).

Após a destruição da dinastia de Onri, a cidade tornou-se menos importante. Escritores da era cristã chamaram-na de vila. Por exemplo, Eusébio (que viveu de 260 a 340 d.C.) refere-se a ela como uma vila entre Scythopolis (Bete-Seã) e Legio (*Onomasticon* 108.13ff.). Os Cruzados chamaram-na de “le Petit Gerim” para diferenciá-la de uma cidade maior chamada “le Grand Gerim”.

Hoje, o local de Jezreel é chamado Zer'in. É a localização de uma comunidade agrícola compartilhada israelense (chamada kibutz) a cerca de 88,5 quilômetros ao norte de Jerusalém. Arqueólogos encontraram restos da Idade do Ferro e da época do Império Romano.

2. Uma cidade nas montanhas de Judá ([Js 15.56](#)). Era a cidade natal de Ainoã, uma das esposas do rei Davi ([1Sm 25.43](#)). Hoje, nada se sabe ao certo sobre sua localização.

Jezreel (Pessoa)

1. Descendente de Etã da tribo de Judá ([1Cr 4.3](#)). Outra leitura possível sugere que Jezreel foi um dos fundadores da cidade de Etã. Devido a numerosas alterações feitas por escribas no texto hebraico, é difícil discernir a intenção original do autor.

2. Primogênito do profeta Oseias e sua esposa, Gomer. O nome Jezreel, que significa "Deus semeia", prefigurava a manifestação da ira de Deus sobre o reino desobediente de Israel sob Jeú ([Os 1.4-5](#)) e a restauração final ([2.21-22](#)).

Jezreelita

Habitante de uma das duas cidades chamadas Jezreel. Duas dessas pessoas são especificamente mencionadas:

1. Nabote, que vivia em Jezreel no território de Issacar ([1Rs 21.1-16](#); [2Rs 9.21.25](#)). *Veja Jezreel (Lugar) #1.*
2. A esposa de Davi, Ainoã, era natural de Jezreel, no território de Judá ([1Cr 3.1](#)). *Veja Jezreel (Lugar) #2.*

Jidlafe

O sétimo filho de Naor e Milca ([Gn 22.22](#)).

Jigdalias

O pai de Hanã. Os filhos de Hanã tinham um quarto adjacente ao templo durante o reinado de Jeoaquim ([Jr 35.4](#)).

Jó

Nome alternativo para Jasube, filho de Issacar, em [Gênesis 46.13](#). *Veja Jasube #1.*

Jó (pessoa)

1. Uma forma alternativa para Jasube, o terceiro filho de Issacar, em [Gênesis 46.13](#). *Veja Jasube #1.*

2. Personagem central do livro de Jó. O intenso sofrimento enfrentado por Jó fornece a estrutura para o tema principal do livro, que aborda o papel do sofrimento na vida de um filho de Deus.

A etimologia do nome é complexa. Alguns o veem como derivado de uma palavra hebraica que significa "ser hostil" e sugerem que reflete a determinação de Jó em recusar-se a submeter-se à vontade de Deus. No entanto, o nome ocorre em vários textos semíticos ocidentais como um nome próprio, e parece ser melhor entendido simplesmente como um nome comum. O significado do nome em semítico ocidental é "sem pai" ou "onde está meu pai?".

A falta de certeza em relação à autoria e à proveniência geográfica do livro torna difícil situar Jó na história. A ocorrência do nome de Jó em

[Ezequiel 14.14,20](#) parece apoiar a possibilidade de que ele foi uma personagem de grande antiguidade.

Veja também o livro de Jó.

Joá

1. Filho de Asafe e oficial da corte sob o rei Ezequias ([2Rs 18.18,26](#); [Is 36.3.11.22](#)). Ele foi um dos oficiais enviados por Ezequias para lidar com os assírios durante o cerco de Jerusalém.

2. Filho de Zima da tribo de Levi ([1Cr 6.21](#)).

3. Levita, filho de Obede-Edom e porteiro do santuário no tempo de Davi ([1Cr 26.4](#)).

4. O filho de Joacaz é um escriba sob o rei Josias; ele foi um dos responsáveis por supervisionar os reparos do templo ([2Cr 34.8](#)).

Joá

1. Benjamita e um dos nove filhos de Berias ([1Cr 8.16](#)).

2. Tizita, o irmão de Jediel e um dos valentes de Davi ([1Cr 11.45](#)).

Joabe

1. O filho de Zeruia, que era meia-irmã de Davi ([1Cr 2.16](#)). Junto com seus irmãos Abisai e Asael, Joabe era bem conhecido por sua coragem na guerra enquanto servia a Judá ([2Sm 2.18](#); cp. [1Sm 26.6](#)).
Joabe tornou-se importante durante a batalha de Gibeão. Naquela época, o exército de Saul era liderado por Abner. O exército de Davi derrotou as forças de Abner ([2Sm 2.8-32](#)).
Durante a batalha, Abner matou Asael, irmão de Joabe (v. [23](#)). Mais tarde, Joabe matou Abner para se vingar ([3.26-30](#)). Abner havia acabado de se juntar ao lado de Davi (vv. [12-19](#)). É possível que Joabe pensasse que Abner seria seu rival político.
Mas estava zangado com a morte de Abner. Ele honrou Abner como um grande homem (vv. [31-39](#)). Ele também amaldiçoou a família de Joabe por desobedecê-lo (vv. [26-29,39](#)). Este evento mostra que Joabe podia ser severo e agir sem misericórdia.
Joabe liderou o ataque de Davi à cidade jebuseia de Jerusalém. Depois que Davi fez de Jerusalém sua capital, Joabe tornou-se o comandante do exército de Davi ([2Sm 8.16](#); [11.1](#); cp. [1Cr 11.6-8](#); [18.15](#)). Joabe também interrompeu uma rebelião dos sírios e amonitas ([2Sm 10.7-14](#); [1Cr 19.8-15](#)). Ele capturou a cidade de Rabá ([2Sm 11-12](#)). Durante esse tempo, Joabe ajudou a organizar a morte de Urias, o hitita. Isso permitiu que Davi tomasse a esposa de Urias, Bate-Seba, para si. Joabe demonstrou tanto lealdade a Davi quanto forte controle sobre o exército durante a rebelião de Absalão ([2Sm 15](#)). Joabe derrotou os rebeldes (cap. [18](#)). No entanto, ele ignorou uma ordem direta de Davi para não matar Absalão ([18.5](#)). Joabe matou Absalão de qualquer forma e o fez de maneira violenta (vv. [10-17](#)). Quando Davi lamentou por Absalão, Joabe o advertiu de que o exército

poderia se voltar contra ele se não falasse com eles ([2Sm 19.5-7](#)). Como Joabe desobedeceu, Davi o substituiu por Amasa como comandante (v. [13](#)). Mas mais tarde em Gibeão, Joabe também matou Amasa de maneira desonrosa ([20.8-10](#)). Joabe ainda tinha forte apoio do exército. Ele voltou à sua posição como comandante ([2Sm 20.23,24.2](#); [1Rs 1.19](#)).

No final da vida de Davi, Joabe se juntou a uma conspiração com Adonias e Abiatar para tomar o controle do reino ([1Rs 1.7](#)). Davi não confiava mais em Joabe. Antes de morrer, Davi alertou seu filho Salomão sobre os muitos atos de traição de Joabe ([2.5-9](#)). Salomão precisava lidar com essas ameaças ao seu governo. Após a morte de Davi, Salomão puniu Adonias (v. [23](#)), removeu Abiatar (v. [26](#)) e foi atrás de Joabe (v. [28](#)). Joabe correu para o altar em busca de segurança, mas o oficial de Salomão, Benaia, o encontrou lá e o matou (vv. [28-35](#)). Dessa forma, Salomão removeu a culpa de Joabe de seu reino.

2. Tradução alternativa de Atarate-Bete-Joabe ([1Cr 2.54](#)).
Veja Atarate-Bete-Joabe.
3. Um homem da tribo de Judá. Ele era filho de Seraías e vinha da família de Quenaz. Ele foi um ancestral daqueles que viviam no vale dos artesãos ([1Cr 4.14](#)).
4. Um ancestral de um clã de judeus que retornou à Palestina com Zorobabel após o exílio na Babilônia ([Ed 2.6](#); [Ne 7.11](#)).

5. O ancestral de um grupo familiar mencionado em [Esdras 8.9](#). Duzentos e dezenove de seus membros retornaram à terra de Judá com Esdras após o exílio na Babilônia. Ele pode ser a mesma pessoa mencionada no número 4 acima.

Joacaz

1. Variante ortográfica ou contração de Jeoás, filho de Jeú, em [2 Reis 14.1](#). *Veja* Jeoás #1.
2. Pai de Joá. Joá era o cronista do rei Josias ([2Cr 34.8](#)).

Joana

A esposa de Cuza, um mordomo de Herodes, o governador da Judeia, estava entre aqueles curados de espíritos malignos e doenças por Jesus. Ela também foi uma das mulheres que o apoiaram ([Lucas 8.2-3](#)). Provavelmente, ela testemunhou a morte de Jesus na cruz e preparou especiarias para o corpo. Mais tarde, encontrou o túmulo de Jesus vazio ([Lucas 23.55-24.10](#)).

Joanã

Nome que significa "Yahweh foi gracioso". Também ocorre na forma alternativa de Jeoanã. O nome João é derivado desses nomes. Vários homens com esse nome aparecem no Antigo Testamento.

1. Levita coraíta que foi porteiro do santuário durante o reinado de Davi ([1Cr 26.3](#)).
2. Comandante de milhares no exército do rei Josafá ([2Cr 17.15](#)).
3. Pai de Ismael, comandante de uma unidade de soldados que ajudou o sacerdote Joiada a derrubar a rainha má Atalia de Judá ([2Cr 23.1](#)).

4. Descendente de Eliasibe que possuía uma câmara na qual Esdras se retirou para orar, jejuar e lamentar por seu povo ([Ed 10.6](#)). Ele é possivelmente o mesmo que Joanã, neto de Eliasibe, o sumo sacerdote ([Ne 12.22-23](#)), e Jônatas (uma variante textual), filho de Joiada, em [Neemias 12.11](#).
5. Um dos quatro filhos de Bebai, que foi exortado por Esdras a se divorciar de sua esposa estrangeira ([Esdras 10.28](#)).
6. Filho do oficial amonita Tobias e contemporâneo de Neemias. Ele se casou com uma mulher judia cujo pai, Mesulão, ajudou a reparar o muro de Jerusalém ([Ne 6.18](#)).
7. Sacerdote e líder familiar na Jerusalém pós-exílica durante o tempo em que Joaquim era sumo sacerdote ([Ne 12.13](#)).
8. Um dos sacerdotes que participou como cantor na dedicação do muro reconstruído de Jerusalém ([Ne 12.42](#)).
9. Um ancestral de Jesus mencionado em [Lucas 3.27](#).
10. Filho de Careá ([2Rs 25.23](#)). Joanã foi um líder judeu, contemporâneo de Jeremias, e apoiador de Gedalias, o governador de Judá após a queda de Jerusalém ([Jr 40.8.13](#)). Ele avisou Gedalias sobre o plano de Ismael para assassiná-lo (vv. [13-16](#)). Quando o aviso foi ignorado e Joanã não recebeu permissão para executar o potencial assassino, Gedalias foi assassinado. Joanã vingou-se de Ismael e resgatou aqueles que haviam sido capturados ([41.14-18](#)), mas não conseguiu perseguir Ismael. Com medo de uma represália babilônica, ele planejou buscar asilo no Egito. Jeremias, a quem ele consultou, deu a palavra de Deus contra essa ação ([42.1-22](#)), mas Joanã não quis seguir o conselho ([43.2-3](#)). Ele liderou os judeus, incluindo Jeremias e Baruque, para o Egito (vv. [5-7](#)).
11. Filho mais velho de Josias, rei de Judá ([1Cr 3.15](#)). Possivelmente ele morreu jovem, pois não sucedeu seu pai no trono, mesmo sendo o primogênito.
12. Filho de Elioenai ([1Cr 3.24](#)), um descendente de Jeoaquim, um dos últimos reis de Judá.
13. Neto de Aimaás. Ele foi o pai de Azarias, que serviu como sumo sacerdote no templo de Salomão ([1Cr 6.9-10](#)).
14. Guerreiro da tribo de Benjamim. Ele se juntou às forças especiais de Davi de 30 homens em Ziclague ([1Cr 12.4](#)). As forças especiais podiam atirar flechas e lançar pedras com as duas mãos (v. [2](#)).
15. Gadita que se juntou a Davi no deserto ([1Cr 12.8-12](#)). Ele também foi especialmente treinado para a guerra, pois podia manejar tanto o escudo quanto a lança, suportava dificuldades e era ágil.
16. Efraimita cujo filho foi um líder no Reino do Norte durante o regime de Peca e protestou contra a escravidão de 200.000 judeus ([2Cr 28.12](#)), que foram posteriormente libertados.
17. Filho de Hacamã ("o mais jovem" ou "o menor"). A designação pode ser lida como "Joanã, o mais jovem". Ele era chefe de uma família que afirmava sua descendência de Asgade ([Ed 8.12](#)). Ele se juntou a Esdras com 110 homens na viagem da Babilônia para Judá.

Joanã ben Zacai

Importante sábio judeu no final do período do Segundo Templo. Seu local de nascimento não é conhecido; ele foi para Jerusalém para estudar e, após 18 anos lá, passou algum tempo na Galileia. Mais tarde, ele retornou a Jerusalém e ensinou "à sombra do templo". Ele incentivou os fariseus mais do que os saduceus. Durante o cerco de Jerusalém, ele conseguiu sair em um caixão, segundo uma

versão. Ele foi prisioneiro de Vespasiano, provavelmente em 68 d.C., que lhe deu permissão para se estabelecer em Jamnia. Lá, ele começou silenciosamente a lançar as bases para a sobrevivência do judaísmo sem seu templo.

Veja também Judaísmo; Fariseus.

João (pessoa)

1. O pai de Simão Pedro e André ([Jo 1.40-42](#); [21.15-17](#)). De acordo com [Mateus 16.17](#), o pai de Pedro se chamava Jona (Jonas, Jonas). Jona era ou uma outra versão do nome João ou existiam duas histórias sobre seu nome;
2. Um membro da família do sumo sacerdote que, junto com Anás, Caifás e Alexandre, questionou Pedro e João depois que os dois apóstolos curaram um homem coxo ([At 4.6](#));
3. De acordo com o bispo da igreja primitiva Papias, um membro do grupo maior de discípulos de Jesus fora dos Doze (compare [Lc 10.1](#)). Conhecido como "João o ancião", ele é frequentemente mencionado como o autor de 2 e 3 João ([2Jo 1.1](#); [3Jo 1.1](#)). O termo "ancião" provavelmente se refere a João o apóstolo;
4. O apóstolo. *Veja* João, o apóstolo;
5. O Batista. *Veja* João Batista;
6. Um dos primeiros discípulos, conhecido como João Marcos, é o autor do segundo evangelho. *Veja* Marcos, João.

João Batista

Precursor do Messias que preparou as pessoas para a vinda de Jesus, proclamou a necessidade de perdão dos pecados e ofereceu um batismo simbolizando o arrependimento. Seu ministério incluiu o batismo de Jesus no rio Jordão, onde ele testemunhou que Jesus era o Esperado de Deus. João foi preso e decapitado por Herodes Antipas em

aproximadamente 29 d.C., enquanto Jesus ainda estava ministrando.

Resumo

- Nascimento e infância
- Aparência e identidade
- A proclamação de João
- O batismo de João
- A visão de João sobre Jesus
- A visão de Jesus sobre João
- Prisão e martírio
- Os discípulos de João

Nascimento e infância

O Evangelho de Lucas é nossa única fonte de informações sobre o nascimento e a infância de João. O escritor do Evangelho afirma que João nasceu na região montanhosa de Judá ([Lc 1.39](#)) de descendência sacerdotal, sendo filho de Zacarias, um sacerdote da ordem de Abias, e Isabel, uma descendente de Arão (v. [5](#)). Ambos os pais eram justos aos olhos de Deus, seguindo todos os mandamentos de perto (v. [6](#)). Como o nascimento de Jesus, apenas em um grau muito menor, o nascimento de João Batista é descrito em Lucas como extraordinário. O anjo Gabriel anunciou o nascimento de Zacarias no templo; para a mais velha e estéril Isabel veio como uma resposta à oração (vv. [8-13](#)). O nome de João é anunciado a Zacarias pelo anjo, mesmo quando seu propósito de precursor é revelado antes do nascimento (vv. [13-17](#)). Tal consagração desde o nascimento é uma reminiscência do chamado do profeta do AT, Jeremias (cf. [Jr 1.5](#)).

Existia certo relacionamento familiar entre as famílias de João e Jesus. Isabel é descrita como uma parente de Maria ([Lc 1.36](#)), o que pode conotar algo como prima ou tia, ou pode significar apenas ser da mesma tribo.

A infância de João, como a de Jesus, é deixada bastante vaga no relato do Evangelho. Tudo o que é dito é que João "cresceu e ficou forte de espírito. E viveu no deserto até o dia em que apareceu diante do povo de Israel." ([Lc 1.80](#), NTLH). Alguns estudiosos sugeriram que João poderia ter sido adotado quando menino pelos essênios (como era sua prática) em Qumran e criado em sua comunidade selvagem, adjacente ao Mar Morto e perto do rio Jordão. Há algumas semelhanças entre as atividades da seita de Qumran, conhecidas

através dos Manuscritos do Mar Morto, e o ministério posterior de João Batista. Ambos praticavam um tipo de ascetismo e se retiravam da vida de Jerusalém. Ambos praticavam o batismo e associavam este rito com iniciação e arrependimento. Finalmente, João e o grupo de Qumran tinham uma mentalidade escatológica, esperando a atividade final de Deus do fim dos tempos na história. No entanto, muitas diferenças significativas existem entre João e a seita Qumran.

Aparência e identidade

O Evangelho de Marcos começa com um relato da aparição de João Batista: “E foi assim que João Batista apareceu no deserto, batizando o povo e anunciando esta mensagem: — Arrependam-se dos seus pecados e sejam batizados, que Deus perdoará vocês.” (Mc 1.4, NTLH). Um rico contexto do AT está por trás da associação de João com o deserto, neste caso o deserto da Judeia. Foi no deserto que Deus se revelou a Moisés (Êx 3), deu a lei e entrou na aliança com Israel (capítulo 19). Também foi o local de refúgio para Davi (1Sm 23-26; Sl 63) e Elias (1Rs 19), e a luz disso se tornou o local antecipado da futura libertação de Deus (Is 40.3-5; Ez 47.1-12; Os 2.14-15).

A vestimenta incomum de João Batista — “roupa feita de pêlos de camelo e um cinto de couro” (Mc 1.6, NTLH) — pode ter sugerido ao seu público uma associação com Elias em especial (2Rs 1.8) ou com os profetas em geral (Zc 13.4). Sua dieta, “gafanhotos e mel selvagem” (Mc 1.6), era leviticamente limpa, refletindo alguém que vivia do deserto (tal comida também era comida em Qumran) e fazia parte do ascetismo mais amplo praticado por João e seus discípulos (Mt 9.14; 11.18).

Quem João entendia ser? Em resposta às perguntas feitas pela multidão se ele era o Messias, Elias ou o profeta esperado (Jo 1.20-23), João apenas se identificou como “uma voz que clama no deserto: ‘Preparai o caminho do Senhor’” (Is 40.3). O contexto para a pergunta está no final do período do AT. As profecias, por um lado, eram consideradas como tendo sido cessadas (Zc 13.2-6); no entanto, por outro lado, esperava-se que aparecessem novamente antes da vinda do reino messiânico (veja Jl 2.28-29; Ml 3.1-4). Alguns anteciparam este profeta final como sendo alguém que era como Moisés (Dt 18.15), outros como Elias que retornou como predito em Malaquias 4.5-6. Enquanto João pessoalmente se absteve de se identificar com essas expectativas específicas (Jo

1.20-23), fica claro que sua vestimenta, estilo de vida e mensagem fizeram com que as pessoas o identificassem com este profeta do fim dos tempos (Mt 14.5; Mc 11.32). Jesus também viu João como este profeta final “semelhante a Elias” (Mt 11.7-15), que da profecia de Malaquias deveria ser um antecessor da vinda do Senhor (Ml 3.1-4; 4.5-6).

A proclamação de João

A proclamação de João envolveu três elementos: um aviso de julgamento iminente nas mãos do que viria, um chamado ao arrependimento à luz do reino que vem do céu, e uma demanda para expressar este arrependimento em termos éticos concretos. Muitos judeus esperavam com confiança o julgamento messiânico como um tempo de bênção para si mesmos e destruição para os opressores gentios. João, no entanto, advertiu que a ascendência judaica era uma falsa segurança no julgamento que estava por vir (Lc 3.8); o verdadeiro arrependimento era o único meio de escapar da destruição (Mt 3.2). João antecipou este julgamento nas mãos do que viria, que batizaria a nação com “o Espírito Santo e com fogo” (Lc 3.16). O fogo representava os meios de destruição do AT no fim dos tempos (Ml 4.1), bem como purificação (Ml 3.1-4), enquanto o derramamento do Espírito Santo no fim dos tempos conotava bênção (Is 32.15; Ez 39.29; Jl 2.28) e purificação (Is 4.2-4). O julgamento antecipado por João era, portanto, duplo: destruição para os impenitentes e bênção para os penitentes e justos (Mt 3.12).

À luz deste evento iminente, João chamou ao arrependimento por parte de seus ouvintes (Mt 3.2), um verdadeiro “voltar atrás” ou “voltar para” Deus em obediência que traria perdão do pecado. Tal reviravolta no relacionamento de um indivíduo com Deus deve ser vivida nos relacionamentos diários: justiça por parte dos cobradores de impostos (Lc 3.12-13) e soldados (v. 14), e a exigência geral de compaixão pelos pobres (v. 10-11).

O batismo de João

Os Evangelhos registram que João batizou aqueles que se arrependeram de seus pecados em vários locais: o rio Jordão (Mc 1.5), Betânia além do Jordão (Jo 1.28) e Enom perto de Salim (Jo 3.23). Esta prática era parte integral do chamado de João para o arrependimento, dado à luz do julgamento que se aproximava e da aparição Daquele que viria. O batismo do penitente simbolizava o desejo de perdão do pecado, uma renúncia da vida passada e

um desejo de ser incluído no reino messiânico que está chegando.

Qual era o contexto para a prática do batismo de João? A partir do AT, sabemos de lustrações cerimoniais ou lavagens que garantiam a pureza ritual ([Lv 14-15](#); [Nm 19](#)). Ao contrário do batismo de João, essas lavagens eram de natureza repetitiva e se referiam predominantemente ao ritual em vez de purificação moral. Os profetas, no entanto, incitaram uma purificação moral associada à lavagem com água ([Is 1.16-18](#); [Jr 4.14](#)). De forma mais significativa, os profetas anteciparam uma purificação de Deus no fim dos tempos que precedem o Dia do Julgamento ([Ez 36.25](#); [Zc 13.1](#); cf. [Is 44.3](#)), um elemento escatológico que João pode ter assumido estava sendo realizado em seu batismo com água.

Outro precedente para a prática de João pode ter sido o batismo de prosélitos (em conjunto com a circuncisão e a oferta de sacrifícios) que constituía a conversão de um gentio ao judaísmo. Comum tanto ao batismo de prosélito quanto ao batismo de João eram a ênfase em uma ruptura ética com o passado, um caráter único e a semelhança da imersão. Diferenças notáveis eram que o batismo de João era para judeus, não para gentios convertidos, e que tinha um caráter escatológico marcado como uma preparação para a nova era. A menos que João, à luz da iminência da era messiânica, conscientemente tratasse todos os judeus como “pagãos” que precisavam de um batismo de arrependimento (cf. [Mt 3.7-10](#)), é duvidoso que o batismo de prosélitos tenha formado o pano de fundo primário para o ministério batismal de João.

Se o batismo de João tivesse uma associação clara com o perdão de pecados, a pergunta naturalmente surge sobre por que Jesus, o Filho de Deus, buscou o batismo de João. O próprio João faz esta mesma pergunta de Jesus ([Mt 3.14](#)), à qual Jesus responde: “Deixe que seja assim agora, pois é dessa maneira que faremos tudo o que Deus quer.” (v. [15](#), NTLH). Primeiro, fica claro que o batismo de Jesus representou um ato de obediência de sua parte à vontade de Deus como ele a viu. Segundo, ao se submeter ao batismo de João, Jesus estava claramente validando o ministério e a mensagem de João. A vinda iminente do reino e seu Messias, e a necessidade de arrependimento em antecipação deste evento que João proclamou, foram afirmadas por Jesus através do batismo. Terceiro, ao ser batizado, Jesus condenou os autojustos por sua falta de arrependimento e tomou uma posição com

os publicanos penitentes e pecadores que aguardavam o reino de Deus ([Lc 7.29-30](#)). Quarto, Jesus deu um passo à frente para o batismo não como um indivíduo que precisava de perdão, mas como alguém que representava o povo de Deus. Seu batismo, portanto, demonstrou solidariedade com as pessoas em sua necessidade de libertação, mesmo quando ele é julgado em seu lugar na cruz. Finalmente, a voz do céu ([Mc 1.11](#)) e a descida do Espírito ([Lc 3.21-22](#)) significam a inauguração do próprio ministério de Jesus através de seu batismo por João.

A visão de João sobre Jesus

Ao longo de seu ministério, João apontou além de si mesmo para alguém “que é muito maior do que eu — tão maior que eu não sou sequer digno de ser seu escravo” ([Mc 1.7](#)). Seu autoentendimento aparentemente surgiu da aplicação de [Isaías 40.3](#) a si mesmo, que ele era o preparador ou precursor para a atividade que viria de Deus através do Messias ([Lc 3.4-6](#)). Quando questionado por espectadores curiosos, João negou firmemente que ele era o Messias, e de acordo com os relatos dos Evangelhos, se subordinou a Aquele que viria ([Mc 1.7-8](#); [Jo 1.26-28](#); [3.28-31](#)). A vinda de Jesus ao batismo parece representar a primeira vez que João identificou essas expectativas com o próprio Jesus ([Jo 1.35-36](#)). Seu reconhecimento de Jesus como o Messias antes do batismo ([Mt 3.14](#)) foi confirmado pela descida do Espírito Santo como uma pomba e a voz do céu citando uma frase de um salmo messiânico do AT ([Mc 1.11a](#), de [Sl 2.7](#)), juntamente com uma frase de um canto do Servo Sofredor de Isaías ([Mc 1.11b](#), de [Is 42.1](#)). No quarto Evangelho, João Batista vai ainda mais longe ao reconhecer que Jesus é o “Cordeiro de Deus” ([Jo 1.29](#)), em antecipação ao papel sacrificial de Jesus na cruz. E João o reconheceu como “o Escolhido de Deus” (v. [34](#) — outro termo para o Messias; [Sl 2.7](#), veja [Mc 1.11](#)).

À luz da forte afirmação de João, é a princípio difícil entender seu questionamento sobre Jesus enquanto estava aprisionado: “O senhor é aquele que ia chegar ou devemos esperar outro?” ([Mt 11.3](#), NTLH). Alguns sugeriram que João estava meramente pedindo por causa de seus discípulos, ou que a pergunta refletia o desânimo de João por estar preso. É mais provável, no entanto, que a pergunta represente a própria confusão de João com a atividade esperada do Messias. João havia proclamado aquele que viria e traria um batismo de fogo e julgamento sobre os ímpios ([Lc 3.16](#)). Pode ter sido difícil para ele entender as diferentes

ênfases de Jesus sobre o perdão e aceitação dos pecadores ([Mt 9.9-13](#)) e sua cura dos doentes ([Mt 8-9](#)). Quando os discípulos de João trouxeram a pergunta de seu mestre a Jesus, perguntando se ele era ou não o Messias, Jesus respondeu citando [Isaías 35.5-6](#) (veja também [Is 61.1](#)). Este texto proclama as atividades de cura e proclamação da salvação aos pobres como cumprimentos do papel do Messias, mesmo que elas não tenham sido o que João ou incontáveis outros judeus esperavam.

A visão de Jesus sobre João

Que Jesus considerava altamente João Batista é indicado por seu batismo por João. Também é explicitamente declarado em várias ocasiões. Jesus o chamou de o maior homem que já viveu ([Lc 7.28](#)). (É claro, ele não era tão grande quanto Jesus, o Deus-homem). Jesus também disse que João era uma lâmpada acesa e que brilhava ([Jo 5.33-35](#)) e que ele praticava um batismo divinamente ordenado ([Lc 20.1-8](#)).

A singularidade de João, no entanto, reside no fato de que ele estava no momento da virada das eras. Ele era o último da antiga era, o período da lei e dos profetas ([Lc 16.16](#)), que deveria preceder a vinda da era messiânica (o reino de Deus). João era o último dos profetas, o maior deles, a figura de Elias que prepararia o caminho para o julgamento de Deus ([Mt 11.13-15](#); [Lc 1.17](#)). Porque João pertencia à era da lei e dos profetas, no entanto, ele não era tão grande quanto o “menor” já no reino de Deus ([Mt 11.11](#)) — isto é, aqueles que pertenciam à era da aparição do reino em Jesus.

Prisão e martírio

Para entender por que João foi preso e decapitado por Herodes Antipas, é preciso entender a agitação messiânica causada pela aparição e mensagem de João ([Lc 3.15-18](#)). Herodes e outros governantes seculares estavam obviamente suspeitando de qualquer um que pudesse incitar as multidões com previsões de um governante messiânico que estava chegando. Outros movimentos messiânicos haviam surgido antes de João, o que resultou em surtos de violência contra o governo romano-herodiano. Além disso, Herodes Antipas estava sob pesadas críticas por seu casamento com Herodias, a ex-esposa de seu irmão Filipe. Seu primeiro casamento, com a filha de Aretus II, constituiu uma aliança política entre a família herodiana e o reino nabateu de Pereia. Seu novo relacionamento com Herodias foi percebido como uma violação da aliança política e levou ao atrito entre as duas

famílias. A denúncia de João do novo casamento de Herodes ([Mt 14.3-12](#)) poderia assim ter sido interpretada por Herodes como um despertar subversivo de sentimento contra sua autoridade. O historiador judeu Josefo afirma que Herodes, de fato, prendeu João porque ele temia sua influência sobre as multidões. De acordo com Josefo, João foi preso na fortaleza Maquero, no lado oriental do Mar Morto. Ele não foi morto imediatamente devido ao medo pessoal de Herodes do justo João ([Mc 6.2](#)) e da reação do povo ([Mt 14.5](#)). Em um ponto sobre o qual Josefo fica em silêncio, os Evangelhos registram quais foram os sentimentos de Herodias contra João ([Mc 6.17](#)) e sua trama, através da dança de sua filha, que trouxe a decapitação de João (vv. [21-29](#)). João foi decapitado a pedido de Herodias em aproximadamente 29 ou 30 d.C.

Os discípulos de João

Embora fique claro que um grupo de discípulos se formou ao redor de João em sua vida ([Jo 1.35](#)), sugerir que ele pretendia começar um movimento contínuo é contradito por sua mensagem no iminente Dia do Julgamento. Aparentemente, os discípulos de João consistiam em um pequeno grupo daqueles que haviam sido batizados por ele e estavam esperando a vinda do Messias. Alguns transferiram sua lealdade a Jesus depois que João havia identificado Jesus como o que viria ([Jo 1.37](#)). Outros, no entanto, aparentemente permaneceram com seu mestre, comunicando-se com João preso sobre as atividades de Jesus ([Lc 7.18-23](#)) e, após sua morte, levando o corpo para o sepultamento ([Mc 6.29](#)).

Sabemos pouco sobre as atividades e práticas do grupo de discípulos agrupados em torno de João. Sabemos, no entanto, que o jejum era uma prática especificamente associada com o grupo, e que os marcava como semelhantes aos fariseus ([Mt 9.14](#)). Nesta prática, eles, sem dúvida, seguiram o exemplo do próprio João ([Lc 7.33](#)). Oração e jejum estavam muitas vezes ligados no judaísmo tardio. Os discípulos de João também eram conhecidos pelas orações ensinadas por seu mestre ([11.1](#)). Vendo esta prática, os discípulos de Jesus pediram ao Senhor para ensiná-los a orar, ao que Jesus respondeu com a Oração do Senhor (vv. [2-4](#)).

Após sua morte, é provável que outros discípulos de João se juntaram aos seguidores de Jesus (ver [Lc 7.29-30](#)). Nem todos o fizeram, no entanto, pois os discípulos de João foram encontrados por Paulo e outros cristãos aproximadamente 25 anos depois

em Éfeso ([Atos 18.24–29.7](#)). Ao ouvir testemunho de Jesus, esses seguidores de João proclamaram Jesus como Messias. Quando Paulo os batizou em nome de Jesus, eles receberam o Espírito Santo ([19.4–7](#)). Mesmo assim, fica aparente em documentos posteriores que vários grupos continuaram a honrar João, mesmo considerando-o o Messias, séculos após o período do NT.

João de Giscala

João de Giscala foi um líder na primeira revolta judaica, originário de Giscala (Gush-halab) na Galileia. Ele era um rival de Flávio Josefo, que havia sido nomeado comandante da Galileia pelos judeus. Quando Vespasiano enviou seu filho Tito contra Giscala em 67 d.C., João fugiu para Jerusalém e participou da defesa da cidade. Eventualmente, ele se rendeu aos romanos e foi preso na Itália. *Veja* Primeira revolta judaica.

João Hircano

Governante asmoneu do povo judeu de 135 a 105 a.C.. *Veja* Asmoneu.

João Marcos

Veja Marcos, João.

João Marcos

Um amigo próximo dos primeiros líderes da igreja escreveu o Evangelho de Marcos. João Marcos foi companheiro de Paulo e Pedro, além de primo de Barnabé.

Primeiros anos e família

João Marcos veio de uma família judia rica em Jerusalém. Eles foram dos primeiros crentes em Jesus Cristo. João Marcos tinha tanto um nome judeu quanto um nome romano. O nome romano Marcos poderia significar cidadania romana, como Paulo. Ou ele pode ter adotado o nome quando deixou Jerusalém para servir à igreja gentia (não-judaica) em Antioquia ([At 12.25](#)).

Quando um anjo do Senhor libertou Pedro da prisão, o apóstolo foi “para a casa de Maria, a mãe de João Marcos” (v. [12](#)). Esta casa tinha um portão

externo e era grande o suficiente para que um grande grupo de crentes se reunisse lá. Uma serva chamada Rode trabalhava ali (vv. [12–13](#)), indicando que uma família rica vivia ali. Na época deste evento (por volta de 44 d.C.), Pedro pode ter influenciado Marcos a se tornar um seguidor de Jesus ([1Pe 5.13](#)). Barnabé e Saulo (também conhecido como Paulo) escolheram Marcos para ir com eles a Antioquia, o que sugere que a igreja em Jerusalém tinha grande respeito por Marcos ([At 12.25](#)).

Início do ministério e desafios

João Marcos juntou-se a Barnabé e Saulo para ajudá-los a pregar as boas-novas sobre Jesus ([At 13.5](#)). No entanto, ele logo deixou os apóstolos e voltou para Jerusalém (v. [13](#)). A Bíblia não nos diz por que Marcos deixou os apóstolos. A viagem pode ter sido muito difícil para o jovem Marcos.

Há outra possível explicação. Em Pafos, quando a jornada começou, Paulo tornou-se o líder principal (v. [13](#)). A partir deste ponto, Atos menciona “Paulo e Barnabé” em vez de “Barnabé e Paulo” (exceto pelos versículos [12](#) e [25](#)). Marcos pode não ter gostado do modo como Paulo liderava. Ou, ele pode não ter ficado satisfeito que seu parente Barnabé fosse secundário a Paulo na obra do evangelho. Barnabé foi um seguidor de Jesus antes de Paulo ([4.36–37](#)). Foi Barnabé quem apresentou Paulo aos apóstolos ([9.27](#)).

Mas pode ter havido uma razão mais importante para Marcos partir. Assim como Paulo, Marcos era “um hebreu de hebreus” ([Fp 3.5](#)). Marcos pode ter discordado do ensino de Paulo de que os não-judeus poderiam ser salvos apenas pela fé, sem seguir as leis judaicas.

É importante notar que na história desta jornada, a Bíblia usa apenas o nome judeu de Marcos, “João”, ao falar sobre seu tempo com Paulo e Barnabé ([At 13.5](#)). “João” também é usado quando ele os deixou em Perge, na Panfília (versículo [13](#)). Também é importante que João Marcos tenha retornado ao lugar onde serviu pela primeira vez. Esta era a igreja judaica em Jerusalém, não a igreja gentia em Antioquia (v. [13](#)).

A decisão de Marcos de partir causou problemas mais tarde. Paulo e Barnabé tiveram uma discussão séria sobre se deveriam levar Marcos em outra viagem. O desacordo foi tão intenso que Paulo e Barnabé se separaram ([At 15.39](#)). Paulo era extremamente dedicado a ensinar a justificação pela fé. Barnabé já havia demonstrado sua

incerteza sobre esse ensinamento ([Gl 2.13](#)). Essa diferença de crenças pode ter levado à separação deles. Barnabé levou Marcos para Chipre, enquanto Paulo escolheu Silas como seu novo parceiro e foi para a Ásia Menor para fortalecer as novas igrejas lá ([At 15.39-41](#)).

Ministério futuro e reconciliação

Marcos aparece novamente no registro bíblico cerca de 11 anos depois. Em [Colossenses 4.10](#) e [Filemom 1.24](#), ele está em Roma com Paulo, que agora é um homem idoso e “um prisioneiro por causa de Jesus Cristo” ([1.1](#)). Paulo e Marcos haviam se reconciliado. Paulo diz que Marcos e outros são “os únicos judeus convertidos que trabalham comigo para o Reino de Deus” ([Cl 4.11](#)).

Em sua última carta antes de sua morte, Paulo escreveu suas palavras finais sobre Marcos. Paulo diz a Timóteo: “Venha me ver logo que puder... Somente Lucas está aqui comigo. Procure Marcos e traga-o com você porque ele pode me ajudar no trabalho” ([2Tm 4.9,11](#)). Todos os outros haviam abandonado Paulo durante seu julgamento perante César Nero (v. [16](#)). Anteriormente, Marcos também havia abandonado o apóstolo quando era jovem. Agora, ele viajou de Éfeso a Roma e tentou vir ver seu amigo Paulo com Timóteo.

O Evangelho de Marcos

Marcos também tinha um relacionamento próximo com o apóstolo Pedro. De acordo com [1 Pedro 5.13](#), Pedro enviou uma saudação a Marcos e à igreja em “Babilônia”. Aqui, “Babilônia” simboliza Roma. Pedro chama Marcos de “meu filho”. Isso mostra que Marcos tinha um relacionamento próximo com Pedro ([Gl 2.9](#)).

A tradição mais importante e confiável da igreja (baseada em escritos fora da Bíblia) nos informa que Marcos foi o assistente próximo de Pedro. Os primeiros pais da igreja afirmaram que Marcos registrou cuidadosamente as histórias e ensinamentos de Pedro sobre Jesus. Marcos utilizou esses ensinamentos para escrever o Evangelho de Marcos, que ele provavelmente escreveu em Roma entre 60 e 68 d.C.

João, Cartas de

Três breves epístolas são atribuídas a João. Sua brevidade é enganosa, pois abordam questões profundas e críticas sobre a natureza básica da

experiência espiritual cristã. As cartas joaninas também oferecem uma visão interessante sobre a condição da igreja no final do primeiro século. A heresia está surgindo. A autonomia e a organização da igreja são refletidas. A natureza genuína de um relacionamento comprometido e obediente com Deus através de Cristo é poderosamente e calorosamente retratada e ordenada.

Resumo

- A primeira carta de João
- A segunda carta de João
- A terceira carta de João

A primeira carta de João

Ocasão e propósito

Primeira João é uma resposta simples, mas profunda, a uma heresia que ameaça a igreja. A metodologia utilizada é uma delimitação cuidadosa e clara da verdade conforme encontrada em Cristo. As duas posições diferentes — a correta e a incorreta — são claramente contrastadas. As linhas de demarcação são traçadas de forma definitiva.

No entanto, a carta também tem um propósito positivo. O autor deseja que seus “filhos” conheçam a verdade e respondam em relação a Deus, que foi revelado em Cristo: “Estamos escrevendo estas coisas para que nossa alegria seja completa. Esta é a mensagem que ele nos deu para anunciar a vocês: Deus é luz e não há trevas nele” ([1Jo 1.4-5](#)). O propósito positivo é ainda mais destacado em [5.20](#): “E sabemos que o Filho de Deus veio, e ele nos deu entendimento para que possamos conhecer o verdadeiro Deus. E agora estamos em Deus porque estamos em seu Filho, Jesus Cristo. Ele é o único Deus verdadeiro, e ele é a vida eterna”. A compreensão clara de Cristo — como sendo tanto Deus quanto homem — é de máxima importância para o autor. Os crentes precisam saber disso e permanecer nessa verdade, para que possam continuar a habitar no Filho de Deus e não serem afastados dele por ensinamentos heréticos.

A natureza da resistência

Assumir que a carta foi escrita para contestar as alegações dos hereges fornece insights interessantes sobre sua identidade. De acordo com [2.19](#), os oponentes tinham sido membros da comunidade cristã, mas posteriormente se retiraram para propagar suas próprias crenças.

O principal erro cristológico dos hereges foi a negação da humanidade de Jesus, implicando que ele não era o Messias. Os falsos profetas no mundo podem ser identificados por sua confissão de Jesus: “Esta é a maneira de descobrir se eles têm o Espírito de Deus: Se um profeta reconhece que Jesus Cristo se tornou um ser humano, essa pessoa tem o Espírito de Deus” (4.2). O versículo de abertura da carta contesta fortemente a negação da humanidade de Jesus. O mentiroso é identificado em 2.22 como aquele “que diz que Jesus não é o Cristo. Tais pessoas são anticristos, pois negaram o Pai e o Filho”.

O resultado prático dessas posições foi uma irresponsabilidade moral que promovia uma vida de pecado e desrespeito pelos outros. João, portanto, precisa chamar esses apóstatas de volta a uma vida de ética e amor fraternal em Cristo.

A oposição foi identificada de várias maneiras. A ênfase no conhecimento secreto e esotérico sugere uma heresia do tipo gnóstico. A negação da humanidade de Jesus indica a heresia docética. Cerinto da Ásia Menor (mencionado por Irineu) tem sido frequentemente associado à oposição em 1 João.

Autor

Uma comparação cuidadosa de 1 João com o quarto Evangelho revela uma semelhança notável em vocabulário, estilo e pensamento. Palavras características usadas em ambas as obras incluem “amor”, “vida”, “verdade”, “luz”, “Filho”, “Espírito”, “Advogado”, “manifestar”, “pecado”, “mundo”, “carne”, “permanecer”, “conhecer”, “andar” e “mandamentos”. Combinações de palavras como “Espírito da verdade”, “nascido de Deus”, “filhos de Deus” e “vencer o mundo” também sugerem um único autor. Há também semelhanças no uso gramatical e nos padrões de expressão. Existem semelhanças notáveis na perspectiva teológica também.

É difícil negar a estreita relação entre os dois escritos. Aqueles que tentaram distinguir entre eles tiveram que admitir que as variações de estilo e método teológico devem ter vindo de alguém intimamente relacionado e profundamente influenciado pelo autor do outro.

A posição tradicional sobre a autoria é que o apóstolo João foi o autor tanto do Evangelho quanto da carta. As palavras iniciais de 1 João apontam claramente nessa direção: “Aquele que existia desde o princípio é aquele que ouvimos e

vimos. Nós o vimos com nossos próprios olhos e o tocamos com nossas próprias mãos. Ele é Jesus Cristo, a Palavra da vida” (1.1). Isso é claramente destinado a informar aos leitores que o autor foi uma testemunha ocular dos eventos.

A posição tradicional foi questionada com base em uma citação de Papias, que foi bispo de Hierápolis na Ásia Menor (100–140 d.C.). Seu comentário, transmitido por Eusébio via Irineu, é: “Se em algum lugar eu encontrasse alguém que tivesse sido seguidor dos anciãos, eu perguntaria sobre as palavras dos anciãos — o que André e Pedro tinham dito, ou o que Tomé, Tiago, João, Mateus ou qualquer outro dos discípulos do Senhor; e eu perguntaria sobre as coisas que Aristion e o ancião João, os discípulos do Senhor, dizem”. Vários comentaristas importantes argumentaram pela existência de um ancião ou presbítero João na Ásia Menor distinto do apóstolo João. Irineu, em *Contra as Heresias*, e o Fragmento Muratoriano (ambos do final do segundo século), no entanto, atribuem 1 João ao apóstolo João.

Sua alegação de ser uma testemunha ocular e seu ar de autoridade definitivamente indicam o apóstolo João como o autor da primeira carta. A tradição menciona a idade avançada do apóstolo enquanto ele ensinava em Éfeso e sua ênfase no amor entre os cristãos até o fim de sua vida. A primeira carta de João reflete exatamente essa situação.

Data

A data para a composição de 1 João é geralmente situada perto do final do primeiro século. Esta data é confirmada pela natureza da heresia condenada e pelas referências a ela em Policarpo e Irineu. Maior precisão na determinação da data não é possível com as evidências disponíveis.

Texto

O texto de 1 João foi preservado de maneira bastante eficaz. A simplicidade da terminologia e a clareza do pensamento contribuíram para essa preservação. Três passagens merecem destaque na discussão do texto.

As palavras “todas as coisas” (2.20) aparecem no caso nominativo em alguns manuscritos e no caso acusativo ou objetivo em outros. A ARC traduz esse parte como “e sabeis tudo”. O uso do caso nominativo, que então modifica “vós [vocês]” — “vocês têm conhecimento” — é talvez uma tradução melhor. A ênfase está na amplitude da

distribuição do conhecimento e não na sua completude.

Em [4.19](#), não há um objeto para o verbo “amar” nos manuscritos mais antigos. Alguns manuscritos posteriores inseriram “ele” ou “Deus” nesta frase.

A variante mais famosa em 1 João é encontrada em [5.7-8](#). “Estes três concordam no céu: o Pai, a Palavra e o Espírito Santo...” é claramente uma interpolação adicionada ao texto em uma data bastante tardia. A referência mais antiga vem do herege espanhol Prisciliano, que morreu em 385 d.C. Em uma data posterior, foi aceita na Vulgata. Erasmo, que editou o primeiro Testamento Grego já publicado, não incluiu as palavras com base na sua ausência nos manuscritos gregos. Os únicos dois manuscritos gregos que contêm as palavras foram produzidos após essa data. Assim, traduções modernas eliminaram este versículo.

Conteúdo

Os comentaristas não conseguem concordar sobre o plano e a estrutura específicos da primeira carta. A terminologia simples, o alcance limitado do vocabulário, a repetição de ideias e a construção gramatical quase monótona desafiam a análise lógica em termos de esboço e estrutura. Os comentaristas descreveram o argumento da epístola como “espiral”. A imagem é a de um ancião venerável e respeitado na comunidade compartilhando sua sabedoria sem tentar fornecer um argumento rigorosamente fundamentado.

Embora as designações de capítulos não tenham sido introduzidas no texto do NT até 1228 d.C. e muitas vezes sejam divisões enganosas de pensamento, elas oferecem um método conveniente para examinar o conteúdo da carta. Deve-se notar que a carta também se desvia do estilo comum de carta do primeiro século, tão vividamente representado nas cartas paulinas.

O primeiro capítulo é composto por uma introdução e uma discussão sobre caminhar na luz. A natureza de Deus e do homem em relação a isso ganha um foco nítido.

A introdução está na nobre tradição do prólogo do quarto Evangelho e do prólogo da Carta aos Hebreus. Com majestosa profundidade, a confiabilidade básica da mensagem do evangelho é declarada. O autor reivindica seu status como testemunha ocular daquele por meio de quem o Pai se manifestou. Ele afirma que está simplesmente proclamando os eventos dos quais ele próprio participou. A ênfase em ouvir, ver e tocar (o uso

frequente do tempo perfeito enfatiza os resultados contínuos) retira a manifestação do reino etéreo e especulativo e a coloca diretamente no mundo da experiência.

O propósito da proclamação é a comunhão (a palavra grega é *koinonia*). Esta comunhão opera tanto no plano horizontal entre os crentes quanto no plano vertical entre os crentes e tanto o Pai quanto o Filho ([1.3](#)). O segundo elemento do propósito é “tornar a nossa alegria completa” (v. [4](#)).

No corpo da carta, o autor aborda imediatamente ([1.5-10](#)) a natureza definitiva de Deus como luz. A natureza de Deus como luz tem várias implicações significativas. Primeiro, a escuridão não tem lugar em Deus de forma alguma (v. [5](#)). Segundo, aqueles que andam (vivem, se conduzem) na escuridão não podem estar em comunhão com Deus (v. [6](#)). Terceiro, um relacionamento com Deus (andar na luz) resulta em comunhão com outros crentes e purificação de todo pecado por Jesus, seu Filho (v. [7](#)). Quarto, todos pecaram, e a negação desse fato não altera a verdade (v. [8](#)). Quinto, o reconhecimento do pecado traz perdão e purificação do Deus fiel e justo (v. [9](#)). Finalmente, a negação de ter pecado alguma vez reflete sobre Deus e prova que sua palavra não está presente (v. [10](#)).

A alegria e a comunhão estão disponíveis apenas para aqueles que caminham na luz da presença de Deus. Deus — que é luz através de seu Filho, Jesus Cristo (somos lembrados no prólogo do quarto Evangelho, que a Palavra manifestou luz a todos os homens) — resolve o problema do pecado e da injustiça através do perdão e da purificação.

O segundo capítulo continua o pensamento do parágrafo final do capítulo [1](#) — a solução para o problema do pecado — e então se volta para uma discussão sobre o novo mandamento e a ameaça do Anticristo.

Em [2.1-6](#), a solução para o problema do pecado na presença de um Deus puro é ampliada. Jesus Cristo não apenas perdoa o pecado e purifica a injustiça, mas também é nosso Advogado (a mesma palavra usada em [João 14-16](#) e transliterada como “Paráclito”) diante de Deus. Jesus satisfaz os requisitos para a reconciliação completa entre Deus e a humanidade.

Em resposta, o crente deve guardar seus mandamentos. O terceiro versículo é o primeiro de uma série de versículos que respondem a uma pergunta: Como o crente pode saber que tudo isso é verdade? O primeiro teste é o da obediência. As

implicações do teste de obediência são afirmadas positivamente nos versículos [3](#) e [5](#) e negativamente no versículo [4](#). O versículo [6](#) indica claramente que o modelo para o estilo de vida do crente deve ser encontrado em Jesus.

O segundo teste de crença ("permanecer nele") é delineado nos versículos [7-17](#). A segunda autenticação é o amor pelos irmãos e irmãs na comunidade cristã. O autor afirma claramente que é impossível caminhar na luz de Deus e, ao mesmo tempo, odiar seu irmão ou irmã cristã. Esta é uma expansão da ideia de comunhão na luz encontrada nos versículos iniciais.

Depois de encorajar três grupos etários diferentes ([2.12-14](#) — a referência pode muito bem ser a estágios na vida cristã em vez de grupos etários cronológicos), ele os adverte sobre a tolice de amar o mundo (vv. [15-17](#)). O mundo consiste em desejos transitórios e orgulho e não faz parte do Pai, que é luz. O único que sobrevive é aquele que é obediente à vontade total de Deus.

Então, o autor se volta para o problema dos tempos finais com a manifestação do Anticristo ([2.18-27](#)). Os anticristos (note o uso do plural) foram, em algum momento, membros da comunhão (v. [19](#)). Qualquer um que nega que Jesus é o Messias se enquadra nessa categoria. O autor declara ainda que é impossível negar Cristo e abraçar Deus (v. [23](#)). Aqueles que são nascidos de Deus têm uma unção dele que os capacita a reconhecer as mentiras do Anticristo (v. [27](#)).

Até este ponto, toda a epístola tem se concentrado nas implicações de caminhar com Deus, que é luz. A revelação de Deus em Jesus oferece direção clara e entendimento para reconhecer o verdadeiro e identificar o falso.

Os dois últimos versos do capítulo [2](#) introduzem o novo tópico para o capítulo 3, que é "nascido de Deus" ([2.29](#)). Os filhos de Deus não temem a revelação final de Deus na Segunda Vinda. Em vez disso, eles a antecipam, pois a plena qualidade de seu novo nascimento será tornada visível ([3.2](#)). O autor faz uma pausa para se deleitar na função do amor de Deus em nossas vidas como seus filhos (v. [1](#)).

O autor rapidamente retorna da alegria de contemplar nosso status como filhos de Deus para as duras realidades do mundo em que devemos viver. O mundo ao nosso redor é caracterizado pelo pecado, que agora é definido como transgressão da lei ([3.4](#)). O pecado encontra sua origem no diabo, que "peca desde o princípio" (v. [8](#)). Os filhos do

diabo revelam sua natureza essencial vivendo vidas sem lei — Caim é usado como modelo (vv. [10-12](#)).

Jesus, cuja segunda aparição é mencionada nos versos de abertura, veio pela primeira vez para tirar os pecados ([3.5](#)) e destruir as obras do diabo (v. [8](#)). Aqueles que vivem em Jesus devem viver de acordo com o padrão de seu Pai, que é justo (v. [7](#)). O estilo de vida justo é caracterizado pela pureza (v. [3](#)) e pela cessação do pecado (vv. [7-9](#)). O contraste entre os dois estilos de vida é evidente (v. [10](#)).

A última metade do capítulo [3](#) aborda uma das expressões da retidão — o amor pelos outros na comunidade cristã. O aspecto negativo já foi introduzido no versículo [12](#) (Caim). O ódio ao irmão é equivalente ao assassinato ([3.15](#)). A indiferença à necessidade de um irmão ou irmã também é condenada (vv. [17-18](#)). O modelo para o amor ao irmão é Jesus, que deu sua vida por nós (v. [16](#)). A nota positiva é que o amor pelos irmãos e irmãs é evidência de ser nascido de Deus — de passar da morte para a vida (v. [14](#)). Novamente, o contraste entre os filhos de Deus e os filhos do diabo é evidente.

A última metade do capítulo [3](#) destaca uma das ênfases favoritas de João. "Nós sabemos" é repetido nos versículos [14.16.19 e 24](#). Em um mundo cheio de incertezas, João reconhece a grande necessidade de segurança. Assim, ele delineia uma variedade de testes para estabelecer e manter a segurança para os filhos de Deus.

A transição para o capítulo [4](#) ocorre no final do capítulo 3: "Sabemos que ele vive em nós porque o Espírito Santo vive em nós" (v. [24](#)). Aqueles que têm o Espírito Santo precisam distinguir entre o Espírito da verdade e o espírito do erro. O teste doutrinário é então delineado. Aqueles que têm o Espírito de Deus reconhecem que Jesus é Deus vindo em carne ([4.2-3](#)). Falsos profetas que negam isso têm o espírito do Anticristo (v. [3](#)). A obediência a Deus permite que os filhos de Deus reconheçam e respondam à linguagem de Deus (vv. [4-6](#)).

Nos versículos [7-12](#), João fala sobre a origem do amor como vindo de Deus, que é amor ([4.8](#)). Esse amor foi demonstrado de forma inconfundível em Jesus (vv. [9-10](#)) para resolver o problema do pecado. A resposta natural dos filhos de Deus, então, é amar uns aos outros (v. [11](#)), para que o amor de Deus possa ser aperfeiçoado (alcançar seu objetivo designado) em nós (v. [12](#)). Neste

parágrafo, nascer de Deus, amar a Deus e conhecer a Deus estão inextricavelmente entrelaçados.

O versículo [13](#) retoma a nota de segurança de [3.1](#): “Deus nos deu seu Espírito como prova de que vivemos nele e ele em nós”. Mais segurança é dada àqueles que reconhecem que Jesus é o Filho de Deus e o Salvador do mundo, o que nos leva a conhecer o amor de Deus. O amor de Deus flui através de nós para os outros e é uma evidência de nosso relacionamento com Deus ([4.14-21](#)). A segurança presente é tão clara que até mesmo o medo do Dia do Julgamento é eliminado (vv. [17-18](#)).

No capítulo final, João aborda a inter-relação entre amor e justiça. Aqueles que são nascidos de Deus não consideram os mandamentos de Deus pesados ([5.3](#)). A fé dos filhos de Deus lhes permite alcançar vitória sobre o mundo que impediria o cumprimento dos mandamentos (v. [4](#)). Essa fé está fundamentada em Jesus como o Filho de Deus (v. [5](#)). Novamente, a crença correta é destacada: Jesus era totalmente humano (v. [6](#)), e o Espírito dá testemunho da realidade de Jesus (vv. [7-8](#)). O resultado é uma grande certeza interior de que Deus “nos deu a vida eterna, e essa vida está em seu Filho” (v. [11](#)). Novamente, a linha de demarcação entre aquele que tem vida e aquele que não tem é tornada cristalina (v. [12](#)).

Os versículos [13-16](#) passam da posse da vida eterna para a certeza na oração. Uma confiança sólida em Deus traz respostas à oração (vv. [14-15](#)). A confiança também se estende à oração em favor de outros que estão cometendo pecado (agora João define pecado como injustiça em vez do pecado que leva à morte, v. [12](#)); Deus honrará essa oração dando vida ao pecador (v. [16](#)).

Os versos finais reafirmam os principais temas da carta. A vitória daquele que é nascido de Deus, através do verdadeiro Deus que veio até nós em Jesus, claramente diferencia o filho de Deus da vida do mundo sob o poder do maligno. A nota brilhante de segurança persiste até o final da carta.

A Segunda Carta de João

Autor, contexto e data

Segundo João foi escrito em um cenário semelhante ao de 1 João. O autor se identifica como “o ancião” e designa seu público como “a senhora eleita e seus filhos” ([2Jo 1.1](#)). A “senhora eleita” provavelmente é uma igreja e os “filhos” são os membros dela. A saudação final da “sua irmã eleita” (v. [13](#)) confirma

esta análise. Esta igreja foi assediada pelas mesmas heresias que foram atacadas em 1 João. As heresias são denunciadas, e a igreja é advertida a não acolher os mensageiros da heresia.

A gramática, o estilo e o vocabulário de 2 João se comparam muito de perto com 1 João. Oito dos 13 versículos da segunda carta são quase idênticos aos versículos de 1 João.

As informações sobre a data de escrita são insuficientes para tomar qualquer decisão. A semelhança com 1 João sugere uma época semelhante.

A mensagem

A mensagem da carta é dupla. Em primeiro lugar, os membros da comunidade cristã são instados a amar uns aos outros (v. [5](#)). A natureza do amor é então definida como seguir seus mandamentos (v. [6](#)). O segundo, e mais convincente, elemento é o aviso contra os enganadores que se recusam a reconhecer Cristo e persuadem outros a fazer o mesmo. O amor, de fato, tem seus limites quando se trata de até mesmo abrigar aqueles que se recusam a reconhecer Cristo (vv. [8-11](#)). Os enganadores são provavelmente os mesmos hereges identificados na primeira carta.

A carta se encerra com a promessa de mais comunicação pessoalmente. O propósito da visita será completar a alegria um do outro (cf. [1Jo 1.4](#)).

A Terceira Carta de João

Autor, contexto e data

Terceira João também é escrita em um cenário semelhante. A ocasião, no entanto, não é a ameaça de heresia. O problema agora é um certo Diótrefes, que está rejeitando a autoridade do “ancião” e tentando frustrar sua liderança. A carta é endereçada a Gaio, que ainda é leal ao ancião. O ancião pede a Gaio que ofereça apoio aos missionários genuínos que estão de passagem. Na seção de agradecimento, Gaio é elogiado por sua fidelidade à verdade, especialmente como um “filho” do ancião.

Novamente, temos informações insuficientes para estabelecer a data ou o contexto adicional. A terminologia familiar e o estilo de escrita o conectam intimamente às outras duas cartas; assim, o autor provavelmente foi João, o apóstolo.

Mensagem

O peso da carta também é duplo. O primeiro parágrafo (3Jo 1.5-8) elogia Gaio por sua hospitalidade aos missionários itinerantes que estão viajando “por causa do Nome” (v. 7), ou seja, o Senhor Jesus Cristo. Os missionários falaram bem do amor de Gaio pela igreja.

O corpo principal da carta adverte contra a insubordinação de um certo Diótrefes. Seu amor pelo poder e autoridade o levou não apenas a desafiar a autoridade do ancião, mas também a convencer outros a seguir sua rebeldia ou serem excomungados. Ele se recusou a receber os verdadeiros pregadores itinerantes. Gaio é aconselhado a não se deixar influenciar pelo exemplo de Diótrefes.

A conclusão reflete a expectativa de uma visita pessoal em breve. Saudações habituais encerram a breve carta.

Veja também João, o Apóstolo.

João, Evangelho de

O quarto Evangelho.

Resumo

- Autor
- Data, origem e destino
- Contexto
- Propósito e ensino de teologia
- Conteúdo

Autor

No final deste Evangelho, somos informados de que foi escrito pelo “discípulo a quem Jesus amava” (Jo 21.20,24), mas infelizmente o livro não nos revela quem era esse discípulo. As evidências indicam que a identificação mais provável é com o apóstolo João. Ele ocupa o lugar que esperaríamos que João ocupasse, com base no que sabemos dos outros Evangelhos. (Veja a discussão acima sobre João, o Apóstolo).

O Evangelho parece ter sido escrito por alguém que conhecia bem os judeus e a Palestina dos dias de Jesus. Ele estava familiarizado com as expectativas messiânicas judaicas (e.g., Jo 1.20-21; 4.25; 7.40-42; 12.34). Ele conhecia a hostilidade entre judeus e samaritanos (4.9) e o desprezo que os fariseus

tinham pelo “povo da terra” (7.49). Ele sabia da importância atribuída às escolas religiosas (v. 15). Ele conhecia a forma como o sábado era observado e estava ciente da provisão de que a obrigação de circuncidar no oitavo dia prevalece sobre as regulamentações do sábado (vv. 22-23). Ao longo do Evangelho, ele se movia com segurança na vasta gama de ideias e costumes judaicos.

O mesmo ocorre com a topografia. O escritor mencionou muitos lugares, e todos os nomes parecem ser usados corretamente. Ele se referiu a Caná, uma aldeia não mencionada em nenhuma literatura anterior conhecida por nós, o que significa que a referência quase certamente veio de alguém que realmente conhecia o lugar. Ele localizou Betânia com precisão a cerca de 15 estádios de Jerusalém (cerca de 3,2 quilômetros, 11.18). Ele fez várias referências a lugares em, ou perto de Jerusalém, como Betesda (5.2), Siloé (9.7) e o Vale do Cedrom (18.1). Claro, isso não descarta algum contemporâneo de João, mas torna difícil pensar no autor como um indivíduo muito posterior escrevendo à distância da Palestina. As evidências que temos indicam que o escritor era um judeu na Palestina dos dias de Jesus.

Para muitos leitores cuidadosos, parece que o Evangelho carrega a marca de uma testemunha ocular. Por exemplo, Jesus estava ensinando “na Tesouraria” (8.20) “caixa de ofertas”, ou “gazofilácio”, ou “coletoria”. Nada é feito desse ponto; o incidente poderia facilmente ter sido contado sem ele. Parece uma reminiscência de alguém que vê a cena em sua mente enquanto escreve. O fato de que a casa estava cheia de fragrância quando a mulher quebrou o frasco de perfume (12.3) não afeta materialmente o relato, mas é o tipo de detalhe que alguém que estava lá lembraria. O autor observou que os pães usados na alimentação da multidão eram pães de cevada (6.9) e que a túnica de Jesus era sem costura, tecida de uma só peça de cima a baixo (19.23). Ele nos contou que os ramos com os quais Jesus foi saudado eram ramos de palmeira (12.13), e que era noite quando Judas saiu (13.30). Tais detalhes são encontrados ao longo do Evangelho, e parece injustificado tratá-los como nada mais do que uma tentativa de criar verossimilhança. Eles parecem muito mais como indicações de que o autor estava escrevendo sobre eventos dos quais ele mesmo participou.

A igreja primitiva aceitou a autoria joanina sem questionar. Irineu, Clemente de Alexandria e Tertuliano consideravam o apóstolo como o autor.

O primeiro a citar este Evangelho pelo nome foi Teófilo de Antioquia, por volta de 180 d.C.

Aqueles que se opõem à autoria joanina destacam as diferenças entre este Evangelho e os Sinópticos. O argumento é que, se Jesus fosse como o Cristo retratado por Mateus, Marcos e Lucas, ele não poderia ser como o Cristo do quarto Evangelho. Este é um argumento completamente subjetivo, ignorando o fato de que qualquer grande homem parecerá diferente para pessoas diferentes. O julgamento da igreja ao longo dos séculos tem sido que Jesus era grande o suficiente para inspirar ambos os retratos. Colocando o mesmo ponto de outra forma, não temos razão para acreditar que os três primeiros evangelistas nos contam tudo o que há para saber sobre Jesus. Não há contradição. João simplesmente destaca outros aspectos da vida e dos ensinamentos de Jesus.

Embora não possamos provar além de qualquer dúvida que João, o apóstolo, foi o autor, podemos dizer que há mais razões para apoiar essa visão do que qualquer outra.

Data, origem e destino

É comum entre conservadores e liberais datar este escrito na última década do primeiro século ou no início do segundo. Alguns estudiosos liberais o situaram bem no segundo século, mas isso não é comum, e é notável que haja um acordo tão considerável.

Afirma-se que este Evangelho depende dos Sinópticos, o que significa que deve ser datado algum tempo depois deles. No entanto, esse argumento foi amplamente abandonado recentemente. Há tanto em João que não tem paralelo nos outros três Evangelhos e, inversamente, tanto nos outros três que João poderia ter usado se os conhecesse, que é realmente muito difícil sustentar que este escritor tinha algum dos outros Evangelhos diante dele quando escreveu, ou mesmo que os tivesse lido. As semelhanças que existem parecem ser melhor explicadas pelo uso comum da tradição oral.

Argumenta-se também que há uma teologia muito desenvolvida em João e que devemos permitir tempo para seu desenvolvimento. De fato, a teologia deste Evangelho é profunda, mas isso não exige que devamos esperar por ela até o final do primeiro século. A teologia da Carta aos Romanos também é profunda, e não há razão para datar esse escrito depois dos anos 50. Com base no desenvolvimento, então, não há razão para colocar

João depois de Romanos. O desenvolvimento é um argumento frágil na melhor das hipóteses, pois geralmente ocorre em ritmos desiguais, e não temos meios de saber quanto rápido ocorreu na área onde o autor vivia.

Outros argumentos para uma data tardia não são mais conclusivos. Por exemplo, argumenta-se que o sistema eclesiástico pressuposto pelo Evangelho é muito tardio para a época do apóstolo João, e que o sistema sacramental dos capítulos 3 e 6 deve ter levado tempo para se desenvolver. No entanto, João não menciona nenhum sacramento. É verdade que muitos estudiosos pensam que esses capítulos se referem ao batismo e à Ceia do Senhor, mas o fato é que João não menciona nenhum dos dois.

Não é surpreendente, considerando como os argumentos tradicionais se desintegraram, que muitos, nos tempos recentes, estejam argumentando que João deve ter sido escrito antes da queda de Jerusalém em 70 d.C. Se fosse mais tarde, por que João não faz alguma referência a isso? Parte de sua linguagem parece ser anterior. Em 5.2, ele diz que há (não "havia") um tanque chamado Betesda. E ele frequentemente se refere aos Doze como discípulos de Jesus, ou "seus" discípulos, ou algo semelhante. Em tempos posteriores, os cristãos geralmente diziam "os" discípulos, pois não viam necessidade de dizer de quem eram os discípulos. Mas nos primeiros dias, quando os cristãos estavam em contato com rabinos (cada um dos quais tinha seus discípulos), era importante mostrar que os discípulos de Jesus estavam em mente. É importante também que João não faça referência a nenhum dos Evangelhos sinóticos. A explicação mais simples é que ele não os tinha visto. Eles ainda não estavam amplamente circulados.

Nada disso nos permite datar este Evangelho com precisão. No entanto, o peso das evidências sugere uma datação anterior a 70 d.C.

O autor foi João, o apóstolo, um judeu. No entanto, a escrita dá evidências de contato com o pensamento grego, por exemplo, na referência a Cristo como "o Verbo" no capítulo 1 e na tradução de palavras como "rabi" (1.38). É quase universalmente aceito que tais considerações nos obrigam a ver a obra como originária de um centro de cultura grega, e Éfeso tem sido tradicionalmente favorecida. Antes do final do segundo século, temos Irineu escrevendo que João publicou o Evangelho durante sua residência em Éfeso.

Alguns estudiosos apontam semelhanças entre João e as Odes de Salomão, que acreditam terem vindo da Síria. Como também há algumas semelhanças na linguagem de Inácio, bispo de Antioquia no início do segundo século, isso é considerado uma indicação de que João foi escrito na Síria, provavelmente em Antioquia. Outros, por sua vez, pensam que o Egito foi o local, sustentando isso ao apontar que o fragmento mais antigo de um manuscrito deste Evangelho foi encontrado lá. Não há evidências concretas, e ficamos com probabilidades. Há muito a ser dito a favor de aceitar a evidência de Irineu e ver Éfeso como o local de origem, mas dificilmente podemos afirmar mais do que isso.

Não há uma indicação clara do destino pretendido. A partir de [20.31](#), aprendemos que o livro foi escrito para que os leitores possam acreditar que Jesus é o Messias, o Filho de Deus, e que, acreditando, possam ter vida. O Evangelho, então, tem um objetivo evangelístico. Mas também é possível que "acreditar" signifique "continuar acreditando" — "prosseguir na fé", em vez de "começar a acreditar". Ou seja, o livro pode ter sido destinado desde o início a fortalecer as pessoas na fé. Provavelmente, não devemos distinguir esses objetivos de forma muito rígida. Ambos podem muito bem estar em mente.

Contexto

Vários contextos possíveis para o Evangelho foram sugeridos. O interesse grego é evidente, e este escrito às vezes foi chamado de Evangelho dos Helenistas. A sugestão é que devemos examinar os escritos gregos, talvez as obras dos filósofos ou de Filo de Alexandria, para encontrar o contexto adequado para entender o que João escreveu. Essa abordagem pode ser vista no trabalho de Rudolf Bultmann, que pensava especificamente no gnosticismo. De fato, para Bultmann, uma das fontes deste Evangelho era um discurso que ele acreditava ter sido retirado do gnosticismo não cristão. Poucos estiveram dispostos a seguir Bultmann, mas vários comentaristas recentes identificaram alguma forma de gnosticismo como pano de fundo para João.

Embora tais visões sejam apresentadas seriamente, há algumas objeções substanciais. Uma é que, apesar das afirmações confiantes de alguns estudiosos, nunca foi demonstrado que o gnosticismo seja anterior ao cristianismo. Na forma em que nos aparece na história, é uma heresia cristã e, claro, a fé cristã deve surgir antes que uma

heresia cristã seja possível. Outra objeção é que há uma diferença básica entre os dois sistemas. O gnosticismo está preocupado com o conhecimento (a própria palavra é derivada da palavra grega *gnosis*, "conhecimento"). Seu "redentor" é alguém que vem do céu com conhecimento. Mas João não subscreve a visão de que o homem é salvo pelo conhecimento. O redentor vem para tirar o pecado do mundo ([1.29](#)). O gnosticismo diz às pessoas que a vida é uma luta ascendente; o cristianismo fala de um Salvador que desceu para elevá-las. Não é fácil ver qualquer forma de gnosticismo como o pano de fundo essencial para o cristianismo.

O background semítico de João é ainda mais significativo. O Antigo Testamento, aceito como Escritura Sagrada por judeus e cristãos, é especialmente importante aqui. Ele está constantemente por trás das declarações de João e deve ser estudado cuidadosamente para entendermos João. É evidente que João conhecia e apreciava a Septuaginta, a tradução do Antigo Testamento hebraico para o grego. Repetidamente, pode-se demonstrar que a Septuaginta influencia o que João diz.

Nos tempos modernos, descobertas importantes foram feitas em Qumran, nas proximidades do Mar Morto. Entre os pergaminhos desenterrados nas cavernas desta área, há vários que têm afinidades com João. De fato, um dos aspectos interessantes sobre os pergaminhos é que eles têm mais paralelos com João do que com qualquer outra parte do NT, um fato difícil de explicar se João foi escrito tardiamente e à distância da Palestina. As semelhanças com os escritos de Qumran devem ser analisadas com cuidado, pois muitas vezes há uma semelhança linguística onde o pensamento é bastante diferente. Por exemplo, ambos usam a expressão incomum "o Espírito da verdade". Mas onde João se refere a uma das pessoas da Trindade, os pergaminhos falam de "um espírito de verdade" e "um espírito de erro" lutando nas almas das pessoas. A conexão é real, mas João claramente não depende dos pergaminhos para seu pensamento. A contribuição dos Rolos do Mar Morto é que eles fornecem evidências adicionais de que este Evangelho é basicamente palestino e deve ser entendido em um contexto da Palestina do primeiro século.

Outras origens foram sugeridas, como a literatura Hermética. Este é um grupo de escritos atribuídos a Hermes Trismegisto ("Hermes Três Vezes Grande"), uma designação do deus egípcio Thoth. De fato, existem alguns pontos de contato com João,

mas são poucos em comparação com aqueles de escritos enraizados na Palestina. É difícil levar tais sugestões a sério. João é essencialmente palestino.

Propósito e ensino teológico

O escritor nos informou que Jesus realizou muitos "sinais" (ou milagres) que ele não registrou, mas "estes foram escritos para que vocês creiam que Jesus é o Messias, o Filho de Deus, e para que, crendo nele, vocês tenham vida" ([Jo 20.31](#)). João escreveu para mostrar que Jesus é o Messias, mas não fez isso apenas para transmitir informações interessantes. Ele queria que seus leitores vissem esse conhecimento como um desafio à fé; ao acreditarem, teriam vida. João buscou levar homens e mulheres a Cristo; ele tinha um objetivo evangelístico. Isso não esgota o que ele estava tentando fazer, pois suas palavras têm significado para os crentes. É importante que os crentes tenham um conhecimento correto de Jesus e que continuem a acreditar.

O principal ensinamento teológico deste Evangelho é que Deus enviou seu Messias, Jesus. Ele é o próprio Filho de Deus e vem para trazer vida ([3.16](#)). Embora Jesus tenha dito à mulher no poço que ele era o Messias, isso não é afirmado com tanta frequência de forma específica. A intenção de evitar do termo pode ser devido às conotações políticas que ele havia adquirido entre os judeus em geral. Eles procuravam um Messias que lutasse contra os romanos, os derrotasse e estabelecesse um poderoso império mundial com sua capital em Jerusalém. Jesus não tinha esse objetivo, e era importante que ele evitasse a linguagem que pudesse dar essa impressão. Mas, embora a terminologia messiânica convencional seja evitada, João não deixou dúvidas de que Jesus era o escolhido de Deus. Repetidamente, ele retratou Jesus como cumprindo funções messiânicas. Por exemplo, no longo discurso no capítulo [6](#), vemos Jesus como o pão do céu, cumprindo a expectativa de que quando o Messias viesse, ele renovaria o maná; e ao dar visão ao homem cego ([cap. 9](#)), temos outra função messiânica (cf. [Is 35.5](#)).

Com essa grandeza de Jesus, João também combinou o ensino sobre sua humildade. Um fio contínuo, embora discreto, do ensino joanino é que Jesus depende do Pai para tudo. Sem o Pai, Jesus disse, ele não poderia fazer nada ([Jo 5.30](#)). Seu próprio alimento é fazer a vontade do Pai ([4.34](#)). Ele vive através do Pai ([6.57](#)). É o Pai quem lhe dá seus discípulos ([6.37,44](#); [17.6](#)). É o Pai quem dá testemunho dele ([5.32,37](#)). João insiste que Jesus

não é, de forma alguma, independente do Pai. Na missão de Jesus, João vê a realização do propósito do Pai.

Conteúdo

Prólogo e capítulo 1

João começa com um prólogo ([1.1-18](#)) que é diferente de qualquer coisa nos outros Evangelhos. Nele, ele se refere a Jesus como "o Verbo", um termo que tem pontos de contato tanto com o pensamento grego quanto com o hebraico. Como João o usa, transmite a ideia de que Jesus é a expressão da mente do Pai. João fala do Verbo como Deus ([1.1](#)), vê-o como ativo na criação ([1.3-5](#)), continua com o testemunho dado por João Batista ([1.6-8](#)), fala da vinda do Verbo ao mundo ([1.9-14](#)) e termina com uma seção sobre a grandeza do Verbo ([1.15-18](#)). Neste prólogo, ele introduz brevemente alguns dos grandes temas que serão desenvolvidos ao longo do Evangelho. É uma introdução majestosa para o todo.

Em seguida, temos o início do ministério público de Jesus ([1.19-51](#)). O trabalho de Jesus foi precedido pelo de João Batista, e o Evangelista nos conta primeiro sobre o tipo de testemunho que o Batista deu a Jesus. Testemunho é um de seus conceitos importantes, e testemunho é tudo o que João Batista faz neste Evangelho. A partir deste testemunho, passamos para a maneira como os primeiros discípulos vieram a Jesus. Aprendemos algo sobre como André e Pedro vieram a conhecer o Senhor. Lemos também sobre Filipe e Natanael, dos quais aprendemos pouco ou nada nos outros Evangelhos.

Os sinais e discursos ([2.1-12.50](#))

O ministério público de Jesus é descrito de maneira muito distintiva neste Evangelho. João apresenta uma longa seção (caps. [2-12](#)) na qual relata uma série de milagres realizados por Jesus, entrelaçando em seu relato uma série de discursos. Às vezes, são discursos dados a grupos de pessoas, e outras vezes são conversas com indivíduos. Alguns estudiosos chamam essa seção do Evangelho de Livro dos Sinais, enfatizando assim o lugar proeminente dado a sete milagres. Para João, eles não são simplesmente maravilhas. Eles são significativos; no sentido literal do termo.

O primeiro deles é a transformação da água em vinho em um casamento em Caná da Galileia ([2.1-11](#)). A água em questão está ligada aos ritos judaicos de purificação (v. [6](#)), e a história

certamente nos ensina que Jesus transforma a vida. Ele muda a água da lei no vinho do evangelho. Como resultado deste “sinal”, seus discípulos creram nele (v. 11). João continuou a contar como Jesus subiu a Jerusalém e expulsou os comerciantes do templo. Eles estavam vendendo animais para sacrifício e trocando dinheiro. Mas seus negócios estavam sendo feitos no Pátio dos Gentios, o único lugar no templo onde um gentio poderia vir para meditar e orar.

O primeiro discurso é sobre o novo nascimento (3.1-21). Jesus conversou com Nicodemos, um importante fariseu, sobre a necessidade de uma renovação radical para entrar no reino. Jesus estava falando da atividade regeneradora de Deus, não de alguma reforma humana. Após isso, João registra uma disputa entre alguns dos discípulos de João e um judeu sobre o tema da purificação. Isso abre caminho para uma seção que mostra a superioridade de Jesus sobre João Batista — pela própria confissão do Batista (3.22-36).

O segundo discurso é realmente uma longa conversa que Jesus teve com a mulher da Samaria, que ele encontrou junto a um poço (4.1-42). Gira em torno da “água da vida”, um termo que não é totalmente explicado neste capítulo, mas que mais tarde descobrimos que aponta para o Espírito vivificante (7.38-39). Isso leva à história do segundo sinal, a cura do filho do nobre (4.46-54), notável pelo fato de que Jesus curou à distância.

O terceiro sinal é a cura do homem coxo junto ao tanque de Betesda (5.1-18). Este homem passou muitos anos esperando por cura no movimento da água. Jesus disse-lhe para se levantar e andar, e ele o fez. Como isso foi feito em um sábado, os fariseus objetaram. Isso leva ao terceiro discurso de Jesus, sobre o Filho divino (5.19-47). Aqui, a proximidade do relacionamento de Jesus com o Pai é enfatizada, e seu papel no julgamento é destacado. Há também uma ênfase na variedade de testemunhas que encontraram Jesus, o que mostra quão razoável é aceitá-lo como o próprio Filho de Deus.

O quarto sinal de João é o único milagre (além da ressurreição) encontrado em todos os quatro Evangelhos: a multiplicação dos pães para alimentar 5.000 homens (além de mulheres e crianças, 6.1-15). Esse evento é seguido por Jesus andando sobre as águas (vv. 16-21), que parece ser o quinto sinal (embora alguns estudiosos pensem que não; se estiverem certos, há apenas seis sinais). Em seguida vem o quarto discurso, o Grande sermão sobre o pão da vida (vv. 22-59). Jesus é este pão, que ele dá a todos os homens e mulheres que

acreditam nele. Há referências a comer sua carne e beber seu sangue (vv. 50-58), que apontam para sua morte. Alguns viram nelas uma referência à Comunhão, mas é difícil entender por que Jesus se referiria dessa forma a um sacramento ainda inexistente. Além disso, o mesmo efeito é atribuído no mesmo discurso como o ato de acreditar (vv. 35,47). Parece melhor entender que Jesus quer dizer que as pessoas devem acreditar nele como aquele que morreria por elas para que possam ter vida.

Há uma seção detalhando a afirmação de lealdade de Pedro diante de alguns que se afastaram do Mestre (6.67-71). Então chegamos ao quinto discurso, sobre o Espírito que dá vida (7.1-52). João faz uma observação importante ao nos dizer que na época o Espírito ainda não havia sido dado porque Jesus ainda não havia sido glorificado (v. 39). A plenitude do Espírito depende da conclusão da obra de Cristo em sua morte e ressurreição.

O sexto discurso fala sobre a luz do mundo (8.12-59). Este aspecto da pessoa e do ministério de Jesus é dramaticamente destacado no sexto sinal, a cura do homem nascido cego (cap. 9). É uma narrativa animada, onde o homem curado faz uma defesa vigorosa contra os fariseus que menosprezaram Jesus.

Uma das mais belas ilustrações das relações de Jesus com seu povo é aquela sobre a qual ele discorre no sétimo discurso, onde se refere a si mesmo como o Bom Pastor (cap. 10). Existe a verdade óbvia de que as ovelhas dependem inteiramente de seu pastor, mas Jesus diz algo mais. Enquanto os pastores terrenos vivem para suprir as necessidades de suas ovelhas, Jesus deu sua vida por elas.

O sinal final é a ressurreição de Lázaro (11.1-44), um homem que estava morto há quatro dias. A história destaca claramente o poder de Jesus sobre a morte e sua disposição em conceder o dom da vida. Jesus se refere a si mesmo como “a ressurreição e a vida” (v. 25); a morte não pode derrotá-lo. Ele traz vida aos mortos, tanto aos espiritualmente mortos quanto ao fisicamente morto Lázaro. João continua a notar a reação a este milagre: alguns acreditaram, mas outros se opuseram a Jesus (vv. 45-57). Ele inclui uma declaração notável de Caifás, o sumo sacerdote, de que um homem deveria morrer pelo povo (vv. 50-52). Caifás estava falando como um político cínico (melhor um morto, embora inocente, do que toda a nação ser perturbada). Mas João viu nas palavras o

significado mais profundo de que a morte de Jesus traria salvação a muitos.

João conclui seu relato do ministério com a história da unção de Jesus por uma mulher em Betânia, a entrada triunfal em Jerusalém, a chegada de alguns gregos a Jesus e seu resumo final do que ele havia ensinado (cap. 12).

A ceia do Senhor

O relato do que aconteceu no cenáculo na noite antes da Crucificação é o mais completo de todos os quatro Evangelhos. Curiosamente, João não menciona nada sobre a instituição da Comunhão, um fato que nunca foi satisfatoriamente explicado. Mas ele nos conta como Jesus lavou os pés dos discípulos (13.1-17), uma ação que exemplifica esplendidamente o espírito de serviço humilde que em breve seria mostrado na cruz. Em seguida, vem a profecia da traição, uma ação que desencadeou os eventos que levariam à cruz (vv. 18-30).

No longo discurso que se segue, Jesus respondeu a algumas perguntas feitas por seus seguidores e continuou a ensinar-lhes verdades importantes, como o fato de que ele é o caminho, a verdade e a vida (14.6). Ele desenvolve a ideia de que ele é a videira verdadeira, com os discípulos estando vitalmente ligados a ele como ramos à videira. É essencial que os ramos permaneçam na videira se quiserem ter vida (15.1-16). Em seguida, ele fala sobre o sofrimento, oferecendo palavras que seriam de ajuda para eles em tempos de perseguição (vv. 17-25). Jesus continua a falar sobre o Espírito Santo (15.26-16.15). Esta é uma passagem muito importante, pois contém muito mais sobre o Espírito do que encontramos em outros lugares nas palavras de Jesus. Jesus chama o Espírito de "Paráclito", um título que não é fácil de entender. Originalmente, é um termo legal, e pelo menos podemos dizer que indica que o Espírito traz amizade, encorajamento e ajuda. Jesus continuou a falar de sua partida iminente dos discípulos e a prepará-los para o tempo difícil que se aproximava (16.16-33). Esta parte do Evangelho conclui com a Grande Oração Sacerdotal de Jesus. Ele orou para que os discípulos fossem um, enquanto os recomendava aos cuidados do Pai celestial (cap. 17).

A cruz e a ressurreição

Quando os soldados vieram prender Jesus, ele avançou para encontrá-los e eles caíram no chão (18.1-11). Ele se entregou a eles; eles não o dominaram. No início de sua narrativa da paixão,

João destacava que Jesus é soberano. Ele não estava sendo derrotado pelo curso dos eventos, mas estava soberanamente cumprindo a vontade do Pai. João é o único a nos contar que Jesus foi levado perante Anás, sogro de Caifás, o sumo sacerdote em exercício (18.12-14,19-24). Ele também relata as três negações de Pedro a Jesus (vv. 15-27). Ele não dedicou muito tempo ao julgamento judaico, mas foi muito mais explícito do que os outros Evangelistas em seu relato do julgamento romano. Claramente, ele tinha algum conhecimento especial sobre o que aconteceu diante de Pilatos. Ele apresenta uma magnífica imagem de Jesus conversando com Pilatos sobre a realeza — o Filho de Deus discutindo com o representante de César o significado da soberania (vv. 33-40).

Em seu relato da Crucificação, João apresenta uma série de detalhes próprios, notadamente a maneira como Jesus confiou Maria aos cuidados do discípulo amado (19.26-27), o fato de que o grito que Jesus proferiu ao morrer foi "Está consumado" (v. 30), e o fato de seu lado ter sido perfurado pela lança de um soldado (vv. 31-37).

João continua com a narrativa do sepultamento (vv. 38-42) e do túmulo vazio (20.1-10). Ele relata as aparições do Senhor ressuscitado a Maria Madalena (vv. 11-18) e aos discípulos — tanto sem (vv. 19-23) quanto com Tomé (vv. 24-29).

O capítulo final, um epílogo, fala de uma pesca milagrosa (21.1-14) e segue para o emocionante relato da tríplice declaração de amor de Pedro a Jesus e sua restauração.

Veja também João, o Apóstolo.

João, O Apóstolo

O apóstolo conhecido como "o discípulo a quem Jesus amava"; autor do quarto Evangelho, três epístolas e provavelmente de Apocalipse.

O apóstolo João tem uma alta reputação entre o povo cristão, e sua influência foi sentida ao longo dos séculos. Apesar disso, ele é uma figura surpreendentemente sombria. Quando ele aparece nas páginas do NT, é quase sempre em companhia de Pedro ou Tiago, e se houver falas a serem ditas, geralmente é seu companheiro Pedro que faz isso; assim, não há muito sobre o que basear uma biografia.

O nome do pai de João era Zebedeu, e João tinha um irmão chamado Tiago (Mt 4.21). Entre as mulheres

na cruz, Mateus nomeia Maria Madalena, Maria, a mãe de Tiago e José, e “a mãe dos filhos de Zebedeu” (27.56). Marcos nomeia as duas Marias e acrescenta Salomé (Mc 15:40). Isso indica que Salomé pode ser o nome da mãe de João. Se Mateus e Marcos estão nomeando as mesmas mulheres que João, então Salomé era a “irmã da mãe” de Jesus (Jo 19.25). Isso tornaria João um primo de Jesus. Não podemos ter certeza disso, pois havia muitas mulheres lá (Mt 27.55) e não há como ter certeza de que Mateus, Marcos e João nomeiem as mesmas três. Muitos aceitam a identificação, mas pouco mais pode ser dito.

João estava entre aqueles a quem Jesus chamou perto do Mar da Galileia (Mt 4.21-22; Mc 1.19-20). Isso o torna um dos primeiros discípulos. Também é possível que ele fosse o companheiro sem nome de André quando aquele apóstolo seguiu Jesus pela primeira vez (Jo 1.35-37). João era importante no pequeno grupo ao redor de Jesus, uma vez que ele era um dos três que estavam especialmente próximos do Mestre. Esses discípulos foram selecionados para estar com Jesus em muitas grandes ocasiões. João, junto com seu irmão Tiago e Pedro, estava presente na Transfiguração (Mt 17.1-2; Mc 9.2; Lc 9.28-29). Jesus também levou apenas esses três para a casa de Jairo quando ele trouxe a filha daquele homem de volta à vida (Mc 5.37; Lc 8.51). Antes da prisão de Jesus, foi este trio que ele levou para orar com ele no Jardim do Getsêmani (Mt 26.37; Mc 14.33). Embora os três tenham sido admoestados por dormir em vez de vigiar em oração, não devemos negligenciar o fato de que, naquele tempo de grande sofrimento, quando Jesus enfrentou a perspectiva de morte em uma cruz, foi nesses três que ele buscou apoio.

Há outras ocasiões em que João é mencionado nos Evangelhos. Lucas nos fala da surpresa de João quando a pesca milagrosa ocorreu (Lc 5.9-10). Isso é especialmente digno de nota, uma vez que João era um pescador. Perto do fim do ministério de Jesus, encontramos João vindo a Jesus com Pedro, Tiago e André para perguntar quando o fim viria e qual seria o sinal de quando todas as coisas chegassem ao seu clímax (Mc 13.3-4). E na última noite, Jesus enviou Pedro e João para preparar a refeição da Páscoa (Lc 22.8).

Passagens como essas mostram que João era altamente estimado entre os apóstolos e que ele estava especialmente perto de Jesus. Mas há indicações de que a princípio João estava longe de apreciar o que Jesus representava. Quando Marcos dá sua lista dos Doze, ele nos diz que Jesus deu a

Tiago e João o nome “Boanerges”, que significa “filhos do trovão” (Mc 3.17). Alguns na igreja primitiva entendiam este nome como um elogio, pensando que significava que o testemunho de Tiago e João a Jesus seria tão forte quanto um trovão. Mas a maioria o vê como apontando para sua tempestuosidade de caráter. Vemos isso, por exemplo, quando João encontra um homem que estava expulsando demônios em nome de Jesus. João o instrui a não fazê-lo, “porque ele não é do nosso grupo” (Mc 9.38; Lc 9.49).

Marcos também nos fala de uma ocasião em que os filhos de Zebedeu pediram a Jesus os dois principais lugares em seu reino, um à sua direita e o outro à sua esquerda (Mc 10.35-40). Mateus acrescenta o ponto de que as palavras foram ditas pela mãe dos homens, mas ele não nos deixa dúvida de que Tiago e João estavam envolvidos nisso (Mt 20.20-22). Jesus prosseguiu perguntando-lhes se eles poderiam beber o cálice que ele beberia e ser batizado com o batismo que ele receberia. (Claramente, essas são metáforas para o sofrimento que Jesus sofreria no devido tempo). Tiago e João afirmaram que eles poderiam, e Jesus os assegurou que eles de fato fariam isso. No entanto, ele não lhes deu nenhuma certeza sobre seus lugares no reino do Pai. (Mas é claro que Tiago e João sofreriam por Cristo). Naquela época, eles também falharam em entender o espírito amoroso que movia seu Mestre e era exigido deles também.

Outro incidente que mostra o mesmo espírito tempestuoso é aquele envolvendo aldeões samaritanos que se negaram a receber o pequeno grupo enquanto viajavam. Quando Tiago e João ouviram falar disso, eles perguntaram a Jesus se ele queria que eles mandassem fogo do céu para consumir os aldeões (Lc 9.54). Eles estavam claramente em divergência com Jesus, e de fato ele os repreendeu. Mas não devemos perder o zelo que eles exibiam por seu Senhor, nem sua convicção de que se eles chamassem fogo, este viria. Eles tinham certeza de que Deus não falharia em responder à oração daqueles que pediam por vingança contra os oponentes de Jesus. Há aqui zelo e fé, embora também um espírito de falta de amor.

Os Evangelhos sinóticos assim nos mostram João como um seguidor zeloso e leal de Jesus. Ele não é retratado como gentil e atencioso. Neste momento, ele sabia pouco do amor que deveria caracterizar um seguidor de Jesus, mas ele tinha fé e uma convicção passional de que Deus faria Jesus e aqueles que o serviam prosperarem.

João não é mencionado pelo nome no quarto Evangelho, mas há passagens que falam sobre “o discípulo a quem Jesus amava” ([Jo 13.23](#); [19.26](#); [20.2](#); [21.7, 20](#)). Não somos informados sobre quem foi este, mas a evidência parece indicar que era o apóstolo João. Por exemplo, há um relato de uma viagem de pesca no capítulo [21](#), com uma lista daqueles que foram pescar. Esta inclui Pedro, que deve ser descartado como “o discípulo a quem Jesus amava” porque ele é muitas vezes mencionado junto com o discípulo amado. Tomé e Natanael estavam lá, mas parece não haver razão para ver qualquer um dos dois como um provável candidato. Dois homens sem nome e os filhos de Zebedeu compõem o restante do grupo. Tiago é excluído como sendo o autor por causa de sua morte prematura — por volta de 44 d.C. ([Atos 12.2](#)). Isso nos deixa com João ou um dos homens sem nome. João é favorecido pelo fato de que o discípulo amado está ligado a Pedro em várias ocasiões ([Jo 13.23-24](#); [20.2](#); [21.7](#)). Sabemos dos outros Evangelhos que Pedro e João (juntamente com Tiago) eram especialmente próximos (veja também [Atos 3](#); [8.14](#); [Gl 2.9](#)). É claro, um dos discípulos sem nome pode ter sido o discípulo amado, mas não temos um motivo para assumir isso. Além disso, tal suposição enfrenta o problema da omissão do nome de João, o apóstolo, em todo o quarto Evangelho. Se João escreveu este livro, podemos entender que ele não mencionou a si mesmo. Mas se foi escrito por outra pessoa, por que essa pessoa omitiria toda a menção de um homem tão proeminente no grupo apostólico quanto os outros Evangelhos mostram que João foi? Além disso, se João for o autor, explicaria por que João Batista é chamado simplesmente de “João”.

Argumenta-se que “o discípulo a quem Jesus amava” não é o tipo de título que um homem usaria naturalmente para si mesmo, mas deve ser dito também que não é o tipo de título que um homem usaria naturalmente para outra pessoa. E pode ser que João o use de uma maneira modesta — em parte porque ele não queria chamar a atenção para si mesmo usando seu nome, e em parte porque ele queria enfatizar a verdade de que era o fato de que Jesus o amava que o fez o que ele era.

Se esta identificação pode ser aceita, aprendemos mais sobre o apóstolo. Não deveríamos, é claro, ler as palavras “o discípulo a quem Jesus amava” como se elas quisessem dizer que Jesus não amava os outros discípulos. Ele amava a todos. Mas aplicadas a João, elas significam que ele era de fato amado, provavelmente também que ele reconheceu que ele devia tudo o que tinha e tudo o que ele era a esse

amor. Que ele estava especialmente perto de Jesus é indicado pelo fato de que ele se inclinou no peito de Jesus na Última Ceia ([Jo 13.23](#)). Isto também nos diz algo de seu relacionamento com o Mestre que ele estava na cruz quando Cristo foi crucificado e que foi a ele que Jesus deu a ordem para tomar conta de sua mãe ([19.26-27](#)). Poderia se esperar que Jesus tivesse selecionado alguém de sua família para esta responsabilidade. Mas seus irmãos não acreditavam nele, enquanto tanto João quanto Maria acreditavam. Este evento certamente mostra que um relacionamento próximo existia entre Jesus e o discípulo que ele amava.

Na primeira manhã de Páscoa, João correu com Pedro para o túmulo quando Maria Madalena lhes disse que estava vazio. Ele ganhou a corrida, mas ficou do lado de fora do túmulo até que Pedro veio. Pedro, o líder dos homens, entrou diretamente, e João o seguiu. Lemos que ele “viu e creu” ([Jo 20.8](#)). Então no capítulo [21](#), lemos sobre o discípulo amado pescando com os outros. Significativamente, foi ele quem reconheceu que era Jesus que ficou na margem e lhes disse onde lançar a rede ([21.7](#)).

Não há muito a acrescentar a esta imagem quando nos voltamos para Atos. No início, o nome de João aparece em uma lista dos Doze ([Atos 1.13](#)); e mais tarde, quando somos informados da morte de Tiago, nota-se que ele era o irmão de João ([12.2](#)). Em todas as outras referências a João, ele está na companhia de Pedro. Esses dois eram os instrumentos que Deus usou para trazer cura a um homem aleijado (capítulo [3](#)). Naquela ocasião, eles estavam indo para o templo na hora da oração. Isso diz algo sobre seus hábitos de devoção. A oração na nona hora aparentemente se refere ao serviço judaico de oração que era realizado ao mesmo tempo que a oferta da noite (isto é, por volta das três horas da tarde). Evidentemente, Pedro e João estavam continuando os hábitos devocionais de judeus piedosos com interesse no templo e todos os seus atos. Em outra ocasião, esses dois foram detidos e presos por conta de sua pregação sobre a ressurreição de Jesus ([4.1-3](#)). Eles foram trazidos perante o concílio, onde Pedro falou por eles. O conselho viu que esses dois homens eram “homens simples e sem instrução” (v. [13](#)). Isso significa que eles nunca haviam tido a educação rabínica normal. Pelos padrões do conselho, eles eram sem instrução. O conselho os proibiu de falar sobre Jesus, mas a resposta dos apóstolos exhibe a ousadia típica de João: “Os senhores mesmos julguem diante de Deus: devemos obedecer aos senhores ou

a Deus? Pois não podemos deixar de falar daquilo que temos visto e ouvido.” (vv. [19-20](#)).

João foi associado com Pedro novamente quando o evangelho foi pregado pela primeira vez em Samaria. Filipe era o evangelista dos samaritanos, mas os apóstolos em Jerusalém decidiram enviar Pedro e João para Samaria quando ouviram como as pessoas haviam aceitado a mensagem do evangelho. “Quando os dois chegaram, oraram para que a gente de Samaria recebesse o Espírito Santo” ([Atos 8.15](#), NTLH), uma ilustração reveladora das prioridades apostólicas. No devido tempo, eles impuseram suas mãos sobre os novos crentes e eles receberam o Espírito Santo ([8.17](#)). João não é especificamente mencionado, mas ele, sem dúvida, estava incluído nos “apóstolos” que foram detidos e presos por causa do ciúme dos judeus proeminentes ([5.17-18](#)). Mas essa prisão não durou muito, pois um anjo os libertou à noite, de modo que eles retomaram sua pregação no início da manhã (v. [21](#)). João é mencionado pelo nome em [Gálatas 2.9](#), onde ele está unido com Pedro e Tiago e os três são chamados de “os líderes da igreja”.

Isso parece ser a extensão do registro do NT do apóstolo João. Claramente, ele era uma figura importante no pequeno grupo de cristãos primitivos. Em quase todas as ocasiões quando ele aparece diante de nós no registro, ele está na companhia de alguém e normalmente a fala é feita por seu companheiro, não por João. Mas podemos concluir com justiça que ele permanecia muito perto de Jesus. Talvez ele tivesse entrado na mente de Jesus mais do que qualquer um dos outros. A melhor evidência disso é o Evangelho de João. Claramente, o homem que escreveu isso tinha grande visão espiritual. João pode ter sido mais o pensador do que um homem de ação e líder dos homens.

Vimos que há uma boa razão para pensar que o quarto Evangelho foi escrito pelo apóstolo João. As epístolas de João provavelmente vieram dele também (embora, na forma como estão, elas são anônimas). Todos os escritos de João provavelmente originaram-se da província da Ásia. Os hereges aludidos em 1 João se assemelham aos cerintianos (seguidores do herege Cerinto), que estavam na Ásia Menor no final do primeiro século, e a tradição conecta o autor de 1 João com Éfeso. É certo que a mesma pessoa escreveu todas as três cartas, e razoavelmente certo de que este autor também escreveu o Evangelho de João; o Evangelho e as cartas certamente representam a mesma mente em trabalho em situações diferentes.

Um autor chamado João escreveu o livro de Apocalipse ([Ap 1:1](#)), embora não fique claro se este é o apóstolo ou outro João. A tradição identificou João do Apocalipse (veja [Ap 11.9](#); [22.8](#)) como João, o apóstolo, o autor do Evangelho de João e as três cartas de João. Esta visão foi sustentada por Justino Mártir tão cedo quanto 140 d.C. A principal objeção a esta visão é que o grego original é diferente do dos outros escritos de João que mostram pouco respeito pelas regras da língua. Alguns sugeriram que um João diferente escreveu Apocalipse, outros que os discípulos de João escreveram o Evangelho e cartas e que o próprio João escreveu Apocalipse. Mas ainda é plausível que o apóstolo João (ou um de seus discípulos próximos) tenha escrito o Evangelho e as cartas.

Assumindo que João, o apóstolo, escreveu Apocalipse, ele foi exilado para Patmos ([Ap 1.9](#)). Mas a data disso é incerta. Algumas evidências provavelmente não confiáveis do final do quinto século sugerem que João foi martirizado aproximadamente ao mesmo tempo que seu irmão Tiago (ca. 44; veja também [Atos 12.2](#)). A profecia de Jesus em [Mc 10.39](#) não precisa implicar que ambos encontraram um fim simultâneo e violento. Muito mais forte é a tradição refletida por Polícrates, bispo de Éfeso (ca. 190), de que João morreu de morte natural em Éfeso, e por Irineu (ca. 175-195) que João permaneceu em Éfeso até o tempo do imperador Trajano (governou ca. 97-117).

Joaquim

Sumo sacerdote levita em uma família de sumos sacerdotes. Filho de Jesua e pai de Eliasibe, o sumo sacerdote, contemporâneo de Neemias ([Ne 12.10-12.26](#)).

Joaquim

Joaquim foi rei de Judá por um período muito curto, governando de 598 a 597 a.C. Ele era filho de Jeoaquim e Neústa, que era filha de Elnatã de Jerusalém (possivelmente o mesmo Elnatã mencionado pelo profeta Jeremias, veja [Jr 26.22](#); [36.12.2](#)). O nome Joaquim significa “Yahweh sustentará”. Ele também é conhecido por outros nomes como:

- Conias ([Jr 22.24,28; 37.1](#))
- Jeconias ([1Cr 3.16-17; Et 2.6; Jr 24.1; 27.20; 28.4; 29.2, Mt 1.11-12](#))

Joaquim tinha 18 anos quando se tornou rei após a morte de seu pai, mas governou por apenas três meses e dez dias em Jerusalém ([2Rs 24.8](#); cp. [2Cr 36.9](#)). Naquela época, Judá estava sob o controle da Babilônia, mas se rebelava contra eles. Quando o rei babilônico Nabucodonosor atacou Jerusalém, Joaquim teve que se render porque as probabilidades eram esmagadoras. De acordo com a Crônica Babilônica, que se baseia nos registros oficiais dos reis babilônicos, Nabucodonosor entrou na região em dezembro de 598 a.C. e capturou Jerusalém em 16 de março de 597 a.C. Os babilônios esvaziaram os tesouros do palácio e do Templo. Os babilônios levaram muitos prisioneiros para Babilônia:

- Joaquim
- Sua família
- Comandantes militares
- Oficiais reais
- Trabalhadores capacitados

Antes de retornar a Babilônia, Nabucodonosor colocou o tio de Joaquim, Matanias, que foi renomeado Zedequias, no trono em Jerusalém ([2Rs 24.12-17](#); cp. [2Cr 36.10](#)).

O profeta Jeremias observou que, apesar da invasão traumática pela Babilônia e do caos político, o povo de Judá não experimentou muita mudança espiritual ([Jr 37-38](#)). Jeremias também previu que Joaquim iria para o exílio e que nenhum de seus descendentes o sucederia como rei ([Jr 22.24-30](#)). Em contraste, um falso profeta chamado Hananias previu que Joaquim seria restaurado ao trono dentro de dois anos ([Jr 28.3-4,11](#); cp. com os versículos [12-17](#)).

Joaquim permaneceu como o legítimo rei de Judá, o que se reflete no fato de que o profeta Ezequiel datou suas mensagens de acordo com os anos do exílio de Joaquim, e não pelo reinado de Zedequias ([Ez 1.2; 8.1; 20.1](#)). Registros babilônicos também reconhecem a posição real de Joaquim. Esses registros mostram que ele manteve seu título de rei e recebeu tratamento favorável dos babilônios. Uma tábua cuneiforme até lista "Yaukin, rei da terra de Yahuda", junto com seus cinco filhos, como recebendo rações de óleo e cevada. Isso sugere que

eles não foram presos, mas viviam vidas relativamente normais na Babilônia. No entanto, em algum momento, Joaquim foi preso. Ele foi posteriormente libertado durante o reinado de Evil-Merodaque por volta de 562 a.C. e recebeu o privilégio de jantar com o rei babilônico ([2Rs 25.27-30; Jr 52.31-34](#)). Não está claro se sua prisão foi devido a uma tentativa de fuga ou por causa da rebelião de Judá contra a Babilônia sob Zedequias.

O nome de Joaquim aparece na lista familiar de Jesus Cristo no Evangelho de Mateus ([Mateus 1.11-12](#)). Algumas pessoas acreditam que isso contradiz a profecia de Jeremias de que nenhum dos descendentes de Joaquim se sentaria no trono ([Jr 22.30](#)). No entanto, outros sugerem que a bênção de Zorobabel (um descendente de Joaquim) pelo profeta Ageu ([Ag 2.20-23](#)) reverteu a maldição de Jeremias e reintroduziu a linhagem de Joaquim na linha davídica e, em última análise, messiânica (veja [Is 56.3-5](#)).

Veja também Cronologia da Bíblia (Antigo Testamento); Diáspora dos Judeus; Israel, História de.

Joás

Nome de dois reis do AT, ocorrendo apenas no livro de 2 Reis. O nome significa "o Senhor é forte" ou "o Senhor concedeu". Joás, a forma abreviada do nome, aparece frequentemente nas narrativas de Reis e Crônicas.

1. Filho de Acázias e sétimo rei de Judá (835–796 a.C.). Joás ascendeu ao trono após a perversa Atalia ser morta por ordem do sacerdote Joiada. Quando bebê, ele foi escondido por sua tia Jeoseba no Templo e assim sobreviveu ao massacre da casa real por Atalia ([2Rs 11.1-3](#); [2Cr 23.10-12](#)). Após permanecer seis anos dentro do recinto do templo, Joás foi declarado rei aos sete anos de idade e governou por 40 anos ([2Rs 11.21-12.1](#); [2Cr 24.1-3](#)). Sua principal atividade durante seu reinado foi a renovação do Templo ([2Rs 12.4-5](#); [2Cr 24.4-5](#)). Quando, em seu 23º ano, pouco progresso havia sido feito ([2Rs 12.6](#)), ele revisou o cronograma de tributação, ordenou ao povo de Judá que levasse suas contribuições diretamente ao Templo de Jerusalém, e logo restaurou a casa do Senhor à sua condição adequada ([2Cr 24.13](#)). Após a morte do sacerdote Joiada, Joás e Judá abandonaram o Senhor e serviram aos Asherim e aos ídolos ([2Cr 24.15-18](#)). Ignorando o aviso profético de julgamento divino (v. [20](#)), Joás e seu povo foram conquistados pelos arameus. Embora Joás tivesse conseguido evitar um cerco a Judá pagando tributo a Hazael ([2Rs 12.17-18](#)), a mesma estratégia não funcionou uma segunda vez. Os arameus saquearam Judá e Jerusalém, enviando o despojo para Hazael em Damasco ([2Cr 24.23-24](#)). Joás foi assassinado por seus servos Jozacar (Jozabade/Zabade) e Jeozabade enquanto se recuperava de ferimentos sofridos em batalha com os arameus ([2Rs 12.20-21](#); [2Cr 24.25-26](#)).
2. Filho de Jeoás e 13º rei de Israel (798–782 a.C.). Joás desfrutou de certo sucesso militar que havia escapado a seu pai. Não mais sujeito a incursões militares punitivas de Hazael de Aram, ele conseguiu estabelecer estabilidade política no reino do norte. De fato, ele subjugou o reino do sul de Judá enquanto Amazias era rei em Jerusalém (796–767 a.C.). O conflito entre Amazias e Joás foi precipitado principalmente por Amazias. Excessivamente confiante com suas vitórias em Edom, Amazias iniciou um conflito militar com Israel ([2Cr 25.17-19](#)). A batalha foi travada perto de Bete-Semes na Sefelá de Judá. O rei Joás derrotou o exército de Judá, capturou Amazias e avançou para Jerusalém. Destruindo a muralha externa do Portão de Efraim até o Portão da Esquina, ele entrou na cidade capital e saqueou os tesouros tanto do palácio quanto do Templo (vv. [21-24](#)). Ele aparentemente foi usado como um instrumento do Senhor para subjugar Judá (v. [20](#)). Um contemporâneo de Joás foi Eliseu, o profeta. Apesar da maldade generalizada em Israel e da apostasia do próprio rei ([2Rs 13.10-11](#)), Joás ainda buscou o conselho deste profeta do Senhor. Enquanto Eliseu estava em seu leito de morte, Joás procurou a bênção do profeta (v. [14](#)). Eliseu assegurou ao rei que os arameus seriam derrotados por Israel em Afeca e que Israel desfrutaria de três vitórias decisivas sobre esse mesmo inimigo (vv. [15-19](#)). Durante seu reinado de 16 anos, Joás alcançou estabilidade política no reino do norte. Embora considerado um rei mau, ele foi usado como um instrumento de julgamento contra Amazias de Judá e desfrutou da bênção de Yahweh contra Aram. *Veja também* Israel, História de.

3. Abiezrita que vivia em Ofra e pai de Gideão. Joás construiu um altar para Baal e uma imagem de Aserá, a qual Gideão destruiu mais tarde ([Jz 6.11-31](#); [7.14](#); [8.13,29-32](#)).
4. Filho do rei Acabe de Israel ([1Rs 22.26](#); [2Cr 18.25](#)).
5. Judaíta da casa de Selá ([1Cr 4.22](#)).
6. Segundo filho entre os nove de Bequer e um líder na tribo de Benjamim ([1Cr 7.8](#)).
7. Guerreiro benjamita que apoiou Davi em Ziclague ([1Cr 12.3](#)).
8. Um dos oficiais de Davi ([1Cr 27.28](#)).

Jobabe

1. Um filho de Joctã na linha de família de Éber ([Gn 10.29](#); [1Cr 1.23](#)).
2. Um dos primeiros reis edomitas. Ele era filho de Zerá de Bosra ([Gn 36.33-34](#); [1Cr 1.44-45](#)).
3. Um rei de Madom. Junto com outros reis cananeus, ele se aliou a Jabim de Hazor em uma coalizão do norte. Isso foi para impedir que os israelitas tomassem a parte norte de Canaã. Jobabe morreu em batalha nas Águas de Merom ([Js 11.1](#); [12.19](#)).
4. Um filho de Saaram por sua esposa Hodes, um membro da tribo de Benjamim ([1Cr 8.9](#)).
5. Um filho de Elpaal da tribo de Benjamim ([1Cr 8.18](#)).

Jocdeão

Uma das cidades situadas na região montanhosa atribuída à tribo de Judá como herança, mencionada entre Jizreel e Zanoa ([Js 15.56](#)).

Jocmeão

1. Cidade mencionada em [1 Reis 4.12](#); aparentemente próxima e talvez a mesma que Jocneão. *Veja* Jocneão.
2. Cidade dada aos levitas coatitas da herança de Efraim ([1Cr 6.68](#)). Uma passagem paralela em [Josué 21.22](#) lista a cidade como Quibzaim. *Veja* Quibzaim.

Jocneão

Jocneão do Carmelo, cidade pertencente a Carmelo ([Js 12.22](#)), mencionada também por Tutmés III como "o Poço de Q." A fronteira de Zebulom tocava o riacho perto de Jocneão ([19.11](#)); a cidade tornou-se uma cidade levítica em Zebulom ([21.34](#)). Alguns acreditam que Jocmeão de [1Rs 4.12](#) deveria ser corrigido para Jocneão, mas isso não é certo. Eusébio a colocou a 9,7 quilômetros de Legio (ao lado de Megido) no caminho para Ptolemaida. Este é Tell Qaimun, na foz do Wadi Milh na orla do Vale de Jizreel.

Veja também Cidades levíticas.

Jocsã

Um filho de Abraão e Quetura. Jocsã foi o pai de Seba e Dedã ([Gn 25.2-3](#); [1Cr 1.32](#)).

Joctã

Um filho de Éber e irmão mais novo de Pelegue. Vários grupos árabes descendem dele ([Gn 10.25-29](#); [1Cr 1.19-23](#)).

Jocteel

1. Cidade na Sefelá de Judá, próxima a Laquis ([Js 15.38](#)).
2. Antiga fortaleza edomita originalmente chamada Sela. Amazias mudou seu nome para Jocteel após derrotar os edomitas ([2Rs 14.7](#)).

Jodá

O filho de Joanã, pai de José, e um antepassado de Jesus Cristo. Ele viveu na Palestina durante o período após o exílio na Babilônia ([Lc 3.26](#)).

Veja Ancestralidade de Jesus Cristo.

Joede

Descendente de Benjamim vivendo em Jerusalém durante os dias de Neemias ([Ne 11.7](#)). Seu nome, que significa "Yahweh é testemunha", não aparece em uma lista paralela em [1 Crônicas 9.7](#).

Joeirador

Aquele que separa a palha do grão. *Veja* Agricultura.

Joel (pessoa)

1. Levita da família de Coate. Ele era filho de Azarias e um ancestral de Elcana, o pai de Samuel, o profeta ([1Sm 1.1](#); [1Cr 6.36](#));
2. Filho mais velho de Samuel, o profeta. Ele e seu irmão Abias corromperam tanto o cargo de juiz que os anciãos intensificaram suas exigências por um rei ([1Sm 8.2-5](#)). Ele foi o pai de Hemã, o cantor ([1Cr 6.33](#); [15.17](#));
3. Príncipe de uma das famílias simeonitas que emigraram para o vale de Gedor ([1Cr 4.35](#));
4. Membro da tribo de Rúben ([1Cr 5.4.8](#));
5. Chefe da tribo de Gade residente em Basã ([1Cr 5.12](#));
6. Terceiro dos quatro filhos nomeados de Izraías e um chefe da tribo de Issacar no tempo de Davi ([1Cr 7.3](#));
7. Irmão de Natã e um dos valentes de Davi ([1Cr 11.38](#)). Ele é alternativamente chamado de Igal, filho de Natã em [2 Samuel 23.36](#). *Veja* Igal #2;
8. Levita da família de Gérson que participou da procissão real que trouxe a arca de Deus para Jerusalém durante o reinado de Davi ([1Cr 15.7-11](#)). Ele pode ter gerenciado os tesouros do templo em Jerusalém ([1Cr 26.22](#));

9. O filho de Pedaías, que serviu como líder da metade oeste da tribo de Manassés durante o reinado de Davi ([1Cr 27.20](#));

10. Levita da família de Coate que ajudou na reforma do templo em Jerusalém sob o rei Ezequias ([2Cr 29.12](#));

11. O filho de Nebo, que foi encorajado por Esdras a se divorciar de sua esposa estrangeira durante o período pós-exílico ([Ed 10.43](#));

12. O filho de Zicri era o supervisor de 128 benjaminitas que se mudaram para Jerusalém após o exílio ([Ne 11.9](#));

13. Profeta que escreveu o segundo livro dos Profetas Menores. Pouco se sabe sobre ele, exceto que era filho de Petuel ([Jl 1.1](#); [At 2.16](#)). *Veja* Joel, Livro de.

Joela

Guerreiro que se juntou a Davi em Ziclague em sua luta contra o rei Saul. Joela foi um dos arqueiros e fundeiros ambidestros de Davi ([1Cr 12.7](#)).

Joezer

Guerreiro que se juntou a Davi em Ziclague em sua luta contra o rei Saul. Ele era um dos arqueiros e fundeiros ambidestros de Davi ([1Cr 12.6](#)). Ele foi chamado de coraíta, o que provavelmente se refere ao seu local de origem.

Jogbeá

Jogbeá era uma cidade localizada em Gileade (a área leste do Rio Jordão). A tribo de Gade construiu e fortificou esta cidade ([Nm 32.35](#)). Durante o tempo dos juízes, quando Gideão estava perseguindo os midianitas, ele viajou para o leste de Jogbeá. Isso permitiu que ele atacasse o acampamento midianita em Carcor quando eles não estavam esperando ([Jz 8.11](#)).

Os estudiosos agora identificam esta antiga cidade como Khirbet el-Ajbeihat, que está a 11 quilômetros a noroeste de Amã.

Jogli

O pai de Buqui. Buqui era um líder da tribo de Dã. Ele ajudou a supervisionar como a terra Prometida a oeste do Rio Jordão foi dividida entre as tribos de Israel ([Nm 34.22](#)).

Joiada

1. Pai de Benaia, um alto oficial militar durante os reinados de Davi e Salomão. Joiada era um sacerdote ([1Cr 27.5](#)) que se juntou a Davi em Hebrom e foi identificado com a casa de Arão ([12.27](#)).
Veja Benaia #1.
2. Sumo sacerdote em Jerusalém que organizou e liderou o golpe que derrubou a Rainha Atalia de Judá, juntamente com o culto a Baal que ela apoiava, e estabeleceu seu sobrinho Joás no trono ([2Rs 11.4-21](#); [2Cr 23.1-15](#)). Enquanto viveu, Joiada manteve o rei fiel ao Senhor ([2Rs 12.1-16](#); [2Cr 23.16-24.14](#)). Ele morreu aos 130 anos e foi sepultado na cidade de Davi entre os reis.
3. O filho de Benaia, que sucedeu Aitofel como conselheiro do Rei Davi ([1Cr 27.33-34](#)); ele provavelmente era neto do mencionado no item #1 acima, embora alguns acreditem que sejam a mesma pessoa.
4. O filho de Paseia que, junto com Mesulão, reparou o Portão Velho no muro de Jerusalém durante os dias de Neemias ([Ne 3.6](#)).
5. 2. Levita e sumo sacerdote em Jerusalém durante a era pós-exílica, bisneto de Jesua, filho de Eliasibe e pai de Jônatas ("Joanã" [Ne 12.10-11.22](#)). Ele é chamado de Joiada em [Neemias 13.28](#), onde lemos que um de seus filhos foi expulso do sacerdócio por se casar com uma filha de Sambalate, governador de Samaria.

6. Sacerdote durante o tempo de Jeremias que foi sucedido por Sofonias como supervisor do Templo ([Jr 29.26](#)).

Joiarib

Antepassado de Matatias ([1Mc 2.1](#); [14.29](#)), e de acordo com [1 Crônicas 24.7](#) (lá escrito Jeoiaribe), chefe do primeiro dos 24 turnos de sacerdotes no tempo de Davi.

Joiaribe

1. Um dos líderes judeus que Esdras enviou a Ido em Casifia para reunir levitas e servos do templo para a caravana de judeus que retornavam à Palestina da Babilônia ([Ed 8.16](#)). Ele é alternadamente chamado de Jeoiaribe em [1 Crônicas 9.10](#).
2. O filho de Zacarias, pai de Adaías, e um antepassado de uma família judaíta que se restabeleceu em Jerusalém durante a era pós-exílica sob Neemias ([Ne 11.5](#)).
3. Pai de Jedaías, um sacerdote que serviu no templo durante os dias de Neemias ([Ne 11.10](#)). Talvez o antepassado de Joiaribe fosse Jeoiaribe, que era o chefe do primeiro turno de sacerdotes ministrando no santuário durante o reinado de Davi ([1Cr 24.7](#); cf. [9.10](#)).
4. Um dos líderes dos sacerdotes que retornaram com Zorobabel e Jesua para Judá após o exílio ([Ne 12.6](#)). Sua família na geração seguinte foi liderada por Matenai (v. [19](#)).

Joias, Adornos

Um acessório decorativo. Na Bíblia, tanto homens quanto mulheres usavam joias ([Êx 11.2](#); [Is 3.18-21](#)). As pessoas davam joias como presentes ([Gn 24.22.53](#)). Joias eram frequentemente roubadas em guerras ([2Cr 20.25](#)). Antes de existirem moedas, joias de ouro eram um sinal de riqueza ([2Cr 21.3](#)).

Tipos de joias no Antigo Testamento

O Antigo Testamento menciona muitos tipos de joias:

- Pulseiras ([Gn 24.22,30.47](#); [Ez 16.11](#))
- Ornamentos de tornozelo ([Is 3.18-20](#))
- Colares ([Gn 41.42](#))
- Coroas ([Zc 9.16](#))
- Brincos ([Gn 24.22](#))
- Anéis de nariz ([Is 3.21](#))
- Anéis de dedo ([Gn 41.42](#); [Et 3.10](#))

Bases de ouro ou prata eram usadas para segurar pedras preciosas nesses itens. As pedras preciosas eram arredondadas, polidas e, às vezes, gravadas (esculpidas, gravadas ou inscritas em um material). Muitas pedras consideradas preciosas naquela época não seriam valorizadas da mesma forma hoje. Em vez disso, seriam consideradas semipreciosas (menos raras ou valiosas do que pedras preciosas).

Pedras semipreciosas foram adicionadas a colares e outras peças de joalheria. Antigos diademas reais dos túmulos em Ur mostram a habilidade dos joalheiros da época. Faixas de cabelo e alfinetes eram frequentemente usados para decorar o cabelo, e muitos foram encontrados. Anéis com pedras esculpidas eram extremamente populares, assim como anéis de nariz (veja [Gn 24.47](#)). Correntes finas de ouro eram frequentemente usadas. Anéis de sinete e correntes pesadas de ouro eram símbolos de ofício ([G 41.42](#)). Braceletes e amuletos eram usados ao redor do pulso, do braço superior e do pescoço. Alfinetes decorativos, semelhantes ao moderno alfinete de segurança, eram frequentemente usados para prender roupas.

[Isaías 3.18-23](#) fornece uma descrição detalhada das joias e vestimentas das mulheres. O profeta adverte: "O Senhor tirará seus adornos: suas tornozeleiras, faixas de cabeça e crescentes; seus pingentes, pulseiras e véus; suas tiaras, correntes de tornozelo e cintos; seus frascos de perfume e amuletos; seus anéis de sinete e anéis de nariz; suas vestes festivas, capas, mantos e bolsas; e seus espelhos, roupas de linho, tiaras e xales".

Veja Minerais e metais; Pedras, Preciosas.

Joio

Termo da ARC para "ervas daninhas" em [Jó 31.40](#).

Veja Plantas (Cardo, Espinho).

Jonã

Um ancestral de Jesus mencionado em [Lucas 3.30](#).

Veja Ancestralidade de Jesus Cristo.

Jonadabe

1. Um sobrinho do rei Davi. Ele era filho de Simeia, irmão do rei Davi. Jonadabe era amigo de Amnom, filho de Davi. Ele elaborou um plano que ajudou Amnom a forçar-se sobre sua meia-irmã Tamar ([2Sm 13.3-5](#)). Mais tarde, Absalão, que era irmão de Tamar, vingou-se matando Amnom.
2. Um filho de Recabe. Ele era um descendente dos queneus ([1Cr 2.55](#)). Ele iniciou um grupo religioso chamado recabitas, que optaram por viver como nômades (pessoas que se movem de um lugar para outro em vez de se estabelecerem em uma área). Jonadabe apoiou Jeú quando Jeú removeu violentamente a família do rei Acabe do poder ([2Rs 10.15,23](#)).

Jonas (Pessoa)

1. Profeta de Israel; filho de Amitai ([Jn 1.1](#)) da cidade zebulunita de Gate-Hefer ([2Rs 14.25](#)). O historiador que escreveu 2 Reis registrou que Jonas teve um papel profético importante no reinado do Rei Jeroboão II (793–753 a.C.). Jonas transmitiu uma mensagem encorajando a expansão ao rei de Israel, cujo reinado foi marcado por prosperidade, expansão e, infelizmente, declínio moral. No meio de toda a corrupção política de Israel, Jonas permaneceu um patriota zeloso. Sua relutância em ir a Nínive provavelmente derivava, em parte, de seu conhecimento de que os assírios seriam usados como instrumento de Deus para punir Israel. O profeta, que havia sido enviado a Jeroboão para assegurar-lhe que seu reino prosperaria, foi o mesmo que Deus escolheu para enviar a Nínive a fim de evitar a destruição daquela cidade (e assim daquela nação) até que a Assíria pudesse ser usada para punir Israel em 722 a.C. Não é de se admirar que o profeta tenha reagido emocionalmente à sua missão. Nenhum outro profeta foi tão intensamente judeu (cf. sua confissão clássica, [Jn 1.9](#)), ainda assim, o ministério de nenhum outro profeta foi tão intensamente direcionado a uma nação não-judaica. A escrita de Jonas também é incomum entre os profetas. O livro é principalmente uma narrativa histórica. Sua pregação real é registrada em apenas cinco palavras em hebraico — sete palavras na maioria das traduções em português ([Jn 3.4b](#)). *Veja também* Israel, História de; Jeroboão #2; Jonas, Livro de; Profeta, Profetisa.
2. Grafia da Bíblia ARC para João, pai de Simão Pedro e André, em [João 1.42; 21.15–17](#). *Veja* João (Pessoa) #1.

Jônatas

1. Um levita de Belém em Judá, descendente de Gérson, filho de Moisés (veja [1Cr 23.14–15](#)). Ele serviu como sacerdote primeiro para Miquéias em Efraim e depois para a tribo de Dã durante o tempo dos juízes ([Jz 17.7–10; 18.30](#)).
2. Um benjamita que foi o primogênito de Saul e pai de Meribaal ([1Sm 14.49; 1Cr 8.33–34](#)). Jônatas foi um guerreiro valente ([1Sm 13.2–4; 14.1–15; 2Sm 1.22](#)) e um amigo leal de Davi ([1Sm 18.1–5; 19.1–7](#)). Os filisteus eventualmente o mataram e a seus irmãos no Monte de Gilboa ([1Sm 31.2; 1Cr 10.2](#)).
3. Ele era filho do sumo sacerdote Abiatar e um servo leal de Davi ([2Sm 15.27.36; 17.17.20; 1Rs 1.42–43](#)).
4. Filho de Simei e sobrinho de Davi ([2Sm 21.21; 1Cr 20.7](#)).
5. Ele era filho de Sage, o hararita, e um dos valentes guerreiros de Davi ([2Sm 23.33; 1Cr 11.34](#)).
6. Judaíta, filho de Jada, era irmão de Jéter e pai de Pelete e Zaza ([1Cr 2.32–33](#)).
7. Ele era filho de Uzias e um dos tesoureiros do rei Davi ([1Cr 27.25](#)).
8. Davi tinha um parente que trabalhava como conselheiro e escriba na casa real ([1Cr 27.32](#)).
9. Um dos levitas designados por Josafá para viajar por Judá, ensinando a lei ao povo como parte de sua reforma religiosa nacional ([2Cr 17.8](#)).
10. Pai de Ebede. Ebede voltou para Judá com Esdras após o cativeiro babilônico ([Ed 8.6](#)).

11. Filho de Asael. Ele e Jazeías se opuseram à ideia de Esdras de que os filhos de Israel se divorciassem das mulheres estrangeiras com quem haviam se casado após retornarem à Palestina do exílio na Babilônia ([Ed 10.15](#)).
12. Um levita que era filho de Joiada. Ele foi o pai de Jadua e um descendente de Jesua, o sumo sacerdote ([Ne 12.11](#)). Ele pode ser a mesma pessoa que Joanã, neto de Eliasibe, mencionado em [Esdras 10.6](#) (veja também [Ne 12.23](#)).
Veja Joanã nº 4.
13. Ele era um sacerdote e o líder da família de Maluque durante o tempo de Joaquim como sumo sacerdote ([Ne 12.14](#)).
14. Chefe da casa sacerdotal de Semaías na Jerusalém pós-exílica durante os dias de Joaquim, o sumo sacerdote ([Ne 12.18](#)).
15. Um sacerdote, pai de Zacarias, e descendente de Asafe ([Ne 12.35](#)).
16. O secretário cuja casa manteve Jeremias como prisioneiro durante o reinado do rei Zedequias em Judá ([Jr 37.15,20](#); [38.26](#)).
17. O filho de Careá que procurou a proteção de Gedalias ([Jr 40.8](#)).

18. Jônatas era o filho mais novo de Matatias e irmão de Judas Macabeu. Após a morte de Judas em batalha contra Báquides ([1Mc 9.18](#)), Jônatas assumiu seu lugar ([9.28-31](#)). Por três anos, Jônatas liderou um pequeno grupo de combatentes contra a Síria. Os sírios estavam distraídos por suas próprias lutas políticas, então, em 157 a.C., fizeram paz com ele. Esses problemas políticos na Síria ajudaram Jônatas.
Cinco anos depois, ele se tornou o sumo sacerdote em Jerusalém e o administrador da Judeia ([1Mc 10.1-11](#)). Sob sua liderança, o território e o poder judaico cresceram. Jônatas habilmente manipulou rivais políticos sírios uns contra os outros. Um dos rivais era Trifão, que desejava o trono sírio e se sentia ameaçado por Jônatas. Em 143 a.C., Trifão decidiu derrubar Jônatas. Ele capturou Jônatas por meio de engano e eventualmente o matou, deixando seu irmão Simão para liderar os judeus ([1Mc 10.12-13](#)).

Jonate-Elém-Recoquim

Frase em hebraico no título do [Salmo 56](#), traduzida como "De acordo com a melodia 'Uma Pomba em Carvalhos Distantes'"; possivelmente uma melodia antiga familiar à qual o salmo era executado.

Consulte também Música.

Jope

Jope era uma cidade a cerca de 56 quilômetros a noroeste de Jerusalém. Funcionava como o principal porto marítimo de Jerusalém.

A cidade estava situada em uma colina rochosa com aproximadamente 35,4 metros (116 pés) de altura. Um pequeno cabo (um pedaço de terra que se projeta no mar) se estendia até a água. Isso a tornava o único porto natural na costa mediterrânea entre o Egito e a cidade do Antigo Testamento de Acco.

A aproximadamente 91,4 a 121,9 metros (300 a 400 pés) da costa, uma série de recifes formava um quebra-mar. Isso ajudava a proteger o porto. Os navios podiam entrar no porto pelo norte. O porto pode ter sido maior e mais seguro nos tempos bíblicos do que é hoje. A terra ao redor de Jope tinha boa água e solo fértil.

História antiga de Jope

Jope aparece pela primeira vez em registros antigos do Egito. Tutmés III, que governou de 1490 a 1432 a.C., listou Jope como uma das cidades que ele capturou na Palestina.

Durante o período de Amarna (1353–1336 a.C.), um príncipe local aliado a Jerusalém governava Jope. Um registro dessa época descreve os belos jardins de Jope e elogia os trabalhadores habilidosos da cidade em metal, couro e madeira.

Jope na Bíblia

Quando Josué dividiu a terra de Canaã entre as 12 tribos de Israel, Dã recebeu Jope ([Js 19.46](#)). Os filisteus logo capturaram Jope e a transformaram em um de seus portos marítimos. Quando Davi conquistou os filisteus, ele trouxe Jope de volta ao controle de Israel. Durante o governo de Salomão, Jope se tornou um importante porto marítimo para Jerusalém. Trabalhadores flutuavam toras de cedro do Líbano para Jope. De lá, eles transportavam a madeira para Jerusalém para construir o templo ([2Cr 2.16](#)).

Jope é o porto marítimo para onde Jonas foi quando tentou fugir de Deus ([Jn 1.3](#)). Ele planejava navegar para Társis em vez de ir para Nínive, para onde Deus o havia enviado.

Em 743 a.C., o rei assírio Tiglate-Pileser III invadiu a terra dos filisteus. Jope foi provavelmente uma das cidades que ele capturou. Em 701 a.C., outro rei assírio, Senaqueribe, também incluiu Jope como uma das cidades que ele tomou.

Depois disso, há poucos registros de Jope até a época de Esdras. Então, toras de cedro do Líbano foram novamente flutuadas até Jope e levadas para Jerusalém para reconstruir o templo ([Ed 3.7](#)).

Durante o século IV a.C., Eshmunazar, o rei de Sidom, controlava Jope. Quando Sidom se rebelou contra o Império Persa e foi destruída, Jope tornou-se uma cidade independente.

Jope sob o domínio grego, judaico e romano

Alexandre, o Grande, mais tarde renomeou a cidade de Japho (seu nome no Antigo Testamento em algumas versões mais literais) para Jope. Ele também começou a cunhar moedas lá, o que tornou a cidade mais importante no Império Grego. Após a morte de Alexandre, seus seguidores lutaram por Jope muitas vezes. A cidade foi governada pelo Egito de 301 a.C. até 197 a.C. Então, Antíoco III a tomou e a incorporou ao reino Selêucida.

Durante o período dos macabeus, Jope passou por muitas mudanças. Em 168 a.C., Antíoco IV Epifânio trouxe seu exército para Jope enquanto se dirigia a Jerusalém. Ele queria obrigar os judeus a seguir os costumes e a religião gregos.

Em 164 a.C., após Judas Macabeu vencer batalhas contra os selêucidas, algumas pessoas não-judaicas em Jope mataram cerca de 200 judeus afogando-os. Em resposta, Judas incendiou os edifícios do porto e os barcos ali. No entanto, ele não conseguiu tomar a cidade ([2Mc 12.3–9](#)).

Em 147 a.C., Jônatas e Simão derrotaram um general sírio chamado Apolônio Taos. Eles tomaram o controle de Jope para Alexandre I Epifânio, que estava tentando se tornar rei da Síria ([1Mc 10.74–86](#)). Mais tarde, Simão usou estratégias políticas para fortalecer o controle judeu da cidade. Ele transformou Jope em uma cidade judaica ao construir fortes defesas e remover os residentes gregos.

Durante a ocupação romana por Pompeu, ele declarou Jope uma cidade livre. Júlio César a devolveu aos judeus em 47 a.C. Herodes, o Grande, a capturou em 37 a.C. O povo de Jope não gostava de Herodes, então ele construiu um novo porto em Cesareia, cerca de 64 quilômetros (40 milhas) ao norte.

Na época em que Jesus nasceu, Jope estava sob o controle de Cesareia na província romana da Síria (*Antiguidades de Josefo* 17.13.2–4).

Jope no Novo Testamento e história posterior

Uma congregação cristã surgiu bem cedo em Jope. Dois discípulos bem conhecidos viviam lá:

- Dorcas, que Pedro ressuscitou dos mortos ([At 9.36-41](#));
- Simão, o curtidor (v. [43](#)).

De Jope, Deus chamou Pedro para Cesareia para compartilhar as boas-novas sobre Jesus com o centurião romano Cornélio ([10.1-48](#)).

Mais tarde, Jope se tornou uma das principais cidades a lutar contra os romanos. Em 68 d.C., o general romano Vespasiano destruiu a cidade e estabeleceu um acampamento militar lá. Foi reconstruída mais tarde e agora é chamada de Jaffa. Hoje, Jaffa faz parte da moderna cidade de Tel Aviv.

Joquebede

A esposa de Anrão e mãe de Moisés, Arão e Miriã ([Êx 6.20](#); [Nm 26.59](#)).

Joquim

Descendente de Judá pela linhagem de Selá ([1Cr 4.22](#)).

Jora

Nome alternativo para Harife em [Neemias 7.24](#).
Veja Harife.

Jorai

Membro da tribo de Gade ([1Cr 5.13](#)).

Jorão

1. O filho de Toí e rei de Hamate. Seu pai o enviou para parabenizar Davi quando Davi derrotou Hadadezer de Zobá ([2Sm 8.9-12](#)). Ele também é chamado de Hadorão em [1 Crônicas 18.10](#).
2. Outro nome para Jeorão, que foi rei de Judá de 853 a 841 a.C.
Veja Jeorão #1.

3. Outro nome para Jeorão, que foi rei de Israel de 852 a 841 a.C.
Veja Jeorão #2.
4. O filho de Jesaías da tribo de Levi ([1Cr 26.25](#)).

Jorim

Um ancestral de Jesus listado em [Lucas 3.29](#).

Veja Ancestralidade de Jesus Cristo.

Jornada do dia

Uma maneira de estimar distâncias nos tempos bíblicos é considerar que uma jornada de um dia era de cerca de 32,2 quilômetros (20 milhas), embora isso dependesse de fatores como o modo de viagem, o terreno e o clima. [Êxodo 3.18](#), [Números 11.31](#), [1Rs 19.4](#) e [Lucas 2.44](#) todos mencionam uma jornada de um dia.

As escrituras também se referem a uma jornada de um dia de sábado ([At 1.12](#)). Uma jornada de um dia de sábado era provavelmente cerca de um quilômetro (3500 pés).

Veja também Jornada do dia de sábado.

Jornada Sabática

Uma regra da tradição judaica limitava a distância que as pessoas podiam viajar no sábado. O mandamento contra o trabalho no sábado era entendido como incluindo a proibição de viajar longas distâncias ([Êx 16.27-30](#)). Uma pessoa podia viajar 2.000 côvados, o que equivale a cerca de meia milha ou 900 metros, mas não mais do que isso (veja [Js 3.4](#)).

Essa distância foi decidida com base em duas referências bíblicas:

- o espaço entre a arca e as pessoas que a seguiam ([Js 3.4](#)), ou;
- das pastagens para as cidades levíticas ([Nm 35.4-5](#)).

A ideia era que uma pessoa não deveria ir além do necessário para adorar ou cuidar dos animais.

O único lugar onde a Bíblia menciona diretamente essa prática é em [At 1.12](#), que descreve a distância do Monte das Oliveiras a Jerusalém como "uma jornada de sábado". Segundo Josefo (um historiador judeu), essa distância era entre 914 e 1.097 metros.

Os rabinos (professores judeus) desenvolveram maneiras de pelo menos dobrar essa distância permitida. Um método era estabelecer uma residência temporária a 900 metros de distância, levando comida suficiente para duas refeições. Eles comiam uma refeição e enterravam outra no chão para marcar um local de moradia temporária. Outro método era olhar para um ponto a 900 metros de distância e considerá-lo sua residência legal para o sábado. Eles também podiam tratar toda a sua cidade como sua casa e calcular a jornada do dia de sábado a partir da borda da aldeia.

Veja também Sábado.

Jorquêão

Identificado com Raão, um descendente de Judá através da linhagem de Calebe ([1Cr 2.44](#)), o nome talvez deva ser entendido como um nome de lugar e ser identificado com Jodeão ([Js 15.56](#)).

Josa

Príncipe na tribo de Simeão ([1Cr 4.34](#)).

Josafá

1. Da cidade de Mitã e um dos homens valentes de Davi ([1Cr 11.43](#)).
2. Um dos sete sacerdotes designados para tocar trombeta diante da arca de Deus na procissão liderada por Davi quando a arca foi levada para Jerusalém ([1Cr 15.24](#)).

Josafá (Pessoa)

1. O quarto rei de Judá reinou de 872 a 848 a.C. Ele foi filho e sucessor do Rei Asa, que governou de 910 a 869 a.C. Josafá tornou-se rei aos 35 anos e governou por 25 anos. Durante seu reinado, ele trabalhou para manter a estabilidade da dinastia davídica, a linha da família real do Rei Davi ([1Rs 22.41-42](#)). Josafá foi contemporâneo do Rei Acabe de Israel, que reinou de 874 a 853 a.C. O primeiro ano de Josafá como rei foi o quarto ano do reinado de Acabe. Ele também viveu durante os reinados do filho de Acabe, Acazias, que governou de 853 a 852 a.C., e do filho mais novo de Acabe, Jeorão, que reinou de 852 a 841 a.C., tornando-se rei após a morte de Acazias sem filhos ([2Rs 1.17](#)). O Cronista, a pessoa que escreveu os livros de Crônicas, tem Josafá em alta consideração, comparando-o a outros bons reis como Ezequias e Josias. O sucesso de Josafá como rei foi em grande parte devido às suas políticas religiosas. Ele continuou as reformas religiosas iniciadas por seu pai, Asa. Por causa disso, o Senhor fortaleceu o reino sob seu governo. O povo de Judá trouxe-lhe presentes, e ele se tornou muito rico e honrado ([2Cr 17.1-5](#)). O Cronista também elogiou a coragem de Josafá por remover os altos (locais de adoração pagã) e os Asherim (símbolos de madeira da deusa cananeia Aserá) de Judá ([2Cr 17.6](#)). Além disso, Josafá fechou todos os templos usados para prostituição ([1Rs 22.46](#)). Josafá alterou a política externa de seu pai Asa. Asa havia lutado contra Baasa, o rei de Israel, que assumiu o trono após exterminar a família de Jeroboão I (o primeiro rei do reino do norte de Israel). Os dois reinos, Israel e Judá, disputavam a fronteira. No entanto, Josafá encerrou esse conflito e fez paz com o rei de Israel ([1Rs 22.2](#)). Para assegurar essa paz, ele se aliou a Acabe, o rei de Israel,

arranjando o casamento de seu filho, Jeorão, com a filha de Acabe, Atalia ([2Rs 8.18](#); [2Cr 18.1-2](#)). Devido a essa aliança, Josafá se juntou a Acabe na batalha contra Aram em Ramote-Gileade ([1Rs 22](#); [2Cr 18](#)). Ele também se aliou ao filho mais novo de Acabe, Jeorão, em uma campanha contra Messa, o rei de Moabe ([2Rs 3.4-27](#)). Josafá também realizou reformas internas. Ele enviou oficiais — Ben-Hail, Obadias, Zacarias, Natanael e Micaías — para ensinar a lei nas cidades de Judá ([2Cr 17.7-9](#)). Ele organizou o uso do tributo (imposto ou presentes) das nações vizinhas para fortalecer Judá. Essas nações reconheceram a força de Josafá e a presença de Deus com ele. Elas não atacaram Judá, mas, em vez disso, trouxeram-lhe tributo. Ele utilizou esses recursos para fortificar as cidades de Judá ([2Cr 17.10-13](#)). Josafá também reorganizou o exército e fez planos para defender o reino. Ele mantinha um exército permanente na capital e colocou soldados nas cidades fortificadas. Sua organização focava nas tribos de Judá e Benjamim ([2Cr 17.14-19](#)).

Um profeta chamado Jeú criticou Josafá por fazer alianças com Acabe ([2Cr 19.1-3](#)). Josafá levou essa repreensão a sério e governou sabiamente depois disso. Ele removeu a maioria dos Asherim da terra e se dedicou a buscar a Deus. Ele viajava regularmente pela terra, de Berseba ao Monte Efraim, encorajando o povo a seguir o Senhor. Josafá nomeou juízes em cada cidade fortificada de Judá e os instruiu a julgar de forma justa como representantes do Senhor. Ele também nomeou levitas, sacerdotes e líderes de família para lidar com casos relacionados ao culto e resolver disputas entre o povo ([2Cr 19.4-11](#)).

Josafá posicionou forças militares nas cidades de Efraim que seu pai Asa

havia capturado ([2Cr 17.1-2](#)). Os profetas não aprovaram suas alianças com Fenícia e Israel, e elas foram, em última análise, perigosas. No entanto, trouxeram um período de paz e prosperidade para seu reino. Josafá era respeitado pelos vizinhos filisteus e árabes ([2Cr 17.10-13](#)), e a nação de Edom também se submeteu a ele. Ele obteve uma vitória significativa sobre os moabitas, amonitas e meunitas em En-Gedi ([2Cr 20.1-30](#)). Em uma tentativa de ser como Salomão, Josafá construiu navios em Ezion-Geber para comerciar com Társis, mas essa empreitada não foi bem-sucedida ([2Cr 20.35-37](#)).

Josafá morreu com cerca de 60 anos e foi sepultado com seus antepassados na cidade de Davi. Seu filho Jeorão tornou-se rei após ele ([2Cr 21.1](#)). O nome de Josafá está listado na genealogia de Jesus Cristo no Evangelho de Mateus ([Mt 1.8](#)). *Veja também* Israel, História de.

2. O filho de Ailude era o "cronista" de Davi e Salomão (um termo que pode significar um historiador oficial ou um porta-voz do rei) ([2Sm 8.16](#); [20.24](#); [1Rs 4.3](#); [1Cr 18.15](#)).
3. O filho de Parua é um dos 12 oficiais de Salomão que coletavam alimentos do povo para a casa do rei. Cada um deles coletava alimentos suficientes para um mês do ano. Josafá era o oficial sobre a tribo de Issacar ([1Rs 4.7.17](#)).
4. O filho de Ninsi e o pai de Jeú, que destruiu a dinastia de Onri e se tornou rei de Samaria de 842 a 815 a.C. ([2Rs 9.2.14](#)).

Josafá, Vale de

Um vale mencionado na profecia como o local do julgamento futuro ([Jl 3.2.12](#)). Às vezes, é chamado de vale da decisão ([Jl 3.14](#)). As pessoas discordam sobre sua localização exata. Alguns, como

Jerônimo, identificam-no com o Vale de Cedrom, a leste de Jerusalém, apontando para a tradição cristã primitiva. Outros preferem o vale de Hinom, ao sul de Jerusalém. Esta tradição pode ser rastreada através de Eusébio até o livro de 1 Enoque (1 Enoque 53.1). Ainda outros dizem que o nome é simbólico e se refere apenas ao julgamento vindouro, não a um lugar específico.

Josavias

Filho de Elnaão, irmão de Jeribai e um dos 30 valentes guerreiros de Davi ([1Cr 11.46](#)).

Josbecasa

Filho de Hemã e chefe da 17ª das 24 divisões de músicos sacerdotais para o ministério no santuário durante o reinado de Davi ([1Cr 25.4.24](#)).

José

1. O 11º filho de Jacó e o filho primogênito de Raquel. Raquel nomeou o menino José, que significa "que ele acrescente", expressando seu desejo de que Deus lhe desse outro filho ([Gn 30.24](#)).

Nada mais é dito sobre José até que, aos 17 anos, ele é visto apascentando os rebanhos de seu pai com seus irmãos ([Gn 37.2](#)). José era o favorito de seu pai, uma vez que ele era o filho de sua velhice (v. [3](#)) e o filho primogênito de sua esposa favorita. Por causa disso, seus irmãos odiavam José. Esta inveja foi ampliada quando Jacó deu a José um manto multicolorido que ia até o chão com mangas compridas (vv. [3-4](#)). (Este tipo de roupa é ilustrada pelas pinturas nos túmulos asiáticos de Khnumhotep II em Beni Haçane e dos nobres em Gournah, perto de Luxor). A animosidade de seus irmãos aumentou ainda mais quando José lhes revelou seus sonhos de domínio sobre eles (vv. [5-11](#)). Posteriormente, quando José foi enviado para verificar seus irmãos e os rebanhos perto de Siquém, seus irmãos o venderam para uma caravana de mercadores que descia para o Egito (vv. [25-28](#)). Seus irmãos então tomaram seu manto, mergulharam-no no sangue de cabra, e o trouxeram para Jacó, que concluiu que José havia sido morto por animais selvagens (vv. [31-33](#)); Jacó ficou sobrecarregado de tristeza (vv. [34-35](#)).

No Egito, José foi vendido a Potifar, um oficial egípcio da guarda ([Gn 37.36](#); [39.1](#)), que eventualmente colocou José no comando de toda sua casa. No entanto, surgiram problemas com a esposa de Potifar, que foi atraída pelo jovem hebreu e tentou seduzi-lo ([39.6-10](#)). Ele resistiu firmemente às tentativas dela, protestando que obedecer aos desejos dela seria um desserviço a seu mestre e um pecado contra Deus (v. [9](#)). Um dia, ela agarrou sua roupa, mas ele deixou a roupa para trás e fugiu. A esposa de Potifar acusou José de tentar estuprá-la; seu relato foi levado em conta, e José foi colocado na prisão do rei (v. [20](#)), onde o chefe dos copeiros e o padeiro do Faraó também estavam confinados. Enquanto estava na prisão, José, com a ajuda do Senhor, interpretou os sonhos problemáticos desses homens. Como José havia predito, o padeiro foi morto e o chefe dos copeiros foi restaurado ao favor real (capítulo [40](#)).

Dois anos depois, faraó teve dois sonhos que seus mágicos e homens sábios não poderiam interpretar. O chefe dos copeiros, lembrando-se de José, o tirou da prisão. Deus revelou a José que os sonhos predisseram sete anos de abundância, seguidos por sete anos de fome ([Gn 41.25-36](#)). Faraó, impressionado com a interpretação de José, o fez governante do Egito, abaixo apenas de si mesmo (vv. [39-44](#)). José recebeu um novo nome, Zafenate Paneia, e uma esposa, Asenate, a filha de Potífera (v. [45](#)).

José tinha 30 anos quando se tornou governante do Egito. Durante os sete anos de prosperidade, ele reuniu os bens suprimidos para os sete anos de fome que estavam por vir ([Gn 41.53-56](#)). Quando a fome eventualmente se tornou grave na Palestina, Jacó enviou todos os seus filhos, exceto Benjamim, seu filho mais novo, para o Egito para comprar grãos. Aparecendo diante de José no Egito, eles não o reconheceram. Mas ele os conhecia e se lembrou de seus sonhos de anos anteriores ([42.8-9](#)). Depois de ouvir o relatório de sua família, ele os acusou de serem espiões (vv. [9-14](#)) e insistiu que eles deixassem um de seus irmãos como refém e voltassem com Benjamim para verificar a veracidade de seu relato (vv. [19-20](#)). Assim Simeão foi amarrado e deixado no Egito (v. [24](#)).

Após a fome se agravar na Palestina, Jacó pediu aos seus filhos que voltassem para o Egito para comprar mais grãos ([Gn 43.1-2](#)); concordando relutantemente com as condições que o administrador egípcio havia colocado sobre eles, Jacó permitiu que Benjamim fosse com eles (vv. [11-13](#)). Quando eles chegaram ao Egito, eles foram

levados para a casa de José, onde Simeão foi devolvido a eles (v. [23](#)) e uma refeição foi preparada (v. [33](#)). José finalmente revelou sua identidade e declarou que Deus o havia enviado diante deles para preservar suas vidas ([45.4-8](#)). Os arranjos foram então feitos para enviar a Jacó; carruagens foram fornecidas, juntamente com provisões para a jornada (v. [21](#)). Quando Jacó veio a Gósen no Delta do Nilo, José saiu ao seu encontro, e outra grande reunião aconteceu ([46.28-29](#)). Ele também apresentou seu pai e irmãos a Faraó, que os deixou viver na terra de Gósen ([47.6](#)).

Ao saber que seu pai estava doente, José levou seus dois filhos, Manassés e Efraim, para receberem sua bênção. Ele apresentou os filhos de uma forma que o mais velho estivesse à direita de Jacó e o mais jovem à sua esquerda, a fim de que Manassés recebesse a bênção dos primogênitos. Jacó, no entanto, cruzou suas mãos e com sua mão direita sobre Efraim lhe deu a bênção maior ([Gn 48.14-20](#)). Ele também deu a José a terra que ele havia tomado dos amorreus (v. [22](#)). Na morte de Jacó, José fez os arranjos fúnebres; e após as práticas funerárias costumeiras serem realizadas, uma grande procissão fúnebre foi para Canaã, onde Jacó foi enterrado por seus filhos na caverna de Macpela, perto de Hebrom ([50.1-12](#)).

Quando José tinha 110 anos, ele chamou seus irmãos e lhes disse que ele estava prestes a morrer. Ele os fez fazer um juramento de que quando voltassem para Canaã, levariam seus ossos com eles. Então ele morreu, foi embalsamado e colocado em um caixão no Egito ([Gn 50.26](#)). Muitos anos depois, durante o Êxodo, Moisés levou os ossos de José com ele do Egito ([Êx 13.19](#)). Os restos mortais de José foram eventualmente enterrados em Siquém no pedaço de terra que Jacó havia comprado de Hamor, o pai de Siquém ([Gn 33.18-20](#); [Js 24.32](#)). *Veja* Israel, História de; Patriarcas, Período dos.

2. O pai de Igal, da tribo de Issacar. Igal era um dos 12 espiões enviados por Moisés para espiar a terra de Canaã ([Nm 13.7](#)).

3. O segundo filho de Asafe, e o líder da primeira classe de sacerdotes que servia no santuário durante o reinado de Davi ([1Cr 25.2,9](#)).

4. Um dos descendentes de Binui que foi encorajado por Esdras a se divorciar de sua esposa estrangeira durante a era pós-exílica ([Ed 10.42](#)).

5. Sacerdote e líder da família da linhagem de Sebanias durante os dias de Joiaquim, o sumo sacerdote ([Ne 12.14](#)).

6. Descendente de Davi ([Mt 1.16](#); [Lc 3.23](#)) e o marido de Maria, a mãe de Jesus. José foi prometido a Maria, uma jovem mulher da cidade de Nazaré. Maria havia ouvido do anjo Gabriel que ela teria o Filho de Deus, a quem ela deveria nomear Jesus ([Lc 1.31](#)) e que esta concepção seria uma obra do Espírito Santo (v. [35](#)). José não estava ciente disso, então quando ele soube que Maria estava grávida, decidiu se divorciar dela em silêncio, pois ele era um homem justo e não queria humilhá-la publicamente ([Mt 1.19](#)). Um anjo então apareceu a ele em um sonho para dizer-lhe o que estava acontecendo ([Mt 1.21](#); cf. [Is 7.14](#)). O texto de Mateus deixa claro que não houve união sexual entre José e Maria até depois que Jesus nasceu ([Mt 1.18,25](#); veja também [Lc 1.34-37](#)).

Quando César Augusto emitiu um decreto que todos tinham que se registrar em sua cidade natal para propósitos de impostos, José e Maria voltaram para Belém, onde Jesus então nasceu ([Lc 2.1-6](#)). Mais tarde, José e Maria levaram o menino Jesus para o templo para apresentá-lo ao Senhor (vv. [22,33](#)). Após a visita dos homens sábios, um anjo apareceu a José em um sonho e o instruiu a levar Jesus e Maria para o Egito para proteger a criança do rei Herodes ([Mt 2.13](#)). Após a morte de Herodes, um anjo o aconselhou a voltar para Israel, então a família foi morar em Nazaré. O último evento registrado que envolve José é o incidente de Jesus no templo aos 12 anos de idade ([Lc 2.41-51](#)). José não é mencionado pelo nome, mas Maria disse a Jesus que ela e seu pai o esperavam ansiosamente.

Jesus foi identificado por pessoas ao redor de Nazaré como “o filho de José” ([Lc 4.22](#); [Jo 1.45](#); [6.42](#)). É apenas através de referências que identificam Jesus que aprendemos sobre o ofício de José. Por duas vezes Jesus é referido como “o filho do carpinteiro” ([Mt 13.55](#); [Mc 6.3](#)). José não era um carpinteiro em nosso sentido da palavra, pois as casas eram construídas principalmente de pedra e terra. Ele era um carpinteiro ou artífice na madeira, e provavelmente a maior parte de seu trabalho envolvia móveis e implementos agrícolas.

Durante o ministério de Jesus, foi sua mãe e seus irmãos que vieram procurá-lo ([Mt 12.46-50](#); [Mc 3.31-35](#)), por isso é assumido que por esta época José estava morto. José era provavelmente o pai de Tiago, José, Simão, Judas e das irmãs sem nome ([Mt 13.55](#); [Mc 6.3](#)).

Veja também Irmãos de Jesus; Genealogia de Jesus Cristo.

7. José e o filho de Maria e o irmão de Jesus ([Mt 13.55](#)); alternadamente chamado de José em [Marcos 6:3](#). *Veja* Irmãos de Jesus.

8. Nativo de Arimateia e o seguidor de Jesus que providenciou seu enterro. Ele era um homem rico da cidade de Arimateia e um membro respeitado do Sinédrio, ou conselho ([Mc 15.43](#)). Ele era um homem bom e justo e não concordou com a decisão de crucificar Jesus ([Lc 23.50-51](#)). José havia sido um seguidor secreto de Jesus porque ele tinha medo dos judeus ([Jo 19.38](#)), mas após a crucificação, ele tomou coragem e foi a Pilatos para pedir o corpo de Jesus. Ele e Nicodemos tomaram o corpo, o trataram com especiarias e o envolveram em panos de linho, de acordo com os costumes de sepultamento judaicos. Em um jardim próximo ficava o novo túmulo de José lapidado na rocha, no qual ninguém havia sido enterrado. Aqui eles colocaram Jesus e selaram o túmulo com uma grande pedra.

9. O filho de Matatias e um antepassado de Jesus ([Lc 3.25](#)). *Ver* Genealogia de Jesus Cristo.

10. A KJV traduz como José o nome de Joseque, um ancestral de Jesus, em [Lucas 3.26](#). *Veja* Joseque.

11. O filho de Jonã e um antepassado de Jesus ([Lc 3.30](#)). *Ver* Genealogia de Jesus Cristo.

12. Discípulo de Jesus que foi “chamado Barsabás” e “de sobrenome Justo” ([Atos 1.23](#)). José era um dos candidatos apresentados pelos 11 apóstolos para substituir Judas Iscariotes. Foi Matias, no entanto, que foi escolhido.

13. O levita cipriota que vendeu um campo e deu os lucros aos apóstolos. Ele recebeu dos apóstolos o sobrenome de “Barnabé”, que significa “filho de encorajamento” ([Atos 4.36](#)). *Veja* Barnabé.

José Barsabás

Veja José #12.

José de Arimateia

Veja José #8.

Josebe-Bassebete

Ortografia alternativa de Jasobeão, comandante dos valentes do rei Davi ([2Sm 23.8](#)).

Veja Jasobeão #1.

Josefo, Flávio

Um oficial militar e historiador judeu. Ele viveu aproximadamente de 37 d.C. a 100 d.C.

Josefo nasceu em uma família sacerdotal rica em Jerusalém. Sua mãe era parente dos Hasmoneus, uma família que governou o povo judeu em tempos passados. Quando jovem, Josefo tinha uma excelente memória e aprendia com facilidade. Na adolescência, ele se juntou a um grupo religioso rigoroso. Mais tarde, tornou-se fariseu (um membro de um importante grupo religioso judeu que seguia estritamente as leis religiosas).

Qual foi o papel de Josefo na Primeira Revolta Judaica?

Em 64 d.C., Josefo viajou para Roma como parte de um grupo enviado para libertar alguns sacerdotes judeus que haviam sido presos. Sua visita a Roma, a capital do império, teve um efeito duradouro sobre ele. Quando ele retornou a Jerusalém, uma grande rebelião contra Roma começou em 66 d.C. Isso foi chamado de Primeira Revolta Judaica.

O Sinédrio, que era o conselho governante judeu, colocou Josefo no comando da Galileia (uma região no norte de Israel). Ele organizou bem a área, mas isso causou problemas com João de Giscala, que havia liderado a Galileia antes dele. Os dois homens e seus seguidores lutaram entre si até que o general romano Vespasiano chegou na primavera de 67 d.C.

Josefo e seus seguidores da Galileia se refugiaram na cidade de Jotapata. O exército romano cercou a cidade por seis semanas. Eventualmente, eles a capturaram e destruíram. Josefo e 40 de seus soldados conseguiram escapar e se esconder em uma caverna. Um amigo falou com os romanos em nome de Josefo, e eles prometeram não matá-lo. Josefo então convenceu seus companheiros soldados a se suicidarem em vez de serem capturados pelos romanos. No final, apenas Josefo e outro soldado permaneceram vivos. Então Josefo se entregou aos romanos.

Josefo foi levado para se encontrar com Vespasiano, o general romano. Josefo disse a Vespasiano que ele se tornaria o próximo Imperador Romano. Por causa dessa previsão, Vespasiano não matou Josefo, mas ainda o manteve como prisioneiro. Em 69 d.C., Vespasiano

realmente se tornou Imperador, assim como Josefo havia dito. Vespasiano então libertou Josefo. Para mostrar sua lealdade a Vespasiano, Josefo adotou o nome de família de Vespasiano, Flávio. Em 70 d.C., o filho de Vespasiano, Tito, liderou um exército para atacar Jerusalém. Josefo foi com ele. Várias vezes, Josefo tentou convencer o povo judeu a desistir e se render aos romanos, mas eles se recusaram a ouvir.

Após a destruição de Jerusalém por Tito, Josefo foi para Roma. Vespasiano concedeu-lhe a cidadania romana e um salário por seu trabalho anterior. Isso permitiu que Josefo dedicasse seu tempo à escrita de livros que são muito importantes para os historiadores hoje.

Quais são os escritos mais importantes de Josefo?

Seu primeiro livro importante foi chamado *A Guerra Judaica*, que ele escreveu em 77–78 d.C. Este livro narra a história do conflito entre os romanos e os judeus. Começa na época de Antíoco Epifânio (um rei grego que governou sobre os judeus) e continua após a queda de Jerusalém.

A obra mais importante de Josefo foi provavelmente *Antiguidades Judaicas*, que ele escreveu por volta de 94 d.C. Este foi um conjunto de 20 livros que narravam a história do povo judeu. Começava com a história da criação e terminava com a guerra contra Roma em 66 d.C. Josefo a escreveu para ajudar as pessoas não-judaicas a entenderem e respeitarem melhor os judeus.

Ele também escreveu um livro sobre sua própria vida, chamado *Vida*. Neste livro, ele defendeu principalmente suas ações quando estava no comando da Galileia.

Seu último livro foi intitulado *Contra Apião*. Ele o escreveu para defender o povo judeu contra aqueles que os odiavam e espalhavam mentiras sobre eles (chamados de "antisemitas"). Neste livro, ele utilizou tanto um raciocínio cuidadoso quanto críticas severas para sustentar seus pontos de vista.

Como historiador, Josefo às vezes alterava informações para agradar as pessoas que o apoiavam. No entanto, ele presenciou muitos dos eventos sobre os quais escreveu. Seus livros nos ajudam a entender a época em que a igreja cristã começou. Eles nos informam sobre as crenças religiosas, a situação política, os lugares e as pessoas importantes daquele tempo. Os cristãos consideram seus escritos especialmente valiosos

porque ele escreveu sobre João Batista, Jesus e o irmão de Jesus, Tiago (que também era chamado de Tiago, o Justo, por causa de sua vida santa).

Joseque

Um ancestral de Jesus mencionado apenas em [Lucas 3.26](#).

Veja Ancestralidade de Jesus Cristo.

Joses*

A ortografia alternativa para José (na transliteração do grego "Ioses", que pode gerar diferentes grafias em outros idiomas), o filho de Maria, em [Marcos 6.3](#) *Veja* José #7.

2. Ortografia para José, de sobrenome Barnabé, em [Atos 4.36](#) na Bíblia King James em inglês. Em português esta ortografia ocorre somente em textos arcaicos como na Bíblia Almeida de 1819. *Veja* Barnabé.

Josias

1. Décimo sexto rei do reino do sul de Judá (640–609 a.C.). Um homem piedoso, ele se destacou em marcado contraste com seu avô Manassés e seu pai, Amom. De fato, as Escrituras declaram que não houve rei antes ou depois dele que fosse tão obediente à lei de Moisés ([2Rs 23.25](#)).

A era de Josias

Quando Josias ascendeu ao trono em 640 a.C., o mundo estava prestes a mudar. Após a morte do grande rei assírio Assurbanípal em 633 a.C., governantes mais fracos assumiram o poder. Por conta disso, o império tornou-se instável. Em 626 a.C., Nabopolassar, pai de Nabucodonosor, tomou o controle da Babilônia e iniciou a ascensão do Império Neobabilônico.

Os babilônios logo formaram uma aliança com os medos. Juntos, atacaram o Império Assírio e destruíram a cidade de Nínive em 612 a.C. À medida que a Babilônia ganhava poder, a Assíria perdia o controle sobre a região que outrora fora o reino do norte de Israel. Sua pressão sobre Judá também diminuiu nesse período.

Após a queda de Nínive, os assírios transferiram sua capital para Harã. Em 610 a.C., as forças babilônicas e citas os derrotaram ali. O faraó Neco II do Egito, então, optou por apoiar os assírios enfraquecidos. No final da primavera de 609 a.C., ele marchou por Judá. Josias tentou impedi-lo, mas Neco o derrotou e o matou antes de continuar sua campanha militar na Síria.

Antes de Josias se tornar rei, Judá havia se entregue à idolatria durante o reinado de Manassés, de 697 a 642 a.C. O povo adorava Baal, Moloque e outros deuses pagãos. Práticas ligadas à magia e à astrologia também se espalharam por toda a região. Um altar falso chegou a ser erguido no templo de Jerusalém, e algumas pessoas ofereciam sacrifícios humanos a essas divindades perto da cidade. A nação havia se corrompido profundamente.

Manassés mudou algumas dessas práticas no final de sua vida, mas o povo retornou ao comportamento anterior quando seu filho Amom governou, de 642 a 640 a.C. Em 640 a.C., oficiais da casa de Amom o assassinaram. O “povo da terra” então fez de Josias rei ([2Rs 21.26](#); [22.1](#); [2Cr 33.25–34.1](#)).

Esforços de reforma de Josias

Josias tinha apenas oito anos quando se tornou rei. Evidentemente, ele tinha conselheiros ou regentes espiritualmente motivados; quando tinha 16 anos, começou por conta própria a buscar o Deus de seu antepassado Davi ([2Cr 34.3](#)). Aos 20 anos, ficou profundamente preocupado com a idolatria da terra e lançou um grande esforço para erradicar os altos pagãos, bosques e imagens de Judá e Jerusalém. Tão intensa era a aversão de Josias à idolatria que ele até abriu os túmulos dos sacerdotes pagãos e queimou seus ossos em altares pagãos antes que os altares fossem destruídos. Josias tinha apenas oito anos quando se tornou rei. Acredita-se que ele tinha conselheiros ou regentes motivados pela fé. Aos 16 anos, começou a buscar o Deus de seu antepassado Davi por conta própria. Aos 20 anos, ficou muito preocupado com a idolatria na terra e fez um grande esforço para remover os altos pagãos, bosques e imagens de Judá e Jerusalém. Josias tinha uma aversão tão forte à idolatria que ele até abriu os túmulos dos sacerdotes pagãos e queimou seus ossos em altares pagãos antes de destruir os altares.

Josias realizou sua reforma além das fronteiras de Judá. Ele focou especialmente no centro de culto em Betel, onde Jeroboão havia estabelecido seu

falso culto. Josias destruiu o altar e o lugar alto e queimou os ossos dos sacerdotes oficiantes para profanar o local ([2Rs 23.15-18](#)). Isso foi o cumprimento da profecia em [1 Reis 13.1-3](#). Ele fez o mesmo no restante do reino de Samaria (vv. [2Rs 23:19-20](#)).

Quando Josias tinha 26 anos, iniciou um projeto para purificar e restaurar o templo em Jerusalém ([2Rs 22.3](#)). Safã, o assistente administrativo do rei, organizou a obra, e o sacerdote Hilquias supervisionou os reparos. Durante a restauração, Hilquias encontrou o Livro da Lei. Sua forma e conteúdo exatos são desconhecidos até hoje. É possível que, durante os anos difíceis sob o reinado de Manassés, alguém tenha tentado destruir a palavra de Deus. De qualquer forma, pouquíssimas pessoas em Judá conheciam as Escrituras naquela época.

Quando Safã leu o Livro da Lei para Josias, o rei ficou profundamente perturbado com as advertências de punição por se afastarem de Deus. Ele enviou um grupo de oficiais para perguntar à profetisa Hulda o que essas advertências significavam para Judá. Hulda respondeu que o julgamento de Deus certamente viria sobre a terra por causa dos pecados do povo. Contudo, ela também disse a Josias que, por ele ter um coração humilde e devoto, a punição não aconteceria durante sua vida.

O governante reuniu um grande grupo de líderes e pessoas para que pudessem ouvir a leitura pública do Livro da Lei. Essas partes da lei explicavam suas responsabilidades para com Deus. Então, o governante e o povo fizeram um acordo perante Deus de que obedeceriam aos seus mandamentos.

O rei compreendeu a importância de preservar a verdadeira adoração ao único Deus. Isso o inspirou a empreender esforços ainda mais sérios para purificar o templo e a cidade de Jerusalém. Ele removeu os objetos usados na adoração a Baal, os cavalos e carros que os reis anteriores de Judá haviam dedicado ao sol, e o grupo de homens que participava de atos sexuais como parte da adoração pagã perto do templo. Ele também destruiu os santuários que haviam sido construídos nos dias de Salomão. Além disso, trabalhou arduamente para remover os santuários pagãos e os altares idólatras em todas as cidades de Judá ([2Rs 23.4-14](#)).

A Morte de Josias

O motivo exato pelo qual Josias se opôs à marcha do faraó Neco por Judá não é conhecido. Ele pode

ter desejado impedir Neco de ajudar os assírios, ou pode ter desejado proteger a independência de Judá. Durante a batalha, Josias foi gravemente ferido e morreu posteriormente. Jeremias e todo o povo o lamentaram ([2Cr 35.25](#)). Sua dor era imensa, pois haviam perdido um rei piedoso, e o julgamento que Deus havia adiado durante sua vida recairia sobre a nação apenas alguns anos depois.

Veja também Cronologia da Bíblia (Antigo Testamento); História de Israel.

2. Filho de Sofonias, que retornou a Jerusalém com outros judeus após o cativeiro. Seu nome em hebraico é *Hen* ([Zc 6.10,14](#)).

Josibias

Príncipe simeonita, filho de Seraías e pai de Jeú ([1Cr 4.35](#)).

Josifias

Pai de Selomite, líder de uma família da qual 160 membros acompanharam Esdras de volta à Palestina ([Ed 8.10](#)).

Josué (Pessoa)

1. O filho de Num. Ele foi o assistente e sucessor de Moisés. Ele também foi um líder militar. Deus o escolheu para liderar a conquista de Canaã pelos israelitas.

No início do êxodo (quando os israelitas saíram do Egito), Josué foi enviado por Moisés para lutar contra os amalequitas ([Êx 17.8-15](#)). Josué derrotou Amaleque, e Moisés escreveu sobre o evento e construiu um altar que ele chamou de "O Senhor é minha bandeira" ([Êx 17.15](#)).

Josué foi um dos 12 homens que Moisés enviou de Cades-Barneia para observar Canaã. Ele representava a tribo de Efraim ([Nm 13.8](#)). Naquela época, Josué era chamado de Oséias, mas Moisés mudou seu nome para Josué ([Nm 13.8,16](#)). Josué e Calebe foram os únicos dois espiões a trazer de volta um relatório positivo sobre uma invasão israelita da terra ([Js 14.6-9](#)). Esses dois homens também foram os únicos homens israelitas adultos que saíram do Egito e mais tarde entraram na terra Prometida do outro lado do Rio Jordão ([Nm 14.30](#)). O Senhor disse a Moisés que ele morreria em breve. Moisés então perguntou quem lideraria após ele. O Senhor escolheu Josué para ser o novo líder ([Nm 27.12-23](#)). Após a morte de Moisés no monte Nebo, a liderança de Josué foi confirmada ([Nm 34.17](#)). O Senhor então disse a Josué para atravessar o Jordão e tomar a terra ([Js 1.1-2](#)).

Da transjordânia, Josué enviou dois homens para atravessar o rio e explorar Jericó ([Josué 2](#)). Raabe os escondeu em Jericó e, mais tarde, eles retornaram em segurança para Josué para informá-lo de que o povo da terra estava com medo por causa dos israelitas ([Js 2.23-24](#)).

Depois de atravessar o rio, o Senhor disse a Josué para montar um círculo de 12 pedras em Gilgal para marcar o evento ([Js 4.1-7](#)). O Senhor então

ordenou que todos os homens que nasceram durante o Êxodo fossem circuncidados ([Js 5.2-9](#)).

Enquanto acampava em Gilgal, perto de Jericó, Josué encontrou um homem com uma espada desembainhada. O homem era o Senhor. Quando Josué o desafiou, o Senhor disse para tirar os sapatos, pois o chão era sagrado ([Js 5.13-15](#)). O Senhor deu a Josué instruções para a destruição de Jericó. Josué e os israelitas seguiram as instruções de Deus e a cidade caiu ([Josué 6](#)). O ataque a Ai terminou em derrota temporária até que o pecado de Acã foi descoberto e julgado ([Js 7.10-26](#)). Então Ai foi tomada e destruída.

Josué construiu um altar no Monte Ebal ([Js 8.30-32](#)). As bênçãos e maldições foram lidas, conforme ordenado por Deus através de Moisés ([Js 8.33-35](#); compare com [Dt 27-28](#)).

Porque os israelitas não pediram orientação ao Senhor, Josué foi enganado a fazer uma aliança de paz com os heveus de Gibeão ([Js 9.14](#)).

Josué então os reduziu a realizar tarefas triviais em Israel ([Js 9.21-27](#)).

Os reis das várias cidades cananeias se aliaram contra a ameaça israelita ([Js 9.1-2](#)). Uma aliança de cinco cidades amoritas (Jerusalém, Hebrom, Jarmute, Laquis e Eglom) atacou Gibeão ([Js 10.1-5](#)). Os gibeonitas pediram ajuda a Josué, que rapidamente derrotou as forças amoritas. Foi nessa ocasião que Josué ordenou que o sol e a lua parassem para que Israel pudesse ter mais tempo para derrotar esses adversários ([Js 10.12-14](#)). Esta vitória foi seguida por uma série de ataques bem-sucedidos a cidades inimigas ([Js 10.28-43](#)).

Em seguida, Josué enfrentou um grupo de inimigos do norte, liderado por Jabim, o rei de Hazor ([Js 11.1-5](#)). O Senhor disse a Josué que ele teria sucesso, e a cidade de Hazor foi

tomada e destruída pelo fogo ([Js 11.6–15](#)). [Js 11.23](#) resume a conquista da terra. [Capítulo 12](#) lista os reis que foram conquistados.

Josué já estava velho, e o Senhor lhe disse que ainda havia muita terra para conquistar. Esses territórios são listados, mas o Senhor disse a Josué para dividir a terra entre as nove tribos e meia ([Js 13.7](#); compare [Js 13.8–18.28](#)). O próprio Josué recebeu a cidade que pediu, Timnate-Sera, na região montanhosa de Efraim. Ele reconstruiu essa cidade e se estabeleceu lá ([Js 19.49–50](#)).

O Senhor disse a Josué para escolher cidades de refúgio. Uma pessoa culpada de homicídio culposo (matar alguém acidentalmente) poderia fugir para lá para escapar do vingador do sangue ([Josué 20](#)). Então os levitas vieram a Eleazar, o sacerdote, e a Josué. Eles solicitaram suas cidades, como o Senhor havia ordenado através de Moisés ([Js 21.1–42](#)). Quando ele estava idoso, Josué convocou todo o Israel. Ele os incumbiu de serem fiéis ao Senhor ([Josué 23](#)). Finalmente, ele chamou todo o Israel a Siquém, onde lhes deu sua mensagem de despedida. Ele resumiu os tratos do Senhor com eles desde Abraão. Então, ele os desafiou a servir ao Senhor. Ele colocou diante deles a conhecida escolha: "Escolham hoje a quem vocês vão servir... quanto a mim e à minha casa, serviremos ao Senhor!" ([Js 24.15](#)).

Josué morreu aos 110 anos e foi sepultado na terra de sua herança em Timnate-Sera ([Js 24.29–30](#); outro relato em [Jz 2.8–9](#) menciona "Timnate-Heres"). Israel serviu ao Senhor durante todos os dias de Josué e dos anciãos que o sobreviveram ([Js 24.31](#); [Jz 2.7](#)).

Veja também Conquista e distribuição da terra; Israel, História de; Josué, Livro de.

2. Um habitante de Bete-Semes. Os filisteus enviaram a carroça carregando a arca para o seu campo de trigo. Ela parou ao lado de uma grande pedra, que foi usada para marcar o evento ([1Sm 6.14,18](#)).
3. O governador de Jerusalém durante o reinado do Rei Josias ([2Rs 23.8](#)).
4. Filho de Josadaque e sumo sacerdote durante os dias de Zorobabel em Jerusalém após o exílio na Babilônia ([Ag 1.1–14](#); [2.2–4](#); [Zc 3.1–9](#); [6.11](#)). Josué também é chamado de Jesua em Esdras e Neemias em algumas versões da Bíblia em português. *Consulte* Jesua (Pessoa) #3.
5. Filho de Eliezer e um ancestral de Jesus Cristo ([Lc 3.29](#)). *Veja a* ancestralidade de Jesus Cristo.

Josué, Livro de

Primeiro dos livros históricos na Bíblia em português e o primeiro dos Profetas Anteriores (incluindo Juízes, os livros de Samuel e os livros de Reis) na Bíblia Hebraica. Começa com a comissão do Senhor a Josué ([Js 1.1–9](#)) e conclui com o sepultamento de Josué, Eleazar e os ossos de José ([24.29–33](#)). O propósito do livro é mostrar como Josué continuou nos passos de Moisés, como o Senhor deu a terra a Israel e como Israel poderia prosperar na terra.

Resumo

- Autor e data
- Problemas de interpretação
- Propósito
- Conteúdo

Autor e data

De acordo com o Talmude, Josué escreveu o livro. Esta antiga tradição possivelmente se baseia na breve declaração de que Josué "registrou estas coisas no Livro da Lei de Deus" ([24.26](#), NTLH). No entanto, isso se aplica apenas à renovação da aliança (cap. [24](#)). A questão da autoria está ligada à datação do livro. Como o livro não possui marcadores inequívocos sobre data e autoria, nem

críticos nem estudiosos conservadores conseguiram chegar a um acordo sobre essas questões. De acordo com uma análise conservadora de Josué, o livro foi escrito entre 1375 a.C. e 1045 a.C. (pré-monárquico). O argumento baseia-se nas referências à migração de Dã ([19.47](#); cf. [Jz 18.27-31](#)), a Jerusalém como uma cidade dos jebuseus ([Js 15.8,63](#); [18.16,28](#)), a Sidom em vez de Tiro como a cidade fenícia proeminente ([11.8](#); [13.4-6](#); [19.28](#)), e também no estilo de testemunha ocular ([5.1.6](#) — no Texto Massorético). Mas estudiosos críticos levantaram questões que consideraram que poderiam ser melhor resolvidas ao se postular uma data do século VII a.C. ou até mesmo uma data exílica.

Problemas de interpretação

Guerra santa

A moralidade da Conquista pode ser explicada pelo conceito de guerra santa. O motivo da guerra santa explicaria por que Israel deveria destruir a população nativa ([Dt 7.16](#); [20.16-18](#); [Js 6.21](#); [8.24-26](#); [10.10,28-30,35-42](#); [11.11](#)). A justificativa pode residir no conceito de que Israel era o instrumento de julgamento de Deus sobre as nações cananeias. Este argumento está relacionado à menção da maldade dos cananeus ([Gn 15.16](#); [Dt 7.2-5,25-26](#); [12.30-31](#); [Js 23.7](#); [Jz 2.11](#)). No entanto, a narrativa canônica da progressão da Conquista coloca a responsabilidade nos cananeus. Eles marcharam e lutaram contra Israel ([Nm 21.21-35](#); [Js 7.4-5](#); [8.5,16-17](#); [9.1-2](#); [10.1-6](#); [11.1-5](#); [24.11](#)). Portanto, pode-se argumentar que, no processo de guerra, foi feito um convite sincero para fazer paz aos reis (cf. [Nm 21.21-22](#); [Dt 20.10-11](#)), mas foi recusado. Em vez disso, os reis tomaram a iniciativa na batalha. A responsabilidade pela destruição da população nativa, portanto, recaiu sobre a liderança. No entanto, tudo isso era evidência da atuação de Deus nos assuntos humanos, o que a Bíblia simplesmente afirma: “O SENHOR Deus fez com que os moradores dessas cidades teimassem em lutar contra o povo de Israel, para que, assim, fossem completamente destruídos e mortos sem dó nem piedade. O SENHOR havia ordenado isso a Moisés” ([Js 11.20](#), NTLH). Assim como Faraó, cujo coração o Senhor endureceu, foi responsável pelas pragas no Egito, os governantes cananeus foram responsáveis pelo extermínio de suas populações. O relato bíblico da Conquista afirma o mistério da responsabilidade humana e da soberania divina sem explicá-lo.

A natureza da conquista

Várias explicações sobre a natureza da Conquista foram apresentadas. A visão tradicional de um tipo de conquista relâmpago, que resultou em uma ocupação completa de toda a terra (cf. [Js 10.40](#); [11.1-3,16-19](#)), não se encaixa no quadro geral do livro. O livro apresenta uma descrição realista das áreas que ainda precisavam ser conquistadas ([13.1-7](#)) e da força militar da população indígena (cf. [13.13](#); [15.63](#); [16.10](#); [17.12-18](#); [19.47](#)). Além disso, Josué prometeu que o Senhor continuaria a ajudar Israel a ocupar a terra, à medida que sua população e necessidades se desenvolvessem ([23.5](#)). A ocupação de Canaã ocorreu em duas etapas: conquista e ocupação gradual (cf. [Ex 23.29-30](#); [Dt 7.22](#)).

Propósito

O objetivo da forma final (canônica) do livro é mostrar a obediência de Josué à lei de Moisés. Vitória e derrota são exemplos de obediência e desobediência. Claro, há uma tensão nisso porque as descrições da Conquista são completas e, ao mesmo tempo, incompletas. A tensão é um recurso dinâmico para demonstrar que a Conquista e o usufruto da terra dependem totalmente da obediência. O período de Josué é visto como um paradigma de Israel obediente. Assim, uma leitura holística do livro apresenta um apelo à lealdade à aliança direcionado às gerações futuras.

Conteúdo

Conquista da terra, [1.1-12.24](#)

A comissão do Senhor a Josué, [1.1-9](#)

Com a morte de Moisés ([Js 1.1](#)), o Senhor confirma a ordenação de Josué por Moisés ([Dt 34.9](#)). Ele encarrega Josué da liderança na conquista de Canaã ([Js 1.2-3](#)), define os limites geográficos da terra (v. [4](#)), encoraja-o com sua presença contínua (vv. [5,9](#)) e espera que ele siga devotamente “a lei de Moisés” (ou seja, a lei dada em Dt; cf. [Dt 31.9,24-26](#); [Js 23.6](#)), para que possa ter sucesso em sua missão ([1.7-8](#)). A missão original, assim como o ministério de Moisés, encontra sua continuidade em Josué.

Cruzando o Jordão, [1.10-5.12](#)

A primeira etapa exige a preparação de Israel. Como líder, Josué deve mostrar ao povo que ele segue os passos de Moisés. Ele faz isso lembrando as tribos da Transjordânia de demonstrar lealdade ao comando de Moisés, unindo-se às outras tribos na conquista de Canaã ([1.13-15](#); cf. [Nm 32.20-27](#)).

Elas se submeteram à autoridade de Josué como a de Moisés ([Js 1.16-18](#)). Ele demonstra sua liderança militar ao enviar os dois espiões a Jericó (cap. 2). Sua autoridade é aceita por sacerdotes ([3.6](#); [4.10](#)) e pelo povo ([3.5-9](#)) enquanto atravessam o Jordão. A travessia do Jordão marca o reconhecimento público de Josué como um líder semelhante a Moisés ([4.14](#)).

O relato da travessia marca uma importante transição da era do êxodo/deserto para a era da Conquista. Por um lado, a história de Raabe ilustra como os cananeus tinham ouvido falar dos atos poderosos do Senhor ([2.10-11](#)) e reagiram com grande medo (cf. [Êx 15.15](#); [23.27-28](#); [Dt 2.25](#); [7.23](#); [11.25](#); [32.30](#)). A expressão de fé de Raabe no Deus de Israel ([2.11](#)) antecipa a inclusão dos gentios na comunidade da aliança, conforme prometido aos patriarcas ([Gn 12.3](#)). Pela fé, Raabe foi incluída na aliança e foi ricamente recompensada com a inclusão de seu nome na linhagem de Jesus ([Mt 1.5](#)).

Os israelitas cruzaram o Jordão sabendo que o temor de Deus havia caído sobre os cananeus ([Js 2.24](#)). No entanto, eles também foram instruídos a mostrar reverência ao Senhor mantendo uma distância segura entre eles e a Arca da Aliança ([3.4](#)) e consagrando-se (v. 5). O “Deus vivo” estava entre eles e exigia santidade e reverência de seu povo (v. 10). Ele, por sua vez, demonstraria sua lealdade na passagem maravilhosa pelo Rio Jordão (v. 13) e na conquista da terra ([3.10](#)). Depois que as tribos cruzaram o rio ([4.1](#)), cada líder das 12 tribos pegou uma pedra do leito seco do rio e ergueu um memorial em Gilgal (vv. [1-9.20](#)). Assim, Israel deveria lembrar que as pedras, retiradas do lugar onde os sacerdotes que carregavam a arca haviam estado, eram lembretes da majestosa presença de Deus. As gerações futuras que ouviriam este relato (vv. [21-24](#)) seriam encorajadas porque o temor de Deus cairia sobre todos os povos da terra (v. 24).

A consagração antes da conquista de Jericó é simbolizada pelo ato da circuncisão ([5.1-9](#)) e pela celebração da Páscoa (vv. [10-12](#)). Os eventos não estão necessariamente relacionados cronologicamente, mas foram escolhidos como exemplos da receptividade de Israel ao ministério de Josué. O apelo de Moisés à nova geração teve seu efeito (cf. [Dt 4.4-14](#); [6.1-5](#)). A nova geração serviu ao Senhor enquanto Josué e os anciãos estavam vivos ([Js 24.31](#)). A circuncisão física, negligenciada durante a jornada no deserto ([5.5](#)) devido à incredulidade, era um sinal de receptividade espiritual. A nação receptiva recebeu o sinal

externo da aliança com a expectativa de que o Senhor da aliança abençoaria seu povo, dando-lhes vitória e o fruto da terra. Seu opróbrio foi removido (v. 9). A continuidade da aliança também é destacada na breve menção da celebração da Páscoa. A novidade é que eles comeram o fruto da terra. Com o sabor da comida de Canaã, o maná cessou. A experiência do deserto havia terminado. Uma nova era foi inaugurada com sua presença na Terra Prometida (vv. [11-12](#)).

Conquista de Jericó, [5.13-6.27](#)

A vitória pertence ao Senhor. Esta é a mensagem que inicia a batalha de Jericó. O Deus santo que apareceu a Moisés na sarça ardente ([Êx 3.2-4.17](#)) apareceu a Josué como o comandante do exército do Senhor ([Js 5.14-15](#)) com uma mensagem do Senhor ([6.2](#)). A cidade de Jericó cairia sem um cerco e batalha subsequente. A resposta de Israel à preparação de Jericó para a guerra (cf. [24.11](#)) foi incomum, mas a presença da arca e o toque das trombetas simbolizavam que o Senhor lutaria por Israel, assim como havia prometido. No entanto, Israel não poderia tomar nenhum dos despojos. Porque Yahweh lutou por Israel, tudo deveria ser dedicado a ele ([6.17](#)). O Senhor honrou o voto a Raabe, feito pelos espiões, para que ela e sua família fossem mantidas vivas (vv. [17.25](#)), mas foram temporariamente colocadas fora do acampamento (v. 23). Os metais valiosos foram colocados na Tesouraria (vv. [19.24](#)), enquanto todo o resto foi queimado pelo fogo (v. 24). Nada deveria ser tomado para ganho pessoal; caso contrário, o julgamento de Deus recairia sobre Israel (v. 18). Para enfatizar a posse absoluta de Deus sobre Jericó, Josué colocou uma maldição sobre qualquer um que tentasse reconstruir a cidade ([6.26](#); cf. [1Rs 16.34](#)). Os rumores da destruição de Jericó se espalharam, e os povos de Canaã souberam que o Senhor estava com Josué ([Js 6.27](#); cf. [1.5.9](#)).

Tragédia e triunfo em Ai, [7.1-8.29](#)

A vitória foi breve porque Acã desafiou a “proibição” de Deus, pegou alguns dos objetos, escondeu-os no chão sob sua tenda ([7.21](#)) e trouxe a ira de Deus sobre todo o Israel (v. 1). Israel ficou atônito com sua derrota em Ai (vv. [2-5](#)). Josué e os anciãos responderam ao desastre jejuando e lamentando (vv. [6-9](#)). Que contraste entre os relatos de vitória espalhados pela terra e o grito angustiado do servo de Deus, temeroso de que os cananeus reunissem forças e exterminassem Israel (v. 9). Somente depois que o povo se consagrou (v. 13) e Acã foi exposto e sua memória removida (vv. [25b-26](#)) eles puderam renovar o ataque a Ai com a

promissora presença e vitória de Deus (8.1-2). Ai também foi tomada (vv. 3-19) e a população exterminada (vv. 20-26), mas Israel desfrutou dos despojos por permissão direta do Senhor (v. 27). As ruínas de Ai, o monte de pedras cobrindo o corpo do rei de Ai (vv. 28-29) e o monte de pedras sobre o corpo de Acã eram lembretes sóbrios para Israel de que a fidelidade de Deus exige lealdade absoluta de seu povo.

Renovação da aliança, 8.30-35

Josué liderou Israel em uma renovação cerimonial da aliança em Siquém, conforme Moisés havia instruído (Js 8.31; cf. Dt 11.29; 27). Josué cuidou da preparação adequada do altar (cf. Ex 20.25) sobre o qual foram apresentadas ofertas dedicatórias e comunitárias. Ele copiou a lei como símbolo de sua liderança real e sua devoção ao Senhor (Js 8.32; cf. Dt 17.18). Todo Israel (oficiais e povo, estrangeiros e israelitas nativos) se apresentou para a leitura das bênçãos e das maldições (Js 8.33-35). Todo o livro de Deuterônomo (ou seja, "o Livro da Lei", cf. Dt 31.26) foi lido na presença deles. Metade das tribos ficou no Monte Gerizim e disse "Amém" às bênçãos, e as outras seis ficaram no Monte Ebal, dizendo "Amém" às maldições (cf. Dt 27.9-26).

Aliança com os gibeonitas, 9.1-27

Os rumores dos atos poderosos de Deus haviam trazido medo aos reis cananeus (cf. Js 2.8-11.24; 5.1; 6.27). A primeira derrota em Ai lhes deu esperança de que Israel poderia ser derrotado. Em vez de se submeterem a Israel e sofrerem a humilhação como servos de Israel, eles se uniram contra Josué e Israel (9.1-2).

Os heveus de Gibeão, Quefira, Beerote e Quiriate-Jearim (9.7,17) não se juntaram aos seus companheiros cananeus. Em vez disso, elaboraram um plano complexo para enganar Israel e buscar um status de tratado completo. O objetivo do tratado era amizade (ou seja, "paz"), prometendo assistência mútua em caso de ataque. A preocupação era com a preservação da vida (vv. 15,24). Sua enganação incluía um estratagema sobre a grande distância que haviam viajado (vv. 11-14) e um falso relato das vitórias de Israel em Transjordânia sem mencionar a travessia do Jordão (9.9-10; cf. 5.1). A lei permitia que a cidade submissa sujeitasse sua população a um tipo de tratado de suserania, no qual Israel definia os termos e esperava que a população subjugada servisse como seus trabalhadores forçados (Dt 20.11; cf. Jz 1.28-35; 1Rs 9.15-21). No entanto, o tratado permitia que os heveus mantivessem seu

modo de vida com a vantagem da proteção militar de Israel.

A campanha do sul, 10.1-43

O rei de Jerusalém, Adoni-Zedeque, liderou as cidades de Hebrom, Jarmute, Laquis e Eglom em uma aliança contra Gibeão como uma estratégia militar para se opor a Israel (Js 10.1-5). Os gibeonitas apelaram a Israel por ajuda com base em sua relação de aliança (v. 6). Josué liderou Israel em uma caminhada de 40 quilômetros pelo deserto de Gilgal até Gibeão durante uma noite (vv. 7-9). O ataque israelita surpreendeu os cananeus, que já estavam amedrontados pelos israelitas. O acampamento dos cananeus foi lançado em confusão, e os soldados fugiram pela estrada de Bete-Horom para Azeca e Maquedá (v. 10). Mas, enquanto corriam, foram atormentados por grandes pedras de granizo (v. 11). A vitória foi do Senhor. Milagrosamente, Israel conseguiu empurrar os cananeus ainda mais longe da região montanhosa por causa do longo dia (vv. 12-14). A maravilha desse dia foi longamente lembrada no Livro de Jasar (cf. 2Sm 1.18), porque nele o Senhor ouviu um homem, a saber, Josué (Js 10.14).

Os cinco reis escondidos em uma caverna em Maquedá foram descobertos, mortos, enforcados em árvores e enterrados na caverna (10.16-27). Sua tentativa imprudente de fazer guerra contra Israel chegou a um rápido fim. Com a derrubada da coalizão de grandes cidades, Josué liderou Israel em uma campanha rápida contra as outras cidades do sul (vv. 29-43). A região foi conquistada em uma campanha com a ajuda do Senhor (v. 42).

A campanha do norte, 11.1-15

Os israelitas foram novamente forçados a entrar em batalha, desta vez sob a liderança de Jabim, rei de Hazor. Jabim reuniu os reis das cidades do norte, que juntaram suas tropas e cavalos pelas Águas de Merom para a batalha contra Israel (11.1-5). A semelhança com a campanha do sul é uma forma literária de demonstrar que os reis do sul e do norte iniciaram a guerra e foram consequentemente derrotados. Assim foi com os reis do norte, que foram derrotados até a região de Sidom na Fenícia (v. 8). Seus cavalos foram aleijados e seus carros queimados (v. 9), conforme o Senhor havia instruído (v. 6). Israel deveria depender do Senhor (cf. Sl 20.7). Hazor, a grande e antiga cidade, o centro do poder cananeu no norte, foi completamente destruída (Js 11.10-13). A queima de Jericó, Ai e Hazor foram exceções, porque Israel havia sido prometido casas, poços e cidades

cananeias ([Dt 6.10-11](#); cf. [Js 24.13](#)). A narrativa da campanha enfatiza novamente a lealdade absoluta de Josué ao Senhor e a Moisés, o servo do Senhor ([Js 11.9-15](#)).

Resumo das campanhas, [11.16-12.24](#)

Josué liderou Israel em vitória e descanso devido à sua cuidadosa adesão às direções do Senhor a Moisés. Moisés havia descrito a terra a ser conquistada em detalhes ([Dt 1.7](#)), e Josué tomou as regiões das quais Moisés havia falado. Embora as cidades pudessem ter buscado um acordo pacífico sob o qual teriam sido trabalhadores forçados ([Dt 20.11](#)), nenhuma das cidades reconheceu Israel. Com medo, elas tramaram e planejaram como destruir Israel. Elas foram os agressores. Deus havia endurecido seus corações ([Js 11.20](#)). A razão teológica é um mistério, assim como foi no caso de Faraó. Mas o resultado final foi que Canaã foi conquistada e a população exterminada, exceto pelos heveus em Gibeão e suas cidades circundantes (vv. [19-20](#)). Até mesmo os anaquins, que haviam trazido medo a Israel cerca de 40 anos antes ([Nm 13.33](#); cf. [Dt 2.10.21](#)), foram exterminados ([Js 11.21](#)). No entanto, já é aparente que nem cada quilômetro quadrado de terra foi tomado (v. [22](#)), embora em certo sentido toda a terra fosse de Israel, porque os principais centros de resistência cananeus haviam sido quebrados. A tensão entre cumprimento e cumprimento completo é aparente nestes versículos.

A lista dos reis derrotados (cap. [12](#)) inclui as vitórias sobre Seom e Ogue sob a liderança de Moisés. Sua justaposição com a lista de reis conquistados sob Josué demonstra a continuidade de liderança e propósito — dois líderes, muitas campanhas, mas uma só batalha. A Terra Prometida agora é uma realidade cumprida. Através das campanhas, as fronteiras da terra de herança agora estavam mais claras. Na Transjordânia, os limites vão do Arnom até o Monte Hermom (vv. [2-5](#)). Em Canaã, a fronteira se estende da região ao sul de Sidom até o Neguebe (vv. [7-8](#)).

A divisão da terra, [13.1-22.34](#)

O comando para dividir a terra, [13.1-7](#)

Devido à idade avançada de Josué, a terra "inteira" não foi conquistada. Moisés havia alertado Israel de que a herança viria tanto pela conquista quanto pela expansão gradual das fronteiras estreitas de Israel. Aos poucos, Israel herdaria toda a terra, para que não fosse sobrecarregado pelo tamanho e

incapaz de usá-la adequadamente ([Êx 23.29-30](#); [Dt 7.22](#)). As áreas ainda a serem ocupadas eram: a região ao norte da Galileia, o Monte Hermon (a leste do Mar da Galileia), a área ocupada pelos filisteus e enclaves regionais cananeus ([Js 13.2-7](#); cf. [Jz 1](#)). Israel não deveria se preocupar com os direitos futuros de ocupação, porque o Senhor prometeu ajudá-los ([Js 13.6](#)).

Divisão de Transjordânia, [13.8-33](#)

Josué não alterou a disposição mosaica referente às lotações para as tribos de Manassés, Rúben e Gade ([Jos 13.8.32-33](#); cf. [Nm 32](#); [Dt 3.12-17](#)). O território deles também excluía certas regiões ainda ocupadas por cananeus ([Js 13.13](#)). Os clãs de Rúben haviam recebido o território desde o rio Arnom ao norte até Hesbom (vv. [15-23](#)). Os clãs de Gade haviam recebido o território de Gileade, ao sul do rio Jaboque até Hesbom (vv. [24-28](#)). Vários clãs de Manassés receberam a região ao sul do Wadi Yarmuk até o Jaboque (vv. [29-31](#)). As cidades levíticas não estão listadas aqui, mas é feita uma referência a eles como não recebendo uma herança porque deveriam viver das ofertas e sacrifícios feitos ao Senhor ([Js 13.14](#); cf. [Nm 18.20-24](#); [35.1-8](#)).

As divisões tribais em Canaã, [14.1-19.51](#)

Eleazar, o sumo sacerdote, e Josué juntos lançaram sortes para determinar as fronteiras, o tamanho e a alocação para as restantes nove tribos e meia. Novamente, a exclusão da tribo de Levi é mencionada ([Js 14.4](#)), porque suas cidades serão tratadas nos capítulos [20-21](#). Outro recurso literário é a menção especial da herança de Calebe no início ([14.6-15](#)) e de Josué na conclusão ([19.49-50](#)). Esses dois foram os únicos que haviam saído do Egito como adultos, foram espiões fiéis e entraram na Terra Prometida ([Nm 14.24.30](#); [Dt 1.36-38](#)).

Judá, [15.1-63](#) (cf. [Jz 1.10-15.20](#))

Os limites de Judá se estendiam do Mar Morto a oeste até o Mediterrâneo ([Js 15.2-12](#)). As cidades de Judá estão listadas em suas quatro regiões: 29 no Neguebe (vv. [21-32](#)), 42 cidades na Sefelá (ou encostas ocidentais) e planícies costeiras (vv. [33-47](#)), 38 cidades na região montanhosa ([15.48-60](#)), e 6 cidades no deserto (vv. [61-62](#)). Judá não conseguiu tomar Jerusalém (v. [63](#)) até que Davi a fez sua capital (cf. [Jz 1.21](#); [2Sm 5.6-16](#)).

Efraim e Manassés, [16.1-17.18](#)

Essas duas tribos, descendentes de José, foram ricamente abençoadas (cf. [Gn 48](#); [49.22-26](#); [Dt](#)

[33.13-17](#)) e alcançaram destaque entre as tribos. Elas receberam uma porção como "a porção de José" ([Js 16.1](#)). Parte de Manassés já havia recebido um patrimônio a leste do Jordão ([13.29-31](#)). Os limites para Efraim e a metade oeste de Manassés eram de Betel ao Monte Gilboa no norte e do Jordão ao Mediterrâneo ([16.1-3](#)). Efraim recebeu a porção menor no sul (vv. [5-9](#)), mas não conseguiu expulsar os cananeus de Gezer. As clãs de Manassés são mencionadas, incluindo Zeloheade ([17.3-6](#); cf. [Nm 27.1-11](#); [36.1-12](#)), para distingui-las claramente das clãs de Manassés na Transjordânia. A região de Manassés oeste se estendia de Siquém ao Monte Gilboa ([Js 17.7-11](#)); mas Manassés, também, foi incapaz de expulsar completamente os cananeus (vv. [12-13](#)).

Embora tivessem recebido a maior porção da terra (mais de um terço), as tribos de José reclamaram. Eles sabiam que o Senhor os havia abençoado ([17.14](#)) e esperavam obter mais terras cultiváveis. Mas Josué os incentivou a usar a terra disponível cortando as florestas (vv. [15-18](#)). Quando expressaram preocupação realista sobre o poder militar dos cananeus, Josué os convocou a fazer sua parte na ocupação da terra.

Sete tribos, [18.1-19.51](#)

Os israelitas se reuniram em Siló para montar o tabernáculo (cf. [1Sm 1](#)). Naquele momento, sete tribos ainda não haviam recebido sua herança. Josué convocou cada tribo para designar três homens para inspecionar a terra. Quando retornaram, Josué lançou sortes no tabernáculo em Siló e dividiu a terra ([Js 18.3-10](#)). O território de Benjamim ficava entre Judá e Efraim (vv. [11-28](#)). A porção de Simeão estava no sul de Judá ([19.1-9](#)), resultando em sua absorção por Judá (cf. [Gn 49.7](#)). Zebulom ([Js 19.10-16](#)), Issacar (vv. [17-23](#)), Aser (vv. [24-31](#)) e Naftali (vv. [32-39](#)) receberam uma porção ao norte de Manassés na região da Galileia. Dã recebeu a sétima sorte e enfrentou dificuldades posteriormente, quando não conseguiu manter o território designado devido à pressão de Judá a leste e dos filisteus a oeste (vv. [40-48](#)). Eles migraram para o norte e encontraram as fontes do Jordão como uma região fértil ([Js 19.47](#); cf. [Jz 18](#)).

Conclusão, [19.49-51](#)

A conclusão é simétrica com o início ([Js 14.1-14](#)) no sentido de que Josué também recebeu um presente. Novamente, é mencionado que todas as divisões ocorreram na presença do Senhor, testemunhadas e executadas pelo sumo sacerdote Eleazar e Josué ([19.51](#); cf. [14.1](#)).

Cidades de refúgio e as cidades levíticas, [20.1-21.45](#)

De acordo com as instruções de Moisés, seis cidades levíticas foram designadas, três de cada lado do Jordão, como cidades de refúgio ([Nm 35.9-34](#); [Dt 4.41-43](#); [19.1-10](#)). O objetivo era fornecer "refúgio" (asilo) para aqueles que eram culpados de homicídio culposo, mas não haviam matado alguém intencionalmente. Esta prática não era para fornecer uma saída para alguém que fosse culpado, mas para permitir que o processo legal fosse concluído ([Js 20](#)).

Os levitas receberam por clã um total de 48 cidades, seis das quais também serviam como cidades de refúgio ([21.1-42](#)). Os levitas não podiam cultivar a terra porque dependiam dos dízimos do povo ([Nm 18.21-24](#)), mas tinham permissão para ter terras para pastagem. As dimensões da terra são dadas em [Números 35.4-5](#). Uma alocação especial é feita para os descendentes de Arão ([Js 21.9-19](#)), porque eles serviam como sacerdotes e suas 13 cidades estavam na região de Judá-Simeão, próximas ao templo de Jerusalém da era salomônica.

Com a alocação das cidades levíticas, a divisão da terra é concluída. A promessa da terra é cumprida ([21.43-45](#)). Deus é fiel! Esta seção enfatiza o cumprimento, o poder e a graça de Deus, pelos quais Israel entrou em seu descanso. No entanto, o livro de Josué também sugere a luta que ainda está à frente dos israelitas e o teste que, em última análise, eles falharão (cf. [Sl 95.11](#); [Hb 3.7-11](#)).

Retorno das tribos da Transjordânia, [22.1-34](#)

Josué despediu as duas tribos e meia com uma recomendação por sua lealdade às outras tribos e ao Senhor ([Js 22.1-4](#)), com um aviso para não sucumbirem à idolatria, mas para amarem o Senhor de acordo com a lei Deuteronomica, e com uma bênção (vv. [5-8](#)). No entanto, ao retornarem, eles ergueram um grande altar junto ao Jordão no lado ocidental. As outras tribos ouviram sobre isso e se reuniram em Siló (v. [12](#)). Eles sabiamente comissionaram Fineias, o filho do sumo sacerdote, com dez representantes das tribos, para investigar o assunto. A comissão acusou as tribos da Transjordânia de traição ([Js 22.15-20](#); cf. [Nm 25](#); [Js 7](#)).

A resposta das tribos de Transjordânia demonstrou sua preocupação com a unidade das tribos e com a adoração a Deus. Essas tribos temiam ser excluídas da comunhão do povo de Deus e construíram propositalmente um altar,

idêntico ao prescrito na lei, para demonstrar sua herança comum ([Js 22.21-30](#)). O altar não era para sacrifício ou adoração, mas funcionava como um símbolo da unidade do povo de Deus sob a aliança.

Fineias e os representantes tribais ficaram satisfeitos com a resposta e partiram com a certeza da presença de Deus ([22.30-31](#)). O relatório deles para as tribos levou à reconciliação de todas as tribos sobre este assunto. A narrativa conclui com uma menção ao nome dado ao altar: “É uma testemunha entre nós de que o SENHOR é Deus” (v. [34](#), NTLH).

Epílogo: A terra é um legado sagrado, [23.1-24.33](#)

Os dois últimos capítulos contêm os discursos de despedida de Josué para todos os líderes e para todo Israel.

Discurso aos líderes, [23.1-16](#)

Josué revisa o que o Senhor fez por Israel ao dar a terra às tribos. Ele demonstrou sua lealdade e continuará a estar com seu povo para que nenhum inimigo possa se opor a eles. Ele cumprirá todas as promessas pendentes, assim como já havia cumprido promessas anteriores. No entanto, eles devem perseverar em sua lealdade ao Senhor. A lealdade ao Senhor não está separada da lealdade à lei de Moisés. A apostasia será severamente punida, primeiro permitindo que as nações enredem Israel e depois consumindo-os em sua ira.

Exortação a Israel, [24.1-28](#)

A exortação termina com uma renovação da aliança em Siquém ([Js 24.1.25-28](#); cf. [8.30-35](#)). No antigo Oriente Próximo, era comum ao fazer um tratado (aliança) dar um breve resumo histórico do relacionamento das partes envolvidas. Josué revisou a história de Israel desde os patriarcas até a geração deles: patriarcas ([24.2-4](#)), Êxodo (vv. [5-7](#)) e conquista (vv. [8-13](#)).

A bondade, presença e lealdade de Yahweh eram evidentes para eles. Yahweh também esperava “fidelidade” de seu povo na forma de total lealdade, sem qualquer forma de idolatria ([Js 24.14-15](#)). Como chefe de sua família, Josué prometeu ser leal (v. [15](#)). O povo respondeu dando razões para serem leais ao Senhor (vv. [16-18](#)). Mas Josué os levou a um compromisso mais profundo, desafiando sua profissão de fé (vv. [19-20](#)), então registrando seu voto e erguendo uma pedra de testemunho contra eles (vv. [25-27](#)).

Fim de uma era, [24.29-33](#)

O livro começou com uma referência à morte de Moisés ([1.1-2](#)) e conclui com a morte e sepultamento de Josué ([24.29-30](#)) e de Eleazar, o sumo sacerdote (v. [33](#)). Isso marca o fim de uma era. O sepultamento dos ossos de José ([Js 24.32](#); cf. [Gn 50.25](#); [Êx 13.19](#)) em um terreno comprado por Jacó ([Gn 33.19](#)) reúne a esperança característica da época de Moisés e Josué.

Vea também Cidades de refúgio; Conquista e distribuição da terra; História de Israel; Josué (Pessoa) #1; Cidades levíticas.

Jota ou til

Uma expressão que Jesus utilizou no Sermão da Montanha.

Em [Mateus 5.18](#), *jota* é uma transliteração da letra grega iota. Originalmente, “jota” referia-se à letra hebraica *yod*, a menor letra. *Tio* é um sinal diacrítico usado em cima das letras. Os judeus usavam essa palavra para se referir às pequenas marcações que diferenciam certas letras hebraicas. Jesus usou ambos os termos para enfatizar a importância da lei. Ele disse que nem um jota ou til desapareceria da lei até que tudo fosse cumprido.

Jotão

1. O mais jovem dos 70 filhos de Gideão e o único sobrevivente do assassinato dos irmãos por Abimeleque em Ofra ([Jz 9.5](#)). Ao saber do plano de Abimeleque com os siquemitas, Jotão viajou para Siquém, o que levou à morte de seus irmãos. Ele se dirigiu ao povo do alto do Monte Gerizim, nas proximidades. Usando uma parábola, ele mostrou a ascensão de Abimeleque como rei e terminou sua crítica amaldiçoando seu meio-irmão ([Jz 8.31](#)) e o povo desleal de Siquém ([Jz 9.7](#)). Jotão então fugiu para Beer por temer a vingança de Abimeleque ([Jz 9.21](#)). Mais tarde, Deus cumpriu a maldição de Jotão. O povo de Siquém foi morto em uma revolta, e Abimeleque foi derrubado por uma mulher ([Jz 9.57](#)).

2. O décimo primeiro rei de Judá que reinou de 750 a 735 a.C. Ele era filho do rei Azarias (também chamado Uzias) de Judá e de Jerusa, filha de Zadoque ([2Rs 15.7](#); [2Cr 26.21](#); [27.1](#)). Ele foi o pai de Acaz. Jotão, aos 25 anos, ascendeu ao trono de Judá no segundo ano do rei Peca de Israel e governou por 16 anos em Jerusalém. No início, ele reinou com Azarias, que tinha lepra, como resultado por ter permitido cultos não-judaicos, até a morte de seu pai ([2Rs 15.5](#)). Jotão foi considerado um rei justo aos olhos do Senhor. No entanto, ele também falhou em purificar o templo de suas influências pagãs. Assim, o povo de Judá continuou em seus caminhos perversos ([2Cr 27.2-6](#)). Ele construiu:

- O Portão Superior do Templo
- Parte do muro de Ofel
- As defesas de várias cidades na região montanhosa de Judá ([2Cr 27.3-4](#))

Jotão também derrotou os problemáticos amonitas em batalha (v. [5](#)) e listou as famílias de Gade vivendo a leste do Jordão de acordo com suas famílias ([1Cr 5.17](#)). Ele foi sepultado em Jerusalém após sua morte ([2Cr 27.9](#)). Os profetas Isaías, Miquéias e Oseias estavam todos ativos durante seu reinado. Jotão é listado como um antepassado de Jesus Cristo na genealogia de Mateus ([Mt 1.9](#)).

Veja também Cronologia da Bíblia (Antigo Testamento); Genealogia de Jesus Cristo; História de Israel.

1. O segundo dos cinco filhos de Jadaí ([1Cr 2.47](#)).

Jotbá

Cidade natal de Harus, pai de Mesulemete, que foi a mãe do rei Amom de Judá ([2Rs 21.19](#)). Sua localização é incerta; no entanto, alguns a identificam com a cidade posteriormente chamada de Jotapata pelos romanos, situada a 9,7 quilômetros ao norte de Séforis (atual Khirbet Jefat).

Jotbatá

Local temporário de acampamento dos israelitas durante suas peregrinações no deserto, situado entre Hor-Hagidgade e Abrona ([Nm 33.33-34](#)). Mais tarde, após a morte de Arão, Israel viajou de Gudgodá para este lugar, conhecido por seus riachos de água ([Dt 10.7](#)).

Consulte também Peregrinações no deserto.

Jovens, Canção dos Três

Uma adição ao livro de Daniel que começa com a “Oração de Azarias”. A canção também é chamada de “Cântico dos Três Jovens.” *Veja* Daniel, Adições a.

Jozabade

1. Benjamita de Gederá e um dos militares que vieram apoiar Davi em Ziclague ([1Cr 12.4](#)).
2. Líderes e poderosos guerreiros da tribo de Manassés que se juntaram a Davi em Ziclague para lutar contra Saul ([1Cr 12.20](#)).
3. Um dos levitas que ajudou na administração das contribuições do templo em Jerusalém durante o reinado do rei Ezequias ([2Cr 31.13](#)).
4. Um dos chefes levíticos que generosamente deu animais aos levitas para a celebração da festa da Páscoa durante o reinado do rei Josias ([2Cr 35.9](#)).
5. Levita, filho de Jesua, e um dos que ajudaram Meremote, Eleazar e Noadia a fazer o inventário dos presentes e metais preciosos do templo durante os dias de Esdras ([Ed 8.33](#)).
6. Sacerdote e um dos seis filhos de Pasur que foi encorajado por Esdras a se divorciar de sua esposa estrangeira durante a era pós-exílica ([Ed 10.22](#)).

7. Um dos levitas que foi encorajado por Esdras a se divorciar de sua esposa estrangeira ([Ed 10.23](#)).
8. Um dos levitas que ajudou Esdras a ensinar ao povo a lei durante o período pós-exílico ([Ne 8.7](#)).
9. Um dos levitas que se mudou para Jerusalém e foi colocado no comando do trabalho do templo durante os dias de Neemias ([Ne 11.16](#)).
10. Nome alternativo para o filho de Simeate em [2 Reis 12.21](#).
Veja Jozacar.

Jozabade

1. O filho de Somer, que era servo do Rei Joás e mais tarde, junto com outro agressor, assassinou o rei em Milo ([2Rs 12.21](#)). Em uma passagem paralela, Jozabade é chamado de filho de Sinrite, a moabita ([2Cr 24.26](#)). O Rei Amazias, filho de Joás, eventualmente executou Jozabade pelo assassinato ([25.3](#)).
2. O segundo filho de Obede-Edom e membro de uma família levítica coraíta nomeada pelo Rei Davi para ser porteiro no Templo ([1Cr 26.4](#)).
3. Comandante militar benjamita que serviu sob o rei Josafá de Judá e comandou 180.000 homens em seu exército ([2Cr 17.18](#)).

Jozacar

Um nome alternativo para Jozabade, filho de Simeate, a amonita. Ele foi um dos servos reais que conspiraram contra o assassinato do rei Joás de Judá ([2Rs 12.21](#)). Ele também é chamado de Zabade em [2 Crônicas 24.26](#).

Veja Zabade.

Jozadaque

Filho de Seraías e um dos exilados levados por Nabucodonosor para a Babilônia ([1Cr 6.14-15](#)). Ele foi o pai de Jesua (também chamado Josué), o sumo sacerdote na Jerusalém pós-exílica durante os dias de Zorobabel ([Ed 3.2,8](#); [5.2](#); [10.18](#); [Ne 12.26](#); [Ag](#)

[1.1-14](#); [2.2-4](#); [Zc 6.11](#)). Jozadaque é também chamado de Jeozadaque.

Jubal

Um filho de Ada, esposa de Lameque, e descendente de Caim. A Bíblia diz que ele foi a primeira pessoa a tocar música e fazer instrumentos musicais como harpas e flautas ([Gn 4.19-21](#)).

Jucal

Um filho de Selemias que o Rei Zedequias enviou para solicitar oração por Judá ao profeta Jeremias ([Jr 37.3](#); [38.1](#)). Mais tarde, ele tentou matar Jeremias. Isso ocorreu porque Jeremias continuava a profetizar que os babilônios invadiriam Jerusalém. Jucal achava que as profecias de Jeremias desanimavam o povo e o exército ([38.1-6](#)).

Judá (Pessoa)

1. O quarto dos 12 filhos de Jacó ([Gn 35.23](#); [1Cr 2.1](#)) e o quarto filho de Lia e Jacó. Lia o chamou de Judá, que significa "louvor", porque estava animada por dar a Jacó outro filho ([Gn 29.35](#)). Judá teve cinco filhos:
 2. Er
 3. Onã
 4. Selá, nascido de Sua, a cananeia ([Gn 38.3-5](#); [1Cr 2.3](#))
 5. Os gêmeos Perez e Zerá por Tamar, sua nora ([Gn 38.29-30](#); [1Cr 2.4](#))

Ele finalmente estabeleceu sua família no Egito com seu pai e irmãos ([Êx 1.2](#)). Deus matou seus dois primeiros filhos, Er e Onã, em Canaã por causa de sua desobediência ([Gn 46.12](#)). Judá tornou-se o fundador de uma das 12 tribos de Israel ([Nm 1.26-27](#)).

Judá foi imprudente com Tamar ([Gn 38.6-30](#)). No entanto, ele demonstrou forte capacidade de decisão ao assumir a responsabilidade pessoal pela segurança de Benjamim no Egito e ao falar em

nome de seus irmãos diante de José ([Gn 44.14-18](#)). No momento da bênção de Jacó, Judá recebeu privilégios de primogenitura. A família de Judá lideraria a família de Jacó, e o Messias prometido da aliança de Abraão seria um judaíta ([Gn 49.8-12](#)). Mais tarde, a família de Judá foi elogiada na época do noivado de Rute com Boaz ([Rt 4.12](#)), e tanto as linhas davídicas de reis ([1Cr 2.1-15](#); [3.1-24](#)) quanto Jesus Cristo eram judaítas ([Mt 1.2-3](#); [Lc 3.33](#)).

Veja também Genealogia de Jesus Cristo; Judá, Tribo de.

1. O pai de uma família de levitas que ajudou Jesua, o sumo sacerdote, na reconstrução do templo durante o período após o exílio na Babilônia ([Ed 3.9](#)). Ele também é chamado de Hodavias em [Esdras 2.40](#) e Hodeva em [Neemias 7.43](#).
Veja Hodavias #4.
2. Um dos levitas que foi encorajado por Esdras a se divorciar de sua esposa não judia ([Ed 10.23](#)).
3. Benjamita, filho de Senua, que foi o segundo em comando sobre a cidade de Jerusalém durante os dias de Neemias ([Ne 11.9](#)).
4. Um dos líderes dos levitas que retornaram com Zorobabel e Jesua para Judá após o exílio na Babilônia ([Ne 12.8](#)).
5. Um dos príncipes de Judá que ajudou a dedicar o muro de Jerusalém durante o período após o exílio na Babilônia ([Ne 12.34](#)).
6. Um dos sacerdotes que tocou um instrumento musical na dedicação do muro de Jerusalém durante os dias de Neemias ([Ne 12.36](#)). Ele talvez seja idêntico ao #5 acima.
7. Filho de José, pai de Simeão e um ancestral de Jesus Cristo ([Lc 3.30](#)).
Veja Genealogia de Jesus Cristo.

Judá, Tribo de

Uma das doze tribos de Israel.

Território Geográfico

As fronteiras de Judá estão bem definidas em [Josué 15](#), que descreve a herança da tribo após a Conquista. [2Rs 23.8](#) descreve Judá como se estendendo de Geba a Berseba: Geba está a cerca de 8 milhas (13 quilômetros) ao norte de Jerusalém, e Berseba a cerca de 40 milhas (64 quilômetros) ao sul. Judá, portanto, ocupava uma faixa de terra montanhosa na espinha central do sul da Palestina, cerca de 50 milhas (80 quilômetros) de norte a sul e 20 milhas (32 quilômetros) de leste a oeste. Dessas 1.000 milhas quadradas, metade era deserto (ao sul e leste); o restante era pedregoso e não bem irrigado. A cordilheira central, sobre a qual estão situadas as cidades de Jerusalém, Hebrom e Berseba, eleva-se a mais de 3.000 pés (914 metros) em alguns lugares antes de se afunilar no deserto ao sul. Ao longo dessa cordilheira, conectando essas cidades, corre a estrada principal. A leste, a cordilheira desce abruptamente para o Mar Morto, quase 5.000 pés (1.524 metros) abaixo. A oeste, desce menos acentuadamente para as "terras baixas", na verdade um planalto de cerca de 1.000 pés (305 metros) de altura, antes de descer para a planície filisteia, que se estende até o mar.

Judá propriamente dito (Jerusalém foi uma adição posterior) era remoto e seguro em suas colinas. Seu verdadeiro centro e capital era Hebrom, a 3.500 pés (1.067 metros) de altitude. Somente ao norte era vulnerável a atacantes marchando para o sul ao longo da estrada da cordilheira. No entanto, três grandes vales subiam das terras baixas ocidentais para as colinas: o vale de Aijalom, o vale de Soreque e o vale de Elá. Batalhas ocorreriam ao longo desses vales desde os dias de Josué até o tempo de Davi e muito depois. As poucas estradas para o leste (a que vai de Jerusalém a Jericó é a mais conhecida) não eram tão importantes, embora tenha sido por essa "porta dos fundos" que Josué invadiu a região montanhosa ([Js 10.9](#)). Judá estava, assim, geograficamente bem fora do fluxo principal da vida israelita, já que apenas o território de Simeão ficava ao sul.

A área ocupada por Judá se divide facilmente em três regiões naturais: a cordilheira central, densamente povoada, especialmente em seu lado oeste, onde a chuva e o orvalho eram mais abundantes; as encostas orientais, quase desabitadas e em sua maioria desérticas; e a região pastoral ao sul em torno de Berseba, onde as montanhas se transformam em pradarias secas, com assentamentos esparsos por toda parte.

Economia

Para Israel, a Palestina era uma terra que manava leite e mel ([Nm 13.27](#)). Metade de Judá poderia ser deserto, mas o restante tinha solo razoavelmente bom, e nas encostas ocidentais a chuva geralmente era adequada. Trigo, cevada, azeitonas, figos e, especialmente, vinhedos, cresciam livremente. A terra poderia ser pedregosa, mas as pedras podiam ser coletadas e usadas para muros e construções. Embora não fosse tão rica quanto os grandes vales do norte, como Jizreel, Judá ainda era um bom país de agricultura mista, embora exigisse trabalho árduo. Ovelhas e cabras eram abundantes, o que significava lã e leite. Gado provavelmente era mais raro; Judá não era um país de gado como Basã ([Nm 32.1](#)). Lã significava tecido, e couro significava couro. Naquela época, as colinas eram florestadas, o que significava combustível e materiais de construção. Argila para cerâmica estava prontamente disponível para utensílios domésticos. Cobre vinha de Edom no sul, e ferro da Filístia no oeste; estes podiam ser obtidos trocando produtos agrícolas. Quer percebessem ou não, Deus havia agido graciosamente com o povo de Judá ao lhes dar recursos adequados. No entanto, o clima era revigorante: um inverno frio e úmido, com neve e granizo às vezes, e um longo verão sem chuva, com baixa umidade e noites frescas. Isso trazia orvalhos pesados nas encostas orientais ([Jz 6.38](#)), e a preciosa água da chuva era conservada em cisternas escavadas na rocha ([Jr 2.13](#)). Riachos permanentes de qualquer tamanho não existiam em Judá, mas nascentes ou “poços” eram abundantes, de Jerusalém a Berseba. Foi somente quando Judá se envolveu na vida econômica do império comercial de Salomão que seu simples padrão de vida mudou; mesmo assim, a mudança nas colinas de Judá foi muito menor do que em outros lugares. Judá não tinha porto próprio e não controlava rotas de caravanas ricas. Não tinha matérias-primas cobiçadas, como o cobre de Edom ou os cedros do Líbano; nenhum produto de luxo para comércio, como o corante púrpura da Fenícia ou o ouro de Ofir; nenhuma terra exuberante para tentar a cobiça dos outros. Na misericórdia de Deus, as tentações de Judá eram poucas. Sua fé também era menos suscetível à corrupção: comparativamente poucos cananeus haviam se estabelecido nesta área, enquanto a Conquista havia sido mais completa no sul do que no norte.

História e significado

As primeiras bênçãos sobre Judá estão registradas em [Gn 49.8-12](#) e [Dt 33.7](#). Após o êxodo, a tribo de

Judá ocupou o primeiro lugar no arranjo de acampamento no deserto ([Nm 2.3](#)). Calebe, um dos dois espiões fiéis, era um chefe tribal de Judá ([Nm 13.6](#)). Na invasão de Josué à Palestina, as terras altas atribuídas a Judá foram as primeiras a serem limpas dos cananeus, após os combates iniciais em torno de Jericó e Ai ([Js 6; 8](#)). O livro de Josué é um resumo de toda a campanha.

Após a morte de Josué, Simeão e Judá continuaram a luta contra os cananeus e marcharam juntos contra a região montanhosa do sul, liderados por Calebe e Otniel. Embora o presente de Deus para Judá fosse toda a terra a oeste até o mar, Judá não conseguiu conquistar nada além das colinas. A planície era controlada por carros protegidos por ferro e cidades fortificadas. O rei de Jerusalém foi morto e Jerusalém foi queimada ([Jz 1.8](#)), mas os jebuseus continuaram a ocupar a área até os dias de Davi (v [21](#)). Os homens de Judá, como outros israelitas, podiam queimar cidades cananeias, mas geralmente não ocupavam os antigos locais. Sob os juízes, a tribo de Judá ainda estava isolada, embora Otniel fosse de Judá (cap [3](#)). Na grande batalha contra Sísera, Judá nem sequer é mencionado (cap [5](#)). Esse isolamento tribal logo foi perdido, primeiro através das invasões filisteias do oeste, e depois pela captura de Jerusalém por Davi e a colocação da capital nacional e religiosa ali. Embora em [Jz 15.11](#) os homens de Judá estejam preparados até mesmo para entregar Sansão aos filisteus, com Samuel como juiz, tudo muda. A arca retorna ([1Sm 7.1](#)); o território perdido é recuperado (v [14](#)). De fato, os filhos de Samuel atuam como juízes em Berseba ([8.2](#)), embora sejam corruptos.

Davi finalmente quebra o poder dos filisteus em uma série de vitórias e governa como rei primeiro em Hebrom, a principal cidade de Judá ([2Sm 2.1-4](#)). Quando ele é coroado rei de todo Israel, no entanto, ele move a capital para a recém-conquistada Jerusalém, na fronteira norte da tribo de Judá ([5.6-10](#)). Aqui a arca seria trazida (cap [6](#)), e aqui Salomão construiria o templo ([7.13](#)). Todas as promessas de Deus a seguir se concentrarão em Jerusalém, no templo e na linhagem de Davi. Mais importante, o Messias viria de Judá ([Gn 49.10](#)).

A divisão entre as tribos do norte e do sul começou na vida de Davi, após a revolta de Absalão ([2Sm 20.1](#)); após a morte de Salomão, a ruptura tornou-se completa ([1Rs 12.16](#)). Daí em diante, por 200 anos, até a queda do reino do norte em 722 a.C., havia dois pequenos reinos lado a lado: um maior no norte e leste, chamado Israel (as “dez tribos” de

[1Rs 11.35](#)), e um menor no sul, chamado Judá. Com isso, a história de Judá como tribo praticamente chega ao fim, pois embora ainda chamada pelo antigo nome tribal, este pequeno reino era realmente uma “Grande Judá”. Agora continha não apenas a antiga tribo de Judá, mas também o território de Jerusalém recém-conquistado dos jebuseus, parte do antigo país dos filisteus, e as tribos de Benjamim e Simeão, bem como muitos levitas ([2Cr 11.14](#)) e outros “leais” do norte. De fato, a partir de agora, “tribo” tinha muito menos significado do que antes; era mais importante onde uma pessoa vivia do que de qual tribo ela era, embora, dentro da família, as origens tribais continuassem a ser lembradas. Por mais 250 anos, o pequeno reino de Judá persistiu sozinho. Mesmo após o exílio, foi a pequena província de Judá que emergiu sob Neemias ([Ne 1.2-3](#)), e a Judeia ainda permaneceu como um distrito nos dias do NT ([Lc 3.1](#)). De fato, a grande maioria dos judeus posteriores era da tribo de Judá, como o próprio nome “judeu” mostra. Mas a principal glória da tribo de Judá, agora como sempre, era que a casa de Davi surgiu dela. Quando Jesus Cristo nasceu, ele seria da linhagem de Davi e da tribo de Judá. Assim é que em [Ap 7.5](#), quando 12.000 são selados de cada tribo, Judá tem lugar de destaque na lista, como tinha em Números ([Nm 2.3](#)) há tanto tempo.

Veja também Judá (Pessoa) #1.

Juda* (Pessoa)

1. Ortografia alternativa na KJV para Judas, o irmão de Jesus, em [Marcos 6.3](#). Judas também é chamado de Jude (na KJV) em [Judas 1](#). *Veja* Judas (Pessoa).
2. Ortografia alternativa de Jodá, o filho de Joana, em [Lucas 3.26](#). *Veja* Jodá.
3. Ortografia alternativa de Judá, o filho de José, em [Lucas 3.30](#). *Veja* Judá (Pessoa) #8.
4. Ortografia alternativa de Judá, o filho de Jacó, em [Lucas 3.33](#). *Veja* Judá (Pessoa) #1.
5. A grafia alternativa para a tribo de Judá ([Hb 7.14](#); [Ap 5.5](#); [7.5](#)). *Veja* Judá, Tribo de.

Judaísmo

Religião e cultura do povo judeu desde o início do período pós-exílico (538 a.C.) até os tempos modernos. O termo “judaísmo” é derivado de “Judá”, o nome do reino do sul do antigo Israel,

enquanto “judeu” é uma forma abreviada de “judeano”.

O período do Segundo Templo (515 a.C. – 70 d.C.)

Levantamento histórico

O reino unido de Israel sob Saul, Davi e Salomão chegou ao fim logo após a morte de Salomão. Roboão, seu filho, provocou uma revolta por volta de 930 a.C. por parte das 10 tribos do norte, cobrando impostos excessivamente altos ([1Rs 12](#)). Daquele momento em diante, os reinos de Israel (ou Samaria, o reino do norte) e Judá (o reino do sul) mantiveram uma existência separada. O reino do norte caiu diante dos Assírios em 722 a.C., e milhares de cativos, principalmente membros do clã superior, foram exilados à força e levados para Assíria, onde presumivelmente se casaram com a população nativa e desapareceram da história. O reino de Judá sobreviveu como um estado independente até 597 a.C., quando ficou sob o controle dos babilônios sob Nabucodonosor. O templo foi finalmente destruído em 586 a.C. e muitos cativos foram levados para a Babilônia, começando um período de exílio que duraria duas gerações. Os babilônios foram derrotados por Ciro, o persa, em 539 a.C., e no ano seguinte, o rei emitiu um decreto permitindo que todos os povos cativos retornassem para as terras de sua origem ([2Cr 36.22-23](#); [Ed 1](#)). Pelo menos quatro ondas de expatriados judeus voltaram da Mesopotâmia para a Judeia durante o século após o decreto de Ciro, sob líderes como Sesbazar, Zorobabel, Esdras e Neemias. Muitos judeus, no entanto, escolheram permanecer em sua terra natal adotada na Mesopotâmia. A dedicação do segundo templo na primavera de 515 a.C. forneceu um fim formal para o período exílico de 70 anos ([Jr 29.10](#)), e foi um resultado direto das exortações proféticas de Ageu e Zacarias.

Na Judeia, o povo judeu era governado por homens que exerciam funções de acordo com a vontade do rei persa. Um dos governadores anteriores era Zorobabel ([Ag 1:1](#); [2.1-2](#)), um descendente de Davi ([1Cr 3.10-19](#)). De certa forma, ele compartilhava o governo com o sumo sacerdote Jesua, filho de Jozadaque. A Palestina fazia parte de uma das 20 satrapias do Império Persa, que durou de 539 a 331 a.C., quando caiu diante dos gregos sob Alexandre, o Grande. Pouco se sabe sobre os desenvolvimentos históricos na Palestina durante a maior parte do período persa. Quando Alexandre morreu em 323 a.C., seu império foi dividido entre

seus generais; o Egito e a Palestina caíram diante de Ptolomeu I. Os Ptolomeus eram déspotas benevolentes que permitiam aos judeus da Palestina uma medida de liberdade e autonomia. Após a batalha de Paneion em 198 a.C., a Palestina ficou sob o governo do Império Selêucida, fundado por Seleuco I, outro dos generais de Alexandre.

O Império Selêucida abraçou uma área muito grande com uma população diversificada, que se estende da Ásia Menor e da Palestina no oeste até as fronteiras da Índia no leste. Antíoco IV (Epifânio) ascendeu ao trono selêucida em 175 a.C. e tentou unificar seu vasto império helenizando-o (isto é, forçando a adoção da língua e da cultura gregas). As civilizações e religiões locais foram suprimidas à força como resultado desta política, e o estado judaico na Palestina foi talvez o mais atingido de todos. Em 167 a.C. Antíoco IV dedicou o templo em Jerusalém a Zeus olímpico, sacrificou uma porca no altar, destruiu pergaminhos que continham as Escrituras judaicas e proibiu o rito da circuncisão. Esta repressão desencadeou uma revolta liderada por um sacerdote idoso chamado Matatias e seus filhos. Os selêucidas foram repelidos, e finalmente, em 164 a.C. o templo foi retomado pelo filho de Matatias, Judas, o Macabeu (um epíteto que significa “o martelo”). Esta vitória judaica vem sendo comemorada anualmente pelo festival de Chanucá (“dedicação”). Judas e seus irmãos, chamados Macabeus ou Asmoneus (Matatias era da casa dos Asmoneus), e seus descendentes governaram a Judeia de 164 a 63 a.C., quando a Palestina caiu diante do general romano Pompeu. Depois disso, a Palestina permaneceu um território vassalo de Roma.

Hircano, um Asmoneu, foi sumo sacerdote após a conquista da Judeia pelos romanos, embora Antípatro (um idumeu) fosse o verdadeiro poder por trás de Hircano. Os filhos de Antípatro, Fasaél e Herodes, eram governadores de Jerusalém e da Galileia, respectivamente. Após o assassinato de Antípatro em 43 a.C., e através de suas conexões em Roma, Herodes (mais tarde chamado de Herodes, o Grande) foi nomeado rei da Judeia pelo senado romano; ele reinou de 37 a 4 a.C. Quando ele morreu, a Palestina foi dividida pelo imperador Augusto (27 a.C. a 14 d.C.) e colocada sob o governo de três dos filhos de Herodes: Herodes Arquelau (etnarca da Judeia, Iduméia e Samaria de 4 a.C. a 6 d.C.), Herodes Antipas (tetararca da Galileia e Pereia de 4 a.C. a 39 d.C.) e Herodes Filipe (tetararca de Batanéia, Traconites e outros pequenos estados de 4 a.C. a 34 d.C.). Esses territórios foram de forma geral colocados sob procuradores romanos depois

que os filhos de Herodes haviam morrido ou sido depostos. Por um breve período (41–44 d.C.), Herodes Agripa I, neto de Herodes, o Grande, governou virtualmente o mesmo território que seu avô. Após sua morte (narrada em [Atos 12.20–23](#)), seus territórios foram colocados sob procuradores romanos. A ganância e ineptidão desses procuradores provocaram a população judaica a se rebelar. A revolta judaica de 66–73 d.C. resultou na destruição do segundo templo pela décima legião romana sob Tito em 70 d.C. A revolta foi completamente suprimida em 73 d.C. quando mais de 900 judeus sitiados na fortaleza do deserto de Massada, perto do Mar Morto, cometeram suicídio em vez de cair nas mãos dos romanos. Esses eventos trágicos terminaram permanentemente o culto do templo e o sistema sacerdotal no judaísmo.

Desenvolvimentos sociais e religiosos

A conquista babilônica da Judeia e a destruição do templo salomônico em 586 a.C. produziram mudanças sociais e religiosas dramáticas na vida judaica. A interrupção do culto do templo causou um sério golpe no coração da religião israelita, uma vez que o templo de Jerusalém por si só era o lugar legítimo e divinamente nomeado para descarregar grande parte da exigência ritual da lei mosaica, principalmente o culto sacrificial. Mesmo os três festivais anuais de peregrinação, Sucot (Tabernáculos), Pessach (Páscoa) e Shavuot (Semanas) não poderiam mais ser observados por judeus piedosos que haviam permanecido na Judeia após 586 a.C. Quando, após 538 a.C. muitos exilados escolheram voltar para a Judeia, muitos outros decidiram permanecer em sua nova terra natal. Para estes, o culto do templo, mesmo quando restituído em 516 a.C., não poderia mais desempenhar um papel significativo em suas vidas religiosas.

Durante o período exílico e pós-exílico inicial, a instituição judaica singular da sinagoga (uma palavra grega que significa “lugar de reunião”) começou a evoluir. A sinagoga se tornou uma instituição tão popular e útil para as comunidades judaicas fora da Palestina que nos séculos após a dedicação do segundo templo, elas surgiram em toda a Palestina, muitas na própria Jerusalém. No final do período do segundo templo, a sinagoga havia vindo para desempenhar três funções importantes na vida judaica: servia como uma casa de oração, uma casa de estudo e um lugar de encontro. A adoração na sinagoga do primeiro século d.C. é ilustrada em [Lucas 4.16–30](#) e [Atos 13.13–42](#). O foco do serviço era uma leitura de uma

seleção da Torá (Lei de Moisés), então da Haftorá (Profetas). Essas leituras eram seguidas por uma homilia baseada nas Escrituras. Outros elementos na adoração da sinagoga do primeiro século d.C. incluíam a recitação de Shema (“Ouve, ó Israel”), uma combinação de passagens bíblicas, incluindo [Deuteronômio 6.4–9](#); [11.13–21](#) e [Números 15.37–41](#), e a Shemoneh Esreh (Dezoito Bênçãos) chamada Amidah (“em pé”) porque era recitada em pé. Os judeus também usavam franjas em suas roupas em obediência a [Números 15.38–39](#) ([Mt 23.5](#)), e filactérios em suas testas e braços esquerdos. Os filactérios são pequenas caixas contendo as porções das Escrituras recitadas em Shema; eles eram usados na realização literal do comando em [Deuteronômio 6.8](#). Arqueólogos descobriram filactérios do primeiro século nas ruínas de Massada.

Fora da Palestina, a Mesopotâmia se tornou o segundo centro mais importante do judaísmo. A comunidade judaica babilônica era conhecida como Golah (“cativo”), e seu chefe principal era chamado de Resh Galuta ou Exilarca (ambos os termos significam “líder do cativo”). No final do período exílico, os descendentes dos antigos cativos originais haviam esquecido o hebraico e haviam adotado o aramaico, a língua internacional do antigo Oriente Próximo e a língua irmã do hebraico, como sua primeira língua. Mesmo na Palestina, o aramaico era a principal língua falada. Assim, quando porções das Escrituras eram lidas nos serviços da sinagoga em hebraico, a maioria dos presentes era incapaz de entender o que era lido. Este problema foi resolvido fornecendo um homem intérprete (tradutor) que traduziria oralmente breves seções das Escrituras. Eventualmente, esses targumim (“traduções”) foram reduzidos a escrita, começando no segundo século d.C.

No primeiro século d.C., havia sido estimado que havia de quatro a sete milhões de judeus no mundo greco-romano, talvez três a quatro vezes a população da Palestina. Os judeus em terras fora da Palestina vieram a ser conhecidos coletivamente como a Diáspora (“espalhados”). Depois que os gregos dominaram o mundo mediterrâneo através de Alexandre e seus sucessores, o grego se tornou a língua comum em toda esta região. Assim como os judeus da Mesopotâmia falavam aramaico no lugar do hebraico, os judeus no mundo greco-romano começaram a falar grego. Em meados do terceiro século a.C., os judeus helenísticos começaram a traduzir as Escrituras hebraicas para o grego. Esta tradução, chamada Septuaginta (um

termo que significa “setenta”, baseado em uma lenda de que foi traduzida simultaneamente por setenta estudiosos judeus), continha um cânone das Escrituras mais extenso do que o reconhecido pelo judaísmo palestino. Isso reflete as atitudes mais liberais dos judeus helenísticos.

Durante o segundo século a.C., a maioria das principais seitas dentro do judaísmo palestino surgiu. Os chassídicos (“piedosos”) eram membros de uma associação religiosa que ajudaram os asmoneus na revolta contra os selêucidas ([1Mc 2.42](#); [7.13](#)), mas mais tarde se opuseram a eles quando eles reivindicaram direitos ao sacerdócio. Tanto os fariseus quanto os essênios podem ter sua origem nesta seita religiosa. Os saduceus talvez estivessem conectados a Zadoque, um sumo sacerdote nomeado por Davi. Os descendentes de Zadoque eram considerados como a única linhagem sacerdotal legítima; eles eram dedicados acima dos levitas em [Ezequiel 40–48](#). Os saduceus eram uma classe rica e aristocrática que monopolizava o alto sacerdócio. Eles não acreditavam em anjos, espíritos, vida após a morte ou a ressurreição ([Atos 23.8](#)), nem aceitavam a validade da lei oral desenvolvida pelos fariseus. Eles não deixaram escritos e desapareceram com a destruição do templo em 70 d.C.

Os fariseus (“separados”) aparecem pela primeira vez em nossas fontes no final do segundo século a.C. e estavam envolvidos principalmente em assuntos políticos. Eles representavam as pessoas comuns contra o tirânico governante asmoneu Alexandre Janeu (103–76 a.C.), que causou a morte de centenas de fariseus mortos em represália. No primeiro século d.C., os fariseus parecem inteiramente interessados em assuntos religiosos e eram notados pela observância escrupulosa da lei mosaica, como tradicionalmente interpretada. Por motivos de pureza ritual, eles se separaram de outros judeus que não eram tão escrupulosos e que poderiam contaminá-los. Os fariseus prosseguiram em grupos chamados Haberim (“associados”) nos quais eles eram isolados daqueles que eram relaxados religiosamente. Em seu zelo por permanecer fiéis à lei mosaica, os fariseus desenvolveram uma lei oral (mais tarde erroneamente atribuída a Moisés) que servia como uma cerca ao redor da Torá. Esta lei oral era uma interpretação e expansão dos 613 mandamentos na lei mosaica; foi finalmente compilada e reduzida à forma escrita como a Mishná (“ensino”) no final do segundo século d.C. Paulo ([Atos 22.3](#); [23.6](#); [26.5](#); [Fp 3.5](#)) e muitos outros cristãos primitivos foram convertidos do farisaísmo ([Atos 15.5](#)). O judaísmo

farisaico sobreviveu à destruição de Jerusalém em 70 d.C. para formar o judaísmo rabínico que dominou a vida religiosa judaica do segundo século até os tempos modernos.

Os essênios eram outra seita religiosa dentro do judaísmo que teve suas origens no segundo século a.C. Como os fariseus, os essênios estavam interessados principalmente em manter a pureza ritual na obediência à lei de Moisés. Os essênios viviam e trabalhavam na sociedade judaica; eles tentavam influenciar as pessoas pela vida simples e altruísta que eles seguiam. Alguns essênios também viviam em suas próprias comunidades, para as quais eles voltavam todas as noites após o trabalho. Havia numerosas facções religiosas dentro do judaísmo, e um desses grupos, que pode ter apenas tido conexões vagas com os essênios, estabeleceu uma comunidade na margem ocidental do Mar Morto. Este grupo se considerava o verdadeiro Israel e no deserto se preparava para a visita final de Deus, mantendo-se puro de toda contaminação. Muitos documentos escritos por membros desta seita foram descobertos em cavernas perto do Mar Morto, onde eles haviam sido escondidos pouco antes dos romanos destruírem o povoado. Esses documentos, os Manuscritos do Mar Morto, forneceram informações detalhadas sobre esta seita religiosa e suas crenças.

Os zelotes eram outra seita judaica, que pode estar relacionada com os sicários (“homens com punhal”). Este grupo de ativistas políticos desenvolveu-se de 6 a 66 d.C. Tendo somente a Deus como seu soberano, eles tentaram derrubar os romanos e aqueles que colaboraram com eles por meios violentos, incluindo assassinatos. Eles ajudaram a fomentar a revolta judaica de 66–73 d.C. e pereceram com Jerusalém em 70 d.C.

As classes sociais e status na Palestina do primeiro século d.C. eram determinados de acordo com as regras de pureza ritual. As classes superiores compreendiam membros do estabelecimento religioso, como os saduceus, escribas, fariseus e sacerdotes de Jerusalém. O Sinédrio era um corpo deliberativo que era formado por membros desses grupos. Para todos os propósitos práticos, não havia classes medianas. As classes inferiores consistiam principalmente do Am ha'aretz (“povo da terra”) — judeus que eram ignorantes da lei através da falta de educação e que não observavam escrupulosamente esses mandamentos com os quais estavam familiarizados. A atitude geralmente hostil dos fariseus em relação aos homens de Am

ha'aretz é expressa em [João 7.49](#): “Essa gente que não conhece a Lei está amaldiçoada por Deus.” (NTLH). Havia ainda outra classe social na Palestina do primeiro século, que pode ser designada como “intocáveis”. Este grupo era composto de samaritanos, cobradores de impostos, prostitutas, pastores, leprosos, gentios e talvez o pior de tudo, judeus que se tornaram gentios (p. ex., o filho pródigo de [Lc 15.11–32](#)). As regras de pureza ritual, como geralmente observadas, impediam qualquer forma de contato social entre as classes superiores e os intocáveis, e tornavam os contatos com os Am ha'aretz altamente indesejáveis. Neste contexto, o horror dos fariseus sobre a associação de Jesus com os cobradores de impostos e pecadores é completamente compreensível ([Mc 2.15–17](#)).

Uma consequência adicional deste critério religioso para determinar classes e status sociais era uma tensão desconfortável entre Jerusalém e as áreas rurais da Palestina, especialmente a Galileia, durante os últimos dois séculos do período do segundo templo. Aqueles em Jerusalém consideravam a Galileia como um lugar onde a ignorância da Torá era a regra ([Jo 1.46](#)). Jerusalém era principalmente um centro religioso, onde a principal indústria era o culto no templo. A população total de Jerusalém no primeiro século d.C. foi estimada em 25.000 a 40.000 pessoas. A maioria desses eram artesãos e artífices dedicados a construir e adornar o templo (ainda incompleto antes de ser destruído; veja [Jo 2.20](#)) ou sacerdotes e levitas envolvidos nas muitas atividades rituais do templo. Embora fosse esperado dos judeus que viajassem para Jerusalém para cada um dos três festivais de peregrinação anuais, este requisito provou-se difícil para os agricultores palestinos rurais.

Além disso, a porção exigida pelo mandamento mosaico estava apenas nos produtos da terra, não sobre salários ou bens trocados. Os agricultores rurais, portanto, carregavam o peso desta taxa e naturalmente se ressentiram da posição privilegiada dos artesãos urbanos, mercadores e sacerdotes que não eram obrigados a participar. A tentação de não dizimar os produtos da terra era muito grande, e muitos agricultores sucumbiam a ela. Seus produtos não dizimados não eram kosher, e assim deveriam ser evitados por aqueles, como os fariseus, que eram religiosamente escrupulosos. Além da primeira e segunda partes exigidas dos agricultores (a segunda parte tinha que ser gasta nas proximidades de Jerusalém), estima-se que as taxas de impostos romanas totalizavam de 10 a

15% da renda de um indivíduo. Os impostos religiosos, juntamente com os impostos romanos, somaram-se em uma taxa esmagadora de 25 a 30%. O fato de que os judeus finalmente se revoltaram contra seus opressores romanos em 66 d.C. não é difícil de entender. Ao longo do primeiro século d.C., de fato, pequenas revoltas na Palestina ocorreram com frequência previsível. Muitas delas ocorreram durante os três festivais de peregrinação anuais em Jerusalém, quando a população normal de 25.000 a 40.000 aumentou para 500.000 ou mais. Esses festivais forneciam oportunidades ideais para revoltas, e os romanos estavam especialmente alertas para tais eventualidades. Jesus foi morto durante um desses festivais de Páscoa, porque ele era suspeito de ser um revolucionário político ([Mc 15.26](#)).

O período do segundo templo forneceu o cenário para a ascensão e queda do apocalipticismo dentro do judaísmo. O Apocalipticismo (de uma palavra grega que significa “revelação”) era um tipo de escatologia (“relato dos eventos finais”) que assumia que as condições ideais não poderiam ser restauradas na terra a menos que Deus intervisse primeiro drasticamente para destruir o mal (especialmente os opressores estrangeiros) e vindicar os justos (Israel). Os visionários apocalípticos compuseram muitos documentos, chamados apocalipses, nos quais eles tentaram ler os sinais dos tempos e prever a vinda da visita de Deus. Uma vez que havia uma consciência generalizada de que a era da profecia havia terminado, esses apocaliptistas escreveram não sob seus próprios nomes, mas sob os nomes dos antigos dignitários israelitas, como Moisés, Abraão, Enoque e Esdras. Entre as expectativas mais significativas do apocalipticismo judaico estavam (1) a vinda de um Messias; (2) a vinda de um grande período de tribulação, às vezes chamado de misérias messiânicas; (3) a ressurreição dos justos; (4) o julgamento dos ímpios e a recompensa dos justos. As crenças apocalípticas provavelmente forneceram a motivação para a maioria — se não todas — das revoltas judaicas contra os romanos.

Algumas porções das Escrituras Hebraicas ainda estavam no processo de composição no início do período do segundo templo. Os últimos três livros proféticos — Ageu, Zacarias e Malaquias — foram escritos do final do sexto até meados do quinto século a.C. Rabinos posteriores expressaram a opinião de que o Espírito de Deus havia sido tomado de Israel quando esses profetas cessaram seus trabalhos. O Cronista termina seu trabalho referindo-se ao decreto de Ciro (538 a.C.), e tanto

Esdras-Neemias quanto Ester parecem ter sido escritos no quinto século a.C.

O período do segundo templo testemunhou não apenas a conclusão desses escritos que foram mais tarde considerados inspirados e de autoridade no judaísmo, mas também o reconhecimento completo de todos os 24 livros sagrados. Antes da destruição de Jerusalém em 586 a.C., a lei mosaica não havia sido observada com qualquer consistência (de acordo com [2Rs 22](#), havia sido perdida por um período de tempo desconhecido), nem os profetas clássicos sempre recebiam o reconhecimento apropriado. Mas depois de 586 a.C., a Torá assumiu uma posição de santidade inquestionável nas vidas e pensamentos do povo judeu, substituindo em muitos aspectos o culto do templo mesmo antes de sua dissolução final em 70 d.C.

As Escrituras judaicas são divididas em três seções, designadas por judeus com o acrônimo “Tanaque”: (1) Torá (“Lei” ou “Apocalipse”), (2) Nevi'im (“Profetas”) e (3) Kethuvim (“Escritos”). Afirma-se geralmente que, enquanto a Lei e os Profetas desfrutavam de status canônico antes do segundo século a.C., os Escritos foram finalmente declarados canônicos no conselho rabínico de Jamnia (ca. 90 d.C.), embora a historicidade disso seja contestada. Acredita-se que os rabinos tenham debatido se certos livros bíblicos deveriam continuar a fazer parte das Escrituras. Na realidade, o cânon judaico das Escrituras era totalmente definido a partir do uso tradicional no primeiro século a.C. A Lei consistia em cinco livros: Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio. Os Profetas consistiam em duas seções, os Profetas Anteriores (Josué, Juízes, Samuel e Reis) e os Profetas Posteriores (Isaías, Jeremias, Ezequiel e os 12 Profetas Menores). Os Escritos incluíam Crônicas, Esdras-Neemias, Ester, Jó, Salmos, Provérbios, Eclesiastes, Cântico dos Cânticos, Lamentações, Rute e Daniel. O número total de livros neste cânon é 24, idêntico ao cânon protestante de 39 livros, uma vez que Samuel, Reis, Crônicas, Esdras-Neemias e os 12 são contados como apenas um livro. O cânon alexandrino do judaísmo helenístico era mais extenso, e os livros extras (chamados apócrifos pelos protestantes) são todos encontrados no cânon católico romano do AT de 46 livros.

O período Talmúdico (73–425 d.C.)

Levantamento histórico

De acordo com a lenda judaica, quando os romanos estavam prestes a conquistar Jerusalém na revolta de 66–73 d.C., um proeminente fariseu, o rabi Yochanan ben Zakai, fingiu sua morte e seus discípulos tiveram permissão de levá-lo em um caixão para fora da cidade sitiada. O cenário mais provável é que ele recebeu permissão dos romanos para mover sua escola de Jerusalém para Jamnia, na costa da Palestina. O culto do templo e o sistema sacerdotal haviam desaparecido, e academias rabínicas como a de Rabi Yochanan se colocaram à enorme tarefa de reconstruir o judaísmo. O Sinédrio mais antigo foi reinstituído como a Bet Din (“Corte da Lei”), e Gamaliel II, um neto de Hilel, que havia presidido o antigo Sinédrio, se tornou seu líder com o título Nasi (“príncipe”), ou Patriarca. O patriarcado continuou até 425 d.C., quando o imperador Teodósio II aboliu o cargo após a morte do último patriarca, Gamaliel VI. Na Mesopotâmia, o judaísmo babilônico experimentou um renascimento que durou até o final do quinto século d.C. Este período foi chamado de Era dos Gueonim (“excelências”), em homenagem aos chefes das duas grandes academias rabínicas em Sura e Pumbedita. Foi lá que o grande Talmude Babilônico foi compilado no quinto século d.C.

Em 115 d.C., várias comunidades judaicas em todo o Mediterrâneo oriental, incluindo Egito, Chipre e Cirene, se revoltaram contra o imperador romano Trajano. Sem exceção, essas revoltas foram todas suprimidas pelas legiões romanas. Finalmente, quando o imperador Adriano estava à beira de fundar a nova cidade de Élia Capitolina no local da antiga Jerusalém, os judeus novamente se revoltaram em 132 d.C., liderados por um autoproclamado messias, Simão Barcoquebas, que era chamado de Bar-Kochba (“Filho de uma Estrela”) por seus seguidores como uma alusão à passagem messiânica em [Números 24.17](#). Bar-Kochba foi ajudado pelo famoso estudioso rabínico Aquiba. Esta revolta, embora inicialmente bem-sucedida, foi suprimida pelos romanos sob Júlio Severo em 135. Pouco tempo depois, Adriano emitiu um decreto banindo todos os judeus da nova Élia Capitolina.

Desenvolvimentos sociais e religiosos

Durante este período, o resultado de gerações de estudiosos rabínicos deu frutos com a compilação dos Talmudes Babilônicos e de Jerusalém. Os

sábios rabínicos conscientemente se viam como os herdeiros dos antigos profetas israelitas, que por sua vez eram os herdeiros da lei mosaica. Eles distinguiram conscientemente entre suas próprias interpretações legais da lei mosaica (que eles chamavam de Halacá, ou “andar”, isto é, um guia para a vida) e os comandos na própria Torá (chamada Mitvá, ou “mandamento”). A lei oral, desenvolvida através de gerações de debate rabínico, foi finalmente compilada e escrita através dos esforços do patriarca Judah ha-Nasi (Judá, o príncipe) (ca. 135–220 d.C.) durante o último trimestre do segundo século d.C. e ficou conhecida como Mishná (“ensino”). Este é uma organização tópica de debates rabínicos sobre assuntos como o sábado, primícias, sacrifícios e mulheres. A Mishná se tornou a base para mais debates rabínicos tanto na Palestina quanto na Babilônia. As decisões dos sábios que se desenvolveram após a escrita da Mishná foram compiladas por volta de 450 d.C. na Palestina e cerca de 500 na Babilônia. Este segundo estágio além da Mishná foi chamado de Gemará (que significa “conclusão” ou “repetição”). A Mishná e a Gemará babilônica compõem o Talmude Babilônico, enquanto a mesma Mishná com a Jerusalém ou Gemará palestina compreende o Talmude de Jerusalém. Ainda outro tipo de literatura rabínica é o Midrashim (“interpretações”), que seguem a ordem de um livro bíblico específico ou consistem em homilias sobre textos bíblicos específicos. Os Targums, traduções parafraseadas das Escrituras para a língua aramaica, finalmente vieram a ser escritos a partir do final do segundo século d.C.

Após a destruição do templo, o judaísmo rabínico se concentrou no significado religioso da Torá e na erudição elevada para o papel central que ainda desempenha no judaísmo. O judaísmo rabínico gradualmente exerceu sua influência sobre o judaísmo da diáspora sob a liderança inicial do Rabi Yochanan até que um tipo de ortodoxia rabínica emergiu durante o segundo século. O cristianismo era um dos principais inimigos ideológicos do judaísmo rabínico. A fim de remover os cristãos judeus de seu meio, os rabinos introduziram uma bênção adicional às dezoito bênçãos habitualmente recitadas nos serviços da sinagoga. Esta 19ª bênção era uma maldição sobre os *minim* (cristãos e outros hereges), que os cristãos judeus que frequentavam os cultos da sinagoga achavam impossível recitar. A linha foi firmemente desenhada entre o judaísmo e o cristianismo por este dispositivo, que foi empregado no final do primeiro século.

Veja também Manuscritos do Mar Morto; Essênios; Diáspora dos judeus; Primeira Revolta Judaica; Israel, História de; Judeu; Judá, Tribo de; Judaísmo; Fariseus; Filon, o Judeu Período Pós-exílico; Sinédrio; Talmude; Torá; Tradição; Oral, Tradição.

Judaizantes

Os judaizantes eram um grupo de cristãos judeus na igreja primitiva que ensinavam que os cristãos não judeus (gentios) eram obrigados a seguir os costumes religiosos judaicos. A palavra "judaizar" significa "viver de acordo com os costumes e tradições judaicas".

Na Bíblia, a palavra "judaizar" aparece apenas uma vez ([Gl 2.14](#) em versões mais literais). Neste trecho, Paulo confronta Pedro sobre tentar fazer com que os crentes não judeus sigam costumes judaicos. Paulo diz a Pedro: "Você é judeu, mas não está vivendo como judeu e sim como não judeu. Então, como é que você quer obrigar os não judeus a viverem como judeus?".

A principal preocupação de Paulo não era se as pessoas escolhiam seguir os costumes judaicos. Em vez disso, ele estava preocupado que algumas pessoas acreditassem erroneamente que precisavam seguir esses costumes para obter a salvação. Paulo ensinava que a salvação vem pela fé em Jesus, não por seguir os costumes judaicos.

O cristianismo primitivo como movimento judaico

Quando o cristianismo começou, a maioria dos cristãos eram judeus que aceitaram Jesus como o Messias (o líder escolhido por Deus). Mesmo as poucas pessoas não judaicas que se tornaram cristãs, como Nicolau de Antioquia, primeiro haviam se convertido ao judaísmo ([At 6.5](#)).

Neste momento, para se tornar judeu, uma pessoa precisava fazer três coisas:

1. Os convertidos do sexo masculino precisavam passar pela circuncisão;
2. Todos os convertidos precisavam realizar um banho ritual em água;
3. Todos os convertidos precisavam prometer seguir a lei de Moisés (613 regras religiosas) e os ensinamentos dos líderes religiosos judeus.

Para os cristãos judeus, seguir os costumes judaicos era normal e natural. Eles acreditavam que aceitar Jesus como o Messias tornava sua fé judaica mais completa, e não que a substituíva. Eles não viam o cristianismo como uma religião separada do judaísmo. Em vez disso, consideravam-no a forma mais verdadeira do judaísmo.

Esses judeus cristãos:

- foram circuncidados (seja quando bebês ou quando se converteram ao judaísmo);
- seguiam as leis alimentares judaicas (conhecidas como leis kosher);
- seguiam as regras judaicas para manter-se ritualmente puro;
- adoravam no templo em Jerusalém até que os romanos o destruíram em 70 d.C. ([At 3.1](#); [21.26](#));
- alguns continuaram a se reunir em sinagogas (veja [Tg 2.2](#)).

O cristianismo se espalha pelo mundo greco-romano

Embora o cristianismo primitivo tenha começado como um movimento judaico, ele se expandiu para o mundo greco-romano. A perseguição forçou os cristãos judeus a deixarem Jerusalém ([At 8.1](#); [11.19-24](#)). À medida que viajavam para novos lugares, compartilhavam o evangelho (as boas novas sobre Jesus). Filipe levou o evangelho para Samaria, onde muitos samaritanos se tornaram cristãos ([8.4-25](#)). No Dia de Pentecostes, muitos judeus de diferentes partes do mundo romano se tornaram cristãos ([2.5-11](#)). Quando esses novos crentes retornaram para suas casas, provavelmente compartilharam o evangelho lá. É provavelmente assim que as boas novas sobre Jesus chegaram a Roma, embora não saibamos ao certo.

O livro de Atos mostra como o cristianismo evoluiu de um pequeno grupo judaico em Jerusalém para uma fé que se espalhou por todo o mundo romano. Durante esse processo, muitos judeus rejeitaram o evangelho, enquanto muitos não judeus o aceitaram.

Uma grande mudança aconteceu em [Atos 10](#). Neste capítulo, Pedro compartilhou as boas novas sobre Jesus com um oficial militar romano chamado

Cornélio. Cornélio e todos em sua casa acreditaram nas boas novas e receberam o Espírito Santo. Os crentes judeus que estavam com Pedro ficaram surpresos porque Deus também deu o Espírito Santo a pessoas não judaicas ([At 10.45](#)).

Perguntas sobre circuncisão e outros costumes judaicos

À medida que mais pessoas não judias se tornavam cristãs, a igreja primitiva enfrentou uma questão difícil: as pessoas não judias precisavam se tornar judias antes de poderem se tornar cristãs?

Diferentes grupos deram respostas distintas para esta pergunta:

- O "partido da circuncisão" (um grupo de cristãos judeus) concordou. Eles acreditavam que as pessoas não judaicas deviam primeiro converter-se ao judaísmo e seguir todas as leis judaicas para se tornarem cristãs ([At 11.2](#); [Gl 2.12](#));
- Outros líderes como Pedro, Barnabé e especialmente Paulo discordaram fortemente. Eles acreditavam que pessoas não judias poderiam se tornar cristãs sem primeiro se tornarem judias.

Esse desacordo poderia ter dividido a igreja primitiva em dois grupos separados, mas isso não aconteceu. Lucas, o autor de Atos, narra a história de como a questão foi resolvida. Paulo e Barnabé fizeram uma viagem bem-sucedida para contar às pessoas não judaicas sobre Jesus ([At 13.1;14.28](#)). Quando retornaram à igreja em Antioquia, relataram que Deus havia possibilitado que pessoas não judaicas acreditassem em Jesus ([At 14.27](#)).

Mas alguns judaizantes do partido da circuncisão vieram da Judeia para Antioquia. Eles ensinavam que todos os homens devem ser circuncidados para serem salvos ([15.1](#)). Muitos cristãos judeus, como Paulo, já tinham sido fariseus. Os fariseus eram um grupo religioso judeu que enfatizava seguir cuidadosamente a lei de Moisés e as tradições orais. Alguns desses ex-fariseus insistiam que novos convertidos não judeus deviam ser circuncidados e seguir a lei de Moisés (v. [5](#)). Em outras palavras, eles queriam que as pessoas não judaicas se convertessem ao judaísmo antes de poderem se tornar cristãs.

O concílio de Jerusalém

Para resolver esse problema, Paulo e Barnabé foram a Jerusalém para se encontrar com os apóstolos e líderes da igreja ([At 15.4-12](#)). Tiago, que era irmão de Jesus, liderou essa importante reunião. Ambos os lados apresentaram seus pontos de vista.

Os líderes tomaram uma decisão que funcionaria para todos. Eles escreveram uma carta aos cristãos não judeus com três regras principais que deveriam seguir:

1. Não comer carne que foi oferecida a ídolos (deuses falsos);
2. Não comer carne que ainda contenha sangue;
3. Não se envolver em imoralidade sexual (vv. [23-29](#)).

Por que eles escolheram essas três regras? De acordo com a tradição judaica, Deus havia incluído essas regras em um acordo com Noé há muito tempo. Como Noé era o ancestral de todos os humanos, tanto judeus quanto não judeus, essas leis se aplicavam a todos.

No entanto, o acordo especial que Deus fez com Moisés e o povo de Israel (a aliança mosaica) aplicava-se apenas aos judeus. O Concílio de Jerusalém decidiu que apenas aquelas três regras se aplicavam a todos os cristãos. Os cristãos não precisam ser circuncidados, pois isso fazia parte da aliança mosaica.

Continua o conflito entre judaizantes e cristãos não judeus

No entanto, o conflito entre os judaizantes e os cristãos não judeus não terminou com a reunião em Jerusalém. As cartas de Paulo mostram que alguns membros do partido da circuncisão continuaram a causar problemas:

- Paulo resume brevemente os resultados do Concílio de Jerusalém para os cristãos da Galácia ([Gl 2.1-10](#)). Mas mesmo após o Concílio de Jerusalém, os judaizantes eram tão influentes que até Pedro e Barnabé pararam de comer com cristãos não judeus por um tempo. De acordo com as leis de pureza judaicas, comer com pessoas não judias tornava alguém religiosamente impuro;
- Paulo escreveu sua carta aos Gálatas porque membros do partido da circuncisão tinham chegado às igrejas na Galácia após sua partida. Eles convenceram alguns cristãos de lá de que precisavam ser circuncidados e seguir rigorosamente a lei de Moisés ([Gl 5.12](#); [6.13](#));
- Pelo menos alguns dos problemas enfrentados pela igreja de Corinto parecem ter sido causados por judaizantes ([2Co 11.12-15,22](#));
- Os judaizantes também influenciaram a comunidade cristã em Filipos ([Fp 3.2,3](#));
- Os judaizantes também parecem ter feito algum progresso na igreja em Colossos. Em [Colossenses 2.16,17](#), Paulo escreve: "Portanto, que ninguém faça para vocês leis sobre o que devem comer ou beber, ou sobre os dias santos, e a Festa da Lua Nova, e o sábado. Tudo isso é apenas uma sombra daquilo que virá; a realidade é Cristo".

Paulo se opõe aos judaizantes

Entre todos os primeiros apóstolos e anciãos, Paulo foi quem mais frequentemente se opôs à ideia de que pessoas não judias precisavam se tornar judias para serem cristãs. Sua própria conversão dramática ao cristianismo é descrita três vezes em Atos ([9.1-9](#); [22.6-16](#); [26.12-23](#)). Paulo ocasionalmente mencionou isso em suas cartas ([1Co 9.1](#); [15.8](#); [Gl 1.11-17](#)). Essa experiência convenceu Paulo de que as pessoas só podem ser salvas através da fé em Jesus. Se Jesus é o único

caminho para a salvação, então nenhum outro caminho (incluindo seguir a lei) poderia salvar as pessoas. Paulo entendeu que ser um judeu observante não o havia tornado justo diante de Deus ([Fp 3.2-11](#)). Apenas sua fé em Jesus fez isso.

Como o partido da circuncisão continuava a ensinar sua mensagem, Paulo precisou continuar explicando que somente a fé torna alguém justo diante de Deus. Esta é a principal mensagem em suas cartas aos Romanos e aos Gálatas.

O declínio do cristianismo de origem judaica

Com o tempo, o cristianismo judaico e o movimento dos judaizantes desapareceram gradualmente. A ideia de que cristãos não judeus devem primeiro se tornar judeus para serem cristãos também perdeu influência ao longo do tempo.

Jerusalém havia sido o centro do cristianismo judaico. Mas em 66-70 d.C., o povo judeu se revoltou contra o domínio romano. Pouco antes de os romanos destruírem Jerusalém e seu templo, muitos cristãos judeus deixaram a cidade. Eles foram para um lugar chamado Pella porque acreditavam que Deus os havia avisado para sair. Mais tarde, em 132-135 d.C., outra revolta aconteceu. Um líder judeu chamado Bar-Kochba liderou essa insurreição. Durante esse período, os cristãos judeus enfrentaram perseguição de seu próprio povo, que havia se juntado à revolta.

Após esses eventos, o cristianismo judaico tornou-se menos popular e eventualmente desapareceu. Quando isso ocorreu, o ensino dos judaizantes de que pessoas não judias devem se tornar judias para serem cristãs também chegou ao fim.

Veja também Atos dos Apóstolos, Livro de; Primeira revolta judaica; Gálatas, Carta aos; Conselho de Jerusalém; Judeu; Paulo, o apóstolo.

Judas

1. O filho de Simão, de sobrenome Iscariotes; um dos 12 discípulos de Jesus. A derivação de Iscariotes é incerta. É muito provável que tenha designado o lugar de seu nascimento, a cidade de Queriote. Sua casa de infância era talvez Queriote de Moabe, a leste do Jordão ([Jr 48.24](#); [Am 2.2](#)), ou Queriote-Hezrom do sul de Judá, também conhecido como Hazor ([Js 15.25](#)). Uma sugestão menos viável identifica Iscariotes com uma palavra aramaica que significa "assassino", uma palavra

eventualmente anexada ao nome de Judas por causa de sua traição a Jesus.

O nome de Judas Iscariotes, aparece por último na lista de discípulos ([Mt 10.4](#); [Mc 3.19](#); [Lc 6.16](#)), talvez indicando sua desonra nas mentes dos crentes posteriores, em vez de sua importância original entre os Doze. Durante o ministério público de Jesus, Judas administrava a tesouraria do grupo ([Jo 13.29](#)), do qual ele era conhecido por roubar dinheiro ([12.6](#)). Como um traidor, Judas foi contratado para entregar Jesus aos principais sacerdotes por 30 moedas de prata. Ele realizou este ato de traição identificando Jesus com um beijo no Jardim do Getsêmani ([Mt 26.14-47](#); [Mc 14.10-46](#); [Lc 22.3-48](#); [Jo 18.2-5](#)).

Várias sugestões foram oferecidas para explicar o ato traidor de Judas. (1) De acordo com seu zelo patriótico, Judas entregou Jesus às autoridades após perceber que seu Mestre não pretendia derrubar a ordem romana e estabelecer um estado judaico. (2) Judas acreditava que Jesus era o Messias e planejou sua prisão na esperança de incitá-lo a inaugurar seu reino. (3) Ele era um covarde que havia tramado a maldade desde o início do ministério público de Jesus. (4) Motivado por um impulso satânico, Judas traiu Jesus; no entanto, após reconhecer que ele foi enganado, por remorso, ele tirou sua própria vida. (5) Com orgulho ferido e ego humilhado das repreensões cáusticas de Jesus, Judas, originalmente um discípulo leal, se voltou contra ele. (6) Judas, movido por sua própria ganância, cedeu aos seus instintos egoístas, não percebendo que Jesus seria, conseqüentemente, julgado e morto; ao saber do resultado de sua traição, ele se arrependeu em desespero e cometeu suicídio.

Judas, desanimado com seu ato de traição, saiu e se enforcou em um terreno comprado com suas 30 peças de prata ([Mt 27.3-10](#)). [Atos 1.18](#) acrescenta horivelmente que seu corpo se arrebentou, cuspiendo seus intestinos; por esta razão, o campo foi chamado de “Campo de Sangue” ([Atos 1.19](#)). Matias mais tarde tomou o lugar de Judas Iscariotes, entre os Doze (v. [26](#)).

2. Filho de José e Maria, e o irmão de Jesus, Tiago, José e Simão ([Mt 13.55](#); [Mc 6.3](#)). Evidentemente, Judas e seus irmãos rejeitaram Jesus como Messias ([Jo 7.5](#)) até após sua ressurreição ([Atos 1.14](#)). Mais tarde, pensa-se, Judas escreveu a epístola chamada Judas.

3. Filho de Tiago e um dos 12 discípulos ([Lc 6.16](#); [Jo 14.22](#); [Atos 1.13](#)). Ele é identificável com Tadeu em [Mateus 10.3](#) e [Marcos 3.18](#). *Veja* Tadeu, O Apóstolo.

4. Galileu que liderou uma revolta judaica contra os romanos por causa do censo feito por Quirino em 6 d.C. Em [Atos 5.37](#), o fariseu Gamaliel mencionou Judas como um exemplo de quem tentou, sem sucesso, ganhar o apoio do povo judeu. Josefo o reconheceu como fundador do partido zelote judeu, um movimento revolucionário extremo que tentou derrubar o governo romano e restabelecer a autonomia judaica (*Guerra* 2.8.1).

5. Proprietário de uma casa ao longo da rua chamada Direita, em Damasco. Aqui, após sua conversão, Saulo (Paulo) encontrou alojamento e teve sua visão restaurada por Ananias ([Atos 9.11](#)).

6. Profeta e líder na igreja primitiva de Jerusalém. Judas, também chamado de Barsabás, foi escolhido com Silas para acompanhar Paulo e Barnabé até Antioquia, onde confirmaram a decisão do Conselho de Jerusalém sobre a igreja gentílica e posteriormente encorajaram seus fiéis ([Atos 15.22-32](#)). *Veja* José #12.

7. NTLH ortografia de Judá, o filho de Jacó ([Mt 1.2-3](#)). *Veja* Judá (Pessoa) #1.

Judas (Pessoa)

Irmão de Tiago e autor da epístola geral chamada Judas. Judas é o nome grego que vem do hebraico Judá. A maioria dos estudiosos acredita que este era o irmão de Jesus chamado Judas. *Veja* Judas #2.

Veja também Irmãos de Jesus; Carta de Judas.

Judas Barsabás

Veja Judas #6.

Judas da Galileia

Veja Judas #4.

Judas Iscariotes

Veja Judas #1.

Judas Macabeu

Veja Macabeu, Judas.

Judas Macabeu

Judas Macabeu foi o terceiro filho de Matatias. Ele liderou uma revolta judaica (uma luta pela liberdade) contra governantes estrangeiros em 166 a.C.

Seu sobrenome, Macabeu, pode vir de uma palavra aramaica que significa "o Martelador". Mais tarde, as pessoas usaram esse nome para toda a sua família. Sua família também é chamada de Hasmoneus. Eles ajudaram a liderar o povo judeu durante esse período.

Um líder forte contra a Síria

Judas Macabeu foi um dos grandes líderes militares na história judaica. Ele tinha apenas alguns milhares de seguidores, mas eles lutaram contra um exército muito maior da Síria. Esses exércitos foram enviados por um governante chamado Lísias, sob o comando dos generais Ptolemeu, Nicanor e Górgias. Eles seguiam ordens de Antíoco IV Epifânio. Ele ordenou "eliminar e destruir a força de Israel e o remanescente de Jerusalém; ...banir a memória deles do lugar, assentar estrangeiros em todo o seu território e distribuir sua terra" ([1Mc 3.35-36](#)).

Mesmo que os sírios tivessem mais de 40.000 soldados de infantaria e 7.000 cavaleiros, os combatentes judeus não desistiram. Eles disseram: "É melhor para nós morrer em batalha do que ver as desgraças de nossa nação e do santuário. Mas como for a vontade dele no céu, assim ele fará" (vv. [59-60](#)). [Primeiro Macabeus 4.1-25](#) registra sua vitória decisiva sobre Górgias, "Israel teve um grande livramento naquele dia" (v. [25](#)).

Purificação do templo e honra a Deus

Judas conquistou a paz de Lísias em 165 a.C. Em 164 a.C., seu exército tomou o controle de Jerusalém. Eles limparam o templo, removendo tudo que era usado para o culto a Zeus. Eles também reiniciaram os sacrifícios diários judaicos. Este evento importante é lembrado durante o festival judaico chamado Hanucá, também conhecido como a Festa da Dedicção ([Jo 10.22](#)).

Judas não parou de lutar. Ele protegeu a Judeia de inimigos próximos e se tornou um líder mais forte.

Ele também estendeu o controle judeu ao norte até a Galileia e ao leste até Gileade. Em 163 a.C., a Síria deu reconhecimento oficial à liberdade religiosa dos judeus. Como diz 1 Macabeus, Lísias disse ao seu povo: "Vamos chegar a um acordo com esses homens, ...e concordar em deixá-los viver de acordo com suas leis como faziam antes; pois foi por causa das leis que abolimos que eles ficaram irritados e fizeram todas essas coisas" ([1Mc 6.58-59](#)).

Da liberdade religiosa à independência política

A luta que começou com o pai de Judas, Matias, iniciou-se como um protesto contra a opressão religiosa. Com o tempo, tornou-se uma guerra por liberdade política. Para ajudar sua causa, Judas fez um acordo de amizade com Roma ([1Mc 8.1](#) e seguintes).

Mas as coisas mudaram quando **Demétrio I** se tornou o novo rei da Síria. Um judeu chamado **Alcimo** queria se tornar sumo sacerdote. Ele não apoiava Judas e apresentou falsas acusações contra ele a Demétrio.

Em resposta, Demétrio enviou Báquides e Alcimo com um exército para atacar Judas ([7.1](#) e seguintes). Eles tentaram enganar Judas e seus apoiadores, mas o plano falhou. Em vez disso, mataram 60 homens inocentes de um grupo fiel chamado Hasidim.

As últimas batalhas de Judas e sua morte

Então enviaram Nicanor, "que odiava e detestava Israel" ([1Mc 7.26](#)), com outro exército sírio. Judas também derrotou Nicanor e seu exército em 161 a.C. e "a terra de Judá teve descanso por alguns dias" ([1Mc 7.50](#)).

Mais tarde, Báquides e Alcimo retornaram com outro exército sírio. Judas e seus homens lutaram contra eles novamente. Mas desta vez, a maior parte de seu exército o havia deixado. Os judeus estavam em desvantagem numérica de 20 para 1. Judas foi morto na batalha em Alasa ([9.1](#) e seguintes). Israel ficou profundamente triste. O povo chorou: "Como caíram os poderosos, o salvador de Israel!" (v. [21](#)). Após a morte de Judas, seus irmãos Jônatas e Simão se tornaram os novos líderes dos Macabeus.

Judas, Carta De

Uma breve e categórica carta para uma igreja infiltrada por mestres que praticavam todos os tipos de mal moral. Judas revela a situação interna de uma comunidade judaico-cristã e também apresenta algumas grandes dificuldades para o intérprete cristão.

Resumo

- Autor
- Data, origem e destino
- Pano de fundo
- Propósito e ensino teológico
- Conteúdo

Autor

A Carta de Judas afirma que foi escrita por “Judas... [o] irmão de Tiago” ([1.1](#)). Muitos estudiosos entendem esta nomenclatura para designar Judas (grego “Judas”), irmão de Jesus, cujo irmão Tiago se tornou o líder da igreja de Jerusalém. Mas outros estudiosos pensam que talvez outro Judas o tenha escrito, ou algum autor posterior no espírito do líder que ele reverenciava. A hipótese de que outro Judas escreveu parece improvável, pois o apóstolo Judas ([Lc 6.16](#); [At 1.13](#)) é o filho de um certo Tiago, não um irmão de Tiago; além disso, [Id 1.17](#) parece distinguir Judas dos apóstolos. E uma vez que havia apenas um Tiago que era proeminente na igreja primitiva, o irmão do Senhor, seria difícil acreditar que alguns outros Judas também teriam um irmão chamado Tiago e usariam tal identificação no título; teria sido muito confuso. O título “irmão de Tiago” provavelmente significa que Judas era o irmão de Tiago de Jerusalém e, portanto, irmão de Jesus; ele não usou o título “irmão de nosso Senhor”, talvez, como disse Clemente de Alexandria, por modéstia.

A ideia de que um autor posterior escreveu usando o nome de Judas apresenta um grande problema: por que ele escolheria um nome tão desconhecido, em vez de Paulo, Pedro ou Tiago, e por que ele não usaria um título mais exaltado e autoritário? Devemos concluir que, apesar dos problemas de data e pano de fundo, Judas, o irmão do Senhor, escreveu esta carta.

Data, origem e destino

Sobre data, origem e destino, a carta não diz nada diretamente. Uma vez que o conteúdo da fé é

claramente definido ([Judas 1.3](#)) e os destinatários ouviram pessoalmente os apóstolos (que poderiam já ter morrido, v. [17](#)), a data provavelmente está entre 60 e 100 d.C.

Presumivelmente, Judas viajou (com sua esposa e família) para difundir a fé ([1Co 9.5](#)). Ao longo de suas viagens, ele pode ter estabelecido algumas igrejas — ou, pelo menos, ele provavelmente ensinou em várias igrejas locais. Pode ser que ele tenha ouvido falar de falsos mestres se infiltrando nessas igrejas e foi solicitado a escrevê-los esta epístola.

Judas pode ter escrito da Galileia em sua velhice, ou talvez ele tivesse voltado para Jerusalém. O melhor palpite que podemos fazer sobre os destinatários seria que eles eram membros de igrejas judaico-cristãs na Síria. Ainda assim, esses locais permanecem pouco mais do que suposições.

Pano de fundo

Três fatos sobre a Carta de Judas tornam seu pano de fundo difícil de reconstruir. Primeiro, é difícil ter certeza que tipo de heresia estava sendo combatida. Alguns estudiosos acreditam que este era o gnosticismo em sua forma inicial, e outros que se tratava simplesmente de um ensino infiltrado junto de erros éticos. Se os hereges fossem os gnósticos, eles acreditavam em uma hierarquia de anjos ou semideuses. Neste caso, eles provavelmente viam Jesus como sendo um degrau inferior no caminho para a salvação. Talvez eles também considerassem Deus como o criador inferior (o demiurgo) e falassem em querer servir ao Deus verdadeiro ([Judas 1.4](#)). Isso pode explicar o interesse em anjos e demônios (v. [8](#)) e a ênfase sobre a unidade de Deus (v. [25](#)). Mas provavelmente essas eram simplesmente pessoas que haviam encontrado uma maneira de racionalizar o comportamento imoral e zombavam imprudentemente dos poderes do mal. Não há evidência clara de que eles eram gnósticos, enquanto há muita evidência de que as pessoas transformaram a liberdade do evangelho em um pretexto para o pecado (por exemplo, [Rm 6](#); [1Co 5-6](#)). Esses mestres provavelmente negaram a Cristo ao falharem em seguir seu ensino ético, e sua blasfêmia contra os anjos (enquanto eles mesmos estavam profundamente em pecado) era outro pecado ético. Tal depravação é suficiente para explicar a carta; no entanto, sabendo que o erro doutrinário e ético muitas vezes andam de mãos dadas, não devemos descartar a possibilidade de

que algum erro doutrinário também estivesse envolvido.

Segundo, Judas nos surpreende citando dois livros apócrifos, Assunção de Moisés ([Judas 1.4](#)) e 1 Enoque ([Judas 1.14-15](#) cita 1 Enoque 1.9). Este fato e outras alusões no livro revelam que Judas e provavelmente seus leitores eram bem instruídos na literatura apócrifa judaica. Além disso, também mostra que Judas considerava os livros fora do cânone do AT como transmitindo verdadeiras tradições e profecia genuína. O fato de Judas aceitar esses livros não é surpreendente, uma vez que muitos livros apócrifos eram usados pelos judeus daquele período, ao lado do AT, como um tipo de literatura devocional. Os primeiros cristãos muitas vezes incluíam literatura apócrifa com livros canônicos como parte de suas Bíblias (às vezes eles também omitiam livros do Novo Testamento que ainda não eram considerados como autênticos, genuínos). O cânon das Escrituras do NT não estava firmemente estabelecido até o terceiro século, muito tempo depois que a epístola de Judas foi escrita.

É importante perceber que, embora Judas provavelmente acreditasse na historicidade dessas citações, o ensino da carta não depende dessa historicidade. Judas não escreveu sobre Moisés nem sobre Enoque, mas sobre como alguém deve se comportar em relação às autoridades ([Judas 1.8](#)) e o que Deus fará com os ímpios (v. [13](#)). As citações ilustram o ensino de Judas e provavelmente tiveram peso para seus primeiros leitores, mas o fato de serem apócrifos não deveria nos incomodar mais do que as citações de Paulo de escritores pagãos ou as alusões do escritor de Hebreus a 2 Macabeus ([At 17](#); [Tt 1.12](#); [Hb 11.35](#)). A autoridade das Escrituras repousa no ponto que o autor está afirmando.

Terceiro, Judas mostra um relacionamento tão próximo com o texto de [2 Pedro 2](#) que ou Judas é uma expansão do texto de 2 Pedro 2, ou então 2 Pedro 2 é uma abreviação de Judas. Palavras, frases e ilustrações são essencialmente idênticas nas duas obras. Embora seja difícil determinar quem pediu emprestado de quem, provavelmente o autor de 2 Pedro adaptou as fortes denúncias de Judas ao tom mais instrutivo de sua obra. Seria difícil imaginar alguém escrevendo Judas se 2 Pedro já existisse. Os cristãos não devem ter nenhum problema com este empréstimo, pois nenhum escritor das Escrituras acreditava ser tão original que ele não pudesse tomar emprestado de outras Escrituras, de hinos ou da literatura não canônica. Não é mais um

problema para Deus inspirar uma citação ou adaptação de outro escrito do que inspirar uma nova composição. De fato, algumas passagens nas Escrituras são repetições totais de outras (por exemplo, [Sl 18](#) e [2Sm 22](#)).

Propósito e ensino teológico

Judas descreve seu trabalho em termos de exortação ou encorajamento ([Judas 1.3](#)). Obviamente, ele queria fortalecer as igrejas contra os falsos mestres que estavam pervertendo o evangelho. Assim, ele repetidamente exortou os crentes a se apegarem ou guardarem sua pureza e o evangelho (vv. [3.20-21.24](#)). No entanto, ele não queria que os mestres fossem simplesmente expulsos, pois ele tinha esperanças de que os crentes seriam capazes de resgatar alguns deste perigo, embora o próprio resgate fosse um trabalho perigoso (v. [23](#)).

Ao formular sua exortação, o autor não produziu nenhuma nova doutrina; em vez disso, ele destacou algumas antigas: (1) Ele enfatizava a natureza ética do evangelho e a necessidade de manter a pureza na vida e na fala. (2) Ele mostrou uma alta consideração pela salvação por meio de Cristo e uma forte fé em um Deus. (3) Ele exigiu respeito pela autoridade, tanto temporal quanto espiritual (vv. [8-11](#)). (4) Ele tinha uma crença apocalíptica clara, enfatizando o julgamento final que se aproximava (vv. [14-15](#)) e afirmando que os últimos dias já haviam chegado (v. [18](#)). (5) Ele advertiu sobre a necessidade de perseverar na fé tanto doutrinária quanto eticamente (vv. [19-21](#)). (6) Ele demonstrou zelo para recuperar aqueles que haviam errado, pois eles estavam fora da graça de Deus (v. [23](#)).

Conteúdo

Saudação (1.1-2)

O autor se identifica humildemente como um servo de Jesus Cristo e dirige sua carta aos fiéis na igreja — aqueles que são amados, guardados e chamados por Deus e por Cristo.

Chamados para se manterem firmes na fé (1.3-4)

Judas estava planejando escrever a esses cristãos sobre “a salvação que todos compartilhamos” (v. [3](#)). Nunca saberemos qual instrução ele planejava dar, pois no meio de seus preparativos, ele ouviu notícias que o forçaram a mudar seus planos. Em vez disso, ele escreveu uma epístola em defesa “da

fé” — isto é, os verdadeiros ensinamentos apostólicos sobre Jesus Cristo que todos os crentes genuínos abraçam. Algumas pessoas haviam se juntado à igreja, talvez com segundas intenções, que eram perigosas para a igreja. Os cristãos devem lutar muito para manter puro o corpo de doutrina (o que significa ética, bem como teologia) que eles haviam recebido de Judas e dos apóstolos. Judas faz duas denúncias contra esses falsos crentes: (1) eles haviam pervertido a graça de Deus em licenciosidade, libertinagem, talvez ostentando abertamente pecados sexuais como um sinal da liberdade que eles tinham em Cristo (cf. [Rm 6](#); [1Co 5-6](#)); e (2) negaram o Senhor Jesus (por deixar de seguir seus ensinamentos).

Lembrete do julgamento de Deus (1.5-7)

Uma vez que os destinatários eram provavelmente cristãos judeus, eles haviam aprendido bem o AT e a tradição judaica. O autor escolheu três ilustrações dos resultados da apostasia: (1) O julgamento pode vir para aqueles que antes eram considerados como o povo de Deus (como aconteceu com aqueles que foram “salvos” do Egito, [Êx 32.28](#); [Nm 11.33-34](#); [14.29-35](#)). (2) A consequência da apostasia é a condenação eterna (como no caso dos anjos caídos de 1 Enoque 6-16 — essas ideias aparecem em outras tradições judaicas também). (3) A corrupção ética é, de fato, um tipo de apostasia e, portanto, merece a condenação (como no caso de Sodoma — [Gn 19](#); [2Pe 2.4-6](#)). O autor enfatizou a homossexualidade de Sodoma em vez de sua injustiça, que [Ezequiel 16.49](#) condena, então talvez o mau comportamento sexual fosse um problema para os falsos mestres. Essas três ilustrações deixam bem claro a gravidade dos problemas que a igreja estava enfrentando.

Denúncia de falsos mestres (1.8-16; cf. 2Pe 2.10-17)

Os falsos mestres alegavam ter recebido revelações em sonhos como base do seu mau comportamento. Seus pecados eram (1) impureza sexual (incluindo, mas não se limitando somente à homossexualidade); (2) rejeição da autoridade de Cristo (como incorporada em seu ensino ético); e (3) linguagem maligna sobre anjos (sejam bons, o que provavelmente é o caso, ou malignos). Esta última prática é mostrada como pecado por um exemplo em Assunção de Moisés: até mesmo um arcanjo repreendendo o próprio diabo não usaria a linguagem que esses mestres usavam sobre anjos. Mas uma vez que essas pessoas não eram espirituais, elas eram totalmente ignorantes sobre

o que insultavam (cf. [1Co 2.7-16](#)), mas elas eram especialistas em pecado corporal — como animais selvagens. Seu pecado estava destruindo-os.

Portanto, os mestres eram como Caim (a encarnação da violência, luxúria, ganância e rebelião contra Deus na tradição judaica), Balaão (que tentou ganhar dinheiro levando as pessoas ao pecado — [Nm 31.16](#); [Dt 23.4](#)) e Corá (que se rebelou contra a autoridade de Deus em Moisés — [Nm 16](#)). Eles também eram perigosos para os crentes, pois estavam transformando a refeição, que fazia parte da festa de amor e da Mesa do Senhor (Eucaristia), em uma orgia (cf. [1Co 11.20-22](#)), e assim corromperiam a prática do resto da igreja. Eles se importavam apenas com eles mesmos e estavam desprovidos dos verdadeiros dons espirituais de Deus (como nuvens sem água ou as árvores mortas do inverno, cf. [Lc 13.6-9](#)), estando prontos para a segunda morte (seu destino era tão certo que é visto como já aconteceu). Eles produziram apenas atos malignos; nisso eles são como os anjos caídos (as estrelas são consideradas anjos na tradição judaica — 1 Enoque 18.13-16; 21.1-10).

A profecia de Enoque em 1 Enoque 1.9 mostra a certeza de sua condenação. Originalmente, a profecia falava de Deus vindo em julgamento, mas Judas fez com que se referisse a Cristo, que para os cristãos é o juiz vindouro ([Mt 25.31](#)). Cristo virá com as hostes angélicas e fará justiça aos pecadores por seus pecados (tanto ações quanto palavras malignas). Essa profecia diz respeito às pessoas que resmungam ou culpam Deus, como Israel fez ([Êx 16.7-12](#); [17.3](#)); também se aplica às pessoas que fazem o que desejam, são faladoras, desbocadas, e ainda bajuladoras quando lhes é vantajoso.

Instruções para os fiéis (1.17-23)

Os cristãos fiéis devem se lembrar que os apóstolos (aqui significando os Doze, não o grupo mais amplo de apóstolos que incluía Paulo, Barnabé e outros) haviam previsto apenas tal situação quando estavam vivos: nos últimos dias haveria escarnecedores, que cometeriam qualquer ato ímpio que desejassem ([2Pe 3.3](#)). Esses falsos mestres são essas pessoas. Eles dividem a igreja, e embora afirmem ser espirituais e receber sonhos, são totalmente mundanos, pois não possuem o Espírito Santo. Os fiéis devem cuidar para permanecerem no amor de Deus e não escorreguem para a rebelião como fizeram esses hereges. Isso é feito (1) edificando a si mesmos (em

vez de causar divisões) com base na fé, no ensino apostólico e no exemplo; (2) orando no Espírito Santo ([Ef 6.18](#)), o que os afasta daqueles que não têm o Espírito; e (3) esperando com expectativa pela misericórdia que Jesus lhes mostraria no iminente Juízo Final (1 Enoque 27.3–4).

Contudo, os cristãos ainda precisam lidar com aqueles influenciados pelo falso ensino. Enquanto o texto grego aqui é muito incerto (não está claro se Judas tinha dois ou três grupos em mente), Judas provavelmente pretendia que a igreja agisse misericordiosamente contra aqueles que estavam vacilando sobre seguir o falso ensino, restaurar quanto possível dos seguidores do falso ensino como se os estivessem arrancando do inferno e, enquanto mantendo uma atitude misericordiosa (uma disposição para aceitá-los de volta rapidamente se eles tivessem se arrependido), evitar estritamente qualquer contato social com os impenitentes por medo do julgamento de Deus.

Bênção (1.24–25)

Judas fecha com uma doxologia muito parecida com a encontrada em [Romanos 16.25–27](#). No meio de muitos que sucumbiram na fé, Deus é louvado como aquele que é capaz de impedir que os crentes caiam, além de trazê-los em segurança para a sua própria presença. É a este que é o único Deus, nosso Salvador através de Jesus Cristo (ou seja, Deus nos salva por meio de Jesus) que os quatro atributos — glória, majestade, domínio e autoridade — pertencem, agora e para sempre.

Ver também Apostasia; Irmãos de Jesus.

Judeia, Judeus

Judeia era a terra onde o povo judeu vivia. O nome vem da tribo de Judá. Por volta de 538 a.C., muitos israelitas voltaram para casa após serem mantidos cativos na Babilônia. A maioria dessas pessoas era da tribo de Judá, então passaram a ser conhecidas como judeus. Sua terra passou a ser conhecida como Judeia.

A Judeia é uma área muito importante na Bíblia. Ela contém vários lugares significativos, incluindo Jerusalém e Belém. Muitos eventos da vida de Jesus ocorreram aqui.

O significado do nome "Judeia"

O nome "Judeia" aparece pela primeira vez em [Esdras 5.8](#). Naquela época, a Judeia fazia parte do

Império Persa. Mais tarde, quando os gregos tomaram o controle dos persas, a Judeia é mencionada no livro de 1 Macabeus ([1Mc 5.45; 7.10](#)). Quando os romanos governaram a área, eles juntaram a Judeia à sua província da Síria. Isso durou até cerca de 37 a.C., quando Herodes, o Grande, se tornou rei da Judeia. A palavra "Judeia" poderia significar coisas diferentes dependendo de como era usada. Às vezes, referia-se a toda a terra onde o povo judeu vivia na Palestina ocidental ([Lc 23.5; At 10.37; 26.20](#)). Escritores não religiosos dessa época, como Estrabão, Tácito e Filo, usavam "Judeia" dessa forma ampla. No entanto, na maioria das vezes, "Judeia" significava apenas a região sul da Palestina. As outras duas principais regiões eram a Galileia ao norte e a Samaria no meio.

A localização da Judeia

As fronteiras da Judeia mudaram ao longo do tempo. No entanto, sempre incluíam terras pertencentes a quatro tribos de Israel: Judá, Dã, Benjamim e Simeão. A fronteira entre a Judeia e a Samaria ao norte não era muito clara. Ao contrário de outras fronteiras, não havia características naturais de divisão como vales, rios ou mudanças no terreno. No entanto, os historiadores acreditam que a fronteira norte ia da cidade de Jope, no Mar Mediterrâneo, até um ponto no Rio Jordão. Este ponto ficava cerca de 16 a 19 quilômetros (10 a 12 milhas) ao norte do Mar Morto.

A fronteira sul da Judeia começava perto da costa, cerca de 11 quilômetros (sete milhas) a sudoeste de Gaza. De lá, passava pela cidade de Berseba e terminava no Mar Morto. A Bíblia nos informa que Berseba marcava o extremo sul da nação ([Jz 20.1](#)), então também marcava o extremo sul da Judeia. O Mar Morto formava a fronteira leste da Judeia, e o Mar Mediterrâneo formava sua fronteira oeste. A forma da Judeia era aproximadamente quadrada, com cada lado medindo cerca de 72 quilômetros (45 milhas) de comprimento.

A história da Judeia

A história da Judeia como uma região distinta começou em 539 a.C., durante o período persa. Nessa época, o rei Ciro da Pérsia permitiu que o povo judeu retornasse para casa e reconstruísse tanto o seu templo quanto a sua cidade sagrada de Jerusalém.

Mais tarde, de 334 a 167 a.C., os gregos tomaram o controle da área. Os Selêucidas, que governavam a partir da Síria, assumiram o poder. Eles eram

descendentes de um dos líderes militares de Alexandre, o Grande. Quando os Selêucidas tentaram impedir que o povo judeu praticasse sua religião, os judeus reagiram. Esta revolta foi liderada pela família Hasmoneana. Após conquistarem sua liberdade, o povo judeu governou-se por quase 100 anos, de 167 a 63 a.C.

Em 63 a.C., um líder romano chamado Pompeu assumiu o controle da terra. Mais tarde, Roma nomeou Herodes, o Grande, como rei da Judeia. Ele governou de 37 a 4 a.C. Após ele, seu filho Herodes Arquelau governou até 6 d.C.

Então, Roma começou a enviar governadores (chamados procuradores) para governar a Judeia, Samaria e Idumeia (uma região ao sul da Judeia). Este sistema durou até uma revolta judaica de 66 a 70 d.C. Houve uma exceção: de 41 a 44 d.C., Herodes Agripa I, neto de Herodes, o Grande, governou toda a Palestina.

Após o período do Novo Testamento, muitos grupos diferentes governaram a Judeia e o restante da Palestina:

- Roma controlou a região até 330 d.C;
- Então, o Império Bizantino assumiu o controle e governou até 634 d.C. Durante esse período, muitas igrejas cristãs foram construídas;
- De 607 a 629 d.C., os persas invadiram novamente. Eles destruíram muitas igrejas e mataram muitas pessoas;
- Em seguida, veio o período Árabe de 634 a 1099, quando governantes muçulmanos controlaram a Judeia;
- Os Cruzados assumiram o controle de 1099 a 1263. Eles eram cristãos europeus que desejavam retirar a Terra Santa do domínio muçulmano;
- Após a derrota dos Cruzados, os governantes muçulmanos retomaram o controle da área até 1917;
- Após a Primeira Guerra Mundial, a Liga das Nações concedeu à Grã-Bretanha a autoridade para governar a Palestina sob o Mandato Britânico;
- Em 1947, as Nações Unidas propuseram dividir a terra em um estado judeu e um estado árabe. Em 1948, o domínio britânico terminou e o Estado de Israel foi estabelecido;
- Como resultado das vitórias de Israel na Guerra dos Seis Dias, em junho de 1967, a Judeia foi capturada por Israel e está sob controle israelense desde então.

Veja também Diáspora dos judeus; Judaísmo; Palestina; Período pós-exílico.

Judeu

Judeia, pertencente a Judá. A forma curta da palavra em inglês (Jew) foi desenvolvida a partir do francês. A palavra hebraica subjacente é usada primeiro em [2 Reis 16.6](#) como um termo nacional, ou seja, cidadãos de Judá. Entrou em uso geral no período de Jeremias, pouco antes do exílio (final do sexto século a.C.; veja [Jr 32.12](#)). Reflete um crescente senso de identificação nacional entre

nações estrangeiras em um mundo internacional. Em [Jeremias 34.9](#), uma declaração sobre o princípio nacional de que um cidadão individual tinha o direito à liberdade da escravidão usa o termo “judeu”. Em [Jeremias 52.28](#), é usado de forma pungente ao fornecer o número de cidadãos deportados.

Uma vez que as pessoas estavam no exílio, o significado nacional do termo foi expandido como um significado religioso. Os judeus eram diferentes dos povos vizinhos porque eles preservavam uma tradição religiosa viva de um Deus verdadeiro. Desenvolveu-se uma polarização entre judeus e gentios. Assim, em [Daniel 3.8-12](#), certos judeus são acusados de se desviarem das práticas religiosas babilônicas aceitáveis. O livro de Ester está interessado no problema da identificação e sobrevivência judaicas em um ambiente estrangeiro hostil. [Ester 8.17](#) fala de gentios declarando-se judeus no sentido religioso de tornarem-se prosélitos.

Após o exílio, o significado fortemente religioso de “judeu” é expresso na profecia de [Zacarias 8.23](#) de que o judeu seria cortejado pelos gentios porque Deus estava com ele. Em [Esdras 4.12](#), o termo “judeus” é a designação nacional dos exilados que retornaram, como está no livro de Neemias (p. ex., [Ne 1.2](#); [4.2](#)). Em [Neemias 13.24](#), há uma consciência da exclusividade social dos judeus: por motivos religiosos, o casamento com estrangeiros é deplorado.

No NT, “judeu” continua a ter o mesmo significado nacional e/ou religioso. Culturalmente, os judeus têm costumes religiosos e outros que os documentos do NT dirigidos aos gentios consideram necessário explicar ([Mc 7.3](#); [Jo 5.1](#); [19.40](#)). Os judeus são contrastados com gentios ([At 11.19](#)), samaritanos ([Jo 4.9.22](#)) e prosélitos ([At 2.10](#)). Os cristãos judeus podem ser chamados de “judeus” ([Gl 2.13](#)), mas há uma ênfase crescente nas distinções religiosas entre judeu e cristão. Em [Romanos 2.17-29](#), Paulo fornece uma análise teológica interessante do termo “judeu”. Ele se esforça para enfatizar que o verdadeiro significado da palavra não está em uma profissão religiosa externa, mas em uma atitude interior a Deus. Paulo estava sem dúvida pensando na inadequação de sua própria vida como judeu antes de ser convertido à fé cristã (cf. [Fp 3.3-6](#)). Sua menção de “louvor” em [Romanos 2.29](#) é o clímax da passagem. É um jogo de palavras contundente: em hebraico, Judá significa louvor ([Gn 29.35](#); cf. [49.8](#)).

Aqui, o apóstolo Paulo está se movendo na direção de considerar o cristianismo como o verdadeiro herdeiro da fé do AT. [Apocalipse 2.9](#) e [3.9](#) expressam sentimentos semelhantes: ser verdadeiramente um judeu é muito mais do que uma questão de nascimento e observância da sinagoga. Subjacente a essas passagens em Apocalipse e Romanos está obviamente a questão das alegações messiânicas de Jesus (cf. [Rm 9.3-5](#); [10.1-4](#)). O NT dá um triste testemunho da oposição dos judeus à mensagem cristã. O evangelho provou ser uma causa de ofensa aos judeus ([1Co 1.23](#)). O próprio Paulo, apesar de sua alegação de credenciais judaicas impecáveis ([Atos 26.4-7](#)), encontrou-se como o objeto de ataques judeus amargos ([21.11](#); [23.12,27](#)). [Apocalipse 2.9](#) e [3.9](#) descrevem a oposição dos judeus como satânica: eles estavam realizando a obra do adversário de Deus, Satanás.

Essas conotações negativas estão especialmente ligadas ao uso da palavra “judeu” no Evangelho de João. É encontrado cerca de 70 vezes, contra cerca de cinco ou seis casos em cada um dos Evangelhos sinóticos. Algumas passagens, como aquelas já citadas, não têm associações de hostilidade. Mas na maioria dos casos, o quarto Evangelho usa “judeus” no sentido das autoridades religiosas, especialmente aqueles em Jerusalém, que eram hostis a Jesus (veja, p. ex., [Jo 5.18](#); [9.18](#); [11.8](#); [18.36](#)). Vale ressaltar que em [9.22](#), os pais do homem cego, claramente judeus, são descritos, literalmente, como tendo medo dos judeus que investigam. Em [18.14](#), “judeus” significa os principais sacerdotes e fariseus de [18.3](#). Deve ser enfatizado que o autor, que era obviamente um judeu, não estava expressando um ponto de vista antissemita como tal. Ele não condenou uma raça ou um povo, mas aqueles que se opuseram a Jesus. Ele reconheceu de bom grado que alguns judeus colocaram sua fé em Jesus ([8.31](#); [11.45](#); [12.11](#)). Natanael é apresentado como um tipo de judeu cristão, um verdadeiro israelita “em quem não há dolo” ([1.47](#); cf. v. [31](#); veja [Gn 27.35](#); [32.28](#)).

Veja também Diáspora dos judeus; Israel, História de; Judaísmo; Judaizantes; Fariseus; Período Pós-exílico.

Judite (Pessoa)

1. Uma filha de Beerí, o heteu, e uma das esposas de Esaú ([Gn 26.34](#)). [Gênesis 36.2](#) a chama de “Oolibama”.
Veja Oolibama.
2. A personagem principal no livro de Judite. Ela é uma viúva judia corajosa e bela de Betúlia. Ela decapitou o general assírio Holofernes e salvou seu povo da destruição.
Veja Judite, Livro de.

Judite, Livro de

O Livro de Judite é uma história religiosa nomeada em homenagem à sua personagem principal, Judite. É considerado deuterocanônico (um livro aceito como parte da Bíblia por alguns grupos cristãos, mas não por todos).

A maioria dos estudiosos concorda que o livro foi originalmente escrito em hebraico. No entanto, ele nunca foi incluído na Bíblia Hebraica (o livro sagrado do povo judeu).

Alguns grupos cristãos mais tarde aceitaram o livro de Judite como parte de sua Bíblia. Por exemplo:

- O terceiro Concílio de Cartago em 397 d.C. (uma reunião de líderes cristãos) o aceitou como parte da Bíblia.
- O Concílio de Trento em 1545 d.C. (outra reunião importante de líderes cristãos) também o aceitou como parte da Bíblia.

Essas decisões significam que alguns grupos cristãos consideram o livro de Judite como parte oficial de sua Bíblia, enquanto outros não.

Contexto histórico

O livro de Judite foi provavelmente escrito durante um período difícil para o povo judeu. Muitos estudiosos acreditam que foi escrito durante o período dos Macabeus (um período da história judaica de cerca de 167 a 63 a.C.). Mais especificamente, eles acreditam que pode ter sido escrito durante o governo de Antíoco Epifânio, de 175 a 164 a.C. Antíoco Epifânio foi um governante estrangeiro que tratou muito mal o povo judeu. Ele

tentou impedi-los de seguir suas leis e tradições religiosas.

Provavelmente, uma pessoa judia vivendo na Palestina (o nome antigo para a terra de Israel) escreveu este livro. O autor desejava encorajar outros judeus a se manterem firmes contra seus inimigos e a continuarem seguindo as leis de Deus.

A personagem principal do livro é Judite. Ela é retratada como uma heroína que segue as leis de Deus com muito cuidado, sendo corajosa e inteligente ao enfrentar grandes perigos.

Sumário

Nabucodonosor, o rei da Assíria, procurou ajuda de várias nações para uma guerra contra os Medos, incluindo a Palestina. No entanto, todos se recusaram a ajudar ([Jt 1.7–11](#)). Como resultado, ele jurou vingança contra todo o território ([Jt 1.12](#)). Após derrotar os Medos e conquistar suas terras, ele retornou à sua capital por quatro meses para fortalecer seu exército ([Jt 1.12–16](#)).

Nabucodonosor enviou um grande exército contra as nações desobedientes ([Jt 2](#)). As cidades ao longo da costa se renderam imediatamente, e os assírios destruíram os santuários locais. Eles forçaram as pessoas a adorar Nabucodonosor ([Jt 3](#)). O povo na Judeia ouviu sobre essa destruição e decidiu deter seu avanço através de táticas inteligentes e buscando favor divino ([Jt 4.1–15](#)).

O general de Nabucodonosor, Holofernes, estava irritado. Enquanto se preparava para lutar contra eles, foi informado de que Israel não poderia ser derrotado se Deus estivesse do lado deles ([Jt 5.5–21](#)). Holofernes continuou, cortando o abastecimento de água para a Judeia e esperando pela rendição deles ([Jt 7.1–18](#)). Os líderes de Israel imploraram ao seu rei, Uzias, para se render aos assírios, mas ele os convenceu a esperar mais cinco dias ([Jt 7.19–32](#)).

Judite era uma viúva piedosa, rica e bela. Ela criticou os líderes por duvidarem de Deus e os convenceu de que Deus os livraria por meio dela ([Jt 8.2–36](#)). Judite orou, vestiu suas melhores roupas e foi para o vale em direção ao acampamento inimigo.

Ela disse aos assírios que estava fugindo da cidade e que queria mostrar a Holofernes como derrotar os israelitas ([Jt 10.11–13](#)). Holofernes acolheu Judite e começou a ouvi-la ([Jt 10.14–11.4](#)). Astutamente, ela insinuou que o cerco estava prestes a fazer os israelitas pecarem. Ela prometeu

contar a Holofernes quando o povo pecasse para que ele pudesse derrotá-los ([Jt 11.11-19](#)).

Quando Holofernes ordenou sua comida, ela recusou. Na quarta noite, Holofernes ficou bêbado e Judite cortou sua cabeça ([Jt 12.5-13.2](#)). Ela colocou a cabeça dele em sua bolsa e a levou para o povo ([Jt 13.3-11](#)).

Quando o povo soube do que ela fez, ficaram cheios de alegria. O rei e o povo deram graças a Deus e louvaram Judite pelo que ela fez ([Jt 13.12-20](#)). Israel planejou um ataque para o dia seguinte ([Jt 14.1-4](#)). Os assírios fugiram em terror e confusão, e Israel os perseguiu até Damasco ([Jt 14.11-15.7](#)).

Os sacerdotes vieram de Jerusalém para honrar Judite por sua bravura, e todos a louvaram ([Jt 15.8-13](#)). Judite cantou um hino de louvor a Deus por protegê-los ([Jt 16.1-17](#)). Depois, todos foram a Jerusalém para adorar o Senhor por três meses ([Jt 16.18-20](#)).

O livro termina com o retorno de Judite a Betúlia, onde ela morreu aos 105 anos e foi enterrada com seu marido, sendo lamentada por sete dias ([Jt 16.21-25](#)).

Jugo

Uma barra de madeira que unia dois (ou mais) animais de tração para que trabalhassem juntos ([Nm 19.2](#); [1Rs 19.19](#); [Jó 1.3](#)). Além de seu uso literal, a Bíblia frequentemente utiliza o termo de forma metafórica. Refere-se ao trabalho ou à escravidão ([Lv 26.13](#)). Os próprios reis de Israel, não apenas opressores estrangeiros, impuseram o jugo da escravidão ([1Rs 12.4-14](#); [2Cr 10.4-14](#)). Nos escritos proféticos, o jugo da escravidão estava associado ao julgamento divino ([Lm 1.14](#)). Assim, a libertação era vista como Deus quebrando o jugo que havia escravizado Israel ([Js 9.4](#); [10.27](#); [14.25](#); [58.6](#); [Jr 2.20](#); [5.5](#)). A disputa de Jeremias com a profecia de Hananias era sobre o jugo da escravidão. Hananias afirmou que Judá em breve seria libertado do cativeiro babilônico ([Jr 27.8-11](#); [28.1-17](#)).

No Novo Testamento, Jesus transforma "jugo" em um termo positivo. Ele pede às pessoas que tomem seu jugo, que não é pesado, e lhes dará descanso para suas almas ([Mt 11.29-30](#)).

Juiz

Um funcionário com autoridade para decidir questões apresentadas a um tribunal.

O juiz tinha muitas tarefas. A maioria das tarefas era legal, mas algumas eram políticas. No período de Abraão, Isaque e Jacó, os anciãos das tribos decidiam as disputas. Moisés nomeou outros juízes para ajudá-lo, mas reservava os casos difíceis para si ([Êx 18.13-26](#); [Dt 1.9-17](#)). Samuel viajava para diferentes lugares para julgar casos ([1Sm 7.16-17](#)). Seus filhos também se tornaram juízes ([8.1](#)). Quando os reis governavam Israel, os juízes eram líderes oficiais com papéis e deveres claros.

No período do Novo Testamento, havia dois tipos de tribunais na Palestina: tribunais judaicos e tribunais romanos. Casos que poderiam levar à morte eram julgados por juízes romanos. As pessoas tinham que levar testemunhas aos julgamentos ([Mt 18.16](#); [2Co 13.1](#); [1Tm 5.19](#)). Jesus foi julgado perante Pôncio Pilatos, que era o governador romano ([Mt 27.11-25](#); [Mc 15.2-5](#); [Lc 23.2-3](#); [Jo 18.29-40](#)). Paulo também foi julgado perante dois governadores romanos: Félix e Festo ([At 24.1-26](#); [25.1-26](#)).

Veja também Direito civil e justiça; Direito penal e punição.

Juízes, Livro de

Livro do Antigo Testamento nomeado em homenagem aos líderes proeminentes levantados pelo Senhor para libertar seu povo. A palavra "juiz" em hebraico também denota a atividade de governança, incluindo a guerra. Alguns estudiosos argumentam que havia dois tipos de juízes: libertadores carismáticos (ou juízes principais) e sábios judiciais locais (juízes menores). Não está claro por que alguns juízes recebem atenção superficial, enquanto as façanhas de outros são descritas em grande detalhe.

Resumo

- Autor
- Data
- Estrutura literária
- Propósito e ensino teológico
- Conteúdo

Autor

O livro reflete uma edição final do material no período da monarquia inicial. Pode muito bem ser uma defesa do governo justo de Davi em oposição à realeza de Saul, que foi moldada por uma concepção secular e cananeia de realeza em vez de fazer pela lei de Deus. O autor quase certamente não foi Samuel, como tradicionalmente se pensava, mas um compilador posterior que se baseou em materiais escritos antigos.

Data

Embora os juízes tenham conseguido proporcionar às tribos algum descanso das incursões de inimigos ao redor, os israelitas foram continuamente assediados por longos períodos. A opinião acadêmica diverge sobre a duração do período dos juízes. A datação do Êxodo influencia a datação do início dos juízes. Aqueles que adotam uma data anterior para o Êxodo situam o início por volta de 1370–1360 a.C., enquanto outros propõem uma data próxima ao final do século 13 a.C. Uma questão relacionada diz respeito à cronologia dos juízes. O livro de Juízes oferece um relato cronológico e sequencial do período, ou é um relato representativo de juízes de várias partes de Canaã e Transjordânia que “julgarão” uma região, uma tribo ou várias tribos simultaneamente?

Estrutura literária

Não há dúvida de que as histórias no livro carregam as marcas da criatividade literária. As histórias são inerentemente clássicas. A poesia da canção de Débora ([Jz 5](#)) é muito comovente, e a fábula de Jotão ([9.8–15](#)) é um excelente exemplo de linguagem figurativa. O cuidado dado às histórias também se reflete na construção do livro. Existem duas introduções: uma política ([Jz 1.1–2.5](#)) e uma socioreligiosa ([2.6–3.6](#)). A introdução política conecta Juízes com a história da Conquista, quando as tribos tentaram ocupar a terra. Ela prepara o leitor para os problemas políticos e militares da era dos juízes. A introdução socioreligiosa explica por que Israel teve tantas adversidades, por que a instituição dos juízes surgiu e por que o Senhor nunca deu a Israel o descanso prometido duradouro de seus inimigos. O corpo principal do livro é a história dos juízes ([3.7–16.31](#)). Referências aos juízes menores (seis no total) são inseridas dentro das histórias dos juízes maiores com frequência crescente. Como é evidente no esquema, o número de juízes menores aumentou em frequência em proporção à diminuição do

número de juízes maiores: dois maiores, um menor; dois maiores, dois menores; um maior, três menores; um maior. Há um total de 12 juízes, representativos das 12 tribos de Israel.

O propósito da lista de 12 juízes, representando as várias partes de Canaã e Transjordânia, é demonstrar que todas as tribos em todos os territórios conquistados enfrentaram graves dificuldades com uma variedade de inimigos: arameus, moabitas, amonitas, amalequitas, cananeus e filisteus. Israel foi duramente pressionado em quase todas as suas fronteiras. Os apêndices (caps. [17–21](#)), juntamente com as duas introduções, formam a estrutura do livro. Os problemas políticos e socioreligiosos ([1.1–3.6](#)) são apresentados por meio de várias histórias nos últimos capítulos. O editor final que deu ao livro sua forma canônica enquadrando propositalmente as histórias dos juízes de modo a mostrar a falta de progresso. Os sucessos das etapas anteriores na história redentora chegaram a um impasse no fluxo e refluxo dos juízes. Embora o Senhor tenha libertado seu povo de muitas maneiras, eles retornaram aos problemas descritos em [1.1–3.6](#). Os apêndices descrevem os problemas de Israel representativos do período dos juízes, quando “não havia rei em Israel” ([17.6](#); [18.1](#); [19.1](#); [21.25](#)).

Propósito e ensino teológico

O ciclo de apostasia, julgamento, clamor por libertação e o levantamento de um juiz por Deus reflete uma perspectiva deuteronomica com seus avisos sobre desobediência e julgamento. A repetitividade do ciclo apoia a afirmação do narrador anônimo de que Israel permaneceu inalterado pela graça de Deus. No entanto, apesar da anarquia moral, religiosa e política, bem como das guerras civis, o último capítulo mostra que as tribos ainda estão preocupadas com o bem-estar umas das outras. Embora a unidade do povo de Deus tenha sido gravemente desafiada, a situação não é sem esperança. O livro termina com uma nota de esperança — a esperança por um rei que possa libertar Israel.

Assim, há vários propósitos para o livro: (1) demonstrar a falta de significado desta fase no desenvolvimento de Israel; (2) explicar por que as tribos não ocuparam toda a terra prometida aos patriarcas; (3) justificar o caminho de Deus, que foi gracioso e paciente com os repetidos atos de desobediência de Israel; (4) apresentar a legitimidade de um rei “pastor” em contraste com uma forma despótica de realeza; e (5) explicar a

necessidade urgente de um novo impulso, para que Israel não sucumba aos filisteus e à guerra intertribal.

Conteúdo

A introdução política (1.1-2.5)

Em [Josué 1-12](#), a guerra sob Josué é retratada como uma mobilização das forças cananeias contra Israel. Pela intervenção do Senhor, a resistência cananeia foi abatida e a terra foi ocupada pelas tribos (caps. [13-21](#)). [Josué 13-21](#), no entanto, mostra claramente que cada tribo enfrentou dificuldades para livrar seu território de focos de resistência cananeia, que geralmente estavam centrados em cidades fortemente guardadas e bem fortificadas (cf. [13.2-6.13](#); [15.63](#); [16.10](#); [17.12-18](#)).

O livro de Josué destaca os sucessos e minimiza os problemas, enquanto o prólogo de Juízes prepara o cenário para todo o livro ao abordar abertamente os problemas e falhas de Israel. À medida que o livro se desenrola, são exatamente esses problemas e falhas que, com o tempo, levam Israel à beira do desastre.

O período dos juízes começou com a morte de Josué ([Jz 1.1](#); [2.8-9](#)). Os israelitas herdaram um legado de Josué: a lei do Senhor ([Js 23.6](#); [24.26](#)), a terra, um desafio para obedecer ao Senhor ([24.14-27](#)), e uma promessa da presença e ajuda de Deus em subjugar os cananeus ([23.5.10](#)).

Judá e Simeão ([Jz 1.2-20](#))

A proeminência de Judá e Calebe é comparável à posição de Judá em Josué ([Js 14.6-15.63](#); cf. também a casa de Josué, [Jz 1.22-29](#); cf. [Js 16-17](#)). Judá foi vitorioso sobre o cruel Adoni-Bezeque, que governava Bezeque, uma cidade de localização incerta. Judá ocupou com sucesso a região montanhosa, o Neguebe e as colinas ocidentais. Eles até tomaram Jerusalém, ou um subúrbio periférico identificado com Jerusalém ([Js 1.8](#)), mas não conseguiram manter o controle lá (v. [21](#)) até a conquista da cidade por Davi ([2Sm 5.6-9](#)). Judá foi vitorioso sobre os cananeus na região de Hebrom, já conquistada sob Josué ([Js 10.36](#)). Hebrom, também conhecida como Quiriate-Arba ("cidade dos quatro" ou "tetrápolis"), era uma aliada poderosa de Jerusalém (v. [3](#)) e conseguiu reunir apoio militar para um novo ataque a Israel, mesmo após sua primeira derrota. Calebe recebeu Hebrom, como Moisés havia prometido ([Jz 1.20](#); cf. [Js 15.13](#)). Após a vitória sobre Hebrom, Judá estendeu seu controle sobre a região montanhosa

do sul com um ataque a Debir ([Jz 1.11-15](#); cf. [Js 15.14-19](#)).

Os queneus ([Jz 1.16](#)), descendentes de Jetro e, portanto, relacionados a Moisés por casamento, se estabeleceram no Neguebe ao redor de Arade e da Cidade das Palmeiras, que aqui provavelmente se refere a Tamar em vez de Jericó.

Judá assegurou a fronteira sul com uma vitória sobre os cananeus em Horma ([Jz 1.17](#); cf. [Nm 14.45](#); [21.3](#); [Dt 1.44](#)) e a planície costeira com vitórias em Gaza, Asquelom e Ecrom. No entanto, os sucessos de Judá na planície costeira foram resistidos por uma força cananeia bem armada ([Jz 1.18-19](#)). Ele ocupou a região montanhosa da Judeia e o Neguebe, mas não conseguiu manter o controle sobre as planícies. Os filisteus logo tomariam o controle de Gaza, Asquelom e Ecrom, incorporando-as em sua pentápolis.

Benjamim ([1.21](#))

Jerusalém estava situada na fronteira entre Judá e Benjamim. Judá tomou a cidade ou um subúrbio ([Js 1.8](#)), mas estava muito distante para manter o controle sobre ela. Benjamim era muito fraco para subjugar os jebuseus. Somente Davi conseguiu isso ([2Sm 5.6-9](#)); ele a incorporou a Judá (cf. [Js 15.63](#)), embora originalmente tenha sido destinada a Benjamim ([Js 18.28](#)).

José: Efraim e Manassés ([1.22-29](#))

Efraim conquistou Betel, conhecida nas histórias patriarcais como um importante local de culto ([Gn 12.8](#); [13.3-4](#); [28.19](#); [31.13](#); [35.1-15](#)). No entanto, Manassés não conseguiu tomar as cidades fortificadas no Vale de Jezreel (Esdraelom): Bete-Seã, Taanaque, Dor, Ibleão e Megido. Essas cidades controlavam o tráfego ao longo das estradas leste-oeste e norte-sul, bem como as importantes passagens pela cordilheira do Carmelo e o vau do Jordão. Efraim não conseguiu tomar posse completa da planície costeira, controlada por Gezer. O sucesso de ambos, Efraim e Manassés, foi limitado.

As outras quatro tribos ([1.30-36](#))

As outras quatro tribos em Canaã recebem uma menção breve. Elas também foram apenas parcialmente bem-sucedidas. Zebulom, Aser, Naftali e especialmente Dã não conseguiram expulsar totalmente os cananeus. No máximo, mais tarde submeteram a maioria deles a trabalhos forçados.

O fracasso de Israel ([2.1-5](#))

O fracasso em subjugar a terra e eliminar os cananeus e sua cultura levou ao casamento inter-racial e à idolatria (cf. [Êx 23.33](#); [34.12-16](#); [Nm 33.55](#); [Dt 7.2-5,16](#); [Js 23.7,12](#)).

A identidade do "anjo do Senhor" que aparece em Boquim não é clara. Pode se referir ao próprio Senhor, a um mensageiro angelical ou a um profeta (cf. [Jz 6.8](#)). Ele repreendeu o povo com espírito profético e pronunciou o julgamento de Deus como uma forma de confronto contínuo entre Israel e os cananeus ([2.3](#)). Seu choro e sacrifício não tiveram efeito ([2.4-5](#); cf. [Mt 2.13](#)). Israel foi condenado dentro de uma geração após a morte de Josué.

A introdução teológica ([2.6-3.6](#))

A introdução teológica começa onde Josué parou ([Js 24.28-31](#)). A geração de Josué foi caracterizada pela lealdade, mas essa lealdade ao Senhor não durou muito após a empolgação da Conquista e a demonstração da presença de Deus ([Jz 2.10](#)). Israel serviu aos deuses cananeus (Baal e Astarte) em vez disso. Baal era o deus da tempestade, simbolizando a chuva e a fertilidade, e Astarte era sua consorte. O plural (Baalins e Astarotes, [2.11-13](#)) refere-se às muitas maneiras locais em que os deuses cananeus eram adorados. A unidade religiosa foi fragmentada em uma grande diversidade. Assim, Israel irritou o Senhor (vv. [12-14](#)), que enviou inimigos e saqueadores contra eles. Israel não teve sucesso em lidar com eles, como Moisés e Josué haviam advertido ([Dt 28.25,33](#); [Js 23.13,16](#)). O ciclo de apostasia, julgamento, clamor por misericórdia e libertação é encontrado ao longo de Juízes. O povo estava enraizado na apostasia de seus antepassados, mesmo que a geração anterior tivesse sido sensível a Deus. Israel não se submeteu à liderança dos juízes, exceto para se libertar dos opressores. Em cumprimento das maldições da aliança, Deus jurou não dar descanso ao seu povo, mas testá-los e treiná-los para a guerra ([Jz 3.1-4](#)), para que pudessem aprender a responder aos desafios de um mundo real.

Os juízes de Israel ([3.7-16.31](#))

Otniel ([3.7-11](#))

Otniel é uma figura de transição, ligando a Conquista e os juízes. Ele participou da conquista de Quiriate-Sefer e era parente de Calebe, sendo seu primo e genro ([1.13](#)). Ele repeliu os arameus liderados por Cusã-Risataim, de modo que a terra desfrutou de paz por cerca de 40 anos.

Eúde ([3.12-30](#))

Os moabitas, aliados aos amonitas e amalequitas, vieram contra Israel do leste e os oprimiram por 18 anos sob a liderança de Eglom. Eúde liderou a missão de levar tributo a Eglom em seu palácio, localizado provavelmente perto de Jericó (a Cidade das Palmeiras). Eúde era singularmente qualificado para essa missão; sendo canhoto, ele conseguiu usar sua espada de dois gumes de maneira inesperada para apunhalar o rei. O sucesso de Eúde foi resultado de um planejamento cuidadoso e do elemento surpresa. Ele pagou o tributo e saiu, apenas para retornar com um suposto oráculo dos deuses. O rei caiu na armadilha e foi assassinado. O atraso na corte moabita deu aos israelitas a oportunidade de reunir suas forças nos vãos do Jordão. O sucesso de Eúde foi completo; nenhum moabita escapou, e Israel desfrutou de paz por 80 anos.

Sangar ([3.31](#))

As façanhas de Sangar foram contra os filisteus nas planícies costeiras. Ele tinha um nome não israelita, mas provavelmente era israelita de nascimento. Assim como Sansão, ele lutou contra os filisteus com uma arma não convencional (uma agulhada de boi). Seu nome também é mencionado na canção de Débora ([5.6](#)).

Débora e Baraque ([4.1-5.31](#))

A narrativa agora se volta para os agressores cananeus no norte sob a liderança de Jabim, rei de Hazor, e Sísera, de Haroshet-Hagoim ([4.1-3](#)). As ruínas de Hazor ([Js 11.13](#)) haviam sido reconstruídas, e outro Jabim (cf. v. [1](#)) governava a região. Ele havia recuperado seu poder militar, pois tinha até 900 carros de ferro. Ele oprimiu Israel por 20 anos ([Jz 4.3](#)).

Deus tinha uma profetisa em Israel que liderou seu povo durante esse período sombrio ([4.4](#)). Ela proferia julgamentos sob uma palmeira no sul de Efraim, perto de Benjamim (v. [5](#)). Ela convocou Baraque para reunir os exércitos de Naftali e Zebulom, as tribos afetadas pelos ataques dos cananeus, e enfrentar Sísera em um ataque surpresa pelo rio Quisom (vv. [6-7](#)). A hesitação de Baraque levou-o a solicitar a presença de Débora, o que resultou na perda da honra de matar Sísera, o comandante das forças dos cananeus (vv. [8-10](#)). O Senhor deu sucesso ao ataque surpresa do Monte Tabor, de modo que os cananeus foram derrotados, incapazes de usar seus pesados carros de guerra, que ficaram atolados nos pântanos do Vale de Jezreel ([5.20-22](#)). Os cananeus foram derrotados, e Sísera foi morto por Jael, a esposa de Héber, um

queneu que se separou dos queneus ao redor de Arade (4.17-18; cf. 1.16). Ela ofereceu-lhe hospitalidade, já que sua família tinha relações amigáveis com os cananeus, mas heroicamente o matou com uma estaca de tenda (4.18-21; 5.26-27). Em campanhas sucessivas, os israelitas se libertaram de Jabim, até destruírem seu poder (4.24).

A canção de Débora (cap. 5) celebra poeticamente a vitória sobre Jabim. É um dos poemas mais antigos da Bíblia. Louva o Deus de Israel como o Rei que vem proteger seu povo da aliança, diante de quem as montanhas se movem (5.2-3). Ele é o Deus do Monte Sinai (Jz 5.4-5; cf. Dt 33.2; Sl 68.7-8; Hb 3.3-4). Embora os opressores tivessem saqueado Israel e tornado as estradas inseguras para viajar, e Israel fosse incapaz de se defender (Jz 5.6-8), o Senhor levantou Débora e Baraque para liderar os nobres à guerra (vv. 9-13). Eles vieram de Efraim, Benjamim, Zebulom, Issacar e Naftali (vv. 14-15a,18), mas as tribos da Transjordânia e Aser não quiseram se envolver (vv. 15b-17). A canção então se move para a cena da batalha, onde chuvas torrenciais atolam os carros (vv. 19-23). Jael é celebrada como “a mais abençoada das mulheres”, que usou seu modo de vida simples para pôr fim a Sísera (vv. 24-27). Ela contrasta com a mãe de Sísera, que é retratada com toda sua cultura esperando em vão pelo retorno de Sísera com todos os seus despojos (vv. 28-30). O Senhor usou o simples para confundir os poderosos. A conclusão é uma oração pelo julgamento de Deus sobre todos os inimigos de Israel (Jz 5.31a; cf. Sl 68.1-3).

Gideão (6.1-8.35)

O descanso de Israel por 40 anos (Jz 5.31b) foi interrompido pela invasão dos midianitas e amalequitas do Leste (6.1-3). Eles destruíram a economia ao invadir o país na época da colheita (vv. 4-6). Em resposta ao clamor de Israel, Deus enviou um profeta com uma mensagem semelhante à do anjo do Senhor (2.1-5). Então, um anjo apareceu a Gideão e o chamou para liderar o povo na batalha (6.11-14). O Senhor assegurou-lhe sua presença (v. 16) por meio de um sinal (vv. 17-22). Gideão soube que havia sido visitado pelo Senhor e construiu um altar chamado “O Senhor É Paz” em Ofra (v. 24). Ele respondeu destruindo o local de culto dedicado a Baal e Aserá em Ofra (vv. 25-28) e iniciando a adoração no novo altar (v. 28). Baal não protegeu seu próprio altar (vv. 29-32), mesmo quando desafiado pelo pai de Gideão (v. 31). Consequentemente, Gideão ficou conhecido como

Jerubaal (que significa “que Baal contenda com ele”, v. 32).

Em seguida, Gideão reuniu um exército de 32.000 homens de Aser, Zebulom e Naftali (6.35; cf. 7.3b). Para assegurar-se da presença do Senhor, ele pediu outro sinal: o sinal da lâ (6.36-40). Deve-se ter em mente que Gideão vivia em uma área onde as maravilhas de Deus eram escassas (v. 13) e que ele, assim como Moisés, precisava de confirmação de que Deus estava com ele. Deus respondeu à sua fé crescente. Gideão avançou com um exército muito reduzido de 300 homens contra o inimigo. Do seu exército original, 22.000 haviam partido porque estavam com medo (7.2-3; cf. Dt 20.8). Outros 9.700 foram mandados para casa, embora fossem homens valentes (7.4-8). Após assegurar Gideão por meio de um sonho de um soldado inimigo, Deus usou os 300 de uma maneira maravilhosa para confundir os midianitas (vv. 9-15). Deus deu a Israel vitória sobre os líderes midianitas Orebe, Zeebe, Zeba e Salmuna (7.16-8.21). Gideão sabiamente evitou uma possível confrontação militar com Efraim (8.1-3), perseguiu o inimigo até bem dentro da Transjordânia e puniu os líderes de Sucote e Penuel, que não o ajudaram (vv. 4-9,13-16).

Esta gloriosa vitória criou uma nova onda de interesse na ideia de realza. Os homens de Israel desejaram estabelecer a família de Gideão como sua dinastia real (8.22). Gideão recusou e, em vez disso, erroneamente estabeleceu um éfode, fundido a partir do ouro tomado na batalha (vv. 23-27). O éfode provavelmente foi usado para práticas culturais, possivelmente adivinhação (cf. 17.5).

A era de Gideão também chegou ao fim. Ele foi o instrumento de Deus, proporcionando descanso a Israel por 40 anos. Ele foi pai de 70 filhos e morreu em idade avançada. Deus o abençoou ricamente, mesmo que ele tenha desviado Israel com seu éfode. Depois disso, Israel voltou a adorar Baal (8.33-35).

Após a era de Gideão, seu filho Abimeleque tentou estabelecer uma continuidade dinástica ao se proclamar rei em Siquém (9.1-6). Com o apoio de seus parentes em Siquém, Abimeleque mandou matar todos os seus irmãos, exceto Jotão (vv. 4-5). Após a coroação de Abimeleque, Jotão manifestou sua oposição ao irmão de forma proverbial (vv. 7-20) e se escondeu. Três anos depois, os esquemas malignos de Abimeleque o aprisionaram quando os cidadãos de Siquém se rebelaram. Ele atacou furiosamente a cidade e a destruiu. Pouco tempo

depois, no entanto, ele foi ferido em Tebes por uma pedra de moinho lançada por uma mulher da torre onde ela havia se refugiado dele. Seu servo o livrou do sofrimento a seu pedido. Este episódio demonstra quão ruim pode ser um rei despótico. Mais uma vez, a justiça de Deus prevaleceu.

Tola ([10.1-2](#))

Tola foi um juiz de Issacar que julgou Israel por 23 anos.

Jair ([10.3-5](#))

Jair foi um juiz menor de Gileade que liderou Israel por 22 anos.

Jefté ([10.6-12.7](#))

Uma recapitulação ([10.6-16](#)) do ciclo (idolatria, inimigos, clamor por ajuda, arrependimento momentâneo) estabelece a introdução à narrativa de Jefté. Sob ataque dos amonitas, os anciãos de Gileade pediram ajuda a Jefté ([10.17-11.8](#)), que prometeu ajudá-los com a condição de que ele permanecesse como líder mesmo após a guerra (vv. [9-10](#)). Em uma cerimônia solene, ele se torna seu "chefe" em Mispa (v. [11](#)). Jefté iniciou uma correspondência com o rei amonita, na qual argumentou pelos direitos de Israel com base na reivindicação histórica dos israelitas à terra, conforme concedida a eles pelo Senhor (vv. [12-27](#)). Em vez de ir imediatamente à guerra, ele esperava que "o Senhor, o Juiz" resolvesse a disputa (v. [27](#)); mas o rei amonita não se impressionou. Quando o Espírito de Deus veio sobre ele, Jefté liderou Israel na batalha, mas apenas após fazer um voto precipitado. Ele foi vitorioso, mas descobriu que seu voto de sacrificar o que primeiro saísse de sua casa exigia que ele sacrificasse sua filha. O debate continua sobre se ele a ofereceu como sacrifício humano ou se ela sacrificou o casamento (ver discussão em Jefté).

Os efraimitas pareciam ter um desejo insaciável por guerra. Anteriormente, eles haviam reclamado com Gideão, que conseguiu neutralizar suas ameaças ([8.1-3](#)). Jefté, no entanto, lutou contra eles porque os israelitas que viviam na Transjordânia foram insultados como "renegados" ([12.1-4](#)). Quarenta e dois mil efraimitas foram mortos nos vauas do Jordão nesta guerra civil. Depois disso, Jefté governou por apenas seis anos.

Ibsã ([12.8-10](#))

Ibsã foi um juiz menor de Belém que liderou Israel por sete anos.

Elom ([12.11](#))

Elom, um juiz de menor destaque de Zebulom, governou Israel por dez anos.

Abdom ([12.13-15](#))

Abdom foi um juiz menor de Piratom, cuja localização é incerta. Ele governou por oito anos.

Sansão ([13.1-16.31](#))

A grandeza de Sansão na história da redenção se deve ao seu nascimento milagroso ([13.1-24](#)), seu serviço como nazireu ([13.7](#); cf. [Nm 6.1-21](#)), as repetidas vezes que foi dominado pelo Espírito do Senhor ([Jz 13.25](#); [14.6.19](#); [15.14](#)), as façanhas realizadas sozinho contra os filisteus (Asquelom, [14.19](#); os campos, [15.1-6](#); Ramate Etã, [15.7-17](#); Gaza, [16.1-3.23-30](#)), e sua ocasional dependência do Senhor ([15.18-19](#); [16.28-30](#)). No entanto, sua vida pessoal foi falha devido à sua fraqueza por mulheres filisteias (caps. [14](#), [16](#)). Tendo sido seduzido por Dalila, ele foi preso em Gaza. Ele morreu no colapso do templo de Dagom, orando para que o Senhor lhe permitisse se vingar ([16.28-30](#)). Ele foi enterrado no túmulo de seu pai no território de Dã ([16.31](#)).

Epílogo ([17-21](#))

A natureza cíclica da existência de Israel era sem progresso. O descanso dos inimigos era sempre temporário. Israel ainda não estava pronto para a realeza dinástica, e, independentemente do que se diga sobre os três anos de Abimeleque, foi uma realeza do pior tipo. Israel oscilava entre a idolatria e a fé no verdadeiro Senhor. O período dos juízes era instável, marcado por individualismo mesquinho e provincialismo. No entanto, Deus permanecia soberano nos assuntos de seu povo. O epílogo contém duas histórias: a história de Miquéias e a migração dos danitas (caps. [17-18](#)) e a guerra civil (caps. [19-21](#)). O epílogo é unido pela frase "Naquele tempo não havia rei em Israel, e cada um fazia o que bem queria" ([17.6](#); [18.1](#); [19.1](#); [21.25](#), [NTLH](#)). A recorrência simétrica (duas vezes em cada narrativa) enfatiza a anarquia e a incapacidade das tribos de se unirem para servir a Deus como um povo de aliança.

Miquéias e os danitas ([17-18](#))

Miquéias era um efraimita que estabeleceu um santuário e contratou um de seus próprios filhos, e depois um levita de Belém, para servirem como seus sacerdotes (cap. [17](#)). Incapazes de manter seu patrimônio, os danitas partiram para se estabelecer ao pé do Monte Hermon. Eles levaram os ídolos e o levita do santuário de Miquéias e

estabeleceram uma cidade cultural na recém-estabelecida cidade de Dã, construída sobre as ruínas de Laís (cap. 18). Assim, eles estabeleceram um centro cultural que rivalizava com o tabernáculo em Siló (18.31).

A guerra civil (19-21)

O povo de Gibeá, que pertencia a Benjamim, abusou sexualmente da concubina de um levita até que ela morresse. Assim como o levita dos capítulos 17 e 18, ela era de Belém (19.1). Dramaticamente, o levita enviou pedaços de seu cadáver a todas as tribos, que se reuniram contra os benjamitas porque protegeram os criminosos de Gibeá (19.29-20.19). Na batalha que se seguiu, a população de Benjamim foi dizimada (20.20-48). As 11 tribos deram a eles 400 virgens tomadas em uma guerra civil contra Jabes-Gileade (21.6-15). Estas não foram suficientes, no entanto. Por causa da ameaça de extinção de Benjamim e do voto de não dar suas filhas em casamento a nenhum benjamita, os israelitas elaboraram um plano pelo qual os benjamitas poderiam tomar virgens israelitas dançando no festival em Siló. Assim, Benjamim conseguiu reconstruir suas cidades e assentamentos.

Veja também Gideão, Jefté e Sansão.

Juízes, Período dos

Veja Juízes, Livro de.

Juízo final

O juízo final é o momento em que Deus julgará todos que já viveram.

O Dia do Senhor no Antigo Testamento

Muitos profetas no Antigo Testamento escreveram sobre este tempo. Eles o chamaram de "o Dia do Senhor." Eles disseram que Deus derrotaria todas as nações malignas e estabeleceria seu reino em Sião, sua cidade sagrada (Is 4.2; 11.10; Jr 50.3-32; Il 2.1-3; 3.9-16; Am 5.18-20; 9.11; Sf 1.7-18).

Jesus como juiz no Novo Testamento

Os escritores do Novo Testamento também escreveram sobre este juízo. Eles explicaram isso através do que Jesus ensinou e fez. Deus escolheu Jesus para ser o juiz de todos, tanto dos que estão vivos quanto dos que já morreram (At 10.42;

17.31). Todos (tanto os que acreditam em Jesus quanto os que não acreditam) estarão diante do tribunal de juízo de Jesus. Ele os julgará com base em como viveram suas vidas (2Co 5.10; compare Rm 14.10).

Padrões de Deus para o juízo

Deus julgará as pessoas com base em como elas viveram. As pessoas que são fiéis ao pacto (acordo) de Deus com elas viverão, mas aquelas que se afastarem de Deus morrerão. O profeta Habacuque diz que uma pessoa boa é aquela que permanece fiel a Deus (Hc 2.4). Os escritores do Novo Testamento dizem que Deus julgará as pessoas observando se suas ações o honraram (2Co 5.10; Ap 20.12).

Mas o Novo Testamento também nos diz que ninguém cumpriu totalmente os padrões de Deus. Todos cometeram erros ("Todos pecaram e estão afastados da presença gloriosa de Deus" Rm 3.9,23). No entanto, no juízo final, a questão mais importante não é se alguém cometeu erros. Em vez disso, a questão é se Deus os perdoou.

Crentes e incrédulos no dia do juízo

O Novo Testamento (Rm 3.21-28; 5.1-21) descreve esse perdão como sendo justificado diante de Deus (justificação) e tendo um relacionamento restaurado com Ele (reconciliação). As pessoas podem receber esse perdão porque Jesus morreu e ressuscitou. Sua vida perfeita e morte tornam possível que todos sejam perdoados e tenham vida eterna (Rm 5.18).

As pessoas que confiam em Jesus não serão condenadas (Jó 3.16-18). Elas podem enfrentar o dia do juízo sem medo (1Jo 4.17). Seus nomes estão escritos em um livro especial, chamado o Livro da Vida, o qual pertence ao Cordeiro (Ap 21.27). Mas as pessoas que não acreditam em Jesus estarão diante dele sozinhas quando forem julgadas. Jesus as julgará com base no que fizeram, o que está registrado em seus livros (Ap 20.11,12).

Veja também Dia do Senhor; Escatologia; Julgamento; Tribunal do juízo; Últimos dias; Ira de Deus.

Julgamento

Conceito nas Escrituras intimamente relacionado ao conceito de justiça de Deus. Em todos os seus relacionamentos, Deus age de forma justa e moral.

Os seres humanos, criados por Deus, têm uma dimensão moral, para que possam responder positivamente às exigências justas de Deus em suas vidas. O julgamento divino, envolvendo a aprovação ou desaprovação de Deus sobre cada ato humano, é uma consequência natural da relação Criador-criatura. Assim, o julgamento, simplesmente definido, é a resposta divina à atividade humana. Deus, o Criador, também deve ser Deus, o Juiz. Como Deus é justo, ele responde com punição ou recompensa ao que cada pessoa faz. A responsabilidade moral de um humano perante Deus (uma qualidade não compartilhada pelo restante da criação) é um ingrediente essencial de ser criado à imagem de Deus. A criação à imagem divina significa que Deus e o homem podem se comunicar de tal forma que todas as pessoas são capazes de entender os requisitos morais de Deus e responder a eles de bom grado. Entre os vários comandos positivos dados às pessoas em sua criação original — incluindo o casamento, o domínio da terra e o desfrute do Jardim do Éden — estava o comando negativo que proibia o consumo do fruto de uma árvore. A desobediência a esta proibição trazia a ameaça de morte como punição ([Gn 2.16–17](#)). [Gênesis 3](#) contém o relato do primeiro julgamento de Deus, aquele contra Adão. Ele foi punido com a morte, pois não viveu dentro das regulamentações morais estabelecidas por Deus ([3.17–19](#)). Em um sentido puramente técnico, o julgamento inclui a aprovação de Deus sobre atos que o agradam; mais frequentemente, o julgamento é entendido negativamente no sentido de que Deus pune aqueles que violam seus comandos. Desde a queda, toda atividade humana está sob o julgamento negativo de Deus ([Rm 2.12](#)).

Julgamento nesta vida

A ideia cristã da expiação, que Cristo morreu pelo pecado no lugar do homem, depende da premissa de que Deus responsabiliza os humanos por seus pecados. Mas Deus enviou seu Filho para lidar com esse problema. O Filho voluntariamente se colocou sob o julgamento de Deus e, no lugar das pessoas, recebeu o castigo divino ([Gl 3.13](#)). A morte de Cristo pelo pecado pode, portanto, ser considerada a manifestação extrema do julgamento divino. Deus, como juiz, visita sobre a alma de Cristo em sua crucificação o julgamento divino total contra o pecado.

Através da fé, trazida pelo Espírito Santo e alimentada pela Palavra, um crente torna-se um com Cristo e assim escapa do julgamento divino e é

resgatado do castigo ([Rm 3.22](#)). Aqueles que, pela fé, compartilham dos benefícios da morte de Cristo estão diante do Juiz divino e recebem um veredito de “inocente” e, em vez de punição e retribuição divina, recebem uma sentença de vida eterna. Jesus diz daqueles que creem nele que já passaram pelo julgamento, escaparam da morte e já estão compartilhando da vida eterna ([Jo 5.24](#)).

Embora os pecados tenham sido expiados por Cristo, cada pessoa — crente e descrente — ainda sofre certas consequências de seus pecados aqui nesta vida. Para cada ação humana há uma reação divina ([Rm 2.6](#)). Paulo fala sobre a consciência, que manifesta uma série de julgamentos mesmo sobre as ações daqueles que não conhecem o verdadeiro Deus (v. [15](#)).

Os governos também são manifestações do julgamento divino sobre as ações públicas do homem em relação à lei. A justiça civil, embora muitas vezes corrompida, é um meio pelo qual Deus executa o julgamento temporal sobre qualquer infração da lei nesta vida ([Rm 13.1–2](#)). Os crimes públicos contra a sociedade não são os únicos pecados sujeitos ao julgamento divino.

Além das acusações da consciência contra até os pecados mais privados, cada ação humana traz consigo potencial recompensa ou punição. Viver dentro dos limites morais estabelecidos por Deus, especialmente como são revelados nos Dez Mandamentos e mais explicados no restante das Escrituras, resulta em certos benefícios físicos nesta vida. Viver em desrespeito à lei moral resulta em penalidades e dificuldades apropriadas à infração ([Gl 6.7–8](#)). Por exemplo, a recusa em trabalhar pode resultar em pobreza, e o excesso pode resultar em saúde precária. Algumas atividades trazem suas próprias penalidades. Os cristãos não devem concluir, no entanto, que a presença de calamidades na vida de uma pessoa deve indicar um julgamento específico de Deus contra um pecado particular. Deus pode usar calamidades na vida de um cristão para guiá-lo providencialmente ao objetivo da vida eterna ([1Pe 4.12–13](#)).

Por causa do pecado de Adão, a criação foi sujeita a um julgamento de corrupção ([Gn 3.17](#)). Toda a vida humana participa de uma deterioração que é uma manifestação do julgamento divino contra o pecado que se originou com Adão. Deus permanece soberano mesmo sobre a corrupção universal e é capaz de direcioná-la e controlá-la para seus propósitos finais ([Rm 8.20](#)). Assim, ele pode usar calamidades para o benefício da vida do cristão (v.

28), mas também pode usá-las para manifestar sua ira sobre aqueles que persistem em pecado deliberado e que rejeitam seu Filho Jesus Cristo como o redentor do pecado. Faraó, que reconheceu Moisés como profeta de Deus e ainda assim o rejeitou e sua mensagem, é um exemplo claro de uma pessoa que recebeu o julgamento de Deus ([Êx 10.20](#)). Os judeus que viram os milagres de Jesus e rejeitaram suas reivindicações de ser o Messias também estão entre aqueles que receberam o julgamento de Deus enquanto viviam ([Mt 12.22-32](#)).

Através de guerras e da criação e destruição de nações, Deus executa julgamento coletivamente contra povos inteiros. O AT registra a ascensão e queda de nações e de reis. A recusa em reconhecer e adorar o verdadeiro Deus e seguir suas leis eventualmente e certamente resulta na extinção nacional. A destruição de Nínive e Israel no AT e Jerusalém no NT são exemplos claros do julgamento de Deus contra povos inteiros que rejeitam sua mensagem de salvação. O desrespeito público à lei moral deve resultar na desintegração nacional, que é frequentemente agravada pela invasão por uma nação estrangeira. A destruição de Sodoma e Gomorra foi o resultado direto da licença imoral ([Id 1.7](#)).

Juízo final

O julgamento em seu sentido final e último é melhor entendido como a aparição de Jesus Cristo no último dia. Naquele momento, os crentes herdarão a vida eterna e os descrentes serão condenados. O cristão não teme esse momento, porque já foi absolvido em Cristo Jesus. O descrente teme a morte com razão. A causa do julgamento horrível e imutável é a rejeição persistente da oferta de salvação de Deus. Este é o pecado contra o Espírito Santo ([Mt 12.32](#)). Aqueles que caem sob sua condenação são aqueles que ouviram a mensagem especial de Deus para eles e estão convencidos de sua verdade, mas que, no entanto, persistem em rejeitar essa salvação. Assim como o descrente rejeitou Deus nesta vida, Deus o rejeita em sua morte para sempre.

Além deste julgamento individual, todas as nações aparecerão diante de Jesus ([Mt 25.31-32](#)). O destino de todos aqueles que aparecem diante do Juiz já foi selado. As Escrituras ensinam que há um julgamento naquele último dia que será feito com base nas obras (v. [31-46](#)). Isso não deve ser visto como uma negação e contradição do princípio de que se é salvo somente pela fé. As pessoas entram

em um relacionamento salvador com Jesus Cristo somente pela fé, sem obras. A fé é conhecida apenas por Deus e, por si só, não é visível para os outros. A evidência da presença da fé são as obras.

Os julgamentos de Deus sobre as pessoas nesta vida podem ser benéficos porque, através desses julgamentos, Ele está chamando-as ao arrependimento. O julgamento do último dia será final; ninguém terá permissão para se arrepender ou mudar de ideia sobre Deus. Naquele dia, todos reconhecerão a veracidade das reivindicações de Deus em Cristo Jesus, mas somente aqueles que creram nele e cumpriram sua vontade em suas vidas receberão o convite para entrar na vida eterna (v. [34](#)).

Implicações práticas

Os cristãos vivem uma vida positiva e confiante sabendo que Jesus tomou o julgamento divino por eles e, assim, estão livres de qualquer retribuição divina adicional. Ao mesmo tempo, estão cientes do julgamento de Deus contra todos os pecados, incluindo os dos cristãos, e que, sem Cristo, sofreriam o pior castigo divino possível. Eles veem o mal e as calamidades desta vida como o desagrado contínuo de Deus com o pecado. Quando eles vêm, os cristãos os usam como oportunidades para examinar suas próprias almas e para arrependimento. Embora não estejam cientes da data exata do último dia, eles se preparam a cada dia para o julgamento final.

Conclusão

O conceito de julgamento abrange toda a história da raça humana — desde a queda até o último dia. Deus, como um Deus justo que vê uma diferença decisiva entre o bem e o mal, não tem escolha a não ser realizar o julgamento sobre todas as pessoas em suas vidas diárias e especialmente na conclusão da vida. Deus, em sua graça, enviou seu Filho para sofrer o julgamento que merecíamos, e em sua misericórdia adia o Dia Final do Julgamento para que possamos chegar ao arrependimento pela fé em Jesus Cristo ([2Pe 3.9](#)). Os grandes conceitos de criação, justiça, lei, salvação e expiação atingem seu clímax no julgamento divino do último dia.

Veja também Inferno; Tribunal de julgamento; Justificação, Justificado; Juízo Final; Segunda vinda de Cristo; Ira de Deus.

Julgamento, Palácio de

Palácio é a tradução da NTLH do Novo Testamento para a palavra *praetorium* em [João 18.28.33; 19.9; Atos 23.35](#). Algumas versões da Bíblia traduzem essa palavra como “pretório”. Outras traduzem como “salão comum”.

A palavra foi usada pela primeira vez para designar o local onde ficava a tenda do general romano em um acampamento militar, referindo-se ao escritório principal do acampamento. Posteriormente, passou a significar o conselho militar que se reunia na tenda do general. Mais tarde, foi utilizada para o palácio onde o governador romano ou procurador residia enquanto governava uma região. Também identificava o escritório principal do exército e o acampamento que abrigava o exército em conexão com o local de residência do governador.

Em Jerusalém, havia o palácio que Herodes, o Grande, havia construído para si mesmo. Quando o governador romano vinha de sua residência habitual em Cesareia para Jerusalém, ele morava no palácio de Herodes. Ele realizava seus negócios oficiais lá. Foi lá que Pilatos interrogou Jesus ([Jo 18.28; 19.9](#)). Foi em outro lugar chamado “Calçada de Pedra” que Pilatos se sentou para julgar e entregou Jesus aos judeus.

Júlia

1. Mulher saudada pelo apóstolo Paulo ([Rm 16.15](#)). Seu nome vem após o de Filólogo, que pode ter sido seu irmão ou marido.

2. De acordo com uma variante de leitura, uma mulher citada por Paulo como sendo uma de suas colaboradoras, bem como uma apóstola distinta ([Rm 16.7](#)). Ela provavelmente era a esposa de Andrônico. O casal, assim como Áquila e Priscila, formava uma equipe apostólica. Em outros manuscritos, a leitura é Júnias — que, no grego, pode ser entendida como um nome masculino ou feminino, dependendo do acento. No entanto, os manuscritos mais antigos não têm um acento marcado neste nome; portanto, o intérprete deve decidir se este apóstolo era homem ou mulher.

Júlio

Centurião romano da corte de Augusto que escoltou o apóstolo Paulo e outros prisioneiros da

Palestina para Roma ([At 27.1](#)). Os líderes judeus em Jerusalém acusaram Paulo de ensinar doutrinas falsas e profanar o templo. Devido à indecisão de dois governadores romanos sucessivos, Paulo ficou preso por mais de dois anos e finalmente apelou para César. Júlio era um homem bondoso. Ele permitiu que Paulo deixasse o navio em Sidom para ser confortado por seus amigos (v. [3](#)). No entanto, em sua ânsia de levar os prisioneiros para Roma, Júlio ignorou o conselho de Paulo de passar o inverno em Bons Portos. Em vez disso, ele ordenou que o navio navegasse para Fênix, outro porto em Creta, que era mais adequado para ancorar no inverno (vv. [9-12](#)). Durante a viagem, uma tempestade naufragou o navio. Os soldados a bordo queriam matar os prisioneiros por medo de que escapassem, mas Júlio impediu esse massacre, ordenando que todos pulassem do navio e nadassem até a costa. Essa decisão poupou a vida de Paulo (vv. [42-44](#)). Alguns estudiosos conjecturam que Júlio foi o soldado que ficou com Paulo em Roma ([28.16](#)).

Júlio César

Júlio César foi um líder poderoso na antiga Roma. Ele nasceu em 100 a.C. e morreu em 44 a.C. Júlio não era oficialmente chamado de imperador, mas governava como um. Por quase 500 anos, Roma foi uma república. Isso significava que líderes eleitos faziam as leis. No entanto, na realidade, homens ricos detinham a maior parte do poder. O povo de Roma não queria um rei, pois acreditavam que os reis tinham poder demais.

César tornou-se muito popular e adquiriu grande poder político e militar. Ele assumiu uma posição no governo, mas governou com controle total. A república romana ainda existia apenas no nome, pois César agia como um ditador (um governante com poder absoluto). Alguns líderes temiam que César quisesse se tornar rei e esperavam proteger a república removendo-o. Em 15 de março de 44 a.C., um grupo de senadores esfaqueou e matou César quando ele entrou no Senado. Este dia ficou conhecido como os *Idos de Março*.

O plano para salvar a república falhou. Uma guerra civil seguiu-se à morte de César. Seu sobrinho-neto Otaviano venceu a guerra. Em 31 a.C., Otaviano tornou-se o primeiro imperador oficial de Roma. Mais tarde, ele adotou o nome de Augusto.

Vea também Césares, Os.

Jumento

Um animal que as pessoas usam para carregar coisas pesadas. Parece um cavalo pequeno com orelhas compridas. Nos tempos bíblicos, as pessoas frequentemente usavam jumentos para ajudá-las no trabalho, especialmente no Oriente Próximo.

Veja Animais.

Jumento

Um jumento é um animal que as pessoas usam para carregar cargas pesadas e para montar. Os jumentos mencionados na Bíblia (*Equus asinus*) eram diferentes dos jumentos menores e menos cooperativos que vemos na Europa hoje. Nos tempos bíblicos, os jumentos eram animais bonitos e amigáveis que se mantinham altos e orgulhosos. Eles geralmente tinham pelo marrom-avermelhado.

Tipos de jumentos

Havia três tipos de jumentos selvagens na África. Os jumentos do noroeste da África não existem mais. Os jumentos do nordeste da África estão quase extintos. Os jumentos da Somália ainda existem hoje, mas raramente foram domesticados para conviver com humanos.

O jumento núbio, originário do nordeste da África, próximo ao Rio Nilo, foi um dos primeiros tipos de jumentos a serem domesticados. As pessoas começaram a montar nesses jumentos assim que foram domesticados. A Bíblia menciona jumentos pela primeira vez ao listar os animais que Abraão recebeu no Egito ([Gn 12.16](#)).

Como os jumentos foram usados?

As pessoas usavam jumentos principalmente para carregar cargas. Elas guiavam os jumentos, mas não colocavam freios em suas bocas como faziam com os cavalos. Durante o período do antigo Egito (por volta de 2040 a.C.), as pessoas começaram a montar jumentos com mais frequência. No entanto, apenas os judeus e os núbios montavam jumentos regularmente para viajar.

Os jumentos também ajudavam na agricultura. As pessoas os utilizavam para separar o grão das plantas e para puxar arados. Nos países árabes hoje, os agricultores às vezes amarram um jumento

e uma vaca ou camelo juntos para puxar um arado. No entanto, no antigo Israel, a lei de Deus proibia amarrar um jumento e um boi juntos para arar campos ([Dt 22.10](#)).

Antes da época do Rei Salomão (por volta de 960 a.C.), as pessoas na Palestina não usavam cavalos. Depois disso, guerreiros passaram a montar cavalos, enquanto viajantes comuns montavam jumentos.

O povo judeu valorizava muito os jumentos. Possuir um jumento era essencial para a sobrevivência básica ([Jó 24.3](#)). As pessoas frequentemente mediam a riqueza de alguém contando quantos jumentos possuíam ([Gn 12.16; 24.35](#)). Os jumentos também eram considerados bons presentes para dar a outros ([Gn 32.13-15](#)). Era permitido descansar no sábado ([Dt 5.14](#)).

Nos tempos bíblicos, as mulheres frequentemente montavam em jumentos ([Js 15.18; 1Sm 25.23; 2Rs 4.24](#)). Um condutor especial frequentemente ajudava a guiar o animal, correndo ao lado dele. Se um casal casado possuía apenas um jumento, o marido geralmente caminhava ao lado enquanto a esposa montava ([Êx 4.20](#)).

O povo de Israel, retornando da Babilônia, tinha dez vezes mais jumentos do que cavalos e camelos ([Ed 2.66-67; Ne 7.68-69](#)). As 500 jumentas que Jó possuía antes do desastre eram um sinal de sua riqueza ([Jó 1.3](#)). Depois de se recuperar, ele tinha 1.000 jumentos ([Jó 42.12](#)). Os irmãos de José usaram jumentos para transportar o grão que compraram no Egito ([Gn 42.26; 43.24](#)). Abigail transportou comida em jumentos para Davi e suas tropas durante o conflito com Saul ([1Sm 25.18](#)). Davi designou um de seus 12 gerentes de propriedades reais para cuidar de seus jumentos ([1Cr 27.30](#)).

O jumento selvagem (Onagro)

O onagro, ou jumento selvagem sírio (*Equus hemionus hemihippus*), é uma mistura entre o verdadeiro cavalo e o verdadeiro jumento. Suas orelhas são mais longas que as de um cavalo, mas mais curtas que as de um jumento. Os cascos dianteiros são estreitos. Existem calosidades apenas nas pernas dianteiras, que são manchas semelhantes a calos na parte interna dos joelhos. A cauda tem pelos curtos por uma longa distância desde a raiz, por isso parece tufada.

Os sumérios (antigos mesopotâmicos) treinaram o onagro, que foi posteriormente substituído pelo cavalo. Ele era usado para puxar carruagens em Ur.

Vários onagros foram enterrados com seus veículos em um túmulo real que data de cerca de 2500 a.C. Mais tarde, o onagro selvagem tornou-se um prêmio favorito dos caçadores para os reis babilônicos e assírios.

O onagro era comum nas pastagens próximas a Israel. A Bíblia os descreve como animais que amavam a liberdade e viviam no deserto ([Jô 24.5; 39.5-8; Sl 104.11; Is 32.14; Jr 2.24; Os 8.9](#)). Ismael foi descrito como um "jumento selvagem" ([Gn 16.12](#)), o que significa que ele não podia ser domado. A seca provavelmente causou o declínio do onagro nos tempos bíblicos ([Jr 14.6](#)). O onagro moderno (*Equus hemionus onager*) é maior do que o extinto jumento selvagem sírio.

Veja também Viagem.

Junco

Grama alta que cresce em locais úmidos e ao lado de corpos d'água. Numerosas espécies de junco e junco-do-pântano crescem na região da Palestina. Existem pelo menos 21 variedades de juncos. O junco comum ou junco-do-pântano (*Juncus effusus*) é encontrado em locais úmidos, até mesmo no Sinai e em outros desertos. O junco-do-mar ou junco-duro (*Juncus maritimus*) é encontrado em locais úmidos por toda a região da Palestina e até mesmo no Sinai.

Pelo menos 15 tipos de junco (*Scirpus*) são conhecidos na região da Palestina. O junco-de-cabeça-agrupada (*Scirpus holoschoenus*) é comum em locais úmidos por toda a região da Palestina até o Sinai. O junco-lacustre ou junco-alto (*Scirpus lacustris*) é encontrado em pântanos e valas por todo o norte da África até o Mar Morto. O junco do mar ou junco de pântano salgado (*Scirpus maritimus*) é encontrado em valas e pântanos em muitos lugares da região da Palestina. Qualquer uma dessas espécies pode ser a mencionada em [Jô 8.11; Isaías 9.14; 19.6,15](#).

A referência em [Gênesis 41.2](#) à alimentação de gado no prado parece ser ao junco-alto (*Arundo donax*), que cresce até 5 metros ou mais de altura. Esta planta também é conhecida como junco persa e é comum em toda a região da Palestina, Síria e península do Sinai. É uma grama gigante que pode ter um diâmetro de caule de 5 a 7 centímetros na base. No topo, possui uma pluma de flores brancas semelhantes às da cana-de-açúcar ou da erva-dos-pampas.

Povos antigos usavam esta planta para muitos propósitos, incluindo:

- bengalas,
- varas de pescar,
- varas de medição, e
- flautas.

É, portanto, bastante possível que a "cana" mencionada em [Mateus 27.48](#) e [Marcos 15.36](#) fosse uma vara de carpinteiro ou vara de medir.

Veja também Papiro.

Juncos

Qualquer uma das várias plantas de junco que crescem em pântanos, ao lado de riachos e rios.

Veja Reed.

Juncos, Mar de

Designação hebraica para o corpo de água atravessado pelos israelitas durante o êxodo do Egito. *Veja Mar Vermelho.*

Júnias

Um judeu que, junto com Andrônico, foi saudado por Paulo em sua carta à igreja em Roma. Isso é de acordo com o texto em alguns manuscritos ([Rm 16.7](#)). Paulo reconheceu Júnias como um apóstolo que havia sido prisioneiro com ele por causa do evangelho. Os estudiosos não têm certeza se Júnias era uma mulher ou um homem.

Veja Júlia #2.

Júpiter

Júpiter é o deus supremo nas crenças romanas, equivalente a Zeus na mitologia grega. Júpiter era filho de Saturno e marido, além de irmão, de Juno.

Júpiter (também chamado de "Jove") era o deus do destino. Sua arma era o raio. As pessoas consideravam a águia, o carvalho e a oliveira sagrados em sua adoração. Havia um templo de Júpiter em Roma no Monte Capitolino. Durante o governo de Adriano (de 117 a 138 d.C.), o povo

construiu um templo de Júpiter Capitolino sobre as ruínas do templo judaico em Jerusalém.

Durante sua primeira viagem missionária, os apóstolos Barnabé e Paulo foram a Listra. O povo de Listra pensou que eles eram deuses que tinham descido para visitá-los ([At 14.12,13](#)). Eles acreditavam que Barnabé era Zeus (ou Júpiter) e Paulo era Hermes (ou Mercúrio).

Juramento

Um voto solene ou promessa de cumprir um compromisso.

Dois termos em hebraico significam "juramento":

1. *'ala*
2. *sebuá*

Nos tempos antigos, o termo significava entrar em um vínculo solene e mágico com o número sete. As conexões antigas agora estão perdidas. Abraão e Abimeleque fizeram um juramento em Berseba (o poço dos sete). Como prova de que cavou um poço, Abraão separou sete cordeiras ([Gn 21.22-31](#)). O termo anterior *'ala*, muitas vezes traduzido como "juramento", propriamente significa "maldição". Às vezes, os dois termos são usados juntos ([Nm 5.21](#); [Ne 10.29](#); [Dn 9.11](#)). Qualquer violação do juramento resultaria em uma maldição. O Senhor disse que ele havia feito uma aliança e uma "maldição" com Israel — ou seja, quebrar a aliança seria seguido por uma maldição ([Dt 29.14](#) e os versículos seguintes).

Um juramento era feito para confirmar um acordo ou, em uma situação política, para confirmar um tratado. Em Israel e seus vizinhos, Deus (ou os deuses) garantiam o acordo. Seu (ou seus) nome era invocado para esse propósito. Quando Jacó e Labão fizeram um acordo, eles ergueram um monte de pedras como testemunha ([Gn 31.53](#)). Se qualquer das partes transgredisse os termos, era um pecado hediondo. Um dos Dez Mandamentos tratava de afirmações vazias. Dizia: "Não tomarás o nome do Senhor teu Deus em vão, pois o Senhor não deixará impune aquele que tomar seu nome em vão" ([Êx 20.7](#)). O povo de Israel era proibido de jurar seus votos por falsos deuses ([Jr 12.16](#); [Am 8.14](#)). Quebrar um tratado internacional, onde o juramento era feito em nome do Senhor, merecia a morte ([Ez 17.16-17](#)). Era uma das queixas de Oseias que o povo de sua época jurava falsamente quando fazia um pacto ([Os 10.4](#)). O julgamento

acompanharia tal desrespeito imprudente à solenidade de um juramento. Certas situações civis em Israel exigiam um juramento ([Êx 22.10-11](#); [Lv 5.1](#); [6.3](#); [Nm 5.11-28](#)). Essa prática estabeleceu um padrão para o juramento de lealdade ao pacto israelita com Deus.

Cristo ensinou que os juramentos eram obrigatórios ([Mt 5.33](#)). No reino de Deus, os juramentos se tornariam desnecessários ([Mt 5.34-37](#)). Durante seu julgamento perante Caifás, Jesus ouviu um juramento do sumo sacerdote ([Mt 26.63-65](#)). Paulo fez um juramento em algumas ocasiões ([2Co 1.23](#); [Gl 1.20](#)). O próprio Deus estava vinculado por seu próprio juramento ([Hb 6.13-18](#)) para manter sua promessa aos patriarcas ([Gn 50.24](#); [Sl 89.19-37,49](#); [110.1-4](#)).

Veja também Aliança; Votos.

Jurar

Jurar é fazer uma declaração enfática em nome de Deus. É um tipo de juramento.

Veja: Juramento.

Juros

Uma taxa aplicada pelo empréstimo de dinheiro.

Veja Dívida; Banqueiro, Bancos; Dinheiro.

Jusabe-Hesede

Um dos sete filhos de Zorobabel ([1Cr 3.20](#)). Jusabe-Hesede significa "a bondade amorosa é retribuída."

Justificação, Justificado

O ato pelo qual Deus traz os pecadores para uma nova relação de aliança com Ele através do perdão de seus pecados. É quando Deus declara uma pessoa justa, significando que ela está em uma relação correta e verdadeira com Ele.

Desde a Reforma, este termo tem sido fundamental na teologia cristã. Martinho Lutero enfatizou a doutrina da justificação pela fé somente. Para Lutero, foi um retorno aos ensinamentos do Apóstolo Paulo. Ele desafiou o catolicismo medieval, que enfatizava boas obras e indulgências

para a salvação. A doutrina da justificação pela fé somente destaca que todas as pessoas são completamente pecadoras e não podem lidar com seus pecados. Ela ressalta o dom da expiação de Deus através de Jesus Cristo, que as pessoas aceitam confiando, sem qualquer mérito.

As palavras "justificação" e o verbo "justificar" não são muito comuns na Bíblia. Por exemplo, na NTLH aparecem apenas 2 vezes. Já na ARA aparecem 65 vezes, sendo 18 vezes no Antigo Testamento e 47 no Novo Testamento. Nas versões em português, várias das ocorrências derivam dos sentidos de "justiça" e "declarar (ou tornar) justo". Elas traduzem os mesmos termos hebraicos e gregos. Portanto, compreender a justificação também envolve entender o conceito bíblico de justiça.

No grego cotidiano, "justificação" e "justificar" eram frequentemente termos legais. Eles se referiam a declarar alguém inocente ou virtuoso no tribunal. No entanto, esses termos também têm um significado mais amplo relacionado às normas de qualquer relacionamento.

No Antigo Testamento

No Antigo Testamento, a retidão está relacionada aos relacionamentos e às responsabilidades dentro desses relacionamentos. Às vezes, uma pessoa é chamada de justa porque está em um relacionamento correto com outra pessoa. Outras vezes, uma pessoa é considerada justa porque cumpre certas responsabilidades dentro de um relacionamento ([Gn 38.26](#)). Mais importante ainda, esses termos são frequentemente usados para descrever Deus, que é visto como justo. Deus governa com justiça ([Gn 18.25](#)), e Seus julgamentos são verdadeiros e justos ([Sl 19.9](#)). Tanto os inocentes quanto os culpados reconhecem a justiça de Deus; os inocentes esperam ser mostrados como limpos, e os culpados sabem que a lei de Deus prevalecerá.

Justificação e justiça estão intimamente ligadas às ações salvadoras de Deus em favor do Seu povo da aliança. A justiça de Deus está mais relacionada à Sua intervenção para o Seu povo sob a aliança do que à justiça estrita. A justificação deve ser entendida em termos da aliança, não apenas da lei. O exemplo mais importante disso é Abraão, que foi considerado justo porque respondeu com fé à aliança de Deus ([Gn 15.6](#)). Abraão não podia se tornar justo por si mesmo; Deus o fez justo com base na aliança. Todas as pessoas estão sem esperança própria tanto quanto Abraão. Aos olhos de Deus, ninguém pode ser justificado por conta

própria ([Sl 143.2](#)). A esperança da humanidade está em Deus lembrar-se de Sua aliança. A justiça vem da misericórdia ou graça de Deus, pois Ele lida com Seu povo de acordo com Sua bondade amorosa ([Is 63.7](#)). A justificação é baseada na natureza de Deus e é principalmente um conceito religioso, não apenas ético.

No Novo Testamento

O Novo Testamento discute a justificação principalmente nas cartas de Paulo, especialmente em Romanos e Gálatas. Nessas cartas, a justificação pela fé é um conceito chave que Paulo usa para explicar o impacto da obra de Cristo na humanidade pecadora. Paulo contrasta a justificação pela fé com o legalismo judaico, que tentava fazer da lei a base da salvação. Paulo condena fortemente essa abordagem ([Gl 1.6-9](#)). Ele lembra seus leitores de que a justiça, ou justificação, é um presente de Deus através do sangue de Jesus Cristo (*aliança* de sangue, [Hb 13.20](#)), não algo alcançado através da lei ([Rm 3.21](#)). A lei não pode levar à justiça e não foi destinada a fazê-lo.

[Gálatas 3.15-25](#) explica o papel da lei, que surgiu 430 anos após a aliança que trouxe Abraão para um relacionamento com Deus. Qualquer que fosse o propósito da lei, ela não foi dada para trazer justiça: "Porque se fosse dada uma lei que pudesse dar vida, então a justiça certamente viria da lei" ([Gl 3.21](#)). Cristo justificou as pessoas, e isso deve ser entendido em termos da aliança, não da lei. Desde o tempo de Abraão, a justificação sempre veio pela fé no Deus que mantém Sua aliança, não pela lei. Justiça é um termo relacional, confirmado por aqueles que, pela fé, são trazidos a um relacionamento correto com Deus. A lei traz julgamento e expõe nossa incapacidade de lidar com o pecado ([At 13.39](#); [Rm 8.3](#)). A justificação, no entanto, aborda o problema do pecado e da culpa, oferecendo salvação. O crente é libertado da condenação ([Rm 8.1](#)). A principal compreensão da justificação vem do foco na aliança e na graça, não na lei e no julgamento. As referências de Paulo a Abraão em Romanos e Gálatas mostram que a aliança sempre foi a única esperança da humanidade. Deus permanece fiel à Sua aliança, mesmo quando Seu povo a quebra diariamente.

No ensino de Paulo, Deus é tanto justo quanto aquele que justifica. O pecado exige julgamento e deve ser tratado. A maneira de Deus trazer as pessoas para Ele é revelada à parte da lei. Está na vida e morte de Cristo, a quem Deus fez um

sacrifício expiatório ([Rm 3.21-26](#)). O pecado foi tratado na morte de Jesus, que assumiu o pecado para que Nele pudéssemos nos tornar a justiça de Deus ([2Co 5.2](#)). Em Sua morte, Cristo carrega a culpa de toda a humanidade para que, confiando Nele, as pessoas possam vir a conhecer Deus em um relacionamento verdadeiro.

Para Paulo, a justificação à luz da pecaminosidade humana está enraizada na natureza de Deus, pois somente Deus pode curar e redimir a humanidade. A justificação é somente pela graça. Enraizada na natureza de Deus, ela é disponibilizada através da obra de Cristo como um presente de Deus. Portanto, frequentemente confessamos que Cristo morreu "por nós" ([Rm 5.8](#); [1Ts 5.10](#)) ou "pelos nossos pecados" ([1Co 15.3](#)). A maneira de receber este presente é pela fé e somente pela fé ([Rm 3.22](#); [5.1](#)). Esta fé é uma confiança simples na obra de Cristo. É uma confiança que se identifica livremente com Cristo, ama Sua Palavra e vive pelos valores do reino de Deus. A pessoa justificada sabe que seu relacionamento correto com Deus depende de nada além da graça, não de esforço ou obras. É inteiramente um presente do amor infinito de Deus. Sua impotência é superada pelo poder do evangelho, no qual a obra salvadora de Deus é revelada ([Rm 1.17](#)).

A justificação é mencionada nos Evangelhos na parábola do fariseu e do publicano que foram ao templo para orar. O fariseu destacou suas obras religiosas e superioridade moral. O publicano, sentindo profunda culpa e indignidade, apenas pediu misericórdia. Segundo Jesus, o publicano voltou para casa justificado ([Lc 18.14](#)). Esta é a única referência direta à justificação pela fé. No entanto, todo o ministério de Jesus lidou com pessoas focadas em sua piedade. Elas buscavam justificar-se diante de Deus. Elas se diferenciavam dos pecadores e indesejáveis. Estavam tão focadas em suas próprias obras que se ofendiam com a mensagem de graça e o perdão completo dos pecadores ([Lc 7.36-50](#)). Jesus abordou a mesma questão que Paulo mais tarde enfrentou. Somente aqueles que se humilham diante de Deus serão exaltados ([Mt 18.4](#); [23.12](#)). Somente os pecadores ouvem a mensagem de graça ([Lc 5.32](#); [15.7.10](#); [19.7](#)). Os indignos são os que encontram cura ([Mt 8.8](#)).

Devemos sempre reafirmar a justificação pela fé. Todos tendem a buscar a justiça pessoal para se apresentar diante de Deus com base em seu próprio caráter e piedade. No entanto, o avivamento e a saúde da igreja (como visto em

Martinho Lutero e João Wesley) dependem da crença de que "o justo viverá pela fé" ([Rm 1.17](#); [Hb 10.38](#); [11.7](#)).

Veja também Adoção; Fé; Lei, Conceito bíblico de; Santificação.

Justo

1. Um apelido para José Barsabás ([At 1.23](#));
Veja José #12.
2. Um homem coríntio piedoso. Ele provavelmente foi um convertido do apóstolo Paulo. Justo abriu sua casa para Paulo e outros cristãos depois que os líderes da sinagoga judaica não permitiram que Paulo continuasse pregando lá ([At 18.7](#)). Os manuscritos antigos da Bíblia não concordam todos sobre seu nome exato. Algumas versões o chamam de Justo, enquanto outras o chamam de Tício Justo. Alguns estudiosos acham que ele pode ser a mesma pessoa que Gaio mencionado em [Romanos 16.23](#);
3. Um apelido de um crente chamado Josué, um cristão judeu ([Cl 4.11](#)).
Veja Jesus #3.

Justo

A palavra "justo" significa correto ou moralmente bom.

Veja Justiça.

Jutá

Uma das cidades de refúgio atribuídas aos descendentes de Arão ([Js 21.16](#)). Ficava na região montanhosa do território de Judá e no distrito de Maom ([15.55](#)). Foi identificada com a moderna Yatta, cerca de 8 quilômetros a sudoeste de Hebrom.

Veja também Cidades de refúgio.